

WLADIMIR OLIVIER

HISTÓRIAS DE
MÉDIUNS
E
OUTROS CONTOS

GRUPO DO LIVRO

ÍNDICE

Nota explicativa	
Introdução	
1. O cachorrinho vira-lata	
2. O mistificador	
3. O desafio	
4. Visitante inesperado	
5. O desastre aéreo	
6. A estrela de Davi	
7. O acusador de Deus	
8. Uma história do além	
9. Conto de Natal	
10. O argonauta	
11. A hora do ajuste de contas	
12. O médium chorão	
13. A história de Felisberto	
14. Cobiça e desamparo	
15. O médium mecânico	
16. A história retomada	
17. Jogo duro	
18. O lenço na testa	
19. A bênção do Senhor	
20. O bode expiatório	
21. O resplendor de luz	
22. O César	
23. O pinhão	
Comentário	
24. O despertar de Elvira	
25. O médium bem falante	
26. O quadro-negro	
27. A hora do descanso	
28. O espírito de sacrifício	
29. O avaro consciente	
30. De pena em punho	
31. O bloqueio mental	
32. O bem comum	
33. O anjo decaído	
34. A bondade de Antão	
35. O dia de ontem	
36. A sexta-feira santa	
37. Às 14:22h	
38. Os irmãos do médium	
39. A hora da conversão	

40. A orientação seguida	
41. O pecado capital	
42. O eterno regresso	
43. Ao arrepio da doutrina	
44. Na praia	
45. Jacó, o profeta	
46. Passo a passo	
47. O almeirão	
48. O iluminado do Senhor	
49. Céu enevoado	
50. A saga de Samuel	
(História em alguns capítulos de uma família brasileira)	
I. Lucro indevido	
II. A história de Davi	
III. Isaac reaparece	
IV. A entidade ausente	
V. Isaac no etéreo	
VI. Samuel se entende com Marcos	
VII. A chegada de Rute	
VIII. O caso Josias	
IX. Os volteios de João	

NOTA EXPLICATIVA

Esta é a primeira obra da *Escolinha de Evangelização* inteiramente de caráter literário, se é que podemos assim considerá-la unicamente por ser fruto da imaginação. Entretanto, não se queira ver na realização algo de grandioso ou fora do ramerrão das notícias fantasiadas com que vestimos fatos absolutamente reais. A ficção entra para dar ao texto certo colorido retórico, mas o que importa, na verdade, é a influência que se pretende junto ao leitor para que atenda aos princípios doutrinários. Especialmente no episódio final, quisemos demonstrar que o sonho humano está sempre voltado para sua realização maior, malgrado a sua direção nem sempre estar apontada para a concretização dos ideais do encarne. Este o objetivo: o de indicar às consciências o rumo correto do reino do Senhor e os meios de atingi-lo.

Para efeito da realização intelectual e sentimental das personagens, apontamos certo roteiro de leituras e de trabalhos. Para a maior parte das pessoas, contudo, bastará ter boa vontade e dispor-se a ajudar o próximo para atender ao apelo do Cristo. O amor a Deus virá do entendimento da realidade da existência, pois só quem verdadeiramente compreender o significado da vida é que poderá valorizar a obra do Senhor.

Fiquem, caros amigos, na paz de Deus e orem para que os companheiros leitores tenham em si a benignidade de perdoar-nos o atrevimento.

Para registro, devemos assinalar que a psicografia compreendeu o período de 7.2 a 30.4.91, tendo os contos sido mantidos em rigorosa ordem cronológica.

INTRODUÇÃO

A partir deste instante, novo grupo se aproxima desta mesa para as reflexões morais e evangélicas concernentes à nossa parte no roteiro estabelecido pelos irmãos maiores a quem cabe presidir as atividades da *Escolinha de Evangelização*.

Somos grupo numeroso de alunos, sob orientação direta e segura do bondoso instrutor Hermínio, o mesmo que dá ao escrevente total assistência em caráter particular.

Estamos muito contentes de poder vir desempenhar as nossas funções, se bem que tivéssemos já tido oportunidade de aprendizado junto a diversos médiuns psicofônicos e de transportes sonambúlicos. Experiência com textos confeccionados com o intuito de possível publicação não temos, razão por que não nos achamos devidamente preparados. Malgrado o nosso senso crítico, houveram por bem os dirigentes da unidade doutrinária permitir que nos aventurássemos, na confiança de que, qualquer fosse o desempenho, bem poderia suceder que houvesse retificações, melhoramentos, correções e, se fosse o caso, eliminação de passagens ou textos inteiros para não confundir o espírito do leitor acostumado com o elevado teor das obras dos irmãos que nos precederam.

Eis-nos, portanto, frente a frente com o trabalho, prontos para o vergaste moral e para a admoestação aos vícios e contravenções relativas às leis do Senhor. Trata-se de antigo mister dos desencarnados, que pretendemos levar a efeito com o máximo de discricção, por meio de contos leves, alguns até bem humorados, mas sempre aptos a conduzir o pensamento do leitor para as veredas floridas da esperança, da fé e do despertar do amor.

Quando a leitura chegar ao fim, o amigo deparar-se-á com conto um tanto mais longo, quase novela, em diversos capítulos. Tal ousadia se deve à necessidade de se fazer chegar à inteligência encarnada que a vida se entrelaça nos dois planos da realidade terrena deste orbe de provações e regeneração. *A Saga de Samuel*, assim, visará a dar coroamento à obra desta turminha que, de pronto, se batiza com o nome de *Grupo do Livro*, nome pouco comum mas que reflete, inequivocamente, a intenção de elaborar trabalho que deve ser divulgado o mais possível, principalmente entre os irmãos que se dedicam ao socorrismo nos centros de assistência espiritual. Daí o título expressivo que adotamos: *Histórias de Médiuns e Outros Contos*, para introduzir, desde o frontispício, o leitor no conteúdo a um tempo dramático e doutrinário.

Fiquem todos com Deus, enquanto nós quedaremos na expectativa de que os frutos das leituras possam ser aprazíveis, saborosos e nutritivos.

1

O CACHORRINHO VIRA-LATA

I

Bidu é o seu nome. Hoje pertence ao mundo dos mortos, pobre cachorro pulguento, atropelado por doido veículo na via pública.

Em sua curta vida de sofrimento, nunca, realmente, chegou a conhecer o afeto de qualquer criança. Pobre pária de enorme cria, foi, desde logo, abandonado à própria sorte, pois não houve quem se condoesse do pobrezinho, desprovido de encantos, furta-cor e inexpressivo. Demorou para desmamar e foi essa a condição de sua sobrevivência.

Quando se viu perdido no meio da cidade, sem teto sob que se abrigar, passou a invadir as praças públicas, terminando por frequentar as rodas que se formavam à volta de certo monturo de lixo, no quintal da grande cidade.

Fuça que fuça, ia conseguindo parca alimentação, mas segura e constante. A cidade estava abastecida e os tempos não eram difíceis.

Conheceu vários companheiros em suas andanças, mas jamais teve oportunidade de se engraçar por nenhuma moçoila cadela que lhe abanasse o rabo.

Viveu pouco, muitas vezes escorraçado de um lado outro pelas pedras dos petizes e engraçados malandrinhos das vizinhanças.

Um dia, ao atravessar a rua, morreu esmagado pelas ferozes rodas de possante máquina automobilística. Foi o único momento da curta existência em que logrou cometer de estremecida sensibilidade o pobre motorista desatento. Após o susto do impacto e o excessivo calor que lhe perpassou pelo cérebro e pela face, estrebuchou, enviando a alma para o etéreo.

Fim

Teria sido essa realmente a história de um simples vira-lata? Não seria preferível ver na figura do cachorro sem nome alguma personagem da humanidade transvestida em cachorro? Teria sido exatamente esse o final da narrativa? Terão os cães mundo etéreo, para onde seus espíritos peregrinam após a morte?

II

Aqui chegando, o ignorante cachorrinho passou a conviver com outros da espécie que foi encontrando. Reconheceu uns poucos que vira partir antes, enviados para cá por outros tantos encontrões nas vias públicas, nenhum, entretanto, de seu particular relacionamento.

Preciso foi, por conseguinte, estabelecer novos vínculos de amizades. No entanto, percebeu logo que encontraria resistências para o livre contacto com todos, pois, embora não se fizesse acompanhar por nenhuma das pulgas — o que lhe foi alívio de grande expressão e desafogo de grave preocupação — se viu relegado a segundo plano no relacionamento entre os cães, dado sua postura diante da sociedade canina do etéreo ser da mais absoluta rusticidade.

Lembrava-se, vagamente, de que um dia passara por aquelas bandas, mas a memória lhe estava inquestionavelmente prejudicada por não se ter exercitado na vida, a não ser pela luta de resistência à fraqueza e pela tenaz procura dos alimentos. Convivera, é verdade, com outros da espécie, mas tão ou mais broncos do que ele.

Ao tentar aproximar-se de certo grupo, foi rechaçado com delicadeza, é bem certo, mas de modo a não deixar qualquer vestígio de dúvida:

— O senhor não nos acrescenta qualquer conhecimento ao largo acervo. Passar bem!

Compenetrou-se, então, de que algo não lhe saíra bem na programação do encarne. Meditou profundamente a respeito de sua ignorância e mais não pôde ver além de algumas ideias fugidias de força e poder. Precisaria educar-se, concluiu, se quisesse fazer jus a parceiros que pudessem *acrescentar-lhe* algo.

Aliás, foi assim que ganhou o apelido, ao informar as ideias a um dos poucos que o ouviam.

— É isso mesmo, *bidu!*

De *bidu* para *Bidu* foi pequeno passo. Descobriu aí a importância de se ter um nome e iniciou com ele sua integração na sociedade, ganhando foros de individualidade no seio da cachorrada.

Instado por dois ou três amigos que se iniciavam nos estudos dos fatos caninos mais relevantes, resolveu frequentar a escola de primeiras letras, crente de que os professores saberiam descobrir nele alguma oculta qualidade que fosse aproveitável.

Foi real sucesso na escola. Surpreendente. Extraordinário. Descobriu-se, finalmente, que um aluno havia em estado de integral virgindade moral. Desconhecia o mal, não arrelhiava, não provocava os demais, não arrefecia o ânimo, mercê do único objetivo

realmente conquistado em seu curto encarne: a luta pela sobrevivência. Em suma, um perfeito *caipirão* bem intencionado.

Foi guindado a exemplo para os demais, mas não atinou logo com a razão de semelhante notoriedade.

Precisavam recriminar alguém?

— Por que você não fica quieto, como o Bidu?

Alguém abocanhou o naco do outro?

— Por que você não se resigna a comer, como o Bidu?

E assim por diante.

Ao perceber a razão de tão repetidamente ouvir o nome, ficou cheio de si, mas tristonho por não se ter apercebido logo do que se tratava. Além de ignorante, começou a desconfiar que fosse pouco esperto, atilado, inteligente. Nós é que fornecemos as palavras, porque, na verdade, o que sentia não conseguia exprimir por meio delas. Mas fechou o semblante e deixou descair o rabinho, antes tão solícito.

Uma ocorrência, no entanto, restituiu-lhe o antigo bom humor: a notícia de que iria voltar à face da terra, em novo encarne, com o notável objetivo de integrar-se à família de jovem cego que necessitaria de um cão para ajudá-lo na dolorosa travessia da vida. A sua sisudez, o seu nunca desmentido vigor físico, a sua bonomia e senso de responsabilidade apontaram-no para os instrutores como o ideal para a tarefa.

III

Ao retornar à carne, viu-se, de repente, em condições bem diferentes. Desde logo, recebeu os melhores cuidados, mas frios e distantes. Nascera de ninhada em casa de criação de animais para o destino referido. Havia, no entanto, a par da severidade no tratamento, a felicidade do adestramento e a possibilidade do companheirismo humano. Afastado desde cedo das preocupações da reprodução, castrado que foi por operação indolor, passou a realizar as tarefas que lhe pediam com o máximo de dedicação. Após período de juventude entregue aos afazeres do aprendizado, foi exposto à visita pública para a devida transferência de lar.

Por estranha coincidência, o apelido continuava sendo Bidu, em virtude de certa brincadeira entre os adestradores, que, ao observarem-lhe o balançar da cauda, pensaram ter ele adivinhado o seu destino, no meio de todos os irmãozinhos.

— Aquele ali é um *bidu*.

E lá ficou, com seu nome predestinado.

Como por encanto, a determinada família designada para recebê-lo, a qual tivera oportunidade de conhecer previamente, para que desde logo lhe ficassem impressas na

mente as figuras dos vários componentes, compareceu à loja e de pronto desejou ficar com o cão.

Entre os que o foram buscar no canil não se encontrava o seu verdadeiro dono, por expressa recomendação do adestrador, que precisava estabelecer para o ceguinho alguns preceitos de como deveria proceder para obter do cão os melhores resultados. Mas não demorou para que se unissem os dois, em estreita e legítima amizade. Afeiçoou-se logo ao rapaz, na época com seus dezenove anos de idade.

Descobriu que iria substituir outro cão, afastado do serviço por não se ter acostumado ao patrão, terminando por recusar-se terminantemente a oferecer-lhe os seus préstimos. A história desse relacionamento ser-lhe-ia passada ao longo da existência. O que de mais importante podemos dizer a respeito do guia anterior é que não fora adestrado convenientemente, cria que fora de cachorra da família, sem preparo adequado para a tarefa grandiosa de guia de cego.

IV

Passemos rapidamente por sobre essa existência frutífera em que, da cooperação e do amor entre as criaturas, nasceu profundo relacionamento. Bem velhinho e aposentado das tarefas, um belo dia, recebeu certa agulhada que lhe pôs fim à longa agonia de insidiosa moléstia que o acometera. A família do cego condoera-se de seu sofrimento e praticou-lhe ato de misericórdia.

Chegado de volta, encontrou-se com os velhos amigos do outro tempo. Pergunta daqui e dali, soube da partida de alguns para novo encarne, enquanto a maioria havia regressado antes dele de encarnações mais ou menos proveitosas.

Aqui termina a história do Bidu. Como se diz nas histórias infantis, entrou por uma porta, saiu por outra, quem quiser que conte outra.

O MISTIFICADOR

Havia, em certa cidade não longe daqui, certa pessoa de notoriedade social, que fazia questão de participar de núcleo espiritista de muito respeito e nomeada. Integrara-se perfeitamente ao grupo de socorristas, com o intuito de transferir para seu nome o julgamento positivo do valor da instituição. Seu mal vinha de longe, político sagaz que manobrava a massa de eleitores e que nunca perdera sequer uma eleição. Suas campanhas fundamentavam-se na probidade de suas atitudes, sem jamais ter cometido qualquer ato que pudesse macular-lhe a respeitabilidade. Mas as suas virtudes eram de cristal, frágeis como papel, permeáveis e porosas como certas esponjas que se incham dentro d'água, mas que são incapazes de conter em si algo de peso e de valor.

Pois bem, o nosso Epaminondas, chamemo-lo assim, resistiu galhardamente a diversas legislaturas, passando imaculado por vários cargos públicos de responsabilidade. Jamais alguém levantou contra ele a voz da dúvida e nunca se descobriu nada que pudesse vir a se transformar em pejo e vergonha para a família.

No centro espírita, estava, entretanto, a sua pedra de tropeço. Ali, enlevado pelas preces, à vista das manifestações espirituais, começou a sentir-se incomodado por ter trabalhado em vão na vida pública, pois apercebeu-se, tardiamente, que seus objetivos houberam sido tão só pessoais e que nada fizera realmente em proveito da população. Cotejando o pouco que fizera com o muito que deixara de fazer, restava penoso saldo negativo de dívidas morais.

Desejou, então, cumprir o restante dos dias em paz com o Senhor, oferecendo-se espontaneamente para os trabalhos da mediunidade. Habitado, entretanto, a vencer na vida, operando em proveito próprio, não aprendera a trilhar o caminho da humildade necessária para dedicar-se ao próximo. Ouvia as preleções dos instrutores, os comentários dos colegas do socorrismo fraterno, a advertência moral dos doutrinadores, mas não atinava com a necessidade nem da pregação, nem do comentário, menos ainda da advertência. Para ele, bastava pôr-se à disposição do plano espiritual, para que resultasse em trabalhador das esferas superiores. O trabalho de profunda reformulação interior ficava esquecido, execrado até como pura perda de tempo. Tinha de si para consigo mesmo que a oportunidade era o homem que preparava para si, pensando que a frase segundo a qual o

trabalho sempre aparece, quando o trabalhador está pronto era só força de expressão para convencer os indivíduos a acederem a participar das mesas.

Com esses sentimentos evasivos, perpassou todos os cursos de treinamento e educação mediúnica, dando a impressão do verniz da aquiescência, enganando, com sua frequência e nunca desmentida paciência, os instrutores, escondendo no fundo do coração a intenção de se aproveitar da *fase espírita* — como denominava intimamente aquele período da vida —, chegando ao ponto de preparar em casa diversas dissertações com ideias extraídas de compêndios da doutrina de sua biblioteca, até que foi, finalmente, admitido para os trabalhos na mesa da desobsessão.

Perguntar-se-á:

— Estariam igualmente sendo ludibriados os orientadores e protetores do centro espírita? Qual o intuito em conservar os diretores encarnados ignorantes do que se passava no imo da consciência de Epaminondas?

Responderemos às duas questões a seu tempo. Vejamos, por ora, o que se passou com a nossa pobre figura em suas *estripulias* mediúnicas.

Na primeira sessão a que foi admitido, viu-se, de cara, às voltas com tremendo fanfarrão, que percebeu logo que não iria passar aos doutrinadores sua real condição moral. Que fez, então, o malicioso intrujão? Inspirou Epaminondas a inventar cena de desespero e dor em que frustrado pai de família amaldiçoava a esposa infiel e seu amante, dizendo-se assassinado e prenhe dos mais abomináveis sentimentos de vingança. Crente de que estava interpretando bem o papel de misticador, Epaminondas deu larga vazão às tendências histriônicas e criou verdadeira cena de teatro, com que se divertia muito o amigo da esfera espiritual.

Foi um sucesso a revelação das tendências mediúnicas do nosso político. Correu à boca pequena pela cidade o seu desempenho, provocando as mais diferentes reações na população, mas preocupando deveras os espíritos sinceros, de convicção firmada nos princípios mais puros do kardecismo.

Dentre estes lídimos orientadores do centro, destacava-se um que procedia de acordo com suas tendências naturais e recebia ser de categoria bem elevada dos círculos superiores. Esse espírito de luz foi, particularmente, evocado para manifestar-se a respeito da participação de Epaminondas, tendo orientado o discípulo a que mantivesse recatada posição, sem estabelecimento de qualquer juízo a respeito do caso, pois viria a pesar seriamente na balança dos acontecimentos. Que ficasse na paz do Senhor!

Nesse meio tempo, ufano do sucesso do primeiro trabalho, Epaminondas pôs-se a preparar o texto do segundo, tendo imaginado cena em que dava continuidade ao drama da personagem inicial. Pensou em fazer o espírito do pai do assassino vir em busca do acusador para detratá-lo, imaginando que poderia estabelecer diálogo, incorporando as duas entidades simultaneamente.

No dia marcado para a sessão, foi-lhe atribuída a missão da prece de abertura, a qual realizou com o ar mais compungido, o espírito mais compenetrado, dando certo *vibrato* à voz, na ânsia da contaminação da sensibilidade dos circunstantes pela sua figura

de respeitabilidade espiritual. Quando, entretanto, era chegada a hora de sua participação, não conseguiu lembrar-se do texto preparado. De novo compareceu o mesmo espírito, trazido, naturalmente, pelos organizadores espirituais da sessão, o qual, pensando estar agindo livremente e sem conhecer a necessidade intelectual do *médium* de apresentar o novo drama, lhe sugeriu algo totalmente diverso. Julgando estar tendo ideias novas, não se apercebeu da presença do espírito e, convidado por ele, desfechou para a plateia nova chuva de tolices, em que certa Maricotinha, pessoa conhecida de muitos, teria abandonado uma filha que morrera ainda infante e que viera reclamar agora o direito a novo nascimento. Desconhecia o pobre médium que existia tal criatura e que era pessoa absolutamente séria, incapaz de ter participado de qualquer ato escuso. Mais ainda: não sabia que as pessoas que se assentavam à mesa mantinham ótimo relacionamento com aquela figura humilde e trabalhadora, que, embora tivesse chegado adulta e só à cidade, jamais tivera dado oportunidade a qualquer mexerico.

Após a sessão, as pessoas começaram a cochichar às ocultas, desconfiadas de que a santa pessoa pudesse não ser tão santa assim, dando crédito total à manifestação mediúnica.

O nosso orientador não se perturbou, amparado que estava por seu protetor e amigo, mas desconfiou de que a notícia correria e que, uma hora ou outra, chegaria ao conhecimento da pessoa que fora levemente citada.

Os detratores da doutrina, ao tomarem conhecimento do fato, correram à investigação da vida pregressa da personagem apontada. Uns diziam conhecer-lhe a família, outros que sempre tinham tido as suas desconfianças, terceiros propuseram-se a perlustrar os ínvios caminhos burocráticos para levantar a origem e a história da malfadada adventícia. Foi assim que, por intermédio do ufanoso político, a cidade toda se pôs de prontidão para atacar a honra da pobre mulher.

Os dias se passaram e chegou a oportunidade da nova sessão. Epaminondas apresentou-se como de hábito, trazendo versão ampliada da historietta que não tivera ocasião de aproveitar. Nova manifestação, novo agravo. O mesmo espírito impediu-o de reproduzir a história, desconhecendo os preparativos, e induziu-o a *inventar* de improviso nova situação constrangedora para outra pessoa da população. Dada a ênfase e a seriedade com que se comportava o prestigiado senhor, não se duvidava de que suas palavras contivessem as mais legítimas observações a respeito do infortunado alvo de sua crítica.

Para resumir, repetiram-se os casos em mais cinco oportunidades, até que a murmuração da cidade chegou aos ouvidos dos atingidos. Sua reação não se fez esperar. Desconhecendo a circunstância da presença do espírito embusteiro, atribuíram as falsidades ao médium, que decaiu em popularidade, perdendo totalmente o crédito diante da população. Os jornais foram procurados e, sensacionalistamente, anunciaram os engodos e a malversação do poderio público do nosso Epaminondas. Tudo pareceu esclarecer-se, quando se descobriu que tinha oportunidade de acesso a todos os nomes dos habitantes da cidade, através de sua assessoria, capaz de lhe proporcionar os informes de idade, procedência, origem, cor, condição social etc., que tinham proporcionado verossimilhança às narrativas.

O pobre mistificador fora vítima de dupla mistificação: do espírito embusteiro e dos próprios eleitores. Não é preciso dizer que tentou defender-se, tendo sido bem pior a emenda que o soneto, pois caiu em sua própria armadilha, querendo justificar-se, dizendo ter, realmente, preparado as histórias, mas que, no último momento da sessão, obtivera comunicações absolutamente verdadeiras, só que falsas em seus dizeres. Complicou-se todo e foi derrotado nas urnas. Nunca mais se reelegeu.

Eis que entra em cena o bom Juvenal, o nosso amigo médium que mantivera sigilo absoluto da comunicação de seu orientador. Vendo a desolação em que imergira Epaminondas e tendo confrontado a sua versão dos fatos com a fornecida pelo plano espiritual, após observar que houvera sinceridade na retratação, compenetrando-se de que era chegado o momento do auxílio. Foi à procura do amigo e expôs-lhe, minuciosamente, o plano espiritual.

Realmente, a vida desmoronara pela incúria no tratamento dos temas sérios da existência. Oportunidades não lhe haviam faltado mas não soubera aproveitar-se delas, nem no plano material nem no espiritual. Poderia ter realizado muito pelo povo e não o fizera, conforme Epaminondas reconhecia, desesperançado. Poderia ter trabalhado pelos irmãos no etéreo, mas preferira mistificar. Quebrara-se o cristal, rompera-se o papel, vazara toda a água; Epaminondas parecia uma bola murcha.

Foi aí que lhe assaltou a ideia de que poderia ter sido ajudado pelo plano espiritual:

— Meu bom Juvenal, perguntou ele, por que os amigos da espiritualidade, conhecedores de minhas intenções, não obstaram que perpetrasse as alucinações no sagrado ambiente das manifestações mediúnicas?

Com a autoridade de quem tinha conversado com o orientador, Juvenal expôs-lhe à minúcia o plano dos instrutores.

— Caro amigo, você jamais ludibriaria os espíritos de luz que guiam os trabalhos socorristas. Isto lhe parece claro, pois não? Mas você talvez induzisse os encarnados a crer em suas encenações. Ora, os amigos da espiritualidade não interferem nos atos de vontade realizados no pleno domínio do livre-arbítrio. Quanto a mim, tendo, desde logo, desconfiado de que sua atitude não condizia com as diretrizes evangélicas, consultei o meu orientador e obtive resposta para minhas dúvidas. Que cada qual fizesse o mesmo. Devo até supor que muitos o tenham feito e conseguido a mesma resposta. No que se refere aos que deram oportunidade a que o escândalo se estabelecesse, sofreram forte abalo diante de sua impensada atitude, recebendo as lições que mereciam. Nada se perde no plano da espiritualidade. Até mesmo o espírito que o aborreceu sofreu a desdita de ter de admitir que não agiu segundo determinação própria, pois se viu às mãos dos instrutores, acabando por reconhecer que agira sob influência deles, percebendo que só teria a ganhar, inteligente que é, se nortearse o procedimento pelas orientações dos irmãos de luz. Hoje está internado em casa de saúde espiritual. Quanto a você, meu caro Epaminondas, recebeu dura e severa lição, à altura de sua necessidade. Creio que jamais na vida você se importará somente com as aparências mas procurará pautar os atos pelos ensinamentos do Senhor.

Deveras, o restante da vida de nosso Epaminondas decorreu na tranquilidade de profundo resguardo espiritual, no recesso do lar, onde estabeleceu sede de centro desconhecido de ajuda material aos infortunados. Distribuiu os seus haveres pelos centros espíritas, mantendo o mais absoluto anonimato. Ao mesmo tempo, perlustrou todos os livros edificantes de sua biblioteca, enriquecendo-a constantemente com novas publicações. Tornou-se um filósofo do espiritismo.

Adoeceu e morreu como o melhor dos cristãos, ignorado e pobre, mas pronto para receber das forças espirituais novos encargos com que possa resgatar o muito que ficou devendo.

3

O DESAFIO

Ernestinho era escrevente mediúnico dos bons. Sabia a hora de comparecer ao serviço e jamais perpetrara qualquer injúria ao compromisso que mantinha com os companheiros do etéreo.

Um dia — sempre haverá de existir um dia —, cometeu sério deslize: compareceu ao trabalho com a mente alheada por preocupações pueris, como se desamparado pudesse vir a ser pelos amigos da espiritualidade, embora muitíssimo já houvesse trabalhado com eles, contando-se às centenas as missivas registradas. Parecia que algum mau espírito lhe insuflara perversamente no cérebro a ideia do desajuste.

Pois bem, surpreendeu-se e muito quando, ao postar-se para escrever, recebeu maravilhosa comunicação em que se fazia referência ao seu caso, embora endereçada fosse como narrativa excludente de qualquer envolvimento pessoal. Ao analisar os dizeres, parecia-lhe que a mensagem pudesse servir para qualquer médium em igual situação e guardou o narrado, amorosamente, em seu arquivo de comunicações especiais.

No dia seguinte, voltou ao trabalho como de hábito e o acontecimento foi esquecido.

O tempo passou. Ernestinho desencarnou e foi recebido com vivas pelos companheiros, que, ansiosos, o aguardavam para o regozijo da confraternização. Despertou, então, para a verdade espiritual e para o ministério que lhe fora atribuído para a vida, relembrando passo a passo todas as realizações no campo da mediunidade. Ao deparar-se com a folha esquecida no armário dos relicários preciosos, desejou conhecer dos amigos aquele que tivera a intuição de ditar-lhe a sagrada página que o reconciliara com o trabalho. Qual não foi a sua surpresa, quando todo o grupo se apresentou como uma única entidade.

Em sua larga experiência como monitor dos espíritos que recebiam franquia para a exposição por via mediúnica, nunca imaginara sequer que a assistência ao mediador pudesse ser tão intensa, efetiva e integral. Envergonhou-se, então, da atitude de medo e da falta de confiança no grupo dos amigos. Pediu-lhes muitas desculpas e jurou proceder em harmonia com esse ensinamento se viesse a ter oportunidade de agasalhar, em seu périplo, algum jovem ansioso por permitir, por seu intermédio, os contactos com o plano espiritual.

Aqui acabaria a história se não tivesse tido desdobramento surpreendente.

Ao adotar certo amigo encarnado como discípulo e orientando para as manifestações paternas, verificou, desde logo, que o jovem irrequieto dava abertura demasiado grande para a recepção de comunicações, preferindo mesmo aquelas de caráter bem denso em sua materialidade, principalmente se evocassem circunstâncias dramáticas de vida sobre a face da Terra. Sendo assim, expunha-se demais às lorotas daqueles que desejavam cercar o estouvado confrade de mal-entendidos e de feitos que o desprestigiariam diante da congregação fraterna que frequentava.

Lembrou-se Ernestinho, então, do aviso que recebera e tentou passá-lo integral à pena do jovem mediador. Recebido com honras de protetor, pôs-se o discípulo a escrever bastante eufórico. Entretanto, ao perceber que a mensagem lhe dizia respeito diretamente e desconfiando de que o teor do texto acabaria por condená-lo a certas restrições e contenções, imaginou logo que se tratasse de alguém querendo inibir-lhe o trabalho diante da variedade das manifestações a que dava curso. De pronto, suspendeu a escrita, terrivelmente perturbado, imaginando-se nas mãos de algum ser suficientemente arguto para pregar-lhe audaciosa pata.

Durante três dias, Sílvia — nome fictício dessa personagem bastante verossímil para acreditar-se que possa ter existido — postou-se à mesa das intermediações mas não deu ensejo a nenhuma comunicação. Aos poucos, a mente foi habituando-se à ideia de ter de voltar a apanhar os ditados, mas desconfiava de que poderia vir a ser acusado de malversar o tempo, de modo que a coragem foi transmudando-se em infundado temor. Ao cabo desse tempo, tomou séria resolução: apanharia qualquer ditado que viesse, mesmo que à custa de sacrifício pessoal.

Foi só dispor-se ao trabalho que o orientador compareceu para relatar-lhe minuciosamente a história ocorrida consigo mesmo. Dada a forma de narração impressa ao texto, ficou Sílvia satisfeitíssimo por ter recebido a mensagem de maneira integral, tendo observado, então, que o instrutor era espírito de elevados conhecimentos e de procedimento exemplar no campo específico da orientação de sua educação mediúnica. Ao ler o trecho em que se referia à assistência coletiva dos guias do amigo, pôde compenetrar-se de que, também ele, deveria abrir mais o coração ao plano espiritual, propiciando assim a que todos os espíritos pudessem comparecer com seus dramas e súplicas, mas, alertado para seus sentimentos, passou a encarar os sofredores como irmãos carentes de ajuda e não mais como joguetes de sua curiosidade.

Hoje, Sílvia prossegue apanhando ditados, sendo dos mais procurados pelo plano da espiritualidade para servir de intermediário das mais diversificadas formas de comunicações, atendendo desde instruções particulares a alentados contos de inspiração doutrinal, perpassando pela assistência fraterna a todo tipo de sofrimento.

Queira Deus, bom amigo, que esta narrativa possa vir a ter o condão de despertá-lo para a seriedade do trabalho mediúnico. Em nossas preces, incluímos especial solicitação ao Pai de proteção e socorro a todos os que se propõem a auxiliar-nos no intercâmbio glorioso para honra do serviço evangélico. Queira Deus possamos ver o resultado das preces realizar-se no coraçãozinho do prezado leitor, ávido por integrar-se a esse conjunto maravilhoso que presta assistência espiritual e moral aos irmãos necessitados.

Certamente, titubeios existirão e, muitas vezes, cada um de nós se sentirá na iminência de suspender o trabalho diante das interferências sutis daqueles que se sentem prejudicados por nós em seus maléficos interesses. Saibamos, entretanto, cuidar de prevenir-nos adequadamente, arquivando amorosamente esta mensagem ao lado das especialíssimas, para reacender a chama do devotamento e da confiança na magnetização dos instrutores, sempre que instados por intenções de cessação do trabalho. Se possível, amealhemos estas palavras como se ditadas tivessem sido pelo nosso espírito guardião, aquele anjo guardião de que nos falam as *Escrituras*, aquele ditoso espírito familiar a quem cabe velar por nós individual e indefectivelmente, como sacratíssima missão de amor, e, onde se for ler subscrito o nome desta equipe, muito alegre e feliz por ter conseguido lograr mais este êxito, ao verificar que o intermediário depositou em nós toda a sua irrestrita confiança, apanhando este ditado quando no coração ouvia que talvez hoje o dia não fosse o mais propício para dar curso à sua mediunidade, assinale jubiloso o nome de seu orientador.

VISITANTE INESPERADO

Naquele dia, a família reunira-se para festejar a passagem do aniversário do dono da casa. Pessoa temente a Deus e estudiosa do espiritismo kardecista, Clemente era o símbolo do patriarca familiar, a quem todos prestavam homenagem pela palavra sóbria e pela moderação das atitudes. Jamais se afastava sequer um milímetro do padrão estabelecido pelo nome, predestinado que fora desde o berço para exercer as tarefas nem sempre gratas de orientador de imensa prole.

Pois bem, na hora da comida, farta ceia de que todos participaram contribuindo com seu esforço e dedicação, Clemente interrompeu a festa, solicitando a todos para orar com imensa fé no poderio de Deus, tornando a reunião fraternal em assembleia de espíritos encarnados e desencarnados, para fazer honra ao Pai Celestial. Invocou, então, o Senhor Jesus, pedindo-lhe especial bênção para a família, pois se julgava apaniguado por conviver com entidades eleitas entre as mais perfeitas criaturas possíveis de encarnar na Terra. Julgava-se beneficiado ao extremo e agradecia em júbilo, sabendo exatamente o grau de felicidade de que estava possuído todo o grupo. Pedia, ainda, pelos mais infelizes e solicitava força e saúde para prosseguir em sua caminhada de amor pelos companheiros menos afortunados. Tinha, é verdade, pequeno pecúlio, amealhado durante mais de quarenta anos de intenso trabalho em oficina de consertos de automóveis, que prosperava mercê de atendimento sempre honesto e justo e que, agora, se espalhava em larga rede sob a responsabilidade dos filhos, genros e netos. Problemas maiores não tinha, mas temia usufruir velhice sedentária, improdutiva para si à medida que deixava de atender aos demais.

Naquele momento da reflexão, bateram à porta. Era esfarrapado mendigo que vinha pedir o conforto de um agasalho e o lenitivo para a fome de um prato de comida. Foi imediatamente introduzido à intimidade do lar e o jantar de confraternização não teve prosseguimento até que o pobre pedinte estivesse atendido em suas necessidades higiênicas, tendo-lhe sido proporcionado banho reconfortante e roupa adequada para a ocasião. Limpo e bem trajado, com a barba feita e o espírito despertado para a bondade daquele lar, foi-lhe dado lugar de honra à mesa, ao lado do patrão, que via no mendigo a figura de Jesus, invocado para aquela ocasião. Mais do que simples pedinte, Carlos era o símbolo da própria misericórdia divina.

Transcorreu a lauta refeição em ambiente de informal convivência, embora o recém-chegado não se dispusesse com muita felicidade junto aos demais. Bons spiritistas,

os convivas evitaram fazer perguntas inibitórias da espontaneidade do coitado, que se via na curiosa situação de partilhar da felicidade alheia sem ter motivos para alegrar-se. Enquanto o povo palrava despreocupado, punha-se a lembrar passagens da vida. Jamais teve sequer a recordação de algo parecido a tudo aquilo que via. Sua primeira intenção era afastar-se de lá, carregando consigo tudo que pudesse subtrair sem que os donos percebessem. Estarrecido ficou quando lhe foi oferecida polpuda soma em dinheiro vivo, quantia que jamais poderia imaginar conseguir com a venda de qualquer objeto que furtasse.

Ao final da reunião, desejou imensas felicidades a todos e retirou-se, não sem antes ter prometido passar por certo centro espírita, cujo endereço disse conhecer, para participar dos trabalhos e poder socorrer-se de seus recursos.

Assim que se retirou o aturdido Carlos, a brilhante reunião tomou outro rumo. Sob influência direta do velho Clemente, os convidados e familiares predispuseram-se a proceder a sessão de consulta aos espíritos, para interrogar deles a sua opinião a respeito dos acontecimentos da noite, especialmente sobre a conveniência do procedimento relativo ao pedinte, pois parecia ao chefe da casa que algo não andara bem na recepção que deram ao mendigo. Soava-lhe falso na consciência o acolhimento tão desproporcional à humildade da solicitação. Achava ter sido, de algum modo, egoísta, aparatoso e orgulhoso. Fizera o bem, é verdade, mas não tinha exata consciência das repercussões da atitude no espírito do assistido. Muito lera a respeito do atendimento que se deve ministrar aos necessitados, muitas vezes participara de reuniões de distribuição de alimentos, fora, inclusive, de casa em casa para avaliar as condições dos assistidos e sabia que as pessoas devem merecer toda a consideração, para que se possa mantê-las dignas diante de si mesmas. Em suma, não estava inteiramente satisfeito nem convicto de que a acolhida tivera sido a mais recomendável.

Estabelecidas as leituras edificantes de diversos textos básicos da moral cristã, realizadas as necessárias preces de encaminhamento da magnetização do ambiente, procedeu-se à invocação do espírito guardião daquela instituição familiar, que, prontamente, atendeu ao chamado. Ciente dos temores do aniversariante, fez longa exposição em que falava a respeito do bem, do amor, da necessidade de cooperação entre os humanos, da justiça divina, da benemerência, do beneplácito do Senhor para com todos os que se arrependem, do perdão, da fé, da esperança, da caridade, das virtudes necessárias para se alcançar a ventura de adentrar o reino de Deus, enfim, discursou, pela voz de excelente médium, não menos que uma hora e meia, aturdindo a todos pela veemência e pelo calor que imprimiu à peroração, como se recitasse longo catecismo, decorado mas proficientemente integrado à mente e ao coração. Terminada a longa mensagem, devidamente registrada nos aparelhos eletrônicos previamente dispostos para o evento, retirou-se, agradecendo efusivamente a recepção que tivera, a lembrança do contacto mediúnico com o plano da espiritualidade, reiterando a continuidade da assistência à família sob sua tutela espiritual, felicitando o dono da casa pela passagem de mais um aniversário, congratulando-se com todos pela manifestação de carinhoso afeto e prometendo voltar assim que fosse novamente invocado. E mais não disse, especialmente a respeito da figura do mendigo, de sua acolhida, de seus sentimentos e dos problemas morais afetos à atitude que se tomou relativamente a ele. Calou-se de propósito,

evidentemente para fazer fermentar as ideias que, imprecisas, haviam assaltado a mente do velho patriarca.

Finda a manifestação, pelo adiantado da hora, resolveu-se que nenhum outro espírito seria invocado, tendo ficado no ar a pergunta que assaltara a todos:

— *Teria sido Jesus quem comparecera incógnito, na figura do mendicante? Ou fora tão só simples coincidência ter ele comparecido no justo momento da invocação ao Senhor?*

Todos teriam saído na dúvida, se Marcos, um dos filhos do casal anfitrião, não se tivesse lembrado de ir visitar o lar do pedinte, tendo-se afastado durante o transcorrer da reunião, chegando de volta surpreso com os desdobramentos da festividade. Todos ansiavam por saber onde é que havia deixado o estranho visitante. Aí informou que o pobre morava em tapera erguida à beira do rio, convivendo com os ratos do mato e os mosquitos, sem família e sem segurança de qualquer espécie. Tendo visto as condições adversas em que se instalava, reuniu-lhe alguns trastes e trouxe-o de volta, para passar a viver com a família em modesta moradia ao fundo da propriedade, onde poderia exercer algum trabalho, à sua vontade e disposição.

Aí todos se decepcionaram, mas, à vista da contingência moral em que se encontravam, aceitaram, não de muito bom grado, que o infeliz ficasse ali residindo, compartilhando de sua vida, na condição de eterno visitante.

Aos poucos, o indigente foi reanimando-se com a nunca desmentida boa vontade de todos, transformou-se por dentro e passou a exercer funda influência no ânimo dos velhos, que viam em sua figura o objetivo mesmo, expresso e declarado, de suas vidas. Com aquela presença constante sob os olhos, de manhã à noite, passaram a ver no coitado alguém dotado de alma.

Um dia, Carlos procurou Clemente e declarou-lhe que iria partir, pois resolvera cuidar da vida. Encontrar-se-iam no futuro, se não no plano dos encarnados, seguramente no mundo dos espíritos. E nunca mais ninguém ouviu falar dele.

Eis que Clemente se despede da vida em trágico acidente automobilístico. Ele, que cuidara de automóveis a vida toda, acabou vitimado por freio mal acondicionado. Parecia coisa do destino. Surpreendido pelo inesperado da partida, despertou do letárgico sono do passamento, acolhido que foi por experiente equipe de socorristas que sabiam estar recebendo de volta alguém de exponencial importância em seu meio material, mui especialmente pelo desempenho junto aos pobres e necessitados e pela suave brandura que imprimiu à condução da família, todos ganhos para a fé espírita e ardorosos batalhadores da causa evangélica.

Ao despertar, ali estava a figura do Carlos, envolto em brilho excepcional.

— Eis Jesus Cristo, pensou de imediato e se pôs de joelhos para adorá-lo.

Aí Carlos estendeu-lhe os braços e disse:

— Venha comigo, bom amigo. Não sou quem você nomeou com tanto respeito e reverência, mas simples espírito despertado para o amor pela sua compaixão e caridade. Despedi-me da família para reconstruir a vida. Defrontei-me com alguns percalços mas pude desvencilhar-me de alguns fardos pesados de viciações e de débitos. Poucos anos de

convivência me bastaram para sublimar-me diante de mim mesmo e alguns trabalhos de reconstrução perispiritual me reconduziram ao caminho certo. Venha comigo que alguém espera por você bem lá no alto, em ponto muito elevado na escala evolutiva. Venha comigo...

E lá foram os dois, pela cintilante estrada de estrelas, rumo ao céu.

Teriam sido chamados por Jesus? Responda você, caro leitor, à vista da verossimilhança da narrativa.

O DESASTRE AÉREO

Poucos passageiros para aquele voo da... No portão de acesso à passarela do aeroporto, a caminho da aeronave, estava postada equipe socorrista muito preocupada. As condições atmosféricas eram estranhamente desfavoráveis para o voo, mas a decisão de decolar estava tomada. Nem sonhar em cancelar a partida: havia dentre os passageiros pessoas muito importantes, capazes de acionar a empresa pela perda dos negócios. À hora aprazada, sairia, pois, o avião.

Que temores tornavam a equipe espiritual tão tensa? É que, em meio aos passageiros, estava criatura fadada a longa jornada na Terra, plena de compromissos, que o acaso das circunstâncias apontavam para perecer com os demais, todos com os nomes devidamente assinalados na lista da viagem definitiva.

Como fazer para impedir que Joãozinho tomasse aquele avião? Diversas entidades tinham ido à família para argumentar a respeito da necessidade de se arrumar alguma desculpa para subtraí-lo do rol dos passageiros. Em vão. Espíritos guardiães de diversos encarnados destinados ao etéreo conjugavam esforços no sentido de descobrirem recurso qualquer para postergação da decolagem, para dar tempo de afastar o pequerrucho daquele voo.

Iria visitar a avó e viajaria desacompanhado. O telegrama avisando o horário de chegada tinha sido enviado. A família concorrera ao bota-fora e todos desejavam ao menino voo feliz e tranquilas férias. A notícia do tempo não os assustara, acostumados estavam com as poderosas aeronaves que se erguiam acima das intempéries. Não havia o que temer. O comandante era pessoa conhecida, profissional experiente e dedicado. A tripulação, especializada na recepção dos clientes da empresa, possuía aeromoça capacitada a cuidar do petiz, ainda mais porque o voo não estava lotado.

A torre de comando deu o aviso preliminar de que o horário deveria cumprir-se e os portões abriram-se para identificação e acesso à gare de embarque. Uns minutos mais e o pequeno tomara assento em uma das confortáveis poltronas, ao lado da *janelinha*, para poder apreciar a paisagem. Não seria seu primeiro voo, por isso a ansiedade estava grandemente diminuída. Beijou os pais, ouviu as derradeiras determinações e entregou a passagem à recepcionista. Queria fazê-lo sozinho, responsável se sentia pela importância de viajar sem a presença dos pais, impedidos de acompanhá-lo por negócios inadiáveis.

Aí, choro convulso, inexplicável, de mau agouro, brotou espontâneo, visão talvez de algum cataclisma iminente, intuído à última hora. Acometido de soluços, lançou-se o pequeno nos braços da mãe, dizendo que não deixaria os pais sozinhos, que desconfiava de que algo iria acontecer a eles, grande tristeza, profunda mágoa. Agarrou-se ao pescoço da mãe e não houve meios de dissuadi-lo a separar-se dela.

Recurso extremo, pouco cauteloso, mas tremendamente eficaz, criaram os protetores espirituais, na mente dócil do jovem, quadro de horrores em que, à lágrima dos pais, se misturava muita dor e sofrimento. Por meio de forte imantação, sob o risco de atemorizar os demais viajantes, conseguiram afastar o protegido da trágica aventura.

Inconformados com a súbita alteração do humor do pequeno, tentaram fazê-lo compreender que nada haveria de ocorrer a eles. Mas Joãozinho bateu pé e, renitente, jurou que não se separaria dos pais. Estranhamente, logo após ter o avião decolado, amainou o ânimo, reconsiderou e dispôs-se a seguir viagem no próximo voo, no dia seguinte. Novo telegrama alertava a avó a respeito da desistência.

Uma noite se passou sobre o acontecimento. Logo pela manhã, o noticiário anunciava o desastre sofrido pela aeronave em que deveria ter embarcado o pequeno. Os pais, estarrecidos pelos acontecimentos, esconderam do menino o ocorrido e intentaram frustrar-lhe a prometida viagem de recreio. Mas aí não houve argumento que o dissuadissem de embarcar. Sem atropelos mas cheios de apreensão, aguardaram os pais notícias da chegada. O voo transcorreu tranquilo e o telegrama chegou com o aviso, sem novidades.

A partir dessa ocorrência, começou profunda pesquisa espiritual da parte da família do pequeno. Correram de ceca em meca para interrogar gurus, pastores, padres e mais místicos que pudessem dar-lhes a compreensão do fato. Receberam as mais difusas e confusas explicações, sem que qualquer delas pudesse oferecer plena segurança de informações. Finalmente, bateram à porta de centro espírita kardecista, onde foram recebidos pelos organizadores das sessões de estudo e de desobsessão.

Imaginaram-se, então, em seu reduto de amor e felicidade. A naturalidade com que foram ouvidos e o teor das explicações convenceram-nos plenamente das razões aventadas, que outras não foram senão aquelas verdadeiras. Para confirmação, foram convidados a presenciar sessão de doutrinação e evangelização, em que se invocaria algum espírito guardião familiar, para possível explanação a respeito.

Através de médium psicofônico, deu-se a entrevista em que o amigo espiritual da família expôs à minúcia as providências tomadas, calando especificamente as razões de tal proteção, mas fazendo crer, pela evidência do fato, que a criança estava bem resguardada de transtornos daquela espécie. Receberam, no entanto, grave censura que influiria em suas vidas de modo definitivo: é que não haviam dado ouvido às premonições que ambos haviam recebido de que deveriam ter impedido o ingresso do filho naquele avião. O instrutor obtemperou a respeito das considerações de que o temor nem sempre é bem fundamentado, dizendo que as normas espirituais mais elementares e, de resto, divulgadas entre todas as religiões, determinam orar e consultar as entidades de proteção dos encarnados em todas as circunstâncias, de modo particular quando se sentem intuições concernentes a decisões de risco.

Tal alerta preveniu-os para futuras deliberações e, tendo sentido na carne a extensão do problema que teriam de enfrentar, caso insistissem naquela postura diante da espiritualidade, passaram a agir de modo bem diferente dali por diante, integrando-se ao grupo de estudos daquele centro e pautando a vida pela singeleza dos conhecimentos e ensinamentos evangélicos.

6

A ESTRELA DE DAVI

Conhecido médium meditava profundamente a respeito das influências espirituais vindas do espaço sideral, ou seja, de como, em interminável fieira de espíritos, pudesse descer do mais alto a necessária caracterização física e mental dos seres que se veriam às voltas com nova encarnação. Imaginou, então, que haveria linhas demarcadas para a contextura da nova organização psíquica, sendo responsável cada agrupamento de espíritos por determinado setor da personalidade moral do homem. Quanto ao físico, adaptar-se-ia rigorosamente às necessidades cármicas, de modo que caberia a outra organização espiritual cuidar de aperfeiçoar a estrutura corpórea, em função do desempenho que seria determinado ao elemento cumprir.

Ora, pensando estar refletindo o ideal evangélico, sentiu-se no direito de desenhar figura emblemática em que se liam as principais diretrizes. Meditou, refletiu, revirou na cama à noite, levantou-se de madrugada e esboçou o desenho que completaria no dia seguinte, sob influência dos guias espirituais.

De fato, ao predispor-se ao trabalho mediúnico de todo dia, foi-lhe possível dar o acabamento ao trabalho iniciado, pensando ter elaborado obra de profunda veracidade espiritual, sob o influxo energético de seus guias.

Eis o produto de suas elucubrações e esforços:



Diante da obra acabada, o ufanoso irmãozinho acreditou estar com a chave do universo. Sairia pelo mundo apregoando a verdade transcendental de seu trabalho, crente de que os povos se ajoelhariam perante a revelação fulgurante que sua mediunidade conseguira captar.

A primeira decepção se deu ao oferecer à digna esposa a amostragem do primeiro tentâmen. Examinou ela a configuração incompleta, considerou-a interessante e maior valor não lhe emprestou. O dedicado mediador dos planos, no entanto, não arrefeceu do impulso inicial e, após o término do trabalho, como acima se demonstra, voltou a pedir a opinião à cara consorte. Desta vez a desilusão foi maior, pois não só desconversou, como, instada, disse que tudo que ali se registrava se encontrava plenamente desenvolvido em diversas obras espiritualistas, especialmente naquelas que visavam a esclarecer os ensinamentos cristãos.

Aturdido com essa primeira reação, o pobre e decepcionado senhor não encontrou suficientes razões para dar a conhecimento público o elaborado trabalho e passou a meditar mais profundamente a respeito dos argumentos que poderia juntar ao contexto iconográfico, de molde a facilitar a compreensão dele pelos companheiros. Imaginou, em primeiro lugar, dar cores à estrela, produzindo efeito visual que pudesse maravilhar o público e instigá-lo a interessar-se pelo conteúdo. Achou pouco e entreteceu alguns conhecimentos que possuía a respeito do espiritismo, com o intuito de estabelecer conexão que evidenciasse a importância da composição figurativa.

Desde logo, lembrou-se da ideia de que as pessoas propendem para este ou aquele setor da atividade humana, segundo estejam necessitadas mais desta ou daquela aquisição moral. Visualizou a estrela a ser impressa em cada ser humano a encarnar-se, de modo que para alguns se leriam mais nitidamente as palavras *trabalho* e *justiça*, para outros *sentimento* e *perdão*, sendo que alguns poucos apaniguados teriam impressos todos os caracteres.

“Não é à toa”, pensou, “que se diz que as pessoas de grande fortuna e de extraordinária felicidade nasceram com a **estrela** na testa.”

Imaginou ainda mais, ou seja, que os seres da espiritualidade superior descessem energeticamente à Terra, na forma de linhas de influência como as do candomblé, o que daria foros de verdade à sua concepção. Teria do seu lado importante segmento social, embora, de pronto, eliminasse a possibilidade de contatar tais entidades, uma vez que se dedicava à intermediação seletiva dos seres espirituais, por via do kardecismo mais puro.

Armado de tais argumentos e tendo mandado imprimir o desenho da estrela em cara e perfeita editoração, pôs-se a percorrer os diversos centros espíritas, na tentativa de convencer os amigos a adquirirem o quadro, para fixarem-no em local de destaque nas sedes de reuniões. Alguns amigos mais chegados, para incentivá-lo, resolveram desembolsar a quantia pedida, aliás justa e honesta, mas sem prometer dar à tela qualquer destaque; no máximo, guardariam nos gabinetes de estudo ou dependurariam em alguma parede das oficinas de trabalho.

O caro confrade não desanimou de todo, primeiro porque desconfiava de que os colegas não tinham compreendido com sabedoria o teor da mensagem ali registrada; depois, por ter percebido neles certo *frisson* de ciúmeira e inveja; terceiro, por estarem por demais envolvidos com tarefas rotineiras e absolutamente materiais para atentarem para os valores morais; por último, porque havia a necessidade de recuperar as economias esvaídas pela editoração.

Pôs-se a procurar as pessoas indicadas pelos amigos. Estas já opunham certas resistências mais sérias. Queriam explicações a respeito das notações mediúnicas; queriam saber os nomes dos espíritos que lhe haviam inspirado o emblema; queriam sentir segurança em sua exposição. Ao intentar fazer referência às linhas dos orixás da tradição umbandista, sentiu que entrava em terreno perigoso, sendo-lhe imediatamente fechadas as portas dos centros kardecistas. Pouco conseguiu. À vista da quantidade de impressos, recuperou cerca de dois por cento do que despendera.

Começou outra série de desculpas para justificar o fracasso, terminando por acusar, dedo em riste, os próprios companheiros espirituais que costumavam atendê-lo e instruí-lo na psicografia. Achava que deveriam, ao menos, tê-lo informado das dificuldades que encontraria para a divulgação da obra ou, no mínimo, que tivessem tido a comiseração de preveni-lo para que não despendesse tanto dinheiro sem resultado.

Achou que se lamentava em vão e que encontraria, nos irmãos dos terreiros, a compreensão que não obtivera dos parceiros das *mesas brancas* e partiu à procura das mães e pais de santos. Sua primeira preocupação surgiu de cara, quando lhe pediram para justificar cada linha: a da justiça, a do conhecimento, a do sentimento etc. Deveria dar a cada uma a referência exata ao orixá encarregado de sua realização. *Embananou-se* todo porque desconhecia a tradição, jamais participara de qualquer trabalho — digamo-lo

francamente —, por julgá-los grosseiros e demasiado materialistas e por nunca ter-se interessado realmente pelas realizações doutrinárias mais sérias do candomblé. Era mais religião que interpretação da realidade e a complacência para com os crimes e criminosos parecia-lhe ofender os princípios da divina justiça. Em suma, viu-se na contingência ou de adotar as diretrizes dos *terreiros* ou de afastar-se de lá às pressas, para não ser acoimado de aproveitador e interesseiro.

Imaginou constituir a **Ordem da Estrela**, organização de caráter espiritual, em que uniria os princípios das tendências místico-religiosas dos umbandistas à respeitabilidade crítica e científica do kardecismo. Procurou alguns amigos, mas deparou-se com séria oposição, compenetrados que estavam das verdades impressas na doutrina espírita. Não desanimou e bateu às portas de diversas instituições de caráter esotérico de estudos espiritualistas, mas em todas encontrou estatutos fundamentados em sistemas rígidos, segundo princípios e filosofias próprias.

Desistiu, por fim, e resolveu arcar com os prejuízos. Acusado pelos filhos de malbaratar os reduzidos recursos que lhe sobraram com as constantes viagens e despesas de locomoção e de correio, viu-se a braços com terrível defecção familiar. Saíra da condição de mero mediador, no intuito de vir a ser considerado luminar de nova era dos conhecimentos espíritos, e terminava como fracassado pai de família.

Voltou envergonhado ao modesto centro que frequentava e, plenamente humilhado diante dos companheiros, colocou-se à disposição dos instrutores para a anotação das comunicações. Assim que se pôs a delinear os primeiros traços no papel, incontrolavelmente, a mão passou a desenhar a figura de uma estrela de seis pontas, exatamente igual à que tracejara antes. Os dizeres inscreveram-se mecanicamente e ele viu-se, de novo, frente a frente, com a famigerada realização. Confrangeu-se-lhe o pobre coração e lágrimas brotaram-lhe insofreáveis e tristes. Passou despercebido o fato para os demais, todos entretidos com suas concentrações e intermediações. Os doutrinadores preocupavam-se com as manifestações orais e não perceberam o que ocorria na ala dos psicógrafos.

Desesperava a princípio, mas manteve-se fiel à escritura, pois confiava em que aquele era indício seguro de que alguma mensagem profunda pudesse conter-se naquela atitude inesperada dos amigos do etéreo. Sua mansuetude mental foi glorificada. Aos poucos, serenou-se-lhe a mente e pôde captar mensagem da mais profunda e veemente consolação de seu principal guia e amigo. Ao final de brilhante exposição a respeito dos agravos e desagrvos que ocorrem durante os encarnes expiatórios, demonstrou-lhe o bom espírito que estava totalmente preservado das más influências e que, se quisesse, para ilustração íntima e pessoal, poderia mandar compor até em metal a figuração da estrela, para com ela percorrer o restante da peregrinação, sem dar-lhe, contudo, qualquer aspecto de amuleto, de fetiche ou de encantamento, mas para lembrá-lo do que lhe ocorrera ao tão insensatamente julgar-se superior aos companheiros, por ter tido o apanágio de receber informações precisas e particulares. É que ele é quem estava necessitado da compreensão que tentou passar aos outros; é que era exclusivamente ele o destinatário daquela sublime mensagem. Que se compenetrasse de cada virtude, de cada conhecimento, de cada vibração energética contida no enigma que se revelava, para tornar a vida mais completa e, realmente, digna de receber as bênçãos do Senhor.

O nosso amigo, ao cabo da sessão, perguntado da mensagem que tão sofregamente anotara e que fora motivo da observação dos demais, resignou-se a dizer que estava voltando ao seio dos irmãos e que, dali por diante, poderiam contar com ele para todas as tarefas que sua capacidade lhe permitisse desempenhar, mas guardou no bolso do paletó, bem juntinho do coração, a maravilhosa mensagem que só a ele dizia respeito, na crença de que, assim fazendo, conseguiria absorver integralmente os ensinamentos que continha.

Deveras, muito trabalhou seguindo as instruções dos companheiros e atendendo aos reclamos dos necessitados. Brillou-lhe intensamente a mediunidade, mas todos os textos eram submetidos ao crivo da crítica dos companheiros e vários tiveram o ensejo de merecer publicação e divulgação. A maior parte, contudo, ficava com as pessoas a quem se endereçavam para dar-lhes condições de se instruírem a respeito de seu procedimento.

Amado de todos, revigorado em seu amor-próprio, recuperado para a família e para os amigos, deixou o mundo, em bela tarde de outono, banhando muitos olhos de lágrimas de puro amor e saudade. Recebido foi pelos amigos no etéreo, onde chegou lícido e compenetrado das obrigações e dos compromissos para com a Divindade. Ali surpresa extrema aguardava por ele: rutilante estrela de Davi fazia-se presente, pairando no ar translúcido, onde o círculo do **amor** ao centro se fizera tão grande que as pontas do **perdão**, do **trabalho** e da **caridade** já se tinham tornado quase imperceptíveis, ofuscadas pelo clarão da **fé** e pelo rutilar da **esperança**. Destacavam-se ainda nítidas as hastes da **justiça**, do **sentimento** e do **conhecimento**, porque estava a entidade desencarnante longe da perfeição, mas o prognóstico que se lia na expressiva homenagem que se lhe prestava era de muito progresso e de muita luz.

Observação

E assim se encerra a história. Pedimos escusar-nos o escrevente pelos recursos de que lançamos mão para a composição do texto, fazendo-o levantar-se de madrugada para o desenho da estrela e levando-o a meditar a respeito da estrutura psicológica da personagem de modo lúdico e estimulante. Pedimos, também, para perdoar-nos o atrevimento de tê-lo induzido a comentar a influência com a cara esposa, mas, como nos filmes dos primórdios da cinematografia, pode escrever agora:

Se qualquer semelhança for constatada com pessoas vivas e reais, terá sido mera coincidência.

O ACUSADOR DE DEUS

Ovídio era o nome do indivíduo que desejava interrogar a Divindade. Achava-se no direito, à vista de sua sempre crescente miserabilidade material, de arguir Deus a respeito dos objetivos que tinha para com ele e toda a família. Era de espantar a suprema audácia do perquiridor, que, não obtendo respostas para as interrogações íntimas, principiou a fazer escândalo com invectivas furiosas. Acabou *louco*, internado em hospício.

Antes disso, é preciso retratar-lhe a vida pregressa, em carne de totais alegrias. Como mulher, nasceu de pai pastor protestante e de mãe lúcida no trato com as coisas divinas. Teve de tudo que alguém possa jamais ter almejado: família equilibrada, inteligência e responsabilidade de acordo com as regalias obtidas, preciosos bens materiais, como beleza, dinheiro, categoria social. Seu casamento foi o ideal, pois namorou, casou e viveu apaixonada por solícito e íntegro marido. Criou os filhos saudáveis e felizes e tudo fez por eles, de modo que, ao abandonar a vestimenta física, em idade prolecta, sem jamais se ter contorcido nos braços da dor, incólume relativamente às moléstias, se poderá dizer que sua peregrinação pela carne transcorreu em meio a total felicidade.

Mas ignorou o próximo, muitas vezes na figura de criaturas que vinham bater-lhe à porta. As amigas menos afortunadas recebiam desprezo, sempre que se aprestavam para narrar seus infortúnios. Jamais sorriu para quem lhe rogasse simples sorriso. Ria, sim, intimamente, por sua condição de completa alienação dos problemas. De volta ao plano espiritual, foi-lhe exposta à minúcia sua passagem pela Terra, onde deveria ter feito mais pelos outros. Considerou desarrazoadas as apreciações, mas, obediente às diretrizes dos superiores, aceitou o retorno dificultoso.

As causas, portanto, da rebelião contra Deus, longe de se situarem na indiferença deste para com sua criatura, advinham da lembrança inata da anterior passagem pelo orbe.

Oportunidades de esclarecimento teve o nosso Ovídio e muitas, pois conseguiu de pequeno alfabetizar-se, sendo capaz de efetuar diversas leituras. Frequentou a escola dominical da paróquia, onde noviças da Ordem Terceira de Maria vinham administrar as noções do catecismo. Integrou a Mocidade Mariana até que, descontente com a vida, pôs-se a lamentar as injustiças sociais, como sói ocorrer com os jovens às vésperas de adentrar a idade adulta. Mas a sua rebeldia foi bem mais acentuada, crente de que mereceria melhor sorte na vida, sem, contudo, conhecer a origem da ansiedade. Por mais que

pelejas por se manter fiel à religião católica, acabou abandonando a igreja para cair no mundo.

Ao saber dos mistérios e das revelações espiritistas, ingressou em séria organização de estudos, agora casado e pai de diversos filhos, que muito trabalho lhe davam na vida escolar. Por mais que forçasse sua ida à escola, não logravam êxito algum. Ao contrário, punham em polvorosa professoras, funcionários, orientadores e até os próprios diretores. Procedeu, sem sucesso, a várias transferências, até que teve de se curvar à evidência da falta de talento de todos eles. Aos poucos, foram acatando a ordem paterna e retirando-se do convívio do lar à procura de levar vida própria. Dos seis, ficou-lhe na companhia mirrada figura de criança, menina raquítica e asmática, que não servia sequer para ajudar a mãe a cuidar dos poucos utensílios que o magro salário lhe permitiu adquirir. De resto, os cuidados médicos levavam os recursos que poderiam significar comida mais farta e agasalho mais adequado. Não teve necessidade de pedir, embora aceitasse contristado todos os oferecimentos. Aliás, foi o que o manteve junto aos companheiros do centro espírita por mais de um ano.

Ali, com a ajuda dos amigos, compreendeu a necessidade da evolução mas não atinou com a justiça da dor e do sofrimento. Atribuiu ao Senhor a maldade das pessoas e viu na crucificação do Cristo a culminância de sua teoria de filho perdido e relegado ao esquecimento. Se Deus permitira que o excelso espírito de luz do Salvador terminasse estertorando dependurado no madeiro ignóbil, que não faria com ele, mísero e insignificante espírito das trevas?!

Abandonou o espiritismo como deixara o catolicismo, prometendo jamais entrar em qualquer outra instituição religiosa. Inutilmente, a esposa tentou arrastá-lo para a seita de seu coração, o protestantismo evangélico, principalmente pelo temor de ter de pagar o dízimo de sua parca remuneração. Desconfiava das palavras da mulher que lhe prometiam, em nome de Deus, assistência integral, caso testemunhasse sua fé no Jesus da redenção.

Ficou solto no mundo no dia do falecimento da esposa. Procurou alguém do centro espírita, anunciou que iria correr mundo e que fossem à sua casa para resgatar a pequena vítima do destino. Entregou a outrem a responsabilidade de pai e, desarvorado, pediu as contas ao patrão e foi-se à cata de aventuras.

Homem vistoso quanto à aparência, forte no que respeitava à constituição física, não lhe foi difícil arranjar guarida em construções de prédios, onde se empregava na qualidade de vigilante noturno. O fato de poder portar arma dava-lhe segurança, acabando por integrar-se a firma de caráter nacional, que lhe proporcionou a oportunidade de viajar da forma que pretendia. Foi a melhor fase da vida: a comida era farta, a segurança da hospedagem estava garantida e os sentimentos puderam distrair-se com o conhecimento de plagas novas. Mas o descrédito pela divina justiça se ampliou com seus horizontes, pois pôde perceber que, por toda parte, o homem era lobo do homem, havendo aqueles que serviam, em grande número, para uns poucos que senhoreavam.

Seu discurso foi tornando-se violento e, aos cinquenta e oito anos de vida, ingressou nas fileiras de partido político então na clandestinidade, cujas manifestações eram fundamentadas na derrogação da ordem social vigente. Ali ficou certo tempo, prestando serviços humildes mas relevantes, até que acabou preso, por ter forçado a população ao saque de certo supermercado. Na prisão, verberou os policiais que se

encontravam a serviço do regime político, mas conheceu mais uma profunda decepção. Em meio aos presos, estava um dos líderes do partido, o qual se fez liberar da cadeia por pertencer aos quadros da alta sociedade. Disse estar participando da agitação social por *ideologia*, mas safou-se ao castigo por influência socioeconômica.

Livre das grades, ao voltar para o emprego, estando fichado na polícia, foi-lhe comunicado que não mais poderia usar arma, sendo impedido, portanto, de manter o serviço. Devido à idade, bem pouca coisa poderia fazer, por isso, procurou os órgãos públicos, munido dos necessários documentos para pleitear aposentadoria. Passando necessidades, após longos meses de espera, conseguiu magra pensão do estado, que mal dava para a alimentação. Morar, deveria fazê-lo na casa de algum dos filhos, mas sua superior e orgulhosa postura moral impediu-o de reconhecer a necessidade da subserviência ao Senhor, acatando o destino. Foi residir de empréstimo em instituição pública para alienados mentais, para o que precisou forjar diversas situações de desequilíbrio.

Ali pretendia passar o restante dos dias, mas a argúcia médica foi sendo alertada para sua lucidez em realizar os atos mezinhas da vida, de modo que, aos poucos, os médicos foram desconfiando de que estavam sendo ludibriados. Certo dia de triste memória, ingressou no anfiteatro das visitas certa pessoa conhecida, que muito se espantou com a presença ali de alguém que, sabidamente, tinha a mente saudável e os argumentos sempre muito poderosos contra Deus. Por força da necessidade consciencial, revelou aos médicos o que já haviam intuído e o indigitado revolucionário foi posto do lado de fora, incontinênti.

Eis que vamos surpreendê-lo, dez anos depois, em asilo para velhinhos desamparados. O amigo que o denunciara às autoridades era antigo conhecido dos tempos do centro espírita, dentre cujas atividades pontificava a assistência aos necessitados idosos, o apelidado **Lar dos Velhos**. Não vendo alternativa para a condição de miserabilidade, pois perdera inclusive os magros proventos da aposentadoria, aceitou ficar entre os amparados, de modo que obrigado foi a conviver com a desgraça humana mais absoluta. Acostumado a verberar contra a justiça de Deus, precisou ir habituando-se com a assistência dos homens.

A princípio, intentou fazer ver aos demais a injustiça de suas situações diante das indiscutíveis regalias até mesmo dos que prestavam auxílio à instituição. Mas foi repellido pelos demais, que acreditavam estar recebendo ajuda diretamente da misericórdia divina, sendo para eles aquelas pessoas verdadeiros anjos enviados pelo Senhor. Não contente com essas respostas, insistiu em sua verberação até que terminou sendo afastado do grupo, tendo de curtir isolamento silencioso por mais de sete anos.

Quando o surpreendemos naquele dia ensolarado, no canto mais obscuro do pátio, encostado ao muro para não receber a dádiva do sol, condoemo-nos do pobre coitado. Fomos acordá-lo para a vida e recebemos inesquecível apelo de solidariedade.

— *Digam ao Senhor que estou de volta, pronto para o serviço, pelo amor de Deus! Façam por mim o apelo que sufoquei no coração nestes últimos anos. Enquanto houve quem prestasse atenção às minhas palavras, investi contra o Pai, de todas as maneiras. Mas quando apenas eu era o ouvinte das reclamações, cansei-me de mim mesmo e compenetrei-me de quanto injusto fora para com o Senhor. Em minha perturbação, recebi a notícia da vida anterior. Calei-me, para não dar aos outros a impressão de estar realmente*

louco. Mas fui inteirando-me do valor do trabalho socorrista e vi, finalmente, anjos de amor naquelas criaturas que cuidavam de mim, que me traziam o alimento, o agasalho e o remédio, que me amparavam a caminhada e que liam para mim as divinas lições que meus cansados olhos já não me permitiam enxergar. Fugi de mim mesmo e me refugiei na esperança desta sublime hora do reencontro. Façam por mim o que eu mesmo fui incapaz de fazer: agradeçam ao Pai a sublimidade de sua justiça. Graças a Deus!

Hoje Ovídio participa dos trabalhos desta equipe de socorristas, tendo permitido o relato de sua epopeia. Trata-se, portanto, de história absolutamente real, com alguma intervenção da fantasia, para dar clima ao enredo. No entanto, se a narrativa puder convencer o amigo leitor de que é sempre possível vencer na vida, ficaremos imensamente felizes.

UMA HISTÓRIA DO ALÉM

Juventino era rapaz dedicado aos estudos evangélicos. Não tinha, porém, o dom da mediunidade, com o que não se conformava. Estudou a fundo *O Livro dos Médiuns* e pesquisou todas as formas de manifestações espirituais, tendo tido a felicidade de presenciar e catalogar cada uma delas. Mas, através de si mesmo, nada ocorria. Não lhe valiam as horas que destinava conservando-se ao lado dos amigos junto às mesas doutrinárias. Nenhuma lembrança lhe chegava à mente dos momentos de sono, para lhe indicar que estivera em companhia dos amigos da espiritualidade. Deixava-o acabrunhado, ainda, o fato de seu guia trazer-lhe informações do etéreo, através de diversos médiuns; mas, diretamente, nada. Sabia que havia influência de caráter intuitivo, mas nada lhe parecia configurar objurgatória, auxílio, prevenção ou informação que não fosse elaborado pela própria mente.

Sofria, contudo, sua desdita, sem angústia e sem acoimar a sorte de nenhum apelido desairoso, como acontece com quantos se revoltam. Juventino compreendia a sua sina e calava-se, franzindo o sobrolho, sempre que algo lhe parecia vir que representasse qualquer ameaça de mediação entre os planos.

Certo dia, encheu-se de coragem e interrogou diretamente a entidade que se anunciava como sendo seu protetor. A resposta veio pronta:

— Bondoso amigo, fique na paz do Senhor! Graças a Deus! Você deseja saber por que motivo não é utilizado para a intermediação entre os planos. Pois bem! Prepare-se para revelação que pode deixá-lo estonteado ou estarecido. Em encarnação anterior, você foi dotado de imensa capacidade mediúnica. Concorde você em que a vontade de agora possa representar a memória camuflada da *performance* pregressa? Pois creia que você se apossou desse apanágio para menosprezar as pessoas, julgando-se intimamente superior a todos. Em determinada época da vida, abriu certa tenda de atendimento e passou a ler a sorte através do auxílio de entidades que se divertiam às custas de sua ingenuidade e da crença dos fregueses. Muito dinheiro rolou-lhe pelas mãos, mas você não soube aproveitar nem dos dons que possuía nem do dinheiro vertido, de modo que malbaratou a encarnação. No campo da espiritualidade, ao ser consultado a respeito dos atributos que lhe seriam fixados na presente personalidade, fez você questão de se recusar terminantemente à tentação de nova investidura mediúnica, desejando, por outro lado, ter

a facilidade de acesso intelectual aos trabalhos filosóficos a respeito da doutrina espírita. Quando nós lhe negamos a mediunidade tão sonhada, estamos tão só acatando-lhe o desejo. Pretende alterar o rumo da vida ou prefere prosseguir com o plano em curso?

Deveras, o nosso amigo tinha tido ocasião de se pronunciar a respeito do novo modo de encarar o espiritismo. Por esforço de imaginação, acreditou piamente na informação da entidade e, do fundo d'alma, desejou testar a capacidade mediúnica mais uma vez, guarnecido pelo conhecimento exato das consequências de quem não respeitou os princípios insertos em sua maneira de ser. Respondeu sem ambiguidade, ressaltando o fato de que a alteração da caminhada tinha ainda o cunho do desafio ao protetor, para a certeza de que estava falando sério, e a si mesmo, para avaliar até que ponto conseguira refrear os baixos instintos. Como vemos, as lições aprendidas pelo veterano cultor do espiritismo tinham-se arraigado profundamente em sua mentalidade, sendo capaz de expor com clarividência os pensamentos e os sentimentos.

Respondeu-lhe, então, a entidade consultada:

— Vamos ter de ouvir as razões sempre ponderadas de nossos maiores e voltaremos dentro em breve para a resposta definitiva. Entrementes, vá produzindo só obras boas, pois é através delas que todos somos medidos. Adeus!

Durante várias semanas, Juventino voltava às sessões e, ansioso, se punha na expectativa de receber a resposta que lhe daria integral satisfação. Durante as reuniões, perpassavam-lhe, porém, pela cabeça ideias angustiantes, que representavam sentimentos e pensamentos sofridos de almas em estado de perplexidade diante da dor e do arrependimento. O instrutor do centro, vendo entidades desejosas de se comunicarem ao redor do companheiro, dava-lhe a palavra, mas ele emudecia, crendo-se na necessidade de permanecer atento para a resposta do protetor.

Depois de sucessivas reuniões, finalmente, fez-se presente o amigo orientador que lhe perguntou de chofre:

— Então, meu caro, como vão indo as comunicações?

Aturdido com a inquirição, Juventino não soube o que responder e gaguejou algo como:

— Estava aguardando sua informação a respeito da deliberação do plano superior.

— Fique tranquilo, Juventino. Você já está de posse dos antigos poderes de intermediação. Se não percebeu que o trabalho tinha surgido é que talvez estivesse esperando algo muito especial. Como sabe, culto e lido que é, a mediunidade é fácil de se exercer: basta abrir a mente e o coração para o etéreo. Volte às aulas iniciais da escolinha de médiuns e experimente reiniciar o aprendizado. Vamos desenferrujar as dobradiças mentais e azeitar os gonzos, para que as portas do coração possam de novo abrir-se para o trabalho. Boa sorte!

Juventino ficou exultante; entretanto, a perspectiva da aprendizagem assustava-o um pouco, pois acreditava que iria envergonhar-se por ter de voltar a frequentar os mesmos bancos por onde passaram muitos de seus aluninhos. Encheu-se, contudo, de coragem e inscreveu-se, humilde.

Na primeira aula, ouviu pacientemente a recomendação às preces. Na segunda, impacientou-se um pouco com o relato a respeito do plano espiritual e das necessidades de contacto para superação de diversos problemas espirituais. Na terceira, explodiram-lhe

as reservas de calma e tentou induzir a orientadora a mudar os planos, pois, do modo como as coisas andavam, passar-se-ia mais de ano e não teria oportunidade de apresentar-se para o trabalho. A muito custo, foi contido pela jovem discursadora e resolveu-se, de comum acordo, que poderia intentar trabalhar na recepção dos sofredores nas sessões de doutrinação.

Chegado o dia da reunião, compareceu o confrade cheio de esperanças, mas com o coração oprimido, pois, em suas meditações, foi capaz de perceber os vários itens da doutrina que tinha contrariado. Antes do início dos trabalhos, pôs-se a orar contrito, pedindo desculpas de coração pela ansiedade e descontrole. Estava compenetrado da falta. No fundo da consciência, ouvia fina vozinha que o aconselhava a retirar-se e a só voltar para as sessões após passar por todo o curso que lhe fora propugnado, devendo, ainda, ter de superar o momento dificultoso do pedido de desculpas aos parceiros.

Nesse instante, fez-se a luz. Prestou bastante atenção naquela advertência e pôde perceber que todo o seu procedimento se dera à revelia das influências que sempre recebera. Acordou para a realidade, pediu licença ao dirigente da reunião e afastou-se para o recesso do lar, para meditar a respeito da intuição que fora capaz de decifrar. Finalmente, parecia que tudo lhe ficara claro na mente.

No dia da reunião de estudos mediúnicos, procurou o presidente da instituição, que fora colocado a par de todas as ocorrências, e, olhos nos olhos, relatou-lhe todos os sucessos, com a humildade de quem se reconhece indevidamente apaniguado pelas forças espirituais.

Nem é preciso dizer que recebido foi com todo o carinho e alegria. Em pouco tempo, reatou os vínculos rompidos com a jovem instrutora, pôs-se de bem com os companheiros de estudos e perfez todos os passos da instrução, como se nada soubesse a respeito da doutrina. Diplomou-se com lauréis e pôde desempenhar a função que tanto almejava, com integral eficiência. Venceram, enfim, a humildade e o desejo de contribuir para o desenvolvimento dos trabalhos de assistência espiritual.

Juventino é o relator destes acontecimentos e procura honrar a confiança que lhe foi depositada pelos instrutores. Entretanto, dado o corte muito rente que procedemos nos acontecimentos, devemos dizer que outras muitas circunstâncias concorreram para os eventos, de modo que alertamos o leitor para não se deixar influenciar pela simplicidade da narrativa. Leia-se ela como se produzida fora em branco e preto, precisando que lhe sejam impregnadas as diversas cores da íris para ganhar em veracidade e em importância. Faça-o por nós.

CONTO DE NATAL

Jovial, o rapazinho queria conhecer Papai Noel. Tinha idade suficiente para saber que era o pai quem lhe trazia os presentes, mas recusava-se a admiti-lo. A mamãe chamou-o, certa vez, e lhe disse:

— Aquele homem vestido de vermelho que você vê nas lojas é uma pessoa de carne e osso, como eu e você. Papai Noel não existe.

— Existe, sim — respondeu de pronto o menininho. — Eu sei que o homem fantasiado da loja não é o Papai Noel. Eu sei que é o papai quem compra os brinquedos. Mas quem dá o dinheiro a ele é o Papai Noel.

A explicação aturdiu a pobre mãezinha, que, à vista da argumentação, se calou.

A criança cresceu com a ideia de que havia Papai Noel. Dois anos mais tarde, taludinho, o rapaz, em certo Natal, deixou de receber o presente desejado. Ganhou outro de preço inferior, mas não se incomodou. Achou que algo havia por detrás dessa dádiva menor. De pronto, não foi capaz de imaginar o que poderia constituir-se em suficiente razão para o gesto, mas guardou na lembrança o acontecimento.

Mais tarde, homem feito, o nosso Juvenal viu-se na contingência de arrumar emprego em grande loja de departamentos, à época natalina, para ajudar o orçamento doméstico com mais algum dinheiro. Ao colocar a roupa da figura mitológica, lembrou-se dos fatos da infância, principalmente da crença nunca negada da existência do Papai Noel. Pôs-se a meditar, enquanto aguardava a abertura das atividades:

“Que valente rapazinho eu fui! Como gostaria de trazer ainda agora em mim, imaculada, aquela pureza de caráter e aquela fé na potencialidade da espiritualidade! Hoje, a minha mente se debate entre um emprego e outro, adejando as ideias em torno das figuras humanas, tentando captar esta ou aquela simpatia, procurando atender a este ou àquele pedido. Pareço verdadeiro Papai Noel no cumprimento das obrigações sociais e profissionais, mas não creio mais na bondade e desinteresse das pessoas. Sei que aquela figura bondosa do Papai Noel de minha infância deve ser o espírito protetor da família. Penso que a lição do brinquedo mais barato certamente serviria para fazer-me acreditar em que nem tudo nesta existência transcorre segundo os interesses mais imediatos. Vejo, no cerceamento de meu desejo infantil, a demonstração de que haveria de lutar e, no meu

conformismo com a sorte, a resignação necessária para que possa vir a compreender em profundidade os desígnios do Pai. Graças a Deus!”

E pôs-se a orar a prece dominical, com o coração confrangido e agradecido.

Ao abrir-se a loja, várias crianças se acercaram do bom homem. Decorara as palavras básicas da propaganda que deveria proceder de vários produtos, após sondar os desejos dos petizes e suas possibilidades econômicas. A uns oferecia sorriso largo e alegre, a outros carinhoso afago e úteis recomendações. Aos chorosos, dava logo um doce para cativar-lhes a simpatia. A todos, a mais incondicional vibração de amor.

Certa criança, contudo, observava o *velhinho* a distância, sem atrever-se a aproximar-se. De início, Juvenal, atarefado em atender aos da extensa fila, não pôde perceber o que jazia escondido atrás da pilastra. Com o esvaziamento da loja, contudo, foi-lhe possível divisar a infeliz criatura. Desceu, então, de seu trono e, trazendo consigo o saco de guloseimas, encaminhou-se para o local em que se escondia o pequeno. Este, ao perceber o movimento do venerando senhor, escafedeu-se, saindo em desabalada carreira, tornando impossível segui-lo.

Juvenal pôs-se a matutar em como iria conseguir aproximar-se da criança, uma vez que supunha que voltaria. Pensa que pensa, bolou engenhoso plano. Deixaria de exercer o papel de Papai Noel por um dia, à custa mesmo do sacrifício do salário, pediria para a firma que lhe arranjava o emprego um substituto e, em roupas civis, vigiaria o pequeno até configurar com exatidão quem era e por que não se atrevia a aproximar-se.

Dito e feito, após observar a assiduidade do pequeno, quase às vésperas das festividades, deixou outro em seu lugar e ficou a avaliar as atitudes do fujão. Notou, desde logo, que os trajes eram pobres e sujos e estranhou deveras que os guardas da segurança não o tivessem afastado do local. Procurou saber deles a razão e foi informado que o petiz conhecia todas as entradas e saídas do prédio e que sempre conseguia maneira de entrar; uma vez lá dentro, impedidos estavam de retirá-lo à força, para evitar escândalo. Por outro lado, já se havia percebido que sua única ocupação era ficar contemplando a fila dos pretendentes à atenção da gorda figura, não causando às pessoas mais que certo mal-estar. Como o público da loja era profuso e heterogêneo, conseguia a maior parte do tempo passar despercebido.

Com essas anotações, aguardou o fechamento da loja, tarde da noite e, disfarçadamente, seguiu a criança pelas úmidas vielas da cidade até perceber que se resguardava debaixo de determinado viaduto, longe dos olhos perspicazes da guarda noturna. No local, nada havia além de um caixote e de alguns trapos velhos.

Juvenal julgou que estivesse ali a oportunidade de executar a aparição real do Papai Noel.

Na noite de Natal, após convencer-se de que a criança tinha voltado à guarita, vestiu-se de vermelho, colocou enorme quantidade de agasalhos e de guloseimas no grande saco da loja, acrescentou dois ou três brinquedos baratos e aproximou-se do viaduto. Ali encontrou o pequeno largado em pesado sono. Não querendo sair sem se fazer notar, pôs-se a rir, caracterizando a personagem, para acordar o assistido.

De repente, levou tremendo susto. Por detrás, deram-lhe safanão vigoroso que o arremessou de encontro ao caixote. Aí sim, o menino acordou com o trambolhão que levou. O pobre Juvenal, acreditando em sua quimera, realmente se transformara no

benfeitor da infância, esquecendo-se da rude realidade da cidade grande. O bandido que o derrubara apontou-lhe arma de fogo e exigiu tudo de valor que carregava, inclusive a indumentária e o saco com os presentes. Quase desnudo, viu-se sozinho com o pequeno, assustado, tremendo e suando frio.

Com o estardalhaço da queda, vários mendigos despertaram e puseram-se de guarda. Como o meliante fora rápido, não houve o que fazer para alertar a polícia. Em todo caso, reuniu a pouca coragem que lhe sobrara, juntou ao muito de amor pela criança e, recomendando muita prudência a todos, retirou-se abatido, levando consigo a sua desilusão. O frustrado Papai Noel perdera a oportunidade de ouro. De qualquer modo, ao chegar em casa, encontrou a família reunida, aguardando a sua parte dos presentes. Em vão. O assaltante tinha levado tudo.

Na manhã seguinte, reanimado por sono reconfortante e pelas palavras de incentivo da esposa, pôs-se a meditar em como poderia reaver a confiança do filho na figura do Papai Noel, tão prometido e tão enaltecido. A criança era pequena demais para saber a verdade. Correu à casa do irmão e obteve empréstimo para comprar algo para o filhinho. Qual não foi sua surpresa, entretanto, ao topar com o menino da loja, que recuperara grande parte dos objetos roubados.

Quis saber dele como conseguira realizar a façanha.

— Foi fácil. Eu conhecia o gatuno e sabia onde se escondia. Fui até lá, quando não estava, e recuperei o saco com tudo dentro. Acho que ele não gostou do que encontrou.

Juvenal quis saber também como é que descobrira o caminho de sua casa.

— Faz tempo que eu venho querendo saber onde mora o homem que se veste de Papai Noel. Sempre achei que as pessoas enganam as crianças. Eu segui você várias vezes e fiquei sabendo quem era o homem da fantasia. Agora eu vou embora, mas nós ainda nos encontraremos. Adeus!

Juvenal nunca mais se esqueceu da aventura natalina e aguarda até hoje o reencontro prometido.

O ARGONAUTA

É costume antigo relatar as viagens de seres mitológicos para regiões estranhas, de sorte a estimular a fantasia, à falta das próprias aventuras acalentadas no fundo da personalidade, pois é inata a tendência de se buscar o mistério e decifrá-lo. A par, pois, das considerações de caráter filosófico e religioso, todas as pessoas encerram desejos de descobrir o desconhecido. Cada um de nós, portanto, pode ser considerado um argonauta.

Jovelino tinha em alto grau desenvolvido esse prisma de sua natureza. Munido de mapas, após minuciosos estudos das ilhas mais distantes, punha-se a velejar sozinho, organizando expedições escoteiras às mais longínquas plagas. Pode-se dizer que deixou tudo o mais de lado para aventurar-se pelos oceanos. Evidentemente, quando chegou ao etéreo, do muito que realizou, pouco sobrou para seu desenvolvimento espiritual. Não se importou, contudo, com isso, pois, se não progredia, também não sofria desditas severas, já que não desejava e não praticava o mal contra ninguém. O que mais pesava no prato dos descréditos era a indiferença à sorte dos familiares.

Tantas vezes, no entanto, internou-se na carne, que passou a conhecer os povos e as regiões como a palma de sua mão. Não fora atrevimento nosso, poderíamos até supor que não houve expedição famosa a qualquer ponto do orbe de que não tivesse participado. Em algumas, deixou em depósito os andrajos mortais, mas carregou sempre consigo as maravilhosas experiências do encontro do novo.

De volta da última investida ao mundo dos encarnados, após longas reflexões, chegou à conclusão de que nada mais havia para conhecer na face da Terra e solicitou permissão para percorrer o universo: transformar-se-ia em argonauta das esferas siderais. Por estranho que possa parecer, recebeu anuência integral e salvo-conduto que lhe permitia visitar todas as moradas do Senhor, no setor de responsabilidade das entidades galácticas. Mas, assim que se pôs a preparar-se para a primeira viagem, constatou, desolado, que não havia roteiros seguros para sequer afastar-se do âmbito do planeta.

Investiga que investiga, não achou ninguém que lhe parecesse inteiramente confiável para indicar-lhe os caminhos iniciais. Após ter vasculhado diversas bibliotecas junto às instituições educativas mais próximas do globo, verificou a ausência total de informações. Nessa pesquisa, minuciosa e séria, despendeu o equivalente a duas inteiras intenações na carne.

Meditou bastante, leu e releu os dizeres de seu documento sideral e terminou por perceber que estava autorizado, sim, a viajar, mas nada se dizia a respeito de sua categoria na ordem evolutiva. O tópico havia sido deixado em branco.

Procurou, então, aquele que chamava de assessor de viagens, seu protetor e guia, e pediu-lhe explicações.

Os informes vieram de modo a aborrecê-lo pois necessitaria, para realizar os intentos, de certos atributos que só poderia conseguir se voltasse à Terra. Avaliou a situação e propôs-se a caminhar na carne, determinado ao preenchimento do quesito em falta. Escolheu logo a profissão de professor de Geografia, crente de que seus conhecimentos poderiam auxiliá-lo a passar o tempo, já que lhe parecia impossível cumprir os objetivos específicos do encarne, ou seja, cuidar de numerosa prole e assistir a vasta família, como capitão de navio ou comandante de aeronave, por exemplo. Comprou passagem e embarcou para nova aventura, desta feita extremamente sacrificial, segundo seu ponto de vista.

Jovelino agora se chamava Oscar e tornou-se, realmente, professor de Geografia. Casou-se cedo com jovem colega de profissão e passou largos anos sonhando com o céu, observando as estrelas e cuidando de fornecer a imensa quantidade de espíritos oportunidade de ingresso na carne. Aliado ao péssimo salário o fato de a esposa não conseguir manter-se no emprego, à vista das sucessivas gestações, precisou buscar no excesso de trabalho os meios de sobrevivência física. Certo dia, cansado da labuta, pôs paradeiro à situação, abandonando o lar e deixando para depois a solução dos graves problemas que assumira. Mas a sua vida não transcorreu feliz, uma vez que seu objetivo maior não mais se situava na face da Terra. Esquecido dos compromissos, revoluteou pelo planeta até o ponto de deixar a vida pelas próprias mãos.

Foi aventura com que não contara. Tendo sobrevivido nos círculos da crosta por largo tempo, não se lembrava de ter jamais penetrado nas zonas umbráticas. Mas o seu interesse pelas novidades sofreu abalo muito profundo, pois o que lhe era tranquila e imperturbada vilegiatura nos tempos antigos, quase diríamos morna felicidade, se transformou em angustiada peregrinação. Sofreu inúmeros percalços em seu desejo de safar-se dos liames com os que o procuravam, cobrando-lhe a prometida assistência, e hoje clama pelo orientador, para explicar o que lhe acontece.

Vai ser preciso muito navegar nas águas revoltas das provações terrestres para receber no passaporte o visto de saída para as regiões siderais.

A HORA DO AJUSTE DE CONTAS

Anacleto era dono de mercearia. Através de trabalho operoso, logrou fazer seu estabelecimento crescer, de forma que, após certo tempo de dedicação e esforço, construiu extenso prédio em que instalou completo supermercado.

Seus fornecedores eram pessoas honestas que procuravam favorecer-lhe o comércio em bases honrosas para os proprietários das firmas e de forma benéfica para a clientela. Contudo, tinha Anacleto de enfrentar certo problema de caráter moral que provocava na concorrência. Devido à modéstia dos lucros individuais, conseguia movimentar grandes somas em dinheiro, em razão do alto volume das vendas. Isto era difícil de ser compreendido pelos que ambicionavam lucros mais ativos, como diziam, ou seja, ganhar o mesmo, despendendo menor capital de giro e procedendo a número bem inferior de transações, de sorte a diminuir a quantidade de funcionários, o que reduz a despesa interna, repercutindo de modo favorável no montante do lucro.

Mas nós não estamos aqui para ensinar as bases do comércio ao digno leitor, a menos que se veja envolvido nas malhas das recriminações dos adversários, como o pobre e sofrido Anacleto.

Estendendo os negócios, precisou confiar em que diversas pessoas gerenciassem os vários setores das atividades. Com clarividência, conseguiu fazê-los entender seus objetivos, de sorte que o supermercado se transformou em extensa rede de lojas, a abrigar milhares de funcionários.

Dia houve, entretanto, em que seu desdobraimento à testa dos negócios lhe causou estafa imensa, de modo que, por recomendação médica, precisou ceder à pressão das necessidades orgânicas, ampliando o quadro da diretoria. Ora, entre as pessoas convocadas para o auxílio direto, nem todos comungavam dos mesmos preceitos organizacionais do operante trabalhador. De início, fingiram aceitar com boa vontade as normas estabelecidas, mas, com o acréscimo de responsabilidade e de atribuições, foram tomando iniciativas no campo administrativo da empresa, de modo que, aos poucos, a concorrência pôde ir restabelecendo-se, dados os constantes fracassos dos novéis diretores.

Anacleto não interferia mais diretamente nos negócios, ficando impossibilitado de vigiar de maneira estreita as atividades de cada um dos auxiliares. Os números eram altos e

os lucros correspondiam às expectativas, de sorte que o que deveras ocorria nas lojas ficava fora do controle do dono.

Certo dia, no entanto, ao cruzar o pátio da empresa, observou aglomeração de funcionários. Sem ser reconhecido, pois se conduzia na vida particular com toda a modéstia, infiltrou-se por entre os reunidos e passou a ouvir o que estavam confabulando. Era armação de *parede* por reivindicações várias, inclusive de pagamentos atrasados e vantagens legais esquecidas.

Muito se admirou o velho homem do que ouviu. Perlustrou os escritórios contábeis da firma contratada para gerir a parte administrativa e de pessoal e lhe foi informado que as medidas relativas aos funcionários tinham partido de determinado gerente.

Subiu ao gabinete e providenciou imediata convocação de todos os auxiliares. Estarrecido ficou quando percebeu que na casa se encontravam tão só dois dos quinze, ali por injunções contratuais com fornecedores que haviam apazado data para serem recebidos.

Incontinênti, chamou sua secretária particular e, com lágrimas nos olhos, ditou várias cartas de dispensa, ao mesmo tempo que informava à família a decisão de transferir a gerência geral para o filho mais velho, que seguira o pai no comércio, mas que se instalara em outro ramo, onde fora bem sucedido. Outra decepção. O filho, que jamais desejara magoar o pai mas que conhecia o estado calamitoso da empresa, recusou-se a aceitar o empreendimento, recomendando que se descobrisse meio idôneo de se passar adiante a firma, embora o negócio pudesse vir a ser catastrófico para os bolsos da família.

Anacleto não atendeu o rapaz. Imaginou, então, meio mais salutar de sair dos negócios. Não lhe foi difícil conceber engenhosa maquinação para que a firma não se descaracterizasse. Mandou trazer-lhe à presença todos os demitidos, reintegrou-os nos postos e lhes deu atribuições bem mais abrangentes. A partir daquela data, todos seriam sócios. Receberiam quotas iguais da sociedade anônima que então se formava, com a condição única de firmarem compromisso de que a razão social seria preservada e de que sua parte do negócio fosse intransferível por vinte anos. Para si, Anacleto reservou pequena quantidade das ações, que lhe garantiriam a sobrevivência através da distribuição dos dividendos. E se retirou definitivamente para a vida particular.

No entanto, todo dia visitava as lojas da cidade em regular roteiro de peregrinação, para saber dos empregados, sempre disfarçadamente, quais as reivindicações de cada um. Por força de diversos dispositivos contratuais, estavam garantidos contra a ganância dos novos proprietários. E foi assim que pôde acompanhar as conquistas que os humildes auxiliares iam obtendo no campo da assistência social e médica, bem como os acrescentamentos salariais.

Chegado à extrema velhice com o espírito lépido como na primeira hora, em quente tarde de verão, entregou a alma a Deus, abençoado a distância por imensa coletividade resguardada por seu tirocínio e boa vontade.

Era chegada a hora da prestação das contas. Acostumado aos extensos relatórios anuais, em que, item por item, enumerava cada tópico, cada mercadoria, cada compra e cada venda, Anacleto dispôs-se a longamente discorrer a respeito de suas realizações de vida. Sempre cuidara da parte espiritual, assíduo frequentador de importante centro espírita, mas, no fundo da consciência, temia que o seu ramo de atividades estivesse um

pouco distante das verdadeiras virtudes, já que mercadejava e não produzia, já que negociava e não simplesmente abria as portas das lojas, para que o povo mais humilde pudesse abastecer-se de graça. Achava, em sua mentalidade de negociante, que sua alma iria sofrer certos abalos na valorização dos méritos e determinados acrescentamentos na área dos defeitos. Confiante, porém, iniciou a longa exposição.

Entretanto, foi surpreendido por fato inédito: conseguiu expor toda a longa série de tópicos em átimo de segundo, sem deixar qualquer deles de fora. Sua defesa foi rapidíssima e de pronto recebeu a nota faturada das aquisições: retornaria, imediatamente, ao mundo da carne para ensinar aos mortais como deveriam proceder para se alçarem ao reino de Deus, mesmo dedicando toda a vida ao comércio dos bens terrenos.

Hoje, Anacleto luta para estabelecer, em certa capital brasileira, modesta casa de armários.

O MÉDIUM CHORÃO

— Quando o médium chora diante de sua pequenez, na expectativa de receber mensagem que lhe parece elevada demais para o estágio moral de que se compenetra, é índice seguro de que seu trabalho frutificará e de que obterá o amparo necessário para progredir e poder, um dia, chorar de novo, mas em agradecimento por ter-se soerguido e merecido ombrear-se com os mestres e protetores. Fique, portanto, tranquilo, caro amigo, que você está trilhando o caminho certo.

Ananias ouviu a explanação do amigo da espiritualidade, dita através da mediunidade de um dos companheiros e, feliz, enxugou as sinceras lágrimas.

Paulo, entretanto, que nutria com relação ao irmão certo *respeito* exagerado, para não dizer ciúme e inveja, sentiu-se diminuído por não ter sido apaniguado por nenhuma palavra de conforto, muito embora fosse o que mais largamente desse vazão às lágrimas. Tinha até o apelido carinhoso de Chorão, tanto se emocionava com os dizeres dos guias e protetores ou de qualquer outro espírito que se manifestasse sofredor ou em desajuste doloroso. Mas sua têmpera não havia sido conseguida ainda nas fornalhas das lutas e das dores, pois tudo na vida viera-lhe facilmente, por meio de boa fortuna e de sorte invejável. Ele, sim, tinha vida insofrida, cheia das felicidades mais plenas, quer no sentido material, quer no familiar e mesmo no pessoal, dotado que era de inteligência desenvolvida. Faltava-lhe acrisolar a alma no cadinho das infusões emocionais, mas não se resolvia nunca a acender o fogo purificador.

Naquele momento, as lágrimas voltaram a rolar pelas faces e pôde entrever nas palavras do amigo espiritual o caminho certo que deveria seguir.

À noite, no leito, pôs-se a meditar a respeito dos sucessos mediúnicos e teve forte intuição de que deveria entrar em contacto com seus protetores, diretamente, pois os pressentimentos da sessão estavam firmemente impregnados na mente. Ofereceu-se para transporte e, durante o sono, pôde entrar em contacto com os guias e demais artífices de seu roteiro de vida. Expôs, então, à minudência, o plano de rever os objetivos da vida, para poder estancar as *lágrimas de crocodilo* que deixava rolar à toa, para transformá-las, se possível, em lágrimas de amor, de confraternização e de agradecimento.

— Caro amigo, disse-lhe o anjo guardião, você tem levado vida fácil em todos os aspectos. Mesmo quando as atividades mediúnicas poderiam exigir-lhe certos sacrifícios,

até mesmo nesses momentos você obtém tudo de graça, pois a magnetização lhe é enormemente facilitada, segundo as normas contratuais que estabelecemos. Quer você alterar o rumo da vida. Ponderou bem a respeito dessa decisão, pois o que lhe será oferecido pode representar algo para o que você não vem preparando-se?

— Certamente, irmão. Só o que lhes peço é que as transformações sucedam intimamente, para não serem perturbados os projetos de vida daqueles que subiram comigo à crosta e que de mim dependem para o sucesso de seus encarnes. O que me tem atormentado é saber que as lágrimas não são sinceras e isto está a evidenciar, com toda a clareza, que meus instintos estão muito próximos da animalidade inferior. Capaz fui de absorver toda a teoria espírita e trabalhar procurei com denodo, apesar de nada disso representar qualquer sacrifício para mim. Quero, agora, demonstrar desprendimento, pois tudo o que fiz na vida foi meramente contrabalançar de modo irregular tudo de bom que obtive.

As razões de nosso Paulo foram levadas na devida conta e obtive o favor mui especial de poder recordar-se do *sonho*, quase inteiramente. Ao acordar, adquiriu a consciência de que iriam acontecer-lhe fatos novos, que o fariam compenetrar-se de que deveria mudar de atitude e de que precisaria corrigir os defeitos morais. Veio-lhe até ao pensamento o fato de que a transformação das lágrimas pudesse ter sido o resultado de inveja e de ciúme, tendo sentido certo calafrio íntimo, por compreender a extensão dos males a serem derrotados. Confiou, entretanto, em que os guias iriam ajudá-lo e ficou atento para as ocorrências do dia.

Mas o tempo foi passando sem grandes alterações. Uma hora chovia, os rios transbordavam, mas as suas propriedades não eram atingidas. Certa feita, houve grande estio, que dizimou vários rebanhos, mas as nascentes de suas fazendas não secaram e pôde vencer o cataclisma sem preocupação. As suas comunicações no centro eram tranquilas, por mais fosse agressivo o espírito comunicante, sinal evidente que o magnetizador havia trabalhado bem. Os filhos progrediam na escola, a esposa transbordava em carinhos e em amor, os pais serenamente curtiam feliz aposentadoria, os irmãos viam os negócios crescerem e tudo se repetia invariavelmente, sem qualquer perspectiva de que o seu pedido estivesse em vias de ser atendido.

Certa noite, durante sessão bastante conturbada de desobsessão, recebeu a visita de seu instrutor espiritual, que, por seu intermédio, fez longa exposição a respeito dos cuidados que os médiuns deveriam tomar para não se deixarem envolver pelos eflúvios maléficis dos sofredores que não tinham tido oportunidade de aprender os ditames evangélicos. Ouviu-se ele, claramente, a enunciar o nome do *desafeto*, o amigo Ananias, sendo citado como exemplo de quem havia progredido em sua mediunidade, através do crescimento do domínio sobre os males que o afligiam. Não se tratava, propriamente, de elogio, mas de modelo a ser seguido. Ao perceber que a fala estava sendo direcionada para o louvor ao trabalho do amigo, confrangeu-lhe o coração, mas não sofreu o impulso vibratório, dando fluência à comunicação, embora lamentasse, lá no fundo, que o fato não estivesse ocorrendo ao contrário, mesmo porque, argumentava, a comunicação tivera sido sóbria e sua atitude ajudara a restabelecer o equilíbrio fluídico e magnético dos trabalhos.

Ao final da reunião, os companheiros não pouparam elogios à sua compostura mediúnica, tendo ficado imensamente feliz por ter tido crédito junto aos irmãos encarnados. Faltava-lhe o reconhecimento do plano espiritual.

“Contudo”, refletiu, “devo estar sendo testado, pois não haveria outra razão que justificasse o fato de ter sido eu mesmo o comunicador dos elogios.”

Resguardou-se de ver nas palavras do orientador outra intenção e pôs-se de sobreaviso de que algo havia mudado em seu destino. Certamente, iniciar-se-iam agora as alterações em seu plano de vida.

Mas o tempo não se fez de rogado e foi passando prazerosamente. Paulo continuava derramando lágrimas em abundância, mais por força do hábito do que por sentimentos que o comovessem e perturbassem. Era o *Chorão* de sempre.

Nesse meio tempo, Ananias desencarnou e o seu êmulo nas reuniões deixou de existir. Ele mesmo foi envelhecendo, foi compreendendo melhor os fatos da vida, foi inteirando-se dos reais sofrimentos alheios, até que, certa feita, notou que o lenço naquela sessão não lhe saía do bolso. Pela primeira vez, não vertera lágrima nenhuma, embora as manifestações estivessem pelas raias das dores mais atrozes. O fato foi notado pelos companheiros de tantas jornadas, os quais teceram vários comentários jocosos, sem qualquer sentido ofensivo. Estimavam-se e, por isso, podiam aceitar as brincadeiras uns para com os outros, mesmo porque Paulo era o que mais mexia com os parceiros. Essa saudável convivência estendia-se pelas famílias e todos sempre confraternizavam os sucessos evangélicos, ora na casa de um, ora na de outro.

E o tempo seguiu seu percurso, inexorável e inflexível. Paulo viu os pais expirarem sem dor ou sofrimento. A esposa também partiu, após breve infecção pulmonar. Alguns outros parentes próximos também foram seguindo seus destinos. Os filhos lhe deram netos lindos e saudáveis, cumpridores das obrigações. Já se prenunciava a vinda do primeiro bisneto, quando Ananias se manifestou pela primeira vez, na qualidade de espírito autorizado pelas entidades responsáveis pelo centro, para saudar os velhos amigos. Lembrou-se de todos e citou-os nominalmente. Ao se referir ao nosso Paulo — é interessante notar que através de médium que desconhecia o relacionamento anterior da entidade com o centro —, chamou-o pelo carinhoso apelido de *Chorão*, nome totalmente esquecido há diversos anos. Naquele momento, verdadeiras lágrimas de muito amor, confraternização e agradecimento escorreram dos olhos de todos, especialmente da personagem principal. Aí ouviu-se a recomendação do amigo:

— Quando o médium, consciente de sua inferioridade, deixa correr lágrimas de muito amor e agradecimento por suspeitar de que não seja merecedor do apanágio de servir para a manifestação de espíritos de tanta luz, é sinal inequívoco de que está crescendo em virtudes e que, em breve, poderá ombrear-se com os mestres e guias. Fiquem, portanto, na paz do Senhor!

Naquele momento, Felisberto, recém admitido junto à mesa na qualidade de médium, olhou de soslaio para o ancião, que há tanto tempo vinha servindo à casa, e enxugou furtiva lágrima, que lhe teimava em escorrer, e prometeu de si para consigo que, naquela noite, iria transportar-se para o etéreo, a fim de modificar seu projeto de vida.

A HISTÓRIA DE FELISBERTO

Encerramos o conto anterior com a figura de Felisberto prometendo ao Senhor solicitar alteração de rumo, para livrar-se de certo mal que o fazia verter furtivas lágrimas irrefreáveis.

Felisberto, naquela noite, chegou a casa, mas esqueceu-se da propositura, tendo encontrado o lar revolucionado por impensada atitude do filho mais velho, que se sentia coagido a manter-se sob a tutela paterna, tendo em vista não ter ainda independência financeira.

Naquela noite, discutiram longamente a respeito da necessidade absoluta de todos na casa assumirem papéis responsáveis, de modo que todos deveriam cuidar de seus haveres e preservar os coletivos. Eufrásio queria, no entanto, fazer só o que lhe desse na telha, assíduo frequentador que era dos bailes e dos vícios adjacentes. Para isso, não podia sentir-se inferior aos colegas e amigos, que portavam recheadas carteiras. Estava sentindo-se diminuído mas não arredava pé do conforto de ter a roupa limpa e arrumada, a comidinha apetitosa e o bolso polpudo. Se lhe falhasse a roupa ou a comida, reclamaria igualmente.

Felisberto só não o expulsou de casa por conhecer a vida e saber que muito penosa haveria de ser a situação de quem, despreparado para tudo, não teria como sobreviver. Engoliu mais um sapo e destinou todas as preces noturnas à família, especialmente ao filho arredo. O seu projeto ficou esquecido.

Em breve, a solução para o filho foi encontrada, tragicamente, na ponta de afiado punhal. Acostumado à controvérsia, incentivou os pruridos do amor-próprio de marginal desconhecido e teve, por prêmio da ousadia, duas certas punhaladas no baixo-ventre. Viveu algumas horas para presenciar o desespero dos pais e entregou a alma a Deus.

Felisberto, lá no fundo da consciência, repelia a ideia de que tal fim lhe punha término aos pesadelos, pois, embora algo lhe dissesse que a vida iria tranquilizar-se, achava que fora mau pai por não ter podido indicar ao filho o caminho da verdade, da honestidade, do trabalho e do amor.

Voltou às atividades mediúnicas, na esperança de poder, um dia, receber comunicação do filho, para avaliar com ele se o trabalho que desenvolvera para sua educação fora frustrado por razões cármicas ou por ter falhado redondamente.

Tal como para o nosso Paulo, também para Felisberto o tempo foi passando. Tendo ambos estreitado os laços de amizade por força da dor compartilhada e do conforto não negado, mesmo porque para Paulo parecia que o trabalho não se completaria na Terra se não desse integral explicação ao dilema do amigo, puderam estabelecer rígido contrato espiritual, segundo o qual aquele que partisse primeiro viria contar as novidades ao outro. Ora, Paulo era velho octogenário, lúcido e forte, vivido e experiente nas coisas do mundo, mas perfeitamente integrado ao campo espiritual, de sorte que, chegada a hora, se configurou súbito mal-estar, se deu o aneurisma e ele partiu para o etéreo.

Felisberto, moço de seus quarenta e cinco anos de idade, ficou na expectativa da comunicação do amigo. Este, passados os primeiros tempos da devida readaptação ao ambiente espiritual, lembrou-se dos diversos compromissos para com os amigos e pôs-se a investigar o paradeiro de Eufrásio. Os parceiros do etéreo conheciam toda a história, mercê da íntima convivência com ambas as entidades, por força dos relacionamentos mediúnicos, e não se fizeram de rogados, narrando todos os acontecimentos ao venerando senhor. Diante de sua perplexidade por não terem revelado ao pai sofrido a verdade dos fatos, obteve por resposta que todos estavam impedidos de relatar ao encarnado o que ocorria com o filho: fazia parte de sua provação. De resto, subjetivamente, muitos dos fatos lhe tinham sido passados nas estadias sonambúlicas junto aos orientadores. Paulo ficou cabisbaixo por uns tempos, pois se julgava precipitado ao ter prometido as informações ao caro confrade.

Certa ocasião, na oportunidade da presença do amigo em espírito durante o sono, confraternizaram-se largamente e pôde ser desobrigado da promessa, tendo em vista que, por via intuitiva, pôde Felisberto captar as condições adversas do desabrido filho e as possíveis restrições à comunicação. Conformou-se.

Mas os acontecimentos tiveram desdobramentos inesperados. Por ocasião do julgamento do criminoso, apanhado pela polícia em flagrante delito e reconhecido por testemunhas, o advogado de defesa opôs imensos obstáculos à culpabilidade do indiciado, fazendo crer ao corpo de jurados que a vítima é quem portava a arma e que o que o réu só fizera, a muito custo, foi desarmar o desafeto, ferindo-o em legítima defesa.

Insurgiu-se contra a exposição de motivos o nosso Felisberto, não acreditando que a argumentação se fundamentasse em qualquer evidência. Entretanto, as testemunhas de defesa propiciaram razões de sobra para justificar a reação do criminoso, de modo que a pena que lhe foi cominada se reduziu consideravelmente, diante da expectativa da família da vítima.

Eufrásio, errático no espaço espiritual, pôde observar tudo o que se passou no tribunal, insuflando na mente permeável do pai inúmeras vibrações hostis contra a figura do criminoso. Crendo-se injustiçado e cego pelo desgosto incrementado de arrependimento e insegurança, passou a arquitetar plano de desforra, que levaria a cabo assim que o marginal se visse livre da prisão.

Tais deliberações não passaram despercebidas do plano espiritual, tendo-se encarregado o bom amigo Paulo de dissuadir o ofendido progenitor do intento criminoso.

Pôs-se a observar inicialmente o amigo e acabou por descobrir que sua principal falha moral era justamente o egoísmo, que o fazia invejar profundamente a todos os que, de alguma forma, demonstravam felicidade. Os que sofriam não lhe causavam pena, pois dizia que o peso da carga estava diretamente condicionado à capacidade que todos temos de proceder em falta para com o Senhor. Incapaz era de perceber que os apaniguados tinham feito por merecer a atual situação.

Paulo imaginou, então, que o melhor meio de se chegar positivamente ao amigo era através do deslumbramento mediúnico, para incitá-lo à reflexão, momento em que iria influenciá-lo por via intuitiva.

Assim imaginou e assim procedeu. Durante certa sessão de efeitos físicos, tomou a figura do Eufrásio e apresentou-se ao pai desesperado. Nada disse, mas o estado de comiseração que deixou impresso na mente do infeliz fazia-o sentir calafrios de horror.

Tudo que conjeturou deu certo. A partir daquele dia, Felisberto pôs-se a meditar profundamente a respeito da necessidade da vingança. Assíduo frequentador dos cinemas do bairro, o que mais via nas telas era o desforço vingativo das criaturas, seja lá por dá cá aquela palha, seja por hecatombes, holocaustos e genocídios. Tudo o estimulava para pensar seriamente nas consequências morais para aqueles que praticavam o ato da vindita. Na hora do estudo, coube-lhe, ao acaso, abrir *O Livro dos Espíritos*, e lá encontrou as respostas dos espíritos às questões sobre a honra e a dívida de sangue. Na semana seguinte, ao abrir *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, leu as recomendações do Cristo a respeito do amor aos inimigos. E assim ocorria a cada página aberta, a cada pregação ouvida. Certa feita, ao ser conclamada a presença do orientador dos trabalhos do centro, teve de ouvir extensa preleção moral a respeito dos deveres do homem para com o Criador, tendo-se estendido largamente o doutrinador a respeito da figura de Caim.

Preocupado com os sentimentos e com as graves consequências advindas dos atos intempestivos dos criminosos, acabou por perceber que deveria pedir perdão por ter passado por fase tão injusta com relação ao Criador, que tudo lhe estava proporcionando de bom, enquanto ele premeditava cometer crime tão hediondo. Paulo fez-lhe ver que o desejo de se tornar igual ou melhor que os demais não se coadunava com o insólito espírito de vingança, que lhe havia sido insuflado pelo desassisado filho, o qual fora afastado desde logo de perto do pai.

Uma noite, quinze anos depois do início dos acontecimentos narrados, lembrou-se das furtivas lágrimas e da intenção de consultar os espíritos a respeito da mudança de rumos da vida. Refletiu que os fatos estavam a indicar que tudo o que desejara lhe fora propiciado a pedido seu. No entanto, não ficou contente com sua conclusão, pois achou que, se, de fato, tudo se devesse à sua iniciativa, os espíritos tinham ido muito além do necessário. Dispôs-se, então, a encontrar-se durante o sono com os amigos da espiritualidade.

Assim que adormeceu, foi-lhe o espírito conduzido à presença dos protetores, entre os quais se via Paulo, o amigo de antigamente. Às suas observações, foram-lhe proporcionadas largas explicações, dentre as quais avultava o fato de que os cuidados de que havia sido alvo e dos quais nem suspeitara eram concludente prova de que estava recebendo toda a assistência possível e que o mais deveria correr por sua conta.

Acordou tranquilo, desejando reatar todos os vínculos despedaçados por longos anos de angústia e dor. Primeiramente, lembrou-se do filho e, ali mesmo no leito, invocou-lhe a presença para suplicar-lhe entendimento e compreensão para a antiga falta de resignação diante das tribulações que lhe causava. Prometeu-lhe dar nova oportunidade de reencarne acolhedor em futura encarnação.

Mais tarde, foi em busca do marginal, para fazer chegar a ele vibração de perdão e comiseração. Achou-o preso incomunicável em cela forte de prisão de segurança máxima. Não tendo como fazer chegar, de viva voz, a atual disposição moral a respeito da infortunada criatura, estabeleceu intensa correspondência, terminando por oferecer-lhe pequena biblioteca espírita, sem deixar, contudo, de orientar-lhe a leitura para a compreensão das verdades básicas do espiritismo, no intuito sério de evangelização. A princípio, o infeliz espantou-se com a atitude do pai do desafeto, mas alguma luz se fez em seu espírito, de modo que pôde dedicar alguma atenção às noções básicas que lhe estavam sendo passadas. Não fora o instinto animalesco estar absurdamente desenvolvido e incitado pelas condições do presídio, por certo algum aproveitamento poderia ter sido conseguido do esforço de Felisberto.

O tempo passa para todos e, certo dia, após bela palestra do instrutor da sessão cujos trabalhos presidia, notou certa senhora enxugando teimosa lágrima furtiva.

COBIÇA E DESAMPARO

Armando era um pobre coitado que vivia muito mal, mercê do pouco ganho que conseguia em mísero emprego de pequeno funcionário público. Cobiçava, é certo, progredir na carreira, mas não tinha ânimo para executar qualquer ato que o elevasse na vida. Se lhe diziam que tal ou qual curso lhe poderia favorecer determinado ganho extra, desculpava-se, dizendo não ter tempo ou dinheiro ou disposição. Ultimamente, à vista das possibilidades de ser dispensado de parte do serviço para efetuar os cursos gratuitos ministrados pelo estado, passou a dizer-se pouco apaniguado quanto à inteligência.

Certa feita, como medida para avaliar-se a estrutura mental do pessoal administrativo, com a finalidade de oferecerem-se cargos mais relevantes e de maior responsabilidade, os quais, evidentemente, eram bem melhor remunerados, procedeu-se ao teste da inteligência de todos os funcionários do setor. Ignorando para que seria o teste e prevendo mais cursos e atribuições, Armando decidiu deixar de responder corretamente a determinados quesitos cujas respostas era bem capaz de conhecer e de intuir. Calculou mal, foi-lhe configurada condição de inferioridade intelectual e só não foi rebaixado porque a lei impedia remanejamento para funções menores com a preservação do salário. O perigo, não conheceu mas a situação de diversos colegas promovidos evidenciou-lhe que falhara na previsão de maiores sacrifícios. Uma pontinha de despeito apareceu-lhe no coração. Perdera a oportunidade de ouro.

Vamos encontrar Armando mais velho e mais experiente, membro efetivo de certa casa socorrista, onde, após a aposentadoria, sem ter o que fazer, ia *espairecer os bons fruídos*, como costumava dizer. Não era tudo que aceitava fazer. Achava certas tarefas por demais cansativas e outras extraordinariamente complexas, mas ambicionava um dia poder fazer parte da diretoria, chegando mesmo a sonhar em presidir a organização.

Em casa, punha-se a meditar no que deveria fazer para conseguir projeção no ambiente do socorrismo. Se pensava em expor a ignorância junto aos estudos, arreceava-se de ser mal visto e, portanto, iria ser excluído dos cargos de responsabilidade. Se pensava em comparecer a todas as atividades socorristas, dizia logo que iriam considerá-lo ambicioso (*o homem revela-se pelo que faz*) e o impediriam de açambarcar o lugar dos companheiros. Se meditava a respeito de oferecer os préstimos junto às mesas do socorrismo espiritual, logo opunha resistência, imaginando-se às mãos de seres

desqualificados e obsessores. Enfim, por mais que reflexionasse sobre o que fazer para gerenciar algum setor importante do centro, sempre esbarrava com seus cuidados extremos e seu medo de ter de batalhar demais para conseguir pouca coisa. Queria que lhe caísse do céu.

Certa ocasião, o centro organizou extenso programa de assistência aos desamparados, precisando de entrevistadores para catalogar as famílias de acordo com as necessidades mais prementes. Armando desconfiou de que as atribuições seriam demasiado cansativas e ficou de cama durante todo o período em que se dariam as entrevistas, *debaixo de forte gripe*, como afirmou ao retornar às lides no centro. Ficou sabendo que tinham tido imenso sucesso e que vagara o cargo de diretor social, uma vez que o encarregado se mudara para outra cidade. Soube também que seu nome fora cogitado mas que, devido ao imediatismo da decisão, o cargo tinha sido preenchido por outro companheiro do grupo. Marejaram-lhe os olhos, mas disfarçou, responsabilizou a gripe e foi curtir a mágoa em casa.

Ainda mais avançado em idade, já septuagenário, vamos encontrar-nos de novo com Armando, na presidência do centro espírita. Que poderosa transformação ocorreu para ser guindado a tão elevadas responsabilidades?

Armando havia encontrado a paz na loteria. Pouco depois dos insucessos nas tentativas de subir de posto na instituição, logrou acertar todos os números da Loto. Pegou o primeiro prêmio absolutamente sozinho. De início, imaginou que iria gastar todo o dinheiro em benemerência, já que era só no mundo. Hesitante e desconfiado, nunca se permitiu apaixonar-se e, portanto, não constituiu família. A que tinha antes desvaneceu-se no tempo. Seu isolamento impossibilitava-lhe saudável troca de ideias com os reais amigos que constituem a parentela consanguínea e nenhuma companheira havia partilhado qualquer sofrimento ou ansiedade íntimos.

Mas os ensinamentos evangélicos estavam-lhe incrustados na mente. A custa de tanto ouvir a pregação dos irmãos e de afadigar-se durante as leituras preliminares das sessões de *passes*, compenetrava-se de algumas verdades que o impediam agora de exercer livremente a vontade.

Seu maior desejo era ser presidente da instituição, mas isso antes de receber os vários milhões. Agora que estava rico, não sabia em que aplicar o dinheiro. A primeira intuição foi logo perturbada pelo sonho de sua vida: se fizesse a distribuição dos bens, ganharia projeção e isto, de certa forma, corresponderia a adquirir sem esforço o que, sabia bem, só poderia ser conquistado por extrema dedicação ao trabalho. Hesitava mais uma vez.

O dinheiro ficou depositado no banco por largo tempo. As pessoas desconheciam esse pecúlio e continuavam tratando-o como habitualmente. Nada se alterou em sua vida. No dia do pagamento dos proventos da aposentadoria, lá ia enfrentar a velha fila, curtindo os poucos relacionamentos que lhe restavam.

Após alguns anos nessa situação, concluiu que o dinheiro que lhe havia sido propiciado pelo prêmio lotérico só poderia ter sido motivado por princípios espirituais, para constituir-se em mais uma provação. Tanto removeu o cérebro que acabou percebendo que

isso significava, simplesmente, o amparo superior para fazê-lo meditar a respeito de si mesmo e da vida que levava.

Deixou entesourado o dinheiro e passou, aos poucos, a enfrentar as responsabilidades na companhia dos irmãos socorristas. Começou por realizar pequenos serviços que demandavam conhecimento de escrituração, seu antigo ramo profissional. Depois, foi galgando outras tarefas, culminando por, certa feita, ter realizado palestra a respeito do trabalho e do trabalhador, em que enfatizava a necessidade do sacrifício para a conquista dos pontos precisos para a elevação de categoria na escala evolutiva. Os velhos companheiros extasiavam-se com a transformação, pois conheciam-lhe as artimanhas para fugir ao serviço, e agora se admiravam a cada novo pedido de mais e mais atribuições.

Passou por todos os setores das atividades, desde a organização de festas para arrecadação de fundos até a discussão dos projetos para os cursos de assistência às gestantes e parturientes. O homem se tornou estudioso e toda sua matreirice foi canalizada para a consecução dos objetivos. Finalmente, chegada a hora da desativação da anterior diretoria, foi proposto o seu nome para a presidência. Estranhamente, recusou-se a aceitar, pretextando compromissos com diversos cursos que estavam sendo ministrados. Em suma, para fazê-lo presidente da entidade, foram necessárias mais cinco substituições de diretoria e só aceitou mediante o argumento de que iria ter de fazê-lo um dia, para poder dignificar-se com o trabalho.

Relutou mas aceitou. Causava-lhe a relutância o fato de ter tanto cobiçado aquele posto, o que lhe imprimia na consciência certo tremor culposo. Predispô-lo à aceitação o fato de ter ouvido o protetor, durante sonho revelado, que iria deixar o plano dos mortais dentro em breve. Sendo assim, morreria no gozo intelectual de ter conseguido pelo trabalho o que tanto sonhara, sem que tentado fosse a glorificar-se no posto preeminente, fonte de tentações.

De fato, não tardou e Armando deixou a companhia dos vivos, conturbando ainda mais os amigos, pois, em longa carta, lida por seu advogado para toda a diretoria reunida, legava a pequena fortuna ao centro, sem condições. Dava de graça o que de graça havia recebido.

Hoje, Armando prepara-se para reencarne reparador. Havia combinado com algumas entidades irmãs que se responsabilizaria por seu crescimento na carne; é chegada a hora de cumprir os compromissos.

Terá o irmão sucesso no novo empreendimento? Conseguirá suplantar as hesitações e preconceitos? Terá aprendido, finalmente, o valor das virtudes evangélicas?

Como nas novelas radiofônicas de antanho, estamos prometendo para o próximo episódio a continuação da história.

O MÉDIUM MECÂNICO

Eugênio pôs-se a duvidar da própria mediunidade. Fazia anos que se dedicava aos apanhados de comunicações das mais variadas entidades, mas, no fundo da mente, subjazia-lhe a desconfiança de que tudo pudesse nascer de sua inteligência desenvolvida ou de sua imaginação esplendorosa. Gostaria, de todo o coração, que as comunicações lhe chegassem em estado sonambúlico, para ter a certeza de que em nada contribuiria para, pelo menos, adulterar o teor das mensagens.

Certa feita, veio-lhe ao bico da pena longa narrativa a respeito de médium mecânico ávido por tornar-se consciente porque, pensava a personagem, poderia sentir o pulso aos interlocutores, prover-lhes da força magnética adequada, conhecer-lhes os impulsos vibratórios, estar em estreito contacto com as entidades, podendo, conforme o caso, até estabelecer conversação, de sorte a facultar-lhes a apreciação dos pensamentos, das provas e contraprovas a respeito de temas controversos, em suma, o poder de se manter lúcido para a compreensão da verdade.

Eugênio extasiou-se com a historieta que escreveu, principalmente por estar em clara oposição a tudo o que almejava. Pôs-se, então, a meditar a respeito das razões aventadas no conto para transformação do médium mecânico em consciente e sentiu que, ao ter escrito a narrativa, o que mais fizera foi mecanicamente apanhar o ditado, concomitantemente à compreensão dos dizeres e das frases, longe, no entanto, de entender até que ponto a bela história poderia ser-lhe útil à meditação. Convenceu-se de que sua pena tinha faculdades diversificadas, pois, embora plenamente consciente do apanhado do ditado, das falas das personagens, das exposições de carácter moral, ao contrário da conjectura da personagem, não tinha lucidez suficiente para total apreciação a respeito do valor do texto, no momento da transmissão.

Julgou-se, portanto, apaniguado diante de si mesmo e, resoluto, prosseguiu no cumprimento das tarefas medianímicas, sem deixar de agradecer profusamente aos amigos da espiritualidade que o assistiam e lhe guiavam a mão.

Ao mesmo tempo, passou a dedicar-se com mais afinco ao estudo de *O Livro dos Médiuns*, ficando estupefacto quando, diante das assertivas dos espíritos reproduzidas por Kardec, percebeu que era dotado da mediunidade mais procurada e estimulada pelos espíritos superiores. Surpreendeu-se por não ter posto reparo naquele capítulo quando da primeira leitura e deixou, definitivamente, de querer ser médium mecânico, principalmente

por ter tido conhecimento de que tal espécie de trabalhador necessita, de qualquer forma, estar em dia com os temas a serem desenvolvidos e de que há maior dificuldade para os espíritos em efetuarem as manifestações através desse instrumento.

Achou ótimo tudo o que leu, assimilou os conhecimentos e esqueceu-se das antigas pretensões, prosseguindo em seu trabalho de modo imperturbável.

Após longos dez anos de atividades, um belo dia, sem aviso prévio, em plena sessão de doutrinação, surpreendeu a mão escrevendo automaticamente, sem que nenhum esforço mental correspondente a tal comando estivesse sendo exercido por ele. Muito se admirou do fato. De início, curioso, passou a ler o que se registrava, mas, na semi-obscuridade, mal conseguiu decifrar algumas palavras, sem conexão frásica, tal a algaravia que estava produzindo. Intentou concentrar os pensamentos nos dizeres, mas lhe foi impossível concatenar qualquer ideia que resultasse em expressiva mensagem. Decidiu, então, voltar-se para outro lado, observando o que os parceiros estavam fazendo, e pôde perceber todo o bulício silencioso dos lápis deslizando por sobre as folhas de papel. Enquanto isso, a sua mão prosseguia célere, preenchendo folhas e mais folhas. Fechou os olhos e tentou entrar em contacto com o orientador espiritual. Este não se fez de rogado e ambos mantiveram valiosa palestra a respeito das virtudes necessárias para o progresso evolutivo, dedicando o mentor especial atenção para as leis do amor e do trabalho.

Finda a sessão, todos ficaram curiosos para com o fato novo a que se prestara o irmão Eugênio, tido e havido como o médium que melhor traduzia o pensamento dos guias e dos sofreadores que eram acolhidos para conforto e consolação. Qual não foi a surpresa de todo o grupo quando perceberam, no longo texto mecanicamente psicografado, a reprodução integral, ponto a ponto, linha a linha, do conhecido conto que já um dia havia sido apanhado pelo confrade, mas com disposição totalmente contrária: a personagem agora desejava tornar-se médium mecânico e para tal expunha todas as considerações que julgava oportunas para convencer os guias da mudança de rumo.

Estranho modo de ensinar: ao consciente que desejava automatizar o escrito, se dava a orientação para continuar consciente, por meio de personagem que, mecânico, preferia deixar de sê-lo; ao mecânico que não desejava sê-lo, se dá orientação para preferir ser mecânico através de personagem que, consciente, não se satisfazia com sua condição.

As duas narrativas, evidentemente, encerravam-se de modo bem semelhante: as personagens conseguiam o que desejavam e, em seguida, promoviam o retorno à forma anterior, concluindo que era como melhor se sentiam. Arguido a respeito da sensação de ter-se tornado mecânico, Eugênio surpreendeu pela resposta:

— Amigos, faz tempo já que compreendi o fato mediúnico e a importância dele para o socorrismo. Não vejo qualquer relevância em se ser mecânico ou não; o importante é o uso que se possa fazer das comunicações em que somos orientados pelos amigos da espiritualidade. Se nos dedicarmos ao aperfeiçoamento moral e intelectual, tendo em vista o bem-estar e o progresso dos irmãos, não importa o tipo de tarefa que desempenhemos. Vamos deixar tudo nas mãos de Deus e confiar em que os guias tenham conhecimento do que possa ser o melhor em cada situação. Dedicemo-nos ao trabalho e façamo-lo por amor ao Pai e aos irmãos. O mais são detalhes sem importância.

Após a brilhante exposição, quiseram saber em que pensava durante a longa transmissão mecanizada. Aí Eugênio pôde surpreendê-los ainda uma vez:

— Conversei com meu instrutor e guia espiritual a respeito da curiosidade, do trabalho e da eficácia das comunicações mediúnicas para o favorecimento do crescimento das criaturas, no duplo aspecto do cumprimento das obrigações cármicas e no da preparação para novas aventuras existenciais. Para surpresa minha, contou-me que tudo se resume na lei do amor e do trabalho, na obediência aos princípios evangélicos e na ânsia corajosa de viver segundo as normas divinas.

Quando alguém lhe sorriu ternamente e lhe disse que estava perto do céu, Eugênio observou:

— O conhecimento das verdades vem sendo proporcionado a todos nós desde tempos imemoriais. Não é a plena consciência dos deveres e obrigações que torna a pessoa apta a ingressar no reino de Deus, mas a prática saudável e pura. Eu, meus amigos, posso ter tido na vida momentos de esplêndida compreensão da realidade e da verdade, mas me sinto bem pequeno diante da grandiosidade das conquistas que deverei empreender. Não vejam em mim, portanto, alguém pronto para a santificação, mas só eficaz instrumento da vontade de Deus. Se já é muito ser experto mediador entre os planos, haverá necessidade ainda de inúmeros outros aperfeiçoamentos. Não foi à toa que o Mestre nos preconizou que fôssemos perfeitos como é perfeito o Pai. Para isso, tenho dedicado o tempo à compreensão e à prática da mediunidade, mas sei que a mesma dedicação tenho de estabelecer para tudo o mais que faça. Por exemplo, nesta longa exposição, estou tentando tornar as palavras o mais perfeitamente claras e precisas possível, para que os irmãos possam compenetrar-se das verdades nelas contidas. Se tudo pudesse realizar da mesma forma, aí sim teria ensejo de receber novas atribuições. Procurem, irmãos, fazê-lo do modo como faço.

Nesse momento, tarde da noite, era hora de saírem. Aí acordaram um dos médiuns que dormia a sono solto no fundo da sala, rústico pedreiro, que pelejara duro toda a jornada para ganhar o pão de cada dia e que, naquela noite, como de costume, só obtivera alguns rabiscos disformes.

Lá fora a Lua, soberana, ajudava a todos a encontrarem o melhor caminho para suas casas.

A HISTÓRIA RETOMADA

Então, Alberto desejou fabricar sabão. Insatisfeito por ver que a matéria-prima utilizada quase sempre era de origem animal, condoeu-se, por acreditar que a dor e o sofrimento pudessem representar para os irracionais o mesmo drama que para os humanos.

Expôs minuciosamente suas ideias aos amigos do plano da espiritualidade e solicitou a atenção deles para o desejo de bem conhecer até que ponto a humanidade sofre com os disparates que pratica com relação àqueles a quem denomina de irmãos inferiores.

Não se fizeram de rogados e, na primeira oportunidade, transportaram Alberto para zonas de concentração espiritual desses seres que, na face da Terra, agem e interagem tão só através de princípios atávicos e movimentos instintivos, sendo muito poucas as atitudes provenientes de atos reflexos adquiridos por meio da inteligência, tomada aqui como necessidade de adaptação ao meio ambiente para sobrevivência e preponderância.

Ficou maravilhado com as atividades imensas e com a complexa divisão em setores, seções, enfim com a perfeição hierárquica. Notou, entretanto, extraordinário mecanismo em tudo que viu, como se tais entidades se locomovessem como autômatos. Lembrou-se das atarefadas formigas em suas organizações, onde cada qual tem dentro de si catalogadas as atividades que lhe são inerentes e jamais se afastam um milímetro sequer da destinação. É bem verdade que as migrações exigem certo poder de contato ambiental de caráter superior, mas mesmo isso parece estar indelevelmente impresso no cérebro dos bichinhos, de sorte que de admirar seria se se alterasse o registro das informações, modificando-se-lhes o procedimento universal.

Ora, o que ocorria no plano espiritual pareceu-lhe imensamente semelhante ao desempenho dos animais sobre a face da Terra. Súbito problema brotou-lhe na mente:

— Querido amigo, se tudo que os animais fazem no etéreo reproduzem na carne, de que lhes adianta o encarne? Teria alguma consequência de caráter evolutivo o fato de estarem à mercê das intempéries, dos desajustes, dos desastres, da constante ameaça dos inimigos, especialmente os humanos? Pelo que pude observar, se os *irracionais*, se assim podemos chamá-los, não se vissem perturbados em sua peregrinação carnal, sairiam da vida da mesma forma que entraram. Por outro lado, a inconsciência do devenir, por força

da impossibilidade do conhecimento profundo de si mesmos, à vista de não estarem dotados de reflexão sobre o ato criador que lhes deu contextura existencial, fatalmente os impelirá para a eternidade dos atos mecânicos. Ou possuem em gérmen a presciência ou a percepção fugidia de que são seres criados de modo que possam configurar alguma noção do Criador? Em suma, matá-los na carne não poderia até constituir em razão de progresso para seu entendimento da existência?

Notou o bondoso guia espiritual que as preocupações filosóficas assumiam completa preponderância no pensamento do discípulo, o que evidenciava a seriedade da proposição.

— Diz célebre frase divulgada entre os humanos que o que não se aprende pelo amor, pode-se compreender através da dor. Evidentemente, o encarne para os animais é prova do que existe de circunstancial no ato de viver. Por isso, é breve o tempo que permanecem no etéreo, sendo reconduzidos à matéria tão logo chegam aqui. Todo esse bulício que você está testemunhando visa ao encaminhamento das reencarnações. Existem muitos departamentos geridos por espíritos esclarecidos, protetores dessas almas primitivas, que velam para que o seu desenvolvimento se dê de forma harmoniosa com as leis estabelecidas pelo Pai. Quando o homem, nos laboratórios, promove experiências genéticas, produzindo espécies *melhoradas* ou simplesmente *anômalas*, interferindo no sistema interno das informações genésicas contidas nos cromossomas, à vista de seu desenvolvimento científico, nada mais está fazendo do que perturbando a ordem natural primitiva, tentando implantar na corrente genética novas informações que possam adulterar o produto final. Por meio da seleção das espécies vegetais, combinando as moléculas que contêm os aspectos que mais lhes interessam para a produção de alimentos, os homens conseguiram apropriar-se de conhecimentos superiores que lhes permitiram mais facilmente perfazer-lhes os objetivos científicos. Relativamente aos animais, a genialidade de que é dotada a humanidade vê perspectivas de iguais desempenhos. Tudo isto está sendo acompanhado de perto pelas entidades responsáveis pelo progresso da vida no planeta e tudo vem sendo sopesado para manter o equilíbrio orgânico das espécies em provação. Evidentemente, se os objetivos não se justificarem moralmente, o que se fizer constituir-se-á em crime que deverá ser resgatado no devido tempo. Esses cientistas deverão, portanto, adquirir esse mesmo tremor que o levou a procurar meios de afastar os animais das hecatombes que os dizimam, para que os homens possam higienizar-se e a seus petrechos.

Alberto, ansioso, notou que o orientador calara as informações relativas à necessidade da morte na carne para o progresso dos animais, não tendo inferido que todas as explicações, de modo sutil, se continham na longa explanação, e reiterou a questão:

— Bom amigo, é certo, então, fazer da carne, da dor e do sofrimento desses irmãos o nosso sabão de cada dia? Se a finalidade for santa, desde que tenhamos por necessário o produto, sabendo que os animais progredirão, tornar-se-á justo proceder à matança?

— Querido Alberto, as suas questões contêm a resposta que você espera de mim. Se o homem considera isto ou aquilo, se vislumbra esta ou aquela saída, se é capaz de propor esta ou aquela questão, é sinal de que possui livre-arbítrio. Tendo livre-arbítrio, deve julgar por si mesmo, pois as informações que lhe prestamos devem ficar no âmbito do conhecimento da realidade. A decisão a respeito da moralidade, da justiça, do equilíbrio, é

Íntima, é intransferível, é pessoal, é soberana. Quem quer que seja que se arvore em juiz das causas alheias deve estar apto a ouvir os dois lados da pendência. No presente caso, os animais não só não tiveram oportunidade de ser ouvidos, como constituíram fraco advogado em sua defesa, o qual, à vista de algumas razões, se bandeou para o lado da acusação, sem ter formulado razão de culpa. Volte à sua inicial proposição e veja se não consegue estabelecer roteiro mais consentâneo com a vida sobre o orbe, para não ter de atribuir penas aos irmãos irracionais. Se você tivesse bem observado a exposição inicial, teria percebido que o caminho para a superação do que você viu como sendo um mal está no desenvolvimento científico relativo à vegetação, enquanto não lhe surtir do coração a mesma dúvida com relação à vida vegetal. Por outro lado, que os homens se dediquem a estudar os hábitos de higiene para verificar se muitas das necessidades não são mera criação sua. Sem ver os objetivos morais e educacionais do Senhor no episódio, podemos dizer, sem susto, que Jesus se colocou à mesa das refeições sem ter lavado as mãos. Não estaria aí algum indício valioso para o encaminhamento das reflexões para o campo que estamos sugerindo?

Alberto teve enorme desejo de acordar. Sua mente obtivera verdadeiro banho de informações, que se estenderam muito além do que a imaginação lhe tinha prenunciado. Se recebesse maior quantidade de conhecimentos, certamente não poderia processá-los a contento.

Um ano depois, inaugurava modesta fabriqueta de saponáceos e produtos de toucador, inteiramente *naturais*, ou seja, em que a matéria-prima animal admissível eram simples cascas de ovos e esporões calosos extraídos sem dor de algumas aves mais ferozes. Nem mesmo o leite era admitido nas fórmulas empregadas. Estava abolido de seu laboratório até o dulcíssimo odor do almíscar, em virtude das condições infelizes em que tais animais eram criados. Perguntado a respeito de sua maior aspiração, Armando respondeu:

— Qualquer dia o homem recuperará o suave odor da pele, aquele com o qual nasce e que lhe foi dado por Deus.

JOGO DURO

Quando Eurípides vestia a camisa de seu time, ostentava às costas o número três. Desejava, em sonhos, fazer rutilar tal numeração, dada a importância que sabia, para o bom desempenho da turma, da sua atuação no centro da área, na defesa dos ataques adversários. Ali, no frêmito da partida, dedicava-se com sofreguidão a dar amparo a todos os companheiros e tudo fazia para afastar o perigo para longe da meta. Atento para os movimentos dos adversários, antecipava-se às jogadas deles, interceptando e fazendo a bola rolar longe de seu setor. No entanto, sempre que se via fora da área, onde não havia perigo de ser punido com a penalidade máxima de rigor, Eurípides acossava os adversários, ministrando-lhes cotoveladas e distribuindo pontapés para intimidação. Se a partida estava favorecendo a sua agremiação, partia para o menoscabo dos pobres infelizes derrotados; quando se via em inferioridade no marcador, buscava incentivar todo o grupo, desdobrando-se na defesa e investindo intempestivamente no ataque. Aí se desarvorava e quase sempre era substituído, pois mais atrapalhava do que ajudava. Esses dias eram de profundo infortúnio para a mente acostumada a conceber apenas a vitória, como ponto de toque da existência. No jogo da bola, jogava duro.

Mas o tempo passa e, como todo o mundo, Eurípides, um dia, ao tentar correr para cima de um adversário, no intuito de derrubá-lo, percebeu que não mais o alcançaria, tendo ficado a observar o juvenzinho realizar estupenda jogada de gol. Reconheceu-se velho para a prática do esporte a nível profissional e foi gerir seus negócios na vida. Ganhara algum dinheiro e, sempre jogando na defesa, soube empregá-lo bem, de modo que era dono de várias sapatarias na capital do estado.

Parando a prática física, adquiriu certa camada espessa de gordura na região abdominal, pois não conhecia os efeitos do sedentarismo para a flacidez muscular e as articulações. Prosseguira comendo como habitualmente e descuidara dos costumes hígidos dos exercícios regulares. Em suma: engordou.

A mente, contudo, não afeita a outra atividade senão o estreito desejo de vencer, permaneceu, rigorosamente, oferecendo o mesmo tipo de procedimento anterior. Jogando na defesa, prevenira-se contra os assaltos dos adversários, de modo que, em breve, todos

os que lhe apareciam para oferecer os préstimos nos negócios lhe pareciam estar prontos para a finta fácil, para o drible enganador.

Foi com esse espírito que cresceu em seu amadurecimento. Já cinquentão, experimentado no relacionamento social, sofreu vigoroso embate da sorte: o falecimento de filha querida, aos vinte e cinco anos de idade, moça prendada, noiva com casamento marcado, vítima de atropelamento na via pública.

Eurípides levou o tranco como derrota contundente em partida decisiva do campeonato. Achou que a vida o vencera e sentiu-se substituído no meio tempo do jogo. Pensou em dependurar as chuteiras, mas as demais responsabilidades familiares impediram-no do gesto tresloucado. Murchou e pendeu na haste já não mais vigorosa. Desleixou e, moralmente, deixou-se criar gordurinhas incômodas na mente desanimada. Viu-se no banco dos reservas.

Os negócios, antes tão atraentes, não mais lhe despertavam o desejo de avançar sobre os adversários. A vida perdeu o colorido e o número às costas empalideceu e, quase imperceptivelmente, foi despregando até restar carcomido e puído pedacinho de pano.

Mas Eurípides foi convocado para integrar a equipe de centro espírita que procurou para saber notícias da filha. Esperava, por ter lido certos casos lindos de Chico Xavier — fornecidos pela esposa —, que a filha pudesse ser invocada para as notícias de praxe: como estava, com quem, quais as perspectivas de retorno, enfim, o consolo regenerador da disposição mental mais salutar de quem volta a confiar na vitória do time.

Ali, junto aos colegas, percebeu que nem tudo transcorre da forma como se pretende. Admitido a certa sessão de doutrinação e conforto, notou que as mensagens pessoais eram raras e pontilhadas de indecisões e hesitações da parte dos médiuns e dos instrutores, dadas as inevitáveis consequências morais para o grupo todo, especialmente para o destinatário encarnado, quase sempre familiar ansiado pelo contacto estreito e reconfortador. Da filha, não obteve notícia a não ser por terceiros, que, ao cabo de alguma investigação, puderam informar-lhe que estava em tratamento e impedida de se chegar à mesa para a esperada comunicação. Que o pai se contentasse em crescer em conhecimentos espíritas para favorecer a compreensão dos fatos envolvidos. À vista da manifestação do protetor é que os dirigentes da sessão viram a possibilidade do convite a que acima nos referimos.

Assim, Eurípides, para alegria da mulher, acedeu em prosseguir trabalhando no auxílio da equipe socorrista, fornecendo-lhes o que pudesse, uma vez que passara os negócios para a responsabilidade integral do filho mais velho — alheio às lides futebolísticas, mas fanático torcedor do antigo clube do pai. Aposentado, teria muito tempo para dedicar a tudo que lhe fosse solicitado.

De início, teve muita dificuldade em decifrar os ensinamentos escritos. Inteligente, apanhava no ar as explicações dos expositores e dos companheiros nos debates dos temas mais corriqueiros e fundamentais da doutrina. Esbarrava, porém, em intransponível dificuldade intelectual, não afeito às sutilezas das argumentações e engenhosas explicações dos livros de Kardec. Diante dessa dificuldade, foram-lhe recomendadas obras mais leves de espíritos protetores, romances e contos através dos quais, por meio do exemplo vivenciado, as teses iam sendo demonstradas, analisadas, comprovadas e concluídas.

Nesse diapasão, deixou o tempo passar por longos dez anos de fértil e proveitosa dedicação ao trabalho, ao cabo dos quais intentou leitura completa de *O Livro dos Espíritos*, com absoluto sucesso. Daí para as demais obras foi um passo. Entusiasmou-se sobretudo com *O Livro dos Médiuns* e, admitido à sessão de treinamento mediúnico, em pouco tempo estava manifestando psicofonicamente as orientações de seu espírito guardião.

Suas mensagens eram de cunho doutrinador, nunca dando permissão a qualquer sofredor para apresentar anseios e angústias. Jogava ainda na retranca.

Certa vez, instado pelos parceiros, à vista da cabeleira branca, na falta por doença do dirigente da sessão, aceitou conversar com os sofredores. Diante, porém, das manifestações grosseiras das entidades acostumadas a menoscabarem os irmãos, não percebendo que estava dentro da área, deu violento safanão moral em dois ou três, praticando jogo duro que foi imediatamente punido pelo juiz da partida — o espírito guardião mentor dos trabalhos —, com penalidade máxima a ser cobrada por esclarecido médium psicógrafo. No momento do calor da disputa, não percebeu as falhas técnicas que cometeu, mas, ao final do prélio, ao ler o relatório do julgador das tarefas, ficou estarelecido com a ameaça que sofreu de exclusão do jogo por medida de segurança dos *adversários*. É bem verdade que a linguagem do orientador não se vazou no jargão futebolístico mas, na mente de nosso craque, a tradução foi fazendo-se concomitantemente, de modo que tudo lhe surtia no coração da mesma forma que lhe ocorria na juventude.

Naquela noite, dormiu bem tarde, após profunda meditação a respeito de todos os feitos na vida. Ao relembrar o ingresso na casa evangélica, algumas lágrimas demonstraram a saudosa lembrança da amada filha. Elevou em prece comovida o pensamento ao Criador e pediu perdão por ter desconsiderado os irmãozinhos sofredores que lhe cabia orientar. Em meio a essa prece de arrependimento, sonolento, entreviu a morte próxima.

Na manhã seguinte, acordou mal humorado, com estranhas visões de intrincado sonho em que a bola lhe rolava na frente, sem que conseguisse alcançá-la, desesperado, correndo pelo campo todo às tontas, com certo juiz de negro apontando-lhe o caminho dos vestiários, cartão vermelho alçado na destra. E ele lá penetrava, onde os chuveiros estavam secos e as roupas todas espalhadas pelo chão.

Depois de algum esforço de contenção, contou à mulher o receio de breve trespasse, intuição que lhe ficara impressa na mente. A esposa sentiu um frêmito mas obtemperou-lhe que a saúde era de ferro e que o coração nunca fraquejara. Não havia motivo algum para temer o fato. Por outro lado, restava a prece segura e o reconforto das palavras dos irmãos do plano da espiritualidade, que poderiam ser consultados para a confirmação.

De volta às lides espiritistas, mais tranquilo, Eurípides, resignadamente, se dispôs a aceitar a manifestação de certos espíritos sofredores, impondo mentalmente ao orientador que só lhe encaminhasse os que desejassem recuperar-se, verdadeiramente. Aquiesceu o mentor espiritual e, a partir de então, o nosso amigo passou a receber outro tipo de incorporação mediúnica. Da filha, nenhuma notícia. Da premonição, nenhuma palavra.

Após alguns anos de profícuo trabalho no campo da desobsessão, certa noite de reunião, Eurípides notou, esquecido das antigas prevenções, que não mais fazia objeção a nenhum ser desgraçado que o procurava para manifestar-se. Admirado ficou por não ter

percebido a transformação íntima. Propôs-se, então, a dirigir a sessão nas faltas dos companheiros e surpreendeu-se com o fato de não reagir mais intempestivamente. Louvado pelo doutrinador espiritual na súplica psicografada, compenetrando-se de que finalmente as reações não mais lhe configuravam na camisa nenhum número três reluzente. Imaginou-se com a camisa dez, símbolo da melhor posição no campo, mas a intuição revelou-lhe que melhor lhe ficaria a condição de roupeiro no campo da mediunidade. Achou boa a comparação e lembrou-se do sonho que tivera anos antes, interpretando corretamente a necessidade de cuidar bem dos apetrechos para poder participar da partida.

Não vamos dizer que Eurípides recebeu novas instruções para jogar em outra posição, em novo encarne. Voltou, sim, à vida, após demorada incursão no plano espiritual, mas na condição de árbitro de futebol. Hoje, moço novo, exerce a profissão de dentista e atua como juiz nos finais de semana. Às vezes, nostalgicamente, imagina que o juiz talvez pudesse ter impresso nas costas algum número, mas logo afasta essa ideia como maluca. Às vezes, supõe que a mãe pudesse ser sua filha, mas esse pensamento o estremece e arrepiá. Às vezes, ao comprar sapatos, parece reconhecer o vendedor como alguém muito ligado, com quem simpatiza com afeto de avô. A verdade é que é muito feliz e muito cordato para com todos, jogando sempre suave em todas as áreas de atuação.

O LENÇO NA TESTA

Toda vez que ia escrever para o plano espiritual, o médium pegava perfumado lenço e punha-o de encontro à testa, para impedir que o suor pudesse escorrer-lhe pelas faces, prejudicando-lhe de algum modo o trabalho. Tinha a firme intuição de que a mão, ao prender o lenço, comprimia a arcada superior aos olhos, de sorte a pressionar precioso *chakra* ali situado. Mas não se atrevia a formular com clareza tais ideias, não transformadas em séria convicção. Fazia-o por costume e por achar que se sentia melhor assim procedendo.

Certo dia, Augusto, assim se chamava, recebeu extensa dissertação do plano espiritual, em que todas as intuições se confirmavam. De início, como primeiro impulso, julgou oportuno firmar opinião. Cauteloso, porém, recebeu aviso da consciência, prevenindo-o de que, tendo sido preocupação sua durante largo tempo, embora jamais se abalançasse a pesquisar a respeito, era de todo prudente resguardar-se de emitir conceitos meramente fundamentados em indiscutível apanhado mediúnico, mas de sua lavra, podendo ter sido tão só a expressão anímica do desejo de ver confirmados os pensamentos.

Guardou a mensagem, no intuito de pedir confirmação dos dizeres através de algum amigo de mesa. À leitura, disfarçou e não apresentou o texto, mesmo porque outras comunicações de caráter pessoal haviam instigado a curiosidade de todos.

Na reunião seguinte, interessado em consultar os instrutores espirituais a respeito do tema, rogou, durante a prece de abertura dos trabalhos, que fosse atendido. Realmente, ao se findarem as preces de encerramento, íntimo colega seu leu extenso relatório por ele apanhado, em que se estendia o comunicador largamente sobre os *chacras* e a utilidade que tem a pressão sobre aquele que se situa no frontispício do crânio, o *chakra* da intuição e da inteligência, para melhor contato com o plano espiritual.

Ficou Augusto entusiasmadíssimo, mormente porque o espírito fizera referência ao fato de alguns médiuns estabelecerem o processo no intuito primário de sustar o escorrimento do suor com o lenço. Nesse trecho da mensagem, todos se voltaram para ele na intenção de fazer ver que o mensageiro estava fazendo menção específica à sua pessoa, único na sala que costumava utilizar-se do lenço, embora todos que escrevessem apoiassem a cabeça na ponta dos dedos ou na palma da mão.

Ao término da leitura, triunfante, Augusto retirou do bolso a mensagem que recebera durante a reunião anterior e fez questão de mostrar aos colegas. Fê-lo no sadio intuito de comprovar que os espíritos guardiães estavam realmente ocupados em dar orientação ao grupo e não para enaltecer o fato de que fora por seu intermédio que o mensageiro se sentira convocado aos esclarecimentos.

Mas nem todos na sala acreditaram na inocente apresentação de nosso Augusto e passaram alguns a desconfiar de que tivessem sido vítimas de aparato fantasioso, para dar a impressão de que os dois amigos estavam sendo alvo de especial consideração por parte dos instrutores. Em suma, provocaram imensa ciúmeira no ambiente, inadvertidamente, mesmo porque inúmeras expressões se repetiam nos dois textos. Incapazes de avaliar que certamente o mensageiro do etéreo pudesse ter sido o mesmo, os invejosos emitiram sérias vibrações negativas, que atingiram os dois inocentes cidadãos em sensível parte de seu organismo social: a fama.

Correu à boca pequena pela cidade que ambos estavam conluindo para o efeito. Tanto falaram que, inevitavelmente, chegou aos ouvidos dos amigos o que deles se dizia. A cidade não era grande e as pessoas não eram capazes de soffrear a voz.

Indignados com o sucedido, resolveram abandonar a mesa em que serviam, tendo em vista que o falatório só poderia ter tido início ali mesmo. Procuraram outros centros, mas perceberam que todos tinham sido contaminados pela virose maldosa da maledicência.

Entrementes, o tempo foi passando e chegou o dia da reunião. À mesa, todos os componentes, menos os dois infelizes denunciados pela opinião.

Abertos os trabalhos, o guia espiritual apresentou-se de viva voz, por intermédio do mais eficaz médium presente, elaborando extensa defesa de ambos os acusados, explicando minuciosamente todo o processo utilizado para chamar a atenção das pessoas, a principiar pela insuflação na mente do Augusto da presciência da utilidade da pressão do *chakra*, insistindo que todo o trabalho tivera como motivação a necessidade de ministrar severa lição à comunidade espírita, quanto ao fato de dar trela à boataria e às difamações, incapazes de perceber, como estavam os servidores, que o trabalho é sério e exige algo mais que simples estudo de última hora. Se quisessem merecer a assistência dos protetores, que cuidassem para melhorar o desempenho moral. Tendo citado nominalmente os dois amigos, exigiu a entidade espiritual que se formulasse pedido de desculpas em nome do grupo, ficando todos responsáveis pela readmissão de ambos no seio da pequena comunidade. Evidentemente, para não onerar o médium por meio do qual se expressava, teve o instrutor o cuidado de preparar alguns fatos de efeito para convencimento de todos de que não se tratava de terceiro integrante do grupo de falsários.

A tertúlia espírita naquela noite encerrou-se cedo, pois os médiuns se sentiram despojados dos atributos, surpreendidos pelo poder de penetração do conhecimento das íntimas conformações conscienciais. Preocuparam-se e, envergonhados, à meia voz, decidiram atender à verdadeira exortação da entidade. Hesitaram quando tiveram de escolher quem amarraria o guizo à cauda dos gatos, mas, cheio de coragem e de brio, o principal incentivador dos falatórios se propôs ao desagradável dever. Temia sofrer nova represália e mais clara, com a citação nominal dos envolvidos.

Na manhã seguinte, o representante da turma procurou Augusto em sua residência e, humildemente, pediu-lhe desculpas, inclusive citando que se colocaria nota a respeito de todos os acontecimentos na folha local, para dar ênfase à inocência de ambos, esclarecendo-se o papel dos espíritos em função da *lição* que se pretendeu dar a todos.

Augusto ponderou que os irmãos ficariam a descoberto relativamente às pessoas descrentes, mas não houve meio de dissuadir o companheiro da intenção. Para amenizar-lhe a disposição, prudentemente, Augusto perguntou se a notícia deveria ser divulgada através do jornal, por força de imposição espiritual ou por decisão dos encarnados.

— Fomos nós que decidimos, foi a resposta pronta do emissário.

— Então, volveu Augusto, não seria melhor ouvir os espíritos antes da publicação?

O alvitre pareceu justo a toda a turma, quando foi exposto na reunião seguinte pelo próprio ofendido, o qual estava na alegre companhia do parceiro de infortúnio.

Durante a sessão, o protetor do centro se omitiu a respeito do tema, o que ocorreria novamente por cerca de várias semanas, até que todo o sucedido caiu no esquecimento.

Hoje, Augusto, sem que vestígio algum de qualquer mágoa lhe transpareça das atitudes, dirige a instituição que fundou em companhia do amigo, prestigiado que se considerou pelos irmãos da espiritualidade. Mal sabe ele que os espíritos estão insuflando na mente de um dos médiuns que a humildade aparente é tão só hipocrisia e que, em breve, novos *chacras* hão de ser pressionados.

A BÊNÇÃO DO SENHOR

Rogava o filho querido ao pai obsequioso:

— Pai, compra aquele brinquedo?

E lá ia pressuroso o digno senhor à busca dos recursos necessários para satisfazer ao desejo do filho.

— Pai, quero aquele doce!

Bem sabia o pai que o filho deveria moderar o apetite guloso pelas coisas, mas calava os oportunos conselhos e mais uma vez satisfazia a caprichosa criança.

Assim cresceu Olímpio. Seu corpo avolumou-se além do normal, até que, um dia, desejou linda pelota oficial de futebol. Descrente do sucesso do filho no esporte mas esperançoso por alguma transformação, embora com sacrifícios, fez o Senhor Tomás o último empenho possível da bolsa e trouxe ao petiz a bola desejada.

Obter o sagrado objeto do sonho mais recente foi uma coisa, participar de partidas organizadas pela garotada foi outra. Mas como o dono da deslumbrante oferenda não poderia ficar de fora, foi admitido no time, com as funções de zagueiro lateral, onde a responsabilidade não seria tão grande. Surpreendentemente, Olímpio demonstrou mais agilidade que fazia prever sua rotundidade e seus esforços em manter o equilíbrio da equipe favoreceram-lhe a permanência no grupo, até com certa admiração de todos.

A partir daquele dia, a vida para o nosso herói mudou. Adquiriu confiança em si mesmo e passou a despender cada vez maiores esforços para integrar definitivamente o bando que se reunia em função do futebol. Dono da bola, não a poupou jamais em favor do bem coletivo. Sabia, lá no íntimo, que era importante conseguir amplo apoio das pessoas para a consecução dos objetivos a que se propusesse.

Quando a bola esfolou de vez, irrecuperável para as partidas, nem precisou solicitar do pai nova esfera de couro. Um belo dia, encontrou sobre a cama, nova e roliça, perfeita bola, tão oficial quanto a anterior. De bola em bola, eis que Olímpio cresce e se oferece à vida profissional como eficiente e honesto advogado, arguto defensor dos fracos e oprimidos.

— Pai, dá aquele brinquedo?

E o pai dava, sem ralhar a travessura do dia anterior. Era Antoninho, filho do nosso Olímpio, a perpetuar na família os hábitos antigos.

Mas as condições sociais das pessoas haviam diversificado. Enquanto o avô Tomás se sacrificava para contentar o filho, este não fazia o menor esforço para satisfazer o menino, de modo que as coisas lhe pareciam cair do céu. A aula era a mesma, a lição, semelhante, mas o aprendizado deixava muito a desejar.

Até que um dia...

— Pai, você não vai me comprar aquela bola?

— Claro, filhinho, e vou querer que você vá jogar com os amigos.

E lá foi o pequeno Antônio fazer parte do grupo, no belo clube de que era associado. Olímpio atravessava a rua e participava das querelas e disputas no campinho da várzea; Antoninho ia de carro com chofer espairecer os músculos na companhia de outros *filhinhos de papai*. Olímpio emagrecera nos cotejos esfogueados; Antoninho não chegou sequer a engordar, mediante balanceada alimentação, orientada por hábil nutricionista.

E a vida correu. Tomás partiu um dia, pranteado por todos. Antoninho debulhou algumas lágrimas protocolares e exigiu do pai, aos quinze anos, que fosse dispensado das cerimônias fúnebres para ir encontrar-se com os amigos, para festividade de há muito apazada. A mãe não se importou com a deserção do filho e lá foi ele, sem dar *a mínima* para o desaparecimento do velho, que às custas do filho vinha vivendo desde que se conhecia o neto por gente.

Olímpio desagradou-se da postura do filho, mas julgou melhor não estabelecer polêmica àquela hora. Fá-lo-ia em ocasião oportuna.

De fato, ao retorno da missa de sétimo dia, íntima e convencional, encontrou o filho levantando-se, olhos acobrutados pelas peripécias da noite. Exigiu dele que se mantivesse à sua presença no escritório e, apesar de desacatado por algumas expressões grosseiras, soube pautar o procedimento com serenidade, habituado que estava às lides forenses.

Do que se passou no interior do gabinete poucas notícias tiveram os serviços da casa; o certo, porém, é que, a partir daquele dia, Antoninho teve de manifestar outra atitude diante da vida.

Mais alguns anos decorreram daquele incidente e eis-nos diante de velho curvado, de longas madeixas brancas, sorridente e afável, a acariciar os cabelos claros do netinho Valdemar.

— Vovô, o senhor me dá aquela bola?!

*

Aí, o leitor de última hora fechou o livro e pôs-se a se perguntar o que fazia tal conto em meio às histórias tão instrutivas ditadas pelos espíritos da ***Escolinha de Evangelização***.

Poderia, por certo, com algum esforço, relacionar o título ao conteúdo, imaginando que os seres envolvidos na narrativa tivessem sido trabalhadores fiéis ao Cristo, cujas passagens pela Terra estariam sendo marcadas pelo trabalho e pela responsabilidade de cuidarem-se uns dos outros. Poderia conjecturar que houvesse alguma intenção em evidenciar que as crianças não demonstram realmente o conteúdo espiritual de que estão

dotadas, senão quando absolutamente responsáveis pelos atos, sendo passíveis de educação quando orientadas a tempo. Poderia supor que todo o texto teria sido sugerido pela clássica passagem evangélica em que o Cristo estabelece como princípio da vida a determinação e o vigor relativamente à verdade, dizendo à multidão: “*Seja o vosso falar sim, sim; não, não.*” (**Mt**, 5:37.)

Por mais, entretanto, que justificasse tal roteiro, ainda julgava não haver relação plausível entre tal conto e os anteriores. Terminando as excogitações, exclamou:

— Enfim, que tudo possa ocorrer à humanidade como transcorreu para essa família! Aí sim haveria real bênção de Deus!

No dia seguinte, novo conto aguardava por ele...

O BODE EXPIATÓRIO

Enovelado por pensamentos muito feios a respeito dos colegas de grupo, Horácio torcia-se e retorcia-se mentalmente para escapar às influências de que se considerava estar sendo vítima, muito embora admitisse que, se o coração não fosse tão imperfeito, não seria acuado de tal maneira. E sofria a desdita de não conseguir afastar as más intuições.

Espírita ferrenho, compareceu ao centro pela primeira vez para ver se conseguia paz de espírito, cansado que estava de orar inutilmente pelo soerguimento moral da família. Surpreendera a esposa em flagrante delito de adultério e se calara, envergonhado, acoimando-se intimamente de *cornio manso*, expressão aviltante que temia ver ressaltada por outros lábios. Não desfez a família, não afastou o amante da esposa, mas encobriu o quanto pôde a vergonha. Não queria macular-se diante da sociedade.

No primeiro encontro com as entidades do centro, temeu que o problema íntimo fosse revelado por algum espírito menos condescendente com as tragédias humanas. Mas serenou-se e cresceu em conhecimentos em virtude de expressiva fala do doutrinador espiritual, que, veladamente, fez referência ao drama implícito na situação do infeliz, sem, contudo, conturbar a assembleia nem ofender o suspeito.

Tranquilo por saber-se compreendido, passou a frequentar as sessões de estudos, começando a entender os meios de que dispõem os amigos da espiritualidade para soffrear os ímpetos sarcásticos dos que se arvoram em fornecedores do inferno, ou seja, daqueles soffredores que instam por desequilibrar as pessoas que se sentem fracas e tendentes ao desespero e à autopunição. Nesse ponto das reflexões é que o surpreendemos ao início da narrativa.

Um belo dia, ao retornar a casa, encontrou lacônico bilhete da mulher, que o deixava definitivamente, levando os filhos, que dizia não serem dele. Última ofensa, derradeiro balde de água fria no ânimo do apaixonado e infeliz consorte.

Quinze anos depois, iremos encontrá-lo conformado e cômico de que fora levado ao espiritismo para não sucumbir à tentação do suicídio. Naquele momento, porém, a única ideia que lhe passava pela cabeça era o drama particular de abandonado e obsidiado. Da esposa infiel, livrara-se sem crime; da obsessão, procuraria fazê-lo igualmente. No íntimo, sentia vontade de penetrar na primeira igreja, aproximar-se do primeiro

confessionário e contar ao padre os infortúnios. No fundo da consciência, porém, sabia que as consequências de tal ato não repercutiriam no mundo espiritual inferior a não ser como uma vitória. No auge da desesperação, tomou o *Evangelho* e leu, ao acaso, o trecho da mulher adúltera que Jesus salvou da lapidação. Sentiu-se, então, aliviado e protegido e se dispôs a ouvir os mentores do centro relativamente aos espíritos que o faziam imaginar impuros e desonestos todos os que se assentavam à mesa das comunicações.

Naquela noite, não dormiu, mas poucas foram as lágrimas que enxugou. Faltava-lhe o ar toda vez que se lembrava das crianças. Chegou a pensar que a mulher mentira a respeito dos filhos, para que se sentisse impedido de procurá-los. Rejeitou a ideia, entretanto, ao lembrar os feitos de sua vida.

De manhã, colocou o macacão e saiu para o trabalho, olhos injetados e face descorada. Macambúzio e calado por natureza, não chamou mais a atenção dos colegas que nos outros dias e seu drama se escondeu por mais algumas horas, até que a vizinhança descobriu a casa deserta. A maledicência correu solta, mas Horácio estava vacinado pelo sofrimento íntimo, de modo que deu tempo ao tempo e, isolando-se como sempre fizera, superou as dificuldades.

No centro, contudo, enfrentaria longos anos de lutas, de incompreensões e de desilusões, pois a sua sina estava, ao que lhe parecia, sendo ditada por inimigos desconhecidos de outros encarnes.

Se a preocupação era grande, não demonstrava; antes, aplicava-se ao socorrismo com imensa dedicação. A sobriedade que lhe era característica atraiu diversas senhoras solteiras, viúvas ou descasadas, mas manteve-se só, com medo de nova derrocada sentimental.

Enquanto se dedicava ao trabalho, estudava com afinco. As letras, de início embaralhadas, iam fundindo-se aos poucos, compondo os textos, de forma que a inteligência ia despertando-se para a compreensão da teoria, tanto pela dedicação e o esforço produzidos por sólida vontade de crescer e de aperfeiçoar-se. De qualquer modo, era seguro meio de não descair para as viciações tão promissoras de rápidos esquecimentos. Ao contrário, quanto mais se dedicava ao estudo, mais aplicava os novos conhecimentos à compreensão dos problemas e atribulações.

Decorridos aqueles quinze anos a que acima nos referimos, ei-lo bem consciente das leis de causa e efeito, da reencarnação, da expiação necessária e da vida futura. Sabia discernir com propriedade a responsabilidade de cada qual à vista das provações e podia, com desassombro, dirigir a sessão de desobsessão, onde ministrava sábios e prudentes conselhos aos amigos que compareciam para a doutrinação.

Quanto à desconfiança de que os males lhe jaziam no fundo da consciência mais do que por influência de inimigos invisíveis, pôde comprovar a verdade, no decorrer de várias sessões em que reconheceu os obsessores e nas quais obteve perdão para as faltas de antanho, mediante a promessa de justo ressarcimento das dívidas em provação a ser estabelecida futuramente. Mesmo com o afastamento dos diretos perseguidores, durante largo tempo, o pensamento lhe vagou solto na direção dos companheiros, sempre no sentido de ver neles imperfeições, defeitos e vícios que absolutamente não possuíam.

Resolveu entrar em contacto direto com os guias e protetores para pedir o sagrado direito à orientação eficaz para superação das dificuldades, já que se considerava merecedor de certa atenção devido aos trabalhos jamais negados. Não obtendo qualquer resposta direta e positiva, não desanimou e quadruplicou as atividades que exercia, principalmente porque lhe chegara o momento da aposentadoria e temia que o ócio poderia ser-lhe fatal no incremento dos defeitos, os quais, por conhecimento, sabia concentrarem-se em profundo egoísmo e em inatacável amor-próprio. Desconfiava, ainda, que sua imersão nos trabalhos socorristas eram a contraprova necessária de que fugia do enfrentamento da verdadeira feição moral.

Chegado a esse ponto das considerações, não obtendo auxílio dos amigos da espiritualidade, procedeu ao desenvolvimento de qualidade que mantivera em estado de suspensão germinativa até aquela data, tendo em vista a dedicação ao mundo da exploração cármica das tendências, ou seja, deu início ao aperfeiçoamento dos sentimentos expressos através de pungentes orações.

De pronto, sentiu notável melhora em relação aos companheiros, desafogando em muito a pressão que sentia por ocasião de suas presenças físicas. Entretanto, o peito ainda se lhe confrangia ao lembrar os velhos tempos de inquietação, crente de que o mal estava instalado na consciência, profundamente arraigado por presilhas soldadas através das vidas que julgara ter desperdiçado. Mas não desanimou de pesquisar fundo no coração para avaliar, com extremo cuidado, o valor de cada palavra e a correspondência que poderia ter com os diversos sentimentos e estremecimentos da sensibilidade.

Já não mais era o rústico operário abandonado pela esposa. Era o homem equilibrado e sábio que buscava compenetrar-se da verdade da existência e de seu papel, em função do equilíbrio da sociedade em que vivia.

Ao cabo de mais alguns anos, era capaz de dizer as preces mais emotivas, nas palavras mais adequadas, com o sentimento mais compungido, pleno de verdadeira fé na misericórdia divina. Havia realizado a perfeição moral e intelectual que lhe era possível.

Procurou saber da ex-esposa e dos falsos filhos. A bem da verdade, durante todos esses largos anos, não dispendera muito esforço para encontrá-los, mas era chegado o momento da reconciliação, para que pudesse abandonar a liça de coração realmente puro.

Encontrou-os bem instalados na vida e, sem ter entrado em contacto com eles, perdoou-os de longe, sentindo-se satisfeito com as reações controladas e justas das emoções.

Partiu em cinzena tarde de outono, encontrando enternecedora paz junto aos amigos que fizera em sua peregrinação. Hoje, busca estender protetor manto para a família desertora, assediada por alguns elementos perniciosos que desde há muito exerciam deletéria influência sobre a esposa e seu atual marido. Nos filhos, pôde reconhecer antigos laços familiares estreitos, de sorte que sua dedicação, longe de ter o cunho da necessidade cármica, apresenta as facetas do amor e da amizade. Quanto aos compromissos estabelecidos com os antigos desafetos, estão todos sublimados, constituindo eles unido grupo de trabalho no campo do socorrismo.

Horácio soube sobreviver à dor e à tentação, mercê de seu trabalho, de seu esforço em prol dos irmãos. Se um dia pôde acusar-se de egoísta e de orgulhoso, soube operar com

discernimento e boa vontade, suplantando de muito as más tendências. Oxalá pudéssemos nós todos conseguir tão elevada vitória de amor!

O RESPLENDOR DE LUZ

Durante vários anos, Marcos se transvestia de borboleta por ocasião do carnaval e se apresentava para os concursos de fantasias. Não se destacava dos demais porque as economias eram poucas e a imaginação não condizente com as auréolas da glória que fantasiavam a dos concorrentes. Na verdade, o que Marcos objetivava em sua metamorfose era sentir-se senhor de extenso resplendor de luz, como se sua aura refulgisse aos olhos dos demais.

Os anos foram pesando e o ardor dos primeiros tempos arrefecendo.

Certo carnaval, Marcos não desfilou, desanimado e incerto. Por aquele tempo, as sessenta primaveras haviam passado e mais alguns outonos e verões, aproximando-se a hora dos invernos.

Cabisbaixo, percorria as ruas, observando de soslaio a alegria do povo. Em roupas comuns, não foi reconhecido pelos velhos companheiros de pândegas, que ainda brilhavam nas festividades. Marcos contentou-se em comparecer à porta dos salões e, mais tarde, diante do aparelho de televisão, viu os desfiles e ouviu a descrição das roupas, uma vez que, no branco e preto da tela, só era capaz de perceber certos resplendores e o extremo luxo dos tecidos e pedrarias. Naquele ano, um amigo distribuiu entre os juízes do concurso algumas pedras semipreciosas e ele pôde conceber a riqueza que sustentava toda aquela orgiaca demonstração de poder.

Ainda durante alguns anos, perambulou pela vida, desacompanhado, uma vez que não constituía família e se afastara dos íntimos dos tempos de boêmia. Abandonara de há muito a pederastia e agora revolteava o cérebro no intuito de conseguir atribuir algum sentido à vida. Certa feita, surpreendeu-se acusando o coração de extremado mau gosto por perpetuar o movimento sem vacilações. Estava realmente agoniado. Quando faleceu, encontraram em sua cabeceira algumas vidas de santos, dois ou três objetos da umbanda, uma flor de seda branca manchada pelo tempo e pequeno volume de preces espíritas.

Tudo, devidamente encaixotado, foi colocado no fundo do porão da casa, no aguardo de alguma reclamação da parte de algum parente. No armário, entretanto, foram encontradas algumas armações desmontadas, que se revelariam perfeitas asas de

mariposas. No fundo das gavetas, caprichosamente guardados, estavam os tecidos coloridos que, um dia, compuseram a glória do solitário folião.

Marcos chegou em prantos ao lado de cá. As cãs de alvíssimos fios formavam maviosa madeixa, apanágio único da personalidade. Aguardavam-no alguns amigos sem muito entusiasmo, desconfiados de que sua atuação na Terra não merecera a atenção da parte dos instrutores e superiores da hierarquia celeste. De fato, as lágrimas refletiam a desesperança dos últimos tempos e a compreensão tardia da perda do encarne. Os últimos dez anos tinham sido de profundo sofrimento, diante da impotência de desfazer o que atara de modo errado e de reatar de forma correta os laços que rompera um dia.

Apegara-se a Deus nas preces e protegia-se de espíritos malfeitores através dos amuletos, em cujas virtudes acreditava piamente. No final da vida, conhecia de cor todas as orações do pequeno livro e mantivera intactas as fantasias, para provar a si mesmo a falsidade da existência. No derradeiro ano, débil fisicamente e flácido mentalmente, deixava-se empolgar por visões de mariposas voando, translúcidas e coloridas, resplandecentes de luz. E foi nesse engolfar em crises de arrependimento e em delírios de glória que abandonou o corpo terrestre.

Lágrimas vertidas, lágrimas enxugadas. À sua espera, uns poucos amigos e, surpresa inaudita, vigoroso anjo de luz que lhe trazia rutilante fantasia de borboleta, com esplêndida auréola prateada.

Ao volver os olhos para a sublime visão, esta se desvaneceu no ar etéreo, perdendo Marcos a noção completa do lugar e da hora. Os amigos recolheram-lhe os frágeis despojos perispirituais e conduziram-no inerte para casa de restabelecimento adequada para o tratamento. Ali permaneceria longo tempo em estado cataléptico, engolfado em sua mente, incapaz de reações racionais e positivas. Vivera imerso em sentimentos de pieguice e em sonhos de grandeza. Sua inteligência dedicara-se ao cálculo das quiméricas conquistas das lantejoulas e dos *strass*. Sua aspiração fora a exaltação dos caprichos e o enaltecimento de si mesmo. A grandiosidade se transvestira em ilusões. O estágio na letargia servia-lhe para a reflexão a respeito da vida. Não sofria porque se arrependera, mas não progredia porque havia que restaurar os princípios do encarne relegados a segundo plano. No fundo do quadro consciencial, a figura do anjo a ofuscar-lhe a vista, com a empolgante demonstração do poderio celestial. Era o que não conseguia decifrar.

— Por que, — interrogava-se imerso na profundidade mais negra da consciência, — por que o Senhor me permitiu ver a minha glória transsubstanciada em esplendor celestial? Por que, se toda a minha vida foi perdida, na busca de inúteis fantasias?

Chegado a esse ponto da reflexão, tendo colimado todas as explicações para todos os atos falhos, recebeu, na qualidade de intuição, a resposta definitiva:

— Meu caro, Deus lhe deu a ilusão de ver concretizarem-se as suas aspirações, pois o sonho de soerguimento do espírito humano deve conduzir a humanidade para os páramos da luz. Sonhar não é proibido, aspirar à grandiosidade da perfeição é absolutamente plausível, criar e manter as aspirações de crescimento e de glorificação junto ao Pai é o que se requer de todas as criaturas. Deus lhe exibiu a real contextura dos sonhos que o conduziram à Terra, mas a sua interpretação da verdade interpenetrou-se de baixos desideratos e você não foi capaz de perceber os reais objetivos do encarne. Desde cedo, deixou-se levar por padrões vibratórios por demais materializados, exaltando o *ego*

como suprema grandeza da criatura, esquecido de Deus. Mas algum mérito teve sua passagem pela Terra, pois foi capaz, finalmente, de ferir as cordas da sensibilidade com poderosos dedilhares de arrependimento e de compenetração do vazio existencial em que se lhe transformou a vida. Julgou-se corretamente e aceitou o destino sem revoltar-se, assumindo integral responsabilidade pelos atos desatinados. Soube controlar-se a ponto de não intentar contra a vida, apesar de extraordinariamente pressionado pelo sentimento de culpa. Não se lhe darão asas agora, com que possa erguer-se luminoso pelo etéreo, mas haverá sempre de lhe ser proporcionadas condições de restabelecimento e novas oportunidades surgirão de estudo e de recuperação dos bens morais que você deixou lamentavelmente escapar de seus domínios. Quem sabe, um dia, após próximo encarne bem sucedido, queira experimentar as asas que lhe foram mostradas, para ver se lhe servem. Acorde, agora, para o trabalho que o espera. Fique na paz do Senhor!

Tendo aberto os olhos, Marcos surpreendeu-se pelo fato de estar em ambiente de profunda tranquilidade. Estava só no meio de vasto salão branco. Ao lado, havia perfumado leite e pôde perceber que todo o local parecia limpa e clara instituição hospitalar. Não se sentia mal pelo fato de estar só, mas angustiava-lhe o fato de não estar plenamente seguro de si. Hesitante, caminhou até a porta para ver o que fora se passava e ali se deparou com inesperada azáfama. Era o bulício dos espíritos que se confraternizavam com a volta de amigos e parentes bafejados na Terra pela ventura de terem sido bem sucedidos nas encarnações. Ao redor desses grupos, perambulou durante longo tempo, até que, um dia...

O CÉSAR

Operário emérito era César — Caio Julius Caesar, como lhe fez questão de chamar o pai, cultor de algumas letras mas embatucado na antiga primeira série ginásial, em que se ensinava latim às crianças, por meio de alguns trechos da obra *De Bello Gallico*. Quis suprimir o Silva do nome do filho, mas não conseguiu, de modo que lá ficou o imponente nome do imperador romano ameaçado perpetuamente de ir demorar-se na floresta mais densa.

Mas o nosso César progrediu na vida. De mero mecânico de automóveis, profissão que aprendeu com rara mestria, dedicou-se ao estudo das máquinas, merecendo da firma a consideração de apaniguá-lo com bolsa de estudo para aperfeiçoamento em centro educacional especializado. Nunca suficientemente agradecido pelo gesto generoso dos patrões, dali partiu para estudos aprofundados, de sorte que lhe foi possível frequentar algumas matérias em curso de engenharia, com a probabilidade de vir a tornar-se aluno regular, se se mantivesse o desejo de prestar o competente exame de habilitação. Mas César achou melhor volver ao antigo emprego, dotado de conhecimentos mais amplos em sua área de serviço.

Esta história bem poderia terminar com a assertiva de que nem todo Júlio César sonha conquistar o mundo, havendo aqueles que se contentam em prosseguir obscuramente prestando serviços aos patrões. Mas a narrativa forçosamente terá de ir além para explicar o porquê dessa deliberação que, aos olhos dos encarnados, poderá parecer de simplória humildade. É que, ao tempo dos cursos universitários, conheceu jovem brilhante, colega de turma, que desejou levar para sua vida na qualidade de companheira de estudos, de pesquisas, de profissão, além de esposa e mãe de seus filhos. Foi, no entanto, repudiado e essa negativa repercutiu-lhe na mente como se o mundo se desarmasse por estranho encanto em seu mecanismo. Desacostumado com os entraves, não insistiu, resolvendo voltar para a modesta condição de operário, emérito, é verdade, mas operário.

O mundo realiza seus revolteios e, um dia, ao ler página de revista especializada, nota ao rodapé o nome da antiga colega, a qual discorria com proficiência a respeito de máquinas e motores. Ficou desvanecido com a descoberta de que alguém tão importante pudesse ter sido o alvo de seu interesse mais íntimo e descortinou a possibilidade de

manter correspondência, uma vez que, relevantemente, poderia acrescentar algumas observações ao roteiro do magistral comentário.

Tomou da caneta, pôs-se ao lado da prancheta e ideou os termos em que vazaria a carta. Ao mesmo tempo, pôs-se a desenhar engenhosamente as peças componentes do motor a que se referia, de modo a bem ilustrar o ponto de vista. Tão bem se saiu nas explicações que, tão logo enviou a missiva, recebeu imediata resposta da amada correspondente. Vinham vários comentários retificadores de algumas ideias explanadas por César mas, no geral, agradeciam-se as oportunas observações e prometia-se denunciar as falhas no próximo número da revista.

Entusiasmou-se Júlio César com a repercussão do atrevimento e pôs-se a aguardar com ansiedade as retificações prometidas. Solene decepção. Quando procurou o novo artigo, ali só encontrou referências técnicas eivadas de citações e absolutamente fundamentadas em bibliografia abonadora. A carta que recebera, cheia de referências pessoais, fizera-o crer em que algum sentimento transpareceria no artigo. Na verdade, ao final, agradecia-se a correspondência recebida e fim.

César desanimou mas prosseguiu comprando e lendo a revista, anotando o que de imperfeito lhe parecia conter, mas sem vontade de reiniciar a correspondência. Nesse meio tempo, conheceu uma juvenzinha, filha de um dos patrões, com quem manteve curto namoro, propondo casamento, que foi aceito.

Os anos passaram em conflito íntimo. César sempre seguia a distância os avanços da antiga estrela-guia mas disso nada falou à esposa, que ignorava a antiga paixão.

Os anos foram passando, os filhos chegando, a vida foi estabilizando-se cada vez mais até que César, um dia, se viu dono de metade do patrimônio da empresa, pela vontade expressa do sogro no testamento.

Aí se inicia finalmente a parte espiritual do drama.

O Senhor Olavo, o sogro, após breve estadia nos campos obscuros do Umbral, obteve permissão para cuidar da família na Terra. Tal anuência, como veremos, tinha superiores razões para ser concedida.

Por iniciativa do espírito protetor, vários elementos se reuniram para formularem projeto de assistência, de modo a encaminhar os componentes da família para a doutrina espírita, a fim de poder ministrar-lhes orientação que redundasse em maior felicidade futura. Ao se aproximarem da filha, verificaram logo suave melancolia na base da contextura moral. Intuitivamente, via o marido distante e os filhos sendo por ele afastados para roteiros de vida não condizentes com seus anseios. Moça de saudável formação moral, não compreendia a razão de tal distanciamento do marido, que sempre se mostrava cortês, respeitador, cumpridor dos deveres, atencioso, mas nunca carinhoso, apaixonado, enlevado por sua presença. Desconfiava de que sua pessoa poderia ser substituída por qualquer outra mulher, sem que o marido sequer notasse.

Ficou o pai extremamente angustiado com tal situação psicológica, pois sempre supusera o genro a pessoa mais inteligente e confiável do mundo, tanto que lhe cedera as duas coisas que lhe eram as mais caras na vida: a filha e a firma. Passou, então, a intenso trabalho de investigação. Após algumas diligências, pôde seguir o genro nas incursões noturnas, durante o sono. Invariavelmente, ia ao prédio da antiga faculdade, hoje transformado em oficina mecânica, e ali ficava chorando durante boa parte da noite. De

manhãzinha, voltava para o escritório e, antes de acordar, beijava e beijava carta antiga que mantinha em repartição absolutamente secreta da secretária.

Não lhe foi difícil estabelecer a identidade da missivista, atrás de quem foi para responsabilizar por tão infausta situação espiritual do genro. Foi encontrar a senhora atarefada com motores em desenvolvimento, em fábrica situada no plano espiritual. Era espírito evoluído, absolutamente integrado nas tarefas que realizava. Não teve coragem de se aproximar e aguardou que voltasse para o plano físico, para conhecer-lhe a vida e as circunstâncias em que se apresentava ao seu espírito a figura do genro.

Na carne, descobriu que a jovem senhora cuidava de extensa prole, resultado de feliz casamento com lépido professor de ginástica, que mantinha concorrida academia

Olavo não compreendeu a vinculação possível entre o genro e aquela pessoa que vivia em mundo tão diferente. É verdade que mantinha coluna especializada em revista mensal a respeito de máquinas e motores, mas, afora isso, não se dedicava a outros afazeres além dos de dona-de-casa e excelente esposa. Atônito com o fato, desejou sondar os sentimentos dela relativamente ao genro e fez com que, intuitivamente, sentisse o desejo de rever a correspondência, para encontrar certos princípios mecânicos que estariam em alguma antiga carta. Ao se deparar com a de César, releu-a com interesse e verificou que ali, realmente, se encontravam as anotações pretendidas. Por esforço de memória, mentalizou o antigo companheiro de bancos escolares e emitiu o desejo de saber que fim dera à vida, uma vez que, um dia, a desejara. O coração nem por isso mudou o tranquilo bater que vinha mantendo. Surpreendida pelo marido com a carta na mão, informou-o a respeito do César, da condição de brilhante conhecedor do ramo, do pedido em namoro e de sua recusa. Mostrava-lhe a carta que lhe enviara anos depois, fazendo os reparos em seu artigo. Nada lhe escondeu, nem o desejo de possível reencontro para elucidação de certas ideias ali apenas esboçadas. Os desenhos estavam intactos e demonstravam o carinhoso esforço de lhe chamar a atenção.

O marido não gostou muito do caso pela novidade da surpresa, mas não deu maior importância, cortejando a esposa e levando-a a compreender que o desejo era reminiscência agradável de fato que permanecera obscurecido na mente por largo tempo. Ele acendeu o fósforo e ela queimou a correspondência, para assegurarem-se de que o caso estava sepultado definitivamente no tempo.

Mas Olavo não serenou o coração. À vista da realidade dos sentimentos da moça pelo rapaz, concluiu que algo deveria ter havido, em alguma outra encarnação, que prendia o jovem à memória de alguém que por ele não tinha mais que vaga lembrança. Para não perder tempo consultando os arquivos do etéreo, imaginou se não seria possível conduzir em espírito a amável senhora até o local a que César se dirigia toda noite.

Conseguido o necessário alvará dos protetores das entidades envolvidas, resguardado vibratoriamente o ambiente do encontro, com a aquiescência de todos, deu-se a reunião em clima de tensão transparente. Estavam todos ali: Olavo, César, a filha, a colega com o marido e diversas outras entidades.

De início, estranharam-se pela aparência que assumiram os dois envolvidos pelo laço do amor não correspondido. César quase não reconhecia a figura da idolatrada personagem dos sonhos. Com algum esforço, pôde perceber-lhe os traços mais característicos. Quanto ao marido, pôde ver que se tratava de alguém a quem um dia fora

apresentado mas não ligara qualquer importância. A esposa era estranha completamente ao casal e o mesmo se pôde perceber quanto aos filhos de ambos os casais.

Que insólita situação! Reuniam-se ali pessoas pelo maluco sentimento de um único indivíduo.

Olavo, sentindo-se responsável pelo momento constrangedor, tomou a palavra, fez as apresentações formais de praxe, narrou sucintamente as suas atividades e expôs o desejo de resolver definitivamente aquela embaraçosa situação.

César começou a se sentir mal diante das providências evidenciadas. Não supunha que a revelação de sua paixão pudesse envolver tantas criaturas inocentes. Sentiu-se obsidiado sem saber por que espíritos sofredores, pois já não mais via motivos para dedicar tanto afeto àquela criatura, que lhe era tão estranha e distante. A esposa surpreendeu-se com tal relato, pois elucidava de vez as atitudes do marido. O ginasta confirmou suas intuições relativamente ao correspondente da esposa e propôs, amavelmente, que deveriam efetuar outras reuniões para resolver-se o problema do amigo César, que via estar em alvoroço íntimo. Problema maior foi levantado pelo próprio César, que manifestou o desejo de pedir perdão a todos, a uns em espírito, o que fez de imediato, a outros na carne, para que os ânimos se rejuvenescessem em presença do amor e da benquerença.

Olavo se propôs a diligenciar para o efeito e a reunião teve fim.

Na manhã seguinte, começaram a surtir os primeiros efeitos das intenções da nova disposição. César recusou-se a sair com os filhos naquele domingo para o futebol, propondo-se a quedar em casa a fazer companhia para a esposa.

Na segunda-feira, logo de manhã, um dos sócios da firma falou a respeito do centro espírita que frequentava, dizendo que se manifestara certo espírito familiar. Ao contar o sucedido em casa, César ouviu da esposa que desejaria ir a esse centro, onde talvez pudesse ouvir a voz do pai. Foram e não ouviram, mas encontraram-se com casal que lá ia desde algum tempo. Na senhora, César, estremeceu, reconheceu o antigo objeto de sua paixão.

Em casa, encheu-se de coragem e relatou à esposa o que lhe ocorrera na juventude. Atravessava assim o seu Rubicão.

E, como nos contos de fadas, viveram felizes por muitos e muitos anos...

O PINHÃO

Ardoroso na luta contra a ignorância dos companheiros, Jeremias opunha a mais férrea resistência a toda manifestação que envolvesse resquício sequer de algo em contradição, por mínima que fosse, com qualquer fato da natureza. Tinha a opinião de que todos deveriam esmerar-se por progredir.

Pobres de nós se se atrevesse a ler o que estamos a redigir. Discutiria cada palavra e proporia sérias alterações com o objetivo de tornar cada termo mais claro e consentâneo com as normas ajustadas entre os humanos. Amigo das convenções, antes e acima de tudo era perfeccionista.

Jeremias era tido entre os pares no centro espírita como arrogante e presunçoso, mas quem se atreveria a sequer imaginar propor-lhe tais termos com a fugidia pretensão a encaminhamento de sombra de dúvida? Ninguém. Quando Jeremias falava, todos se calavam. Aliás, incorreta observação: quando Jeremias estava presente, ninguém conseguia mais abrir a boca, com medo de ser alvo de ferina estocada do confrade.

Um dia, certo parceiro ousou dizer um *para mim fazer* que lhe feriu os brios do vernáculo. Na reunião seguinte, toma de Rui, de Camões e de Bernardes. Outro, esquecido da presença do amigo, disse, de passagem, que *a alma do desencarnado...* Tanto bastou para levar de Kardec, André Luís e demais luminares da ciência espírita. Não bastava a infortunada vítima de sua arrogância jurar de pés juntos que conhecia a regra e o conceito, mas que resvalara por pura imprevidência, que aí vinha profundo sermão a respeito da responsabilidade, da firmeza de caráter e do direito dos irmãos ao respeito de suas convicções.

O homem era duro!

Emérito médium psicofônico, suas manifestações primavam pela lógica da linguagem e pela correção da doutrina. Espírito sofredor e ignorante, pela sua voz, parecia a transubstanciação do idioma na mais elevada postura angelical. Se lhe vinham à mente conceitos errôneos, ideias perversas, intenções malignas, não deixava passar para os ouvidos dos doutrinadores; pegava a palavra a unha e tecia longos comentários a respeito da virtude e das leis, de modo que as comunicações se encerravam, invariavelmente, pela palavra do orientador da casa, manifestação inequívoca da grandiosidade da criação.

Um dia, ao ditar as instruções da semana, resumo necessário das atividades do grupo, deparou-se com insólita situação. Pequena frase fê-lo embatucar diante da confusão que se lhe estabeleceu no cérebro. Dentre outros papéis, apanhados das manifestações psicografadas que deveria organizar, corrigir e dar a conhecimento dos parceiros, estava ali registrado num deles que “*O pinhão do Jeremias era sempre a mais respeitável.*” Assinava em baixo, em letras bem claras, o seu guia, protetor e amigo, Luciano.

Ora, não tinha lembrança de ter constatado que este seu orientador se tivesse manifestado por meio de qualquer dos médiuns desta ou de outra casa. Sendo assim, como interpretar diferente? Por certo houvera sido ele mesmo quem devera ter registrado a ambígua frase. Tendo esgotado os recursos da compreensão que deveria ter a respeito do provável tema do escrito, julgou ter procedido a horrível defecção linguística, verdadeiro acinte à gramática: sendo *pinhão* masculino, como se atrevera a escrever *a mais respeitável*? Certamente deveria expor à minudência as regras da concordância gramatical mais comezinha aos parceiros, pedindo escusarem-no de tão grave percalço. Mas assaltou-lhe outra dúvida: que *pinhão* era aquele a que se referia o instrutor? No último junho, lembrava-se bem, discursara a respeito das tradições populares, tendo-se detido especificamente nos hábitos alimentares, quando mencionou, de passagem, a paçoca de amendoim, o milho verde na brasa, a batata-doce assada e o pinhão cozido, dentre outras guloseimas. Mas não atinava por que seria o seu *pinhão* sempre o mais respeitável.

Aquela semana acabrunhou-o. Não conseguiu decifrar o mistério e viu-se na contingência de propor aos amigos a sua dúvida. Certamente, deveria submeter-se aos demais, mas desconfiava que ninguém pudesse vir-lhe em socorro. A situação tenderia a complicar-se, pois deveria chegar ao ponto de censurar o guia e protetor, o bom e respeitável, ele sim, Luciano.

Aberta a sessão de estudos, Jeremias efetuou a leitura acurada de todos os textos, censurando os erros ortográficos, expendendo largas opiniões a respeito dos temas morais e abonando os casos com outros exemplos elucidativos. Tão maravilhosas foram as explicações que não sofreu nenhum aparte. Tanto pior para ele, porque o tempo não passou e necessitou expor a última mensagem ao crivo da observação dos companheiros.

Iniciou solicitando a todos que conferissem a letra e a assinatura, pois poderia ter ocorrido que a mensagem tivesse sido apanhada por outro médium. Todos reconheceram ali a mão do amigo. Inconformado com a situação mas pleno do desejo de ver tudo sempre muito claro, passou aos comentários linguísticos. Teceu longas considerações a respeito da gramática e da aplicabilidade de suas normas para a finalidade da comunicação que almeja entre os seres humanos. Censurou largamente o erro que praticara e jurou que jamais procederia contrariamente ao bom senso dos filólogos e dos dicionaristas. Na longa perlanga, demonstrou que os que procediam em erro bem poderiam estar comprovando falhas profundas de caráter, de modo que prometeu regenerar-se, a partir de sentido exame de consciência, que iria iniciar a contar daquela data.

Passaria, em seguida, à censura mais séria: a incompreensível consideração pelo seu *pinhão*, por ter sido apaniguado como o mais respeitável. Por mais que intentasse desviar a atenção ao protetor, por fim teve de reconhecer que a falha conceitual ali existente não se devera a qualquer participação do escrevente, uma vez que mecanicamente escrevera algo de que se não lembrava, sendo que jamais admitiria deixar passar pela pena palavras que

representariam puro vitupério à vista do elogio pessoal. Se consciente estivesse, jamais permitiria que o considerassem publicamente superior em algo.

Durante mais de hora discorreu a respeito da modéstia, da humildade e da necessidade de serem preservados os médiuns pelos orientadores e instrutores espirituais. Em suma, deu severo puxão de orelhas no amigo, exortando-o a que se restringisse às ordens emanadas dos círculos superiores, as quais, evidentemente, estava a burlar.

Os amigos tremeram na base diante de tão forte arrogância, mas tiveram de concordar mentalmente com a solene postura moral assumida pelo confrade, principalmente porque sua voz modulava acentos frásicos pungentes e ardorosos, ao tempo que os gestos percorriam o espaço descrevendo incríveis figuras que imitavam a súplica do infeliz, o acerto do justo, a rogativa do crente, a ponderação do sábio.

Jeremias extrapolou a si mesmo e, no auge da manifestação, acabou increpando o amigo da espiritualidade por ter-lhe permitido errar no conceito e na concordância nominal. Lavou a alma.

Em casa, aquela noite passou insone, tremelicando da indignação que demonstrara e do medo de ter excedido, de forma que pudesse vir a perder a nunca negada ajuda do protetor. Aliás, esse medo é que o fez manter-se acordado, para não dar azo a nenhum contacto sonambúlico com aquele que suspeitava ter, ao menos, magoado.

Mas os dias passaram e chegou a hora de novo encontro espiritual.

Pontualidade britânica, ao início dos trabalhos, lá estava Jeremias, devidamente instalado em seu lugar à mesa da confraternização.

Feitas as leituras e ditas as preces, eis que se dão as primeiras manifestações. Jeremias permaneceu calado o tempo todo e não ousou sequer tomar do lápis para qualquer anotação. *Fechou-se em copas* e não permitiu nenhuma manifestação espiritual. Estranhou, contudo, que todo seu esforço em impedir a aproximação de quem quer que fosse não repercutisse no plano espiritual, pois não sentiu estremecimento algum, como costumeiramente, sempre que se aproximava alguma entidade interessada em manifestar-se.

À última hora, deu-se oportunidade às entidades doutrinadoras e assumiu a palavra, na voz de determinado companheiro, espírito que disse ser Luciano, protetor e amigo de Jeremias. Fez as recomendações de praxe a respeito dos trabalhos da noite, indicando várias soluções para os problemas levantados e pediu licença para dirigir-se, especialmente, ao pupilo, tendo em vista a necessidade de esclarecimentos em consequência da ardorosa perlanga da outra noite.

Ousamos reproduzir a fala do amigo para deixar-lhe bem clara a ponderação. Disse ele:

— Caro Jeremias. Devo solicitar-lhe desculpas por ter-me aproveitado de seu estado de meia catalepsia, para passar-lhe séria lição. Evidentemente, não era desejo meu deixar-lhe expresso nenhum enaltecimento da personalidade. Sei que não devemos bajular o instrumento, favorecendo-lhe crescimento ao amor-próprio, o que o afastaria do reto caminho das conquistas evangélicas das virtudes. O que quisera estabelecer como princípio para reflexão é o fato de que suas atitudes têm provocado séria tensão no ambiente, não sendo poucos os companheiros que se veem na desagradável condição de ter de aturar-lhe a arrogância e a pompa. É preciso que a pessoa seja simples e pura e que a simplicidade e a

pureza transpareçam em todo os atos. Não leve a mal a pregação. O que objetivava com a frase do outro dia era fazê-lo meditar a respeito de si mesmo e não que lançasse a severa diatribe contra a minha pessoa. Tão leve foi a repreensão que julgara até de bom alvitre estimulá-lo através de brincadeira consequente, mas absolutamente inocente. Queira, pois, corrigir a frase que tão severamente criticou, lendo, simplesmente: *Opinião do Jeremias era sempre a mais respeitável*. Espero sinceramente que volte a ser. Fiquem todos sob o amparo do Senhor!

Nem é preciso dizer que Jeremias ouviu tudo com a viola devidamente guardada, não ousando sequer imaginar em ir cantar em outra freguesia.

Os companheiros, de início, livres da opressão intelectual do parceiro, terminaram por condoer-se da situação, de modo que foi terminantemente proibido no centro o consumo do pinhão em quaisquer oportunidades.

Quanto a Jeremias, aplicou o rigor da formação intelectual na investigação das verdades contidas nas palavras e na atitude do amigo da espiritualidade e fez voto de silêncio, que manteve durante vários anos, até que...

Bem, isto já é outra história, que fica para outra vez...

Comentário

Queremos agradecer ao escrevente a boa vontade de sempre e dizer-lhe que este conto pode considerar-se como culminante, no que se refere às apreciações de caráter moral íntimo.

No que respeita às referências às pessoas, tomamos sempre o cuidado de evitar a possibilidade de reconhecimento das que serviram de modelo às personagens, embora tenham tido todas existência na carne bem próxima das em que foram mergulhadas nos contos. Fizemos este parêntese para elucidar possíveis dúvidas relativamente ao emprego da fantasia. Evidentemente, a narrativa de hoje mereceu de nossa parte certa atenção para o absurdo do raciocínio, pois ninguém que tenha projeção no meio espírita se deixa inflamar ao ponto da irreflexão, como o fez a figura do texto. Para o enredo, era preciso esse inchaço, que seria inconsistente se se pretendesse narrar caso verídico. De qualquer forma, compreenda-se o trecho na justa medida da lição que Luciano passou a Jeremias.

O DESPERTAR DE ELVIRA

Elvira era pobre costureirinha de fábrica de confecções. Desde pequena, labutava dia e noite para ajudar a prover o sustento da família. Tinha vários irmãos menores a quem cabia amparar, dado que todos se viram órfãos de repente, por duplo suicídio motivado por sensibilidade colocada à flor da pele. Incompreensivelmente, foram os rebentos deixados de lado na hora do clamoroso crime, por imposição da mãe.

Longo foi o debate íntimo que envolveu a mente, o coração e a consciência de todos os que se viram agoniados na rua da amargura. Enfim, aos poucos, os pequenos foram acostumando-se com os desvelos da mais velha, que precisou assumir o duplo papel de pai e de mãe. À época do suicídio dos pais, Elvira contava pouco mais de dezoito anos, de modo que bem compreendia os deveres para com todos, especialmente o menorzinho, com idade de três anos. Agora, aos vinte e cinco anos, começava a cansar-se das atividades com que se sobrecarregara, embora a irmã de treze anos já tomasse conta do miserável casebre que lhes sobrou de herança.

Felizmente, alguns parentes ajudaram muito, conquanto se recusassem a adotar qualquer dos irmãos.

Um dia, ao término do expediente na seção de costura, comprometeu-se com certa amiga a comparecer a centro espírita kardecista para aprender, segundo a palavra solta da companheira, *os mistérios da vida*. Instigara-lhe a curiosidade a injustiça que lhe parecera o ato violento da morte dos pais. Achava que Deus não permitiria, se existisse e cuidasse de suas criaturas, que as crianças sofressem. Ela, tão pequenina e impotente, tudo fizera para amenizar a dor e a fome dos pequerruchos. Se Deus fosse o pai misericordioso que diziam, não poderia tê-la deixado tão sobrecarregada. Mas, enfim...

À noite, pontualmente, na companhia do irmão mais novo, agora com dez anos, o Marquinho, pôs-se à frente do prédio humilde do Centro do Bem Maior à espera da amiga Joana. Enquanto esperava, cismava a respeito dos dizeres. Detinha-se na expressão *centro*. Que poder tinha essa palavra diante dos humanos! Ouvira, certo dia, um padre amaldiçoar certa pessoa, de cima do púlpito, por ter ido ao *centro*. Naquela época, frequentava os bancos da paróquia local, em companhia da mãe. Aí o pensamento se voltou para essa figura tão presente na memória, especialmente no instante supremo em que a acudia, debatendo-se em contorções violentas provocadas pela soda cáustica que ingerira. Se a fé

religiosa era forte nela, por que chegou àquele extremo funesto? O desespero da hora do trespassar foi transformando-se em incompreensão e, agora, ao recordar-se dos pais, sentia só desprezo pelos seres que lhe deram a vida do corpo e a morte do espírito, pois lhe suprimiram toda a ilusão e a esperança, justamente na idade dos sonhos e do prenúncio do matrimônio. Após o infausto acontecimento, não mais pensara em constituir família, pois ganhara uma de presente: seis irmãos em idade escolar. Graças a seu esforço, pudera mantê-los na escola, mas não progrediram, estacionando nas séries em que estavam, desestimulados para os estudos, tornando-se agressivos e verdadeiros tormentos para os professores. De todos, o mais quieto e responsável era o caçula. Nesse ponto das lembranças, abraçou o juvenzinho que estava ao seu lado e enxugou furtiva lágrima.

Eis que chegou a amiga e os três tomaram assento no salão de conferências. Elvira notou, de pronto, a simplicidade das acomodações, as toscas cadeiras e a ausência de quadros e imagens. ***O silêncio é uma prece***, dizia a inscrição solitária na imensa parede branca, caiada há pouco. No fundo, repetia-se a inscrição *Centro Espirita do Bem Maior*. Reparou na falta do acento agudo e observou que nem tudo era perfeito naquele modestíssimo lugar. Imaginou logo que as pessoas deviam ser muito ignorantes porque ela, que mal possuía o curso ginásial, era capaz de reparar em tão flagrante decompostura gramatical. Enfim, calou a observação e pôs-se a prestar atenção às pessoas que chegavam. Distraída, observou que os homens entravam entre sisudos e meio alegres e que as mulheres mantinham invariavelmente o cenho carregado. Resolveu entrar no jogo das fisionomias e, lembrando-se de quando ia à missa, compenetrava-se de que alguma liturgia ia ter curso naquele local.

Às oito horas, marcadas no relógio ao fundo da sala, assumiu a presidência dos trabalhos jovem senhora bem falante, que convidou os presentes a acompanharem a prece de abertura. Não deixou de imaginar que pudesse estar ali alguma freira da organização, uma vez que não compreendia como não fora algum dos homens presentes quem iniciasse os trabalhos. Assustou-se com a escuridão, mas a suave melodia que se escutava ao longe acalmou-a. Seu medo era de ver algum fantasma aparecer em meio ao público, todo branco e vaporoso, pondo pavor nos corações. Acompanhou a prece com interesse e surpreendeu-se com o fato de se repetir ali o pai-nosso.

Mais tranquila, acompanhou as explicações a respeito da virtude e do amor. Ouviu falar no Cristo/Jesus com muita intimidade, mas o que mais a deixou admirada foram algumas expressões desconhecidas: espírito de luz, protetor, guia, médium, perispírito, que entendeu *prispíritu*, e outras do jargão próprio do espiritismo.

Ao sair, desejava dizer à amiga que realmente gostara de ter ido à reunião, mas algo lhe dizia para ser bem sincera. O fato de ter tomado um pouco de água benta, a que davam o nome de *fluidificada*, e de ter ficado no quatinho do lado, sentada, com as mãos espalmadas para cima sobre os joelhos, e de ter alguém feito alguns movimentos com os braços como que afastando algo que lhe estivesse preso ao corpo — o chamado *passé* —, tudo isso a assustara um pouco. Parecia que algo havia de misterioso.

Acostumada a ir de casa para o trabalho e deste para casa, apesar de interessar-se por algumas novelas da televisão, que, às vezes, via na casa de alguns amigos, pouco sabia das coisas da vida. Desde algum tempo, os irmãos em idade de trabalhar levavam-lhe algum dinheiro e ela estava começando a desafogar-se da pesada carga.

Estranhamente, Joana não lhe perguntou nada a respeito de tudo o que ocorrera; simplesmente, marcou novo encontro para a semana seguinte e passou a comentar os trabalhos da oficina de costura.

Em casa, conversou com o irmão a respeito da visita ao centro, mas este não teceu qualquer comentário. Somente disse para ela ir com a irmã, na próxima vez.

Elvira ficou, assim, só, diante das interrogações. Chegada a semana seguinte, foi sozinha ao centro, mas lá não encontrou a amiga Joana. Esta, ao chegar do trabalho, torceu o tornozelo e não pôde ir à procura da amiga, tendo somente conseguindo enviar-lhe lacônico recado pelo irmão.

Passemos por cima das cinco semanas seguintes em que Elvira foi encontrar-se com a amiga no centro. Para sermos sinceros, interessara-se mais pelo irmão da amiga do que por tudo que ali se fazia. João era rapaz maduro, de cerca de quarenta anos. Desquitado e pai de três meninos, dos quais cuidava com desvelo, ele mesmo viu na amiga da irmã alguém que talvez pudesse ocupar o lugar da mãe dos seus filhos. Elvira bem chegou a imaginar que a torcida de tornozelo pudesse ter sido falsa, mas lembrou-se da goteira que Joana ostentava no dia seguinte ao acidente e afastou a hipótese de que o encontro pudesse ter sido arranjado. Espiritista de primeiras letras, afastou a possibilidade de o mal ter sido causado por algum amigo da espiritualidade, para a aproximação do casal.

Ora, tudo estava *a quo* para dar certo. Havia interesse de ambos, os irmãos agradaram-se da ideia, uma vez que iriam morar em casa de alvenaria. Os dois mais velhos pensavam já em constituir família. As crianças do João eram ajuizadas e cordatas. Bastava que se desse o mútuo *sim*. No entanto, as naturais hesitações de quem muito sofreu na vida e a séria influência das palestras no centro fizeram com que ambos adiassem por longo tempo a determinação da assunção da responsabilidade do *conjugo vobis*. Assim, nesse lengalenga, se passaram cinco arrastados anos.

Nesse meio tempo, diversos acontecimentos reduziram em muito as atribuições de Elvira. Três dos irmãos se casaram, inclusive a irmãzinha, e foram levar a vida longe de suas vistas. Marquinho, na verdade, era o único que lhe dava cuidado, pois os outros dois trabalhavam e cuidavam de si. João estava cada vez mais distante, falhando muito na frequência ao centro espírita. Joana se casou e se mudou para outra cidade. Elvira deixou o emprego de costureira e passou a receber encomendas de costuras em sua modesta residência, que mantinha bem limpa e asseada.

Nessa contextura de vida, passaram mais cinco anos até que Marquinho se constituiu em verdadeiro problema. O mais assentado dentre os irmãos, de repente, virou a mesa e passou a portar-se como verdadeiro rufião. Preso várias vezes, sua ficha na polícia acusava-o de diversos crimes de furtos e assaltos à mão armada.

Elvira, em dez anos de espiritismo e dezessete de real solidão, não tivera tempo de se compenetrar das verdades da vida. Até aquele momento, vira apenas desabrochar e crescer os irmãos que mantivera sob rígido trato. O menor, a quem com mais afeto tratara, dava-lhe, agora, as maiores preocupações. Mas o tempo no *Centro Espírita do Bem Maior* não fora perdido: ali estava o acento bem nítido a comprovar que alguma participação tivera em suas atividades.

Certa noite de maior desespero, resolveu criar coragem e consultar os amigos da espiritualidade, com relação às atitudes do irmão. Recebeu toda a atenção que sua

dedicação merecia, mas não obteve informações particularizadas, apenas palavras de conforto, de consolação e os meios mais propícios para a resignação. Que orasse muito que os espíritos iriam ver o que era possível fazer.

Entrementes, não deixou de visitar o irmão na penitenciária, levando-lhe os livros que mais de perto lhe falavam ao coração. Curtia no fundo da alma a dor da separação e a vergonha de possuir esse elemento tão funesto à sociedade como membro da família. No ímo da consciência, tinha receios de que pudesse ter-lhe sido a causa dos desequilíbrios. A polícia descobrira que estava envolvido com tóxicos, mas a jovem senhora não via razão para tal procedimento. Em suma, resignava-se como fizera sempre na vida. Limitou-se a observar as paredes vetustas e frias do velho prédio, as grades nas janelas altas, as pessoas que ingressavam com sobrecechos, as lágrimas que se derramavam, os uniformes dos guardas e a severidade da revista.

Em casa, chorava e pedia com fervor aos guias que iluminassem a mente ao irmão, para que deixasse a vida de crimes. Teria mais dez anos de cadeia, mas o advogado garantia-lhe que em cinco estaria fora.

Aí Elvira resolveu não esperar mais. Procurou João e propôs-lhe união fraternal. Assumiria a posição de mãe para seus filhos, agora bem taludos, e cuidaria dele até o fim da vida. Cansara de sofrer. Surpreendido com o pedido, João aceitou e ambos passaram a viver maritalmente, dado o empecilho do casamento, em virtude de simples desquite anterior.

Que palavra, que sentimento, que emoção, que pensamento misteriosos haviam despertado Elvira para a vida? No Centro Espírita do Bem Maior, ouvira todo tipo de dissertações morais. Conhecia *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* de cor e salteado. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* era o seu livro de cabeceira. No entanto, durante largos anos, convivera com a dúvida, com a dor, com a ânsia provocada pela morte dos pais. Assumira a responsabilidade e desvencilhara-se das tarefas com contumácia e sabedoria. Recolhera-se ao seu mundo interior e enfrentara todas as crises familiares com abnegação. Fizera pelo irmão faltoso mais do que por nenhum outro. Angustiará-se por ele e levantara sérias dúvidas em relação ao procedimento que adotara, à vista do péssimo resultado da educação que lhe propiciara.

Aguardaria mais cinco anos para que o irmão voltasse diferente e devidamente punido pela sociedade? Não.

Chegara a sua vez de participar dos eventos do mundo como membro efetivo da humanidade. Iria crescer em espírito. Transformaria em missão o que lhe parecera até então mera expiação sem sentido. Se precisava resgatar débitos antigos, ela o faria com o máximo de disposição, mas o seu ânimo seria forte e a sua vontade, soberana. Despertara finalmente e assim se manteria até que a vida viesse cobrar-lhe o seu preço. Aceitava a morte dos pais como fraqueza de caráter. Aceitava o desvario do irmão como produto de conduta em desalinho com a necessidade evangélica. Iria superar as dificuldades com a fibra e o vigor da palavra do Cristo. Aceitava a convocação do Mestre e despojava-se de tudo que possuía para segui-lo. Finalmente compreendera que, para fazê-lo, deveria estender seu amor a toda a humanidade, assumindo a sua individualidade, a sua matéria, o seu perispírito e o seu espírito. Iria até o fim em todas as suas realizações. Amaria o esposo,

os enteados, os irmãos e os sobrinhos. Visitaria o infeliz recluso e lhe propiciaria toda a assistência, mas fá-lo-ia o só responsável pelos seus crimes. Que pagasse as dívidas para com a sociedade e para com Deus. Se dela necessitassem, estaria pronta para servir.

Aparvalhou com a deliberação o indeciso João e deixou a amiga distante espantada com as transformações. Revolucionou o Centro Espírita do Bem Maior, implementando os serviços do socorrismo ativo. Introduziu no ambiente o sorriso nos lábios de todos e fez até com que os espíritos morigerassem as invectivas contra os irmãos, como se fossem culpados pelas mazelas da humanidade. Verberava contra os sofredores palavras candentes de destemor e fazia-os compreender que acima de todos reinava soberano o criador do universo, Deus, em sua augusta onipotência. Fazia-se respeitar pela seriedade das observações, pela firmeza da convicção e pela força dos argumentos. Fazia-se amar pela lhanura da determinação em amparar e servir e pelo espírito de sacrifício de nunca desmentida dedicação e desprendimento.

Elvira tornou-se o símbolo da determinação e da vontade de vencer. Cresceu em inteligência, em sutileza e na percepção dos problemas alheios. Passou a ser a dona de seu destino.

Perguntada a respeito do que a levava a tal transformação, revelou o poder que se continha na expressão que encimava o frontispício do prédio: compreendia, finalmente, o que deveras significava o **Bem Maior**, que permite a todos aproximarem-se de Deus.

O MÉDIUM BEM FALANTE

Josias era bom amigo de todos. Possuía altamente desenvolvida a faculdade de falar, a qual, aliada a bom nível de perspicácia na observação das qualidades e defeitos dos demais, tornava-o pessoa apreciada por todos, já que jamais tecia qualquer comentário desairoso, nem nunca propunha qualquer arbitrariedade conceitual ou filosófica diante da insignificância dos companheiros. Sentia-se superior e julgava que fora apaniguado por tremenda vocação para o pensamento leve, ágil, rápido e preciso. É verdade que sabia ouvir calado as observações de todos, mesmo quando lhe pareciam sem fundamento. Pensava sempre:

“Dia virá em que o conhecimento há de chegar a cada um de nós. Se eu contestar agora, por mais delicadamente o faça, poderei manifestar interesse em prevalecer-me da situação. A palavra é de prata, o silêncio é de ouro...”

E deixava o barco correr.

À mesa da confraternização mediúnica, punha-se de sobreaviso em relação a certas manifestações mais grosseiras e impedia as comunicações que pudessem ensejar mal-estar coletivo. Domava o espírito por meio de suas ponderações, pois o que se recusava a expor aos encarnados, dizia com toda a franqueza aos sofredores. Pensava ele:

“Se os bons amigos da espiritualidade permitiram a aproximação destes irmãos e, mais ainda, estimularam que manifestassem os pensamentos, por certo estão querendo que lhes digamos, com toda a honestidade, o que pensamos a respeito de suas ideias e de suas atitudes.”

Delicadamente, é verdade, mas com muita firmeza, travava memoráveis discussões, mas tudo no âmbito da espiritualidade. Os parceiros de mesa ignoravam por completo essa faceta do bom amigo. Quando chegava a vez dos instrutores, deixava-os externar livremente os pensamentos, pinçando aqui e acolá as principais ideias para apoderar-se delas e introduzi-las em seu catálogo particular.

Certa ocasião, sem que suspeitasse, adentrou-lhe no âmbito de atuação, cercado dos devidos cuidados magnéticos, potente criatura do mundo inferior, capaz de inferir de imediato o tônus intelectual do instrumento. Viera, sem saber, para prodigalizar a Josias severa lição; se soubesse, retrair-se-ia.

Avisado de que poderia manifestar-se, disse logo que desejava externar os parabéns ao amigo que o recebia pelo tato em evitar os desassossegos naturais entre os companheiros, quando da sustação de descabidas manifestações. Pego de surpresa pela lisonja, não percebeu Josias a grave revelação que se imiscuíra na frase do recém-chegado. Só isso bastaria para atizar a curiosidade a todos, mas a esperta entidade prosseguiu em seu ataque camuflado:

— Bons amigos, venho para vos desvendar o segredo íntimo desta criatura que me serve de instrumento.

Aguçada a curiosidade e verificada a composição lógica da frase, formulada no mais castiço vernáculo, ao tempo que perfeitamente operada dentro dos conceitos doutrinários, Josias prosseguiu a dar vazão ao discurso:

— Em encarnação precedente, este nosso bom amigo teve a coragem e o discernimento de se sacrificar pela humanidade. Acuado em séria acusação moral sem fundamento, deixou-se amargar demoradamente nas trevas de profundo cárcere, enquanto seus perseguidores se aproveitavam de sua fortuna. Na escuridão, recebia a visita constante de certo anjo de luz, por Deus enviado para lhe enxugar as lágrimas de sangue e para agradecer em nome dele as orações pela salvação das almas dos inimigos. Vós estais diante de um santo, embora não tenha sido canonizado. Para comprovar tudo o que dissemos, basta procurar nos anais da Torre do Tombo, em Portugal, pela figura de certo frade capuchinho, Manuel Raimundo, que se devotou à vida da caridade em seus últimos dias, após ter sido liberado da prisão. Não vou estender-me mais a respeito de nosso Josias, para não torná-lo ufanoso de seus méritos pessoais.

Despediu-se e retirou-se.

No plano espiritual, o confrade das profundezas foi cercado pelos guias e sofreu a *desdita* de ouvir solene prédica a respeito das petas que pregara ao encarnado. Como reconhecia que usara de malícia, foi-lhe confiada a missão de caminhar ao lado do irmão Josias nos próximos anos, para conhecer a repercussão de seu ato. Tudo isso, entretanto, sob estreita vigilância.

Após o término das comunicações, ligou-se o aparelho retransmissor, para que se pudesse ouvir a fita gravada. Todos se maravilharam a respeito do que Josias havia dito. Alguns teceram elogios complementares ao bom companheiro e admirados ficaram com o fato de, finalmente, conhecerem aquele aspecto inaudito de sua personalidade: a doutrinação.

Para Josias, tudo parecia um sonho: nunca suspeitara quão bom era ficar no centro das atenções. Deixou-se seu *ego* afagar por aquela vitória e envaideceu-se sobremodo por ter sido tratado com tanta consideração por espírito tão elevado, principalmente porque era sabido que, através de sua voz, só se ouviam graves conselhos e considerações.

Só, em casa, por sábio espírito de desconfiança, abriu ao acaso ***O Livro dos Espíritos*** e leu a respeito dos cuidados que se devem ter com espíritos enganadores. Não ficou satisfeito, tomou ***O Livro dos Médiuns*** e, buscando aleatoriamente algum texto, encontrou séria recomendação aos intermediários que se veem na condição de alvo das atenções elogiosas dos espíritos. Refletiu bastante e, relutantemente, decidiu investigar a veracidade das informações a respeito da figura do capuchinho.

Fez os preparativos para a viagem, arrecadou os últimos centavos disponíveis, deixou a família em polvorosa com a inopinada atitude e partiu para Portugal, para esclarecer, definitivamente, sua condição de ex-santo.

Na Torre, percorreu os catálogos das obras e nada encontrou que pudesse referir-se ao Manuel Raimundo da comunicação. Soube que havia enorme quantidade de manuscritos e de pergaminhos sem catalogação e predisps-se a vasculhar tudo, para encontrar a buscada referência. Investiga que investiga, nada encontrando, surgiu-lhe a necessidade de estudos especializados a respeito das técnicas científicas que os procedimentos exigiam. Perpassou por inúmeros cursos ministrados para os que se aventuravam na pesquisa documental. Aprofundou-se na história, na arte, na língua. Tornou-se emérito conhecedor de numismática, filatelia, filologia. Adentrou pelos caminhos da conservação e preservação dos códices. Aperfeiçoou-se em biblioteconomia, dedicando especial atenção à história da imprensa. Foi mais além, estudando as técnicas dos papiros, das inscrições em alto e baixo relevo, procurou conhecer as anotações hieroglíficas, visitou as tumbas etruscas, interessou-se pelos escritos árabes, chegando, inclusive, a entender um pouco dos caracteres cuneiformes.

Com esse largo acervo de conhecimentos, estabeleceu a história de diversos documentos importantes e escreveu várias obras, tornando-se respeitável sábio no campo da investigação documental.

Mas do Manuel Raimundo, nem sombra.

Manteve, durante certo tempo, correspondência com os companheiros do centro até descobrir que pouco relacionamento já havia entre eles, sustando o intercâmbio.

Voltou ao país depois de dezessete anos de subidos esforços para a decifração do mistério.

A medo, adentrou o antigo centro ainda com as mesmas paredes vetustas, mas com móveis novos e cadeiras mais confortáveis. De sua turma, restavam três bons amigos; os demais dispersaram-se pela vida. Durante o seu périplo investigante, esquecera-se da doutrina e agora reconhecia que isto por certo tivera sido um erro. Deixou-se envolver pelas calorosas saudações dos companheiros e aceitou o amável convite para se sentar à mesa da doutrinação.

Desabitado, estranhou o alvoroço que causara, pois viera precedido de aura de fama que, absolutamente, não suspeitava. Falavam ainda do santo Josias, que partira para Portugal, para investigar — fato grandioso — os indícios de outra encarnação.

No dia da reunião, meio sem jeito, sentou-se no antigo posto e deram início aos trabalhos. Os primeiros a se manifestarem foram os instrutores do centro, que o saudaram como a velho amigo que retorna de longa viagem. Impelido pelo frêmito conhecido da presença de espírito desejoso de comunicar-se, Josias deu curso à fala que lhe veio à consciência:

— Desculpe, caro Josias! Da última vez que, por seu intermédio, me manifestei, pensava estar induzindo-o a sério erro. Na verdade, sofrido por ter perlustado a vida em descompasso com as virtudes evangélicas, não tivera eu condições de avaliar a situação em que fora colocado. Através dos mares e das terras do continente europeu, fui seu acompanhante de todas as horas. A princípio, diverti-me muito com o fato de tê-lo impelido à escusa aventura ao redor de sua ambição de humildade. No entanto, o

sofrimento diante das seguidas frustrações foram indicando-me a dor e o mistério dos caminhos que se tem de seguir para a compreensão de sua causa e a proposta de solução. Cada poeira que lhe penetrava nos pulmões, erguida pelo manuseio dos antigos documentos, feria-me a mim no fundo da consciência. Intentei várias vezes afastar-me ou afastá-lo das pesquisas. Irresistivelmente, sempre voltava a verificar e a avaliar os limites de sua ansiedade. Invariavelmente, frustrava-me com a firme determinação da busca da verdade evidenciada pela sua tenacidade. Certa feita, indiquei-lhe vários documentos em que se falseavam elementos e fiz-lhe ver que tudo poderia estar ali contido. Você simplesmente copiou os dados e ofereceu-os aos estudiosos da administração pública portuguesa. Esquecido de mim, vivi a sua vida intensamente, pois responsabilizava-me pelos seus infortúnios. Foi nessa altura que consegui entender o que se passava. Você estava atrás de sua identidade atual e não da personagem mística que eu lhe havia pintado. A busca maior se dava dentro da consciência, pois você queria confirmar, na realidade, que tudo fora mentira e não verdade, pois descobrira, um pouco tarde, que poderia ter sido ludibriado, para poder enxergar mais além. Acreditava-se perfeito, porque possuía em alto grau o poder da palavra. Empregava-a, contudo, para satisfazer as expectativas das pessoas, principalmente para captar-lhes as benesses e atenções, embora lhe sobejassem na mente as informações de que estavam erradas e precisavam ser esclarecidas. Achava-se tão superior que não dava azo a que os espíritos menos esclarecidos pudessem expor os vícios à doutrinação dos companheiros, o que teria auxiliado a todos em ambos os planos, mediante a indefectível avaliação e conseqüente meditação a respeito. Enfim, preocupava-se muito mais consigo mesmo do que com a necessidade de aperfeiçoamento através do trabalho. Considerou que seu aparato lhe era suficiente para a vida, esquecendo-se de que tudo é perfectível e carente de melhorar-se. Hoje volto humilde a rogar-lhe perdão e compreensão para minha malícia e desprezo pela figura humana que você era. Sei bem que se apercebeu de toda a verdade ao longo destes anos de sofrimento. Conheço sua história porque conheço a minha. Espero que possamos compartilhar, um dia, a alegria de nos congregar no além, para rogarmos ao Senhor nova oportunidade junto aos mortais, se você estiver de acordo. Que estes anos perdidos na busca intensa de nós mesmos possam ser revertidos em favor do próximo e que as desditas que sofremos possam transformar-se em trampolins para nossa ascensão à casa do Senhor. Se cotejar a longa manifestação de hoje com a apagada lembrança que conserva da anterior, poderá avaliar a extraordinária mudança operada em minha maneira de ser. Espero que este possa ser o espelho em que passe a se mirar daqui para frente.

Despediu-se e retirou-se.

O povo na sala estava extasiado com a facilidade do discurso e a correção da exposição. Os velhos companheiros deixaram escapar algumas lágrimas por compreenderem a extraordinária transformação por que passaram os dois seres, principalmente aquele amigo tão brilhante que partira para elucidar o sonho. Josias espantara-se com a possibilidade do contacto tão familiar com a entidade cuja presença suspeitara desde há muito.

Em casa, como que engasgado diante dos familiares, alguns verdadeiros desconhecidos pelos anos de ausência, embargado pela emoção, mal pôde referir os

acontecimentos da noite, encontrando tão só algumas palavras para externar sua vergonha e o seu sentido pedido de perdão.

No leito, longamente rememorou todos os acontecimentos e verificou que merecera a lição e o castigo: lição aplicada pelos protetores e guias; castigo determinado pelos próprios defeitos, dentre os quais avultava a presunção do poder e o orgulho da superioridade. Naquela noite, dormiu tranquilo e sonhou que percorria as estreitas vielas de certa aldeola portuguesa, pisando, com as rústicas alpercatas, as vetustas e desgastadas pedras, portando longo hábito marrom, estendendo os braços em bênçãos aos que passavam e o saudavam alegres:

— Deus te abençoe, pai Manuel Raimundo!

O QUADRO-NEGRO

Quando Valdemar se sentou à escrivaninha para a dissertação mediúnica do dia, já assonorentado e meio macambúzio, solicitou das entidades que o amparavam que lhe facilitassem o ditado, oferecendo-lhe quadro-negro em que os dizeres pudessem ser impressos, para mera cópia. Em sua semiconsciência, foi capaz de imaginar quadros de fundos brancos com escritas azuis, vermelhas, verdes e amarelas, ou vice-versa. Supôs que, necessariamente, o quadro poderia não ser negro nem a escrita branca.

Assim que terminou as preces, pondo-se à disposição de seu povo, começou a redigir mensagem parecida a esta, sem que nada do que se passara pela mente tivesse sido atendido; mas a mensagem em si fazia-lhe evidente referência aos sentimentos.

Preocupou-se com o transcorrer da narrativa, pois achava que o fato fora extraordinariamente simples, revelando mero desejo de ser atendido em pedido que lhe parecia absolutamente coerente e tranquilo. Talvez pudesse imaginar que, no fundo, tal solicitação enveredasse por ínvios caminhos conscienciais de alguém que não estivesse inteiramente satisfeito com sua missão, já que tudo que transcrevia tinha o cunho característico de sua personalidade. Certamente, poderia também entrever que tivesse havido na manifestação do desejo algo insuflado por espíritos impuros, principalmente porque o fato ocorrera imediatamente antes das preces, em momento em que lhe parecia estar evidente a possibilidade de os mentores não terem assumido completamente o domínio da imantação.

Assustou-se ainda mais, ao verificar que o desenvolvimento da mensagem, tal como esta, infiltrava-se-lhe pela alma e revolia certos problemas mui íntimos que desejaria não ver revelados através de sua pena, para não dar a impressão de animismo ou mistificação. Empolgar-se-ia até, se outro médium lhe apresentasse tal mensagem, uma vez que, decididamente, ficaria totalmente evidenciada, da maneira mais categórica e sublime, a honestidade de sua mediunidade e a verdadeira fonte espiritual das mensagens que traduzia.

De repente, eis que a pena permanece suspensa no ar por alguns instantes. Não chegou a um minuto, mas pareceu-lhe evidente ter sido interrompido o fluxo mediúnico. Isso o assustou deveras pois, diante do papel, por mais que vasculhasse a mente, não conseguia a palavra ou expressão mais correta para dar sequência ao pensamento.

Descansou da preocupação ao perceber que novamente as ideias lhe surgiam perfeitamente adequadas ao teor da mensagem. Para melhor compreensão, suponha o leitor que, mais acima, nosso escrevente se visse em apuros para continuar a frase a partir de *mediunidade*.

Se Valdemar tivesse tido oportunidade de meditar a respeito do texto, teria verificado de pronto que o termo que melhor se encaixava no contexto talvez pudesse até não ser aquele que lhe foi proposto em seguida, mas, mergulhado no trabalho, não teve oportunidade de tal discernimento, mesmo porque as frases começaram a acotovelá-lo e a terminologia se complicou, apressando-lhe o passo à escrita. Sentindo a tendência à pressa, considerou mentalmente a respeito da perfeição e pediu aos amigos que moderassem o influxo, de sorte a possibilitar-lhe apanhado condigno, de modo a não tornar a mensagem capenga. Sabia que as ideias eram elevadas, que o sentimento era puro, que o tema era interessante, mas temia pela precisão, clareza e elegância dos vocábulos.

Convenceu os amigos a argumentação, mas de tal modo diminuiu a magnetização que, aos poucos, Valdemar se viu em palpos de aranha para prosseguir intemorato a registrar os termos. Agora tinha tempo para escolher, para avaliar, para decidir-se, mas faltava-lhe o ponto de apoio espiritual que lhe daria integral certeza de que o caminho para a pena era exatamente aquele. Antes que duvidasse da veracidade da atual conjuntura mediúnica, sofreu novo impulso energético e a velocidade retomou o antigo ritmo, serenando-o inteiramente.

Vendo a celeridade e a presteza com que lhe acorriam à mente as palavras, desafogou o espírito e liberou-se das preocupações. Nesse momento, ocorreu-lhe o quadro-negro inicialmente proposto como solução para a fidedignidade do ditado, mas rejeitou totalmente a pretensão como inócua diante da facilidade com que tomava cada uma das palavras e expressões, em sua avaliação, as mais próximas possíveis daquilo que qualquer escritor mediano poderia consignar. Pensou em que o escrito copiado do *écran* talvez pudesse representar obra mais literária, mais precisa e, certamente, mais digna da elevação moral dos comunicantes, mas reconheceu que, talvez, fosse necessário que os espíritos buscassem os termos em seu acervo, uma vez que, lembrava-se, a comunicação espiritual sempre se dava por meio dos pensamentos, que só ganhavam forma verbal por intermédio do denso veículo de carne do instrumento mediúnico.

Ficou, assim, contristado, pois descobria, finalmente, que tudo o que poderia oferecer aos amigos do plano espiritual era acanhado poder de linguagem, fruto, é verdade, de longas horas de estudo, decalcado em parca inteligência e em desconhecido aparato carregado de encarnes anteriores. Aliás, tal influência pretérita parecia-lhe muito insignificante pois, médium há bastante tempo, jamais lobrigou qualquer expressão ou palavra que lhe não fosse conhecida desta presente encarnação. Às vezes, surtia-lhe da pena algum vocábulo estranho à primeira vista, que lhe rebulicava os sentimentos, por julgar que o novo finalmente estava presente. Mas não demorava, percebia que a formação vocabular poderia ter-lhe sido sugerida pelas palavras do quotidiano ou que fosse tibia recordação de alguma leitura antiga, feita ao acaso dos seus variados interesses.

Eis que Valdemar, sem que se apercebesse, terminava a terceira folha do manuscrito, do palimpsesto, se esse nome podemos dar ao primeiro autógrafo — fique o

escrevente encarregado de verificar e anotar¹-, em letra miúda e apertada. Surpreendia-se de novo por ter seguido desconhecido roteiro que, como poderia avaliar mais tarde, continha diretriz absolutamente coerente com as normas estabelecidas para as narrativas de cunho psicológico, ou seja, após a apresentação de determinado problema, a personagem vai conduzindo o pensamento, complicando a situação através de acrescentamentos de diversas conjunturas que irão determinar certo momento em que o drama poderá resolver-se pelo pior, quer dizer, o temor de se ver desamparado ou a descoberto obriga o indivíduo a resolver o litígio de uma forma ou de outra, sendo que as perspectivas vislumbradas apontam todas para desfecho em que irá ter de admitir sua derrota, a perda de algum bem, quando não o desmoronamento completo da personalidade, arrasando-se-lhe o amor-próprio, vilipendiando-se-lhe a inteligência, destruindo-se-lhe a fé e a confiança no trabalho que vinha realizando.

Agora, decididamente, diante do último parágrafo, Valdemar parecia estar diante de escrito verdadeiramente seu, pois reproduzia muito de perto, em expressões semelhantes, quando não idênticas, alguns textos de caráter didático que publicara. Sentia-se a pique de sucumbir. Ele e o nosso escrevente.

Mas aí os bons espíritos vieram-lhe em socorro. Primeiro, sugeriram-lhe que parasse de escrever por alguns instantes e recorresse, através de prece emocionada, à assistência nunca negada dos protetores. Quando intentou fazê-lo, imediatamente fizeram com que compreendesse que aquilo não era para ele mas para a personagem do escrito, pois tudo o que ele mesmo vinha passando era mera auto-sugestão, tendo em vista estarem os comunicadores apenas utilizando-se de situação semelhante, para referirem-se a problema comum entre os médiuns semimecânicos ou mesmo conscientes. Que descansasse o coração, pois os objetivos dos espíritos guardiães dos mensageiros estavam sendo totalmente realizados, estando o trabalho em vias de chegar ao fim, faltando-lhe tão só alguma conclusão lógica e algum pensamento decalcado nos ensinamentos evangélicos. Que aceitasse as desculpas pelo equívoco em que se viu metido e que pensasse mais seriamente quando fizesse seus pedidos aos amigos, no intuito de ver diminuídas as atribuições e responsabilidades. Poderia até parecer que o quadro-negro tão só significasse certa tendência ao ócio, o que o dia a dia do trabalhador desmentia iniludivelmente. Se continuasse a trabalhar daquela forma, certamente teria a satisfação de ver reconhecida a sua vida como inteiramente consentânea com os propósitos e projetos com que foi planejada. Quanto à dignidade da escritura, quanto ao valor literário da obra, quanto à moralidade nela inserta, quanto à forma e à estrutura linguísticas, que fosse o melhor juiz o público leitor, ficando o caro Valdemar restrito à condição de mero apanhador de recados. Que o serviço justificasse o servidor diante da verdade e isto certamente o apontaria como merecedor de adentrar o reino de Deus.

Naquele dia, Valdemar respirou verdadeiramente aliviado quando chegou ao fim do trabalho. Após as habituais preces, releu o texto, avaliou o nome da personagem que ali estava inscrito, apagou-o, escreveu o seu mesmo, transformando o que era Alberto em Valdemar e, agradecendo efusivamente a qualidade da manifestação, fez solene promessa

¹Pergaminho reaproveitado mediante raspagem da escrita anterior. Manuscrito sob cujo texto se descobre escrita anterior.

de que, dali por diante, se limitaria a apanhar as comunicações com o máximo de boa vontade, tal como viessem, para não desmerecer o amparo de que se viu alvo. Reconheceu que o roteiro da mensagem deveria pressioná-lo, uma vez que fazia questão de perلustrar os mesmos caminhos trilhados pelos mensageiros, mantendo-se cōnscio de tudo o que lhe passava pela pena para o papel. Queria ter sempre o domínio da veracidade e da verossimilhança em relação às teorias da doutrina que abraçava com tanto ardor e dedicação; por isso obrigara-se a suportar as investidas ao seu aparato mental e sentimental. Compreendia, finalmente, que fora objeto de muito amor dos guias e protetores e orou com extraordinária emoção, agradecendo a Deus tamanha felicidade. Sem esquecer-se dos companheiros, pediu licença para dar a conhecer aos amigos médiuns a belíssima mensagem e solicitou a Deus que o seu *drama* pudesse significar para todos o advento da mesma luz e da mesma benignidade.

Terminou o trabalho do dia em êxtase de amor.

A HORA DO DESCANSO

Ansiava Antunes pelo descanso mais que merecido. Vinha há sucessivos vinte anos de intensos trabalhos mediúnicos. Durante tão longa peregrinação, por várias vezes fraquejara-lhe a saúde, perdera algumas oportunidades de apresentar-se por motivos de força maior, sustara a escrita, certa feita, por uma semana, para dar curso a certa viagem inadiável de negócios, mas férias mesmo, aquele descanso à beira da praia ou sob a aragem das montanhas, jamais tivera alguma.

Houve ocasiões em que realmente desejou ficar parado por algum tempo para restaurar as forças, mas, assim que se punha a escrever, lhe vinha a inspiração e os temas se sucediam, as equipes se renovavam, os amigos da espiritualidade faziam rodízio e ele ali, firme e denodado, acreditando que fora talhado a formão na pedra, para servir de intermediário ao plano espiritual. E suas mensagens não lhe desdiziam da tenacidade e da inteligência, sempre de bom nível apostólico, quer no incentivo ao estudo e ao trabalho, quer na comoção à lágrima, quando se apresentavam ensejos de consolo e de conforto. Era médium dos bons, possuía vasta cultura intelectual, patrocinava as reuniões no centro, assistia e ministrava conferências, em suma, perfazia o conceito de espírita-modelo.

Certa feita, após esses vinte esplêndidos anos de sucesso na transcrição das vontades alheias, desejou suspender o trabalho por alguns poucos dias, convidado que fora, pela enésima vez, pelos filhos para ir em viagem de férias ao redor do mundo, do qual mal conhecia sua cidadezinha e a capital, para onde se afastara durante aquela semana supra-referida.

Como dissemos, ansiava Antunes pelo descanso mais que merecido, mas não quis partir sem ajustar com os amigos do etéreo o devido contrato para após o retorno. No entanto, ficou surpreendido com a proposta que lhe fizeram. Iria em viagem, mas deveria reservar toda tarde duas horas para apanhado dos costumeiros ditados, necessitando, para isso, cumprir o roteiro diário de repouso, alimentação e cuidados morais e espirituais costumeiros. Se achasse que o trabalho sempre lhe fora valioso e salutar sustentáculo para a vida mental e para a postura diante da existência, deveria atender à solicitação e aceitar o trato.

Empolgado com a perspectiva da viagem e admirado com a lhanura da proposta, aceitou incontinenti, sem refletir um átimo a respeito de semelhante compromisso.

No dia aprazado, lá estava bem disposto no aeroporto, às duas da tarde. Tinha pensado em tudo: o avião partiria às três e ficaria no alto durante três horas, tempo mais que suficiente para apanhar qualquer ditado. Expôs o problema aos filhos, que iam objetar qualquer coisa, mas foram impedidos por categórico:

— Deixem comigo!

Pontualmente, às três horas, alçou voo a poderosa aeronave transcontinental. Acomodado em macia poltrona, dispôs os lugares de modo a que se mantivesse isolado dos demais passageiros. De início, a novidade do forte ronco dos motores, o empuxo natural para arranque e decolagem e a aceleração do possante veículo aéreo surpreenderam-no pela violência das emoções. Mas Antunes estava vacinado contra o temor, pois o contrato de trabalho com o plano espiritual previa, no mínimo, mais um mês de atividades. O voo estava resguardado.

Após o primeiro atropelo emocional, sentiu certa vertigem ao contemplar a paisagem, as casas diminuídas em seu tamanho, as montanhas achatadas contra o solo, o horizonte, longínqua linha afastada, as nuvens formando aglomerações sobre as quais a aeronave passava. De novidade em novidade, não notou que certo enjoo começou a lhe tomar conta do estômago. De repente, a ânsia de vômito e o saquinho salvador lembrado pelo filho a seu lado, experiente viajante do espaço aéreo. Sentiu profunda tontura e certa angústia involuntária que lhe dava desejos de saltar do avião para livrar-se do incômodo. Derreou da ansiada expectativa de se controlar e pôs-se a tremer e a chorar surdamente, disfarçando as lágrimas como se brotadas do esforço das ânsias. Por sorte sua, a preparação para a psicografia preconizava almoço bem leve com base nas frutas, de modo que todo o enjoo resultava em inúteis tentativas de pôr para fora algo que não lhe repousava no estômago. Após longa hora de sofrimento, abateu-se na poltrona, esquecido do compromisso, trêmulo e assustado com a inusitada reação orgânica. Sempre controlara as reações fisiológicas e mentais com seriedade; via-se agora sob domínio de forças que lhe eram absolutamente estranhas. Como por encanto, ao pisar o solo, todo mal-estar desapareceu. Sentia certa fraqueza e só. O cérebro voltou a funcionar como sempre e reassumiu inteiro domínio sobre si.

Lembrou-se, então, que deixara de apanhar o respectivo ditado, mas colocou a conta no passivo, uma vez que lhe fora impossível dedicar qualquer atenção aos amigos da espiritualidade. É verdade que orou muito para sua salvação, do filho, da nora e do neto, mas foi prece muito confusa e entrecortada por inúmeras alucinações que seu estado mental lhe prodigalizara.

No hotel, já instalados em dois quartos, coube-lhe ficar em companhia do neto, querido e amável pimpolho de dez anos de idade.

Era a hora da refeição, que, por força da necessidade, teve de ser farta e substanciosa. Acompanhou generoso vinho tinto a que se desacostumara Antunes desde há tempos, quando do falecimento da esposa, com a qual partilhara de agradável convívio, inclusive de mesa alegre e festiva, principalmente porque o casal era amigo de um bom copo de vinho, que achavam iria ajudar na digestão. O almoço fora frugal; o jantar, lauto e feliz.

Assim, após a refeição, rejeitou o convite para passeio noturno e pôs-se sob as cobertas para a primeira noite de sono fora de seus lençóis. A aventura do dia absorvia-lhe

os pensamentos mas o vinho fê-lo cambalear e dormiu sem perceber que deixara de pronunciar as preces noturnas. Pela madrugada, acordou alagado em suor, após rápido desmaio sonambúlico, em que figuras estranhas de homens encarnados vinham resgatar destroços de avião e pedaços de cadáveres. Não bastava o desassossego do dia; tinha de enfrentar os fantasmas da noite.

Pensou que o jantar lhe pesara no estômago, tentou vomitar mas não conseguiu. Os eflúvios alcoólicos pesavam-lhe na cabeça e não conseguia atinar com o que se passava consigo. Aos poucos, foi sentindo calafrios, apesar de a temperatura estar elevada, e necessitou de mais cobertas, nada encontrando no armário. Não queria acordar o neto mas foi compelido a isso pela insegurança do momento. A pobre criança assustou-se muito e foi chamar o pai. Em suma, terminou aquela noite no hospital, tomando soro e lutando para serenar a taquicardia.

O dia seguinte estava arruinado para a excursão. Mesmo assim, ao meio-dia, aprestou-se para o almoço, no intuito de superar o fiasco da véspera. Na mesa, imensa macarronada fartamente acompanhada de vários tipos de carne e de molhos. Poderia acondimentar da forma que melhor lhe apetecesse. Perguntou pelas frutas e estas vieram em grande quantidade. O filho conhecia os deveres do pai e não fez importunação alguma quanto a forçá-lo a provar os famosos pratos italianos. O garçom é que não compreendeu como é que alguém, indo à Itália, não comesse e não bebesse. Preciso foi dizer-lhe que o velho estava sob cuidados médicos.

Às duas da tarde, partida de futebol entre as duas mais importantes esquadras da cidade. Os ingressos, previamente comprados pelo agente de viagem, precisavam ser honrados. Antunes preparava-se para o ditado mediúnico, mas foi instado para não perder a peleja ou ficaria sem nada saber a respeito da cultura do local. Outras pessoas da excursão insistiram e ele precisou obtemperar que o dia era um domingo e que deixaria reservado para a segunda horário dobrado para a missão espiritual.

Se fôssemos narrar dia a dia de todo aquele sofrido mês, iríamos desgastar o caro leitor. A verdade é que o horário não coincidia, o ônibus se atrasava, a alimentação não era conveniente, o passeio, irrecusável, o desejo do neto, irreprimível, a praia, imperdível, e o nosso Antunes não se colocou à disposição dos amigos senão uma única vez, isolada tarde de descanso de toda a comitiva, após manhã passada em vários museus. Na verdade, deveria ter saído para compras, mas julgou melhor liberar os familiares, para ficar a sós com seus amigos.

No quarto, sobre modesta mesa de canto, dispôs os livros que trouxera e que até então não abrira e se concentrou para possível ditado. Preocupava-se seriamente por ter fraquejado tanto, ele, que, durante vinte anos, não arredara pé da mesa da confraternização evangélica. Estava na França e temia, ainda, ter de receber a visita de algum espírito que intentasse transmitir-lhe alguma mensagem naquela língua, que lhe era tão estranha quando falada pelo povo. Recitou as preces habituais, leu dois trechos de cada obra, preparou papel e lápis e se dispôs a escrever. A mensagem foi curta e séria. Dizia simplesmente que seus passos haviam sido seguidos um a um, que se livrara de vários desastres aéreos e outros tantos terrestres, mas que ficasse tranquilo, pois, se peregrinasse pela sua cidade, teria corrido os mesmos riscos. Lamentava-se que tivesse mal aproveitado a viagem, tendo em vista ter ficado preocupado com o fato de não ter podido oferecer-se

para a psicografia, e que se preparasse para novas aventuras, assim que chegasse a casa, de volta.

De fato, ao regressar com a família, instalou-se-lhe no pulmão insidioso vírus que, célere, lhe provocou irreversível lesão que o levou à morte. O ditado na França fora o último da vida.

Ao despertar do nosso lado, Antunes chegava absolutamente intrigado. Preparara-se durante a vida toda para não ser surpreendido pelo fatal instante da transmigração. De repente, se vê do lado de cá sem prévio aviso. Ao contrário, parecera-lhe ter entendido que o aguardariam novas aventuras quando retornasse à pátria. Meditou muito e pôde perceber que estava na hora de prosseguir trabalhando, pois a pátria a que se referia a curta mensagem era a espiritual. Quis, então, saber dos amigos por que razão havia participado daquele desconjuntado passeio pela Europa. Obteve como resposta que era o merecido prêmio por ter tanto batalhado pela causa espírita.

— Por que, então, fiquei tão pressionado pelo compromisso assumido? Isso, para mim, foi verdadeiro inferno. Não terá havido aí algo como que falta de consideração?!

— Não se apoquente, bom amigo. Você estava livre de aceitar ou não a oferta. Se aceitou, foi por razões suas, próprias. Não teria sido o desejo de continuar amarrando o seu destino ao nosso, na íntima desconfiança de que tudo se pudesse perder por simples afastamento de tão só um mês? A sua insatisfação crescia à medida em que você se julgava em falta para conosco. Mas isso não seria considerar extremamente valioso o seu próprio serviço? Por que não propôs em troca que tomássemos outro médium para substituí-lo durante a viagem de recreio? Os males que você enfrentou foram tão só suave lição para que compreendesse que nem tudo pode estar sob nosso inteiro domínio. Se tivesse prestado atenção no que lhe ocorreu ao início da viagem no avião, teria percebido que a hora havia chegado de sujeitar-se às contingências das leis naturais. Eis a tarefa imediata: trabalhar em prol do semelhante, sem temer pelo sucesso da empresa. Deixe um pouco também para a responsabilidade dos amigos espirituais.

Tendo bem compreendido sua necessidade, Antunes buscou a esposa dentre os presentes, deu-lhe profundo e emocionado abraço e propôs-lhe futuro regresso à Terra, para mais vinte, trinta ou mesmo cinquenta anos de companheirismo e de mediunidade. Prometeu-lhe que todo ano iriam, se possível, tomar ares no campo ou banho na praia.

O ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO

Quando Eneias se atreveu a reclamar da quantidade de trabalho, o seu guia e mentor ousou lembrar-lhe que o Pai só atribui aos filhos tarefas que sejam capazes de suportar.

Deveras, Eneias tinha até certa razão em seu desafogo, já que, além de todos os afazeres caseiros, ainda lhe restava ir em busca do pão de cada dia e de alimentar três porquinhos para seu irmão, à vista de possuir amplo quintal. Fazia-o contrafeito pois enjoava-se da carne dos animais e consumia tão só vegetais, evitando inclusive os ovos e o leite e respectivos derivados. Era perfeito em sua higidez, pois, além do trabalho e dos cuidados com a casa, mantinha-se em forma, frequentando academia de ginástica próxima, três vezes por semana, participando, aos finais de semana, de partidas futebolísticas patrocinadas por entidade sociodesportiva local. Jamais recusava convite para compartilhar do esquadrão da oficina, não sendo raras as oportunidades em que emprestava o brilho de sua atuação a diversas entidades esportivas do bairro.

Além disso tudo, comparecia a centro espírita, religiosamente, quatro vezes por semana, em duas das quais se sentava à mesa mediúnica para auxiliar nos trabalhos da doutrinação e da desobsessão. Era espírita convicto, dos bons. Respeitava o espiritismo e o praticava em todos os atos da vida. Mas naquele dia, com seus trinta e sete anos a lhe pesarem nas costas, reclamou das tarefas, uma vez que lhe cabia o serviço mais pesado de receber, através da psicofonia, os irmãos mais sofredores, ao mesmo tempo que se dispunha a transcrever diversos ditados dos orientadores espirituais. Além de tudo, reservava algumas horas para ler e escrever em casa, ao influxo do acaso, objetivando estar em dia com a literatura e com a influência mediúnica mais atual e ativa. Bem comparando, era atleta olímpico em constante competição.

Compreende-se, então, que a medo tenha o orientador mencionado a relevante e expressiva palavra do Senhor. Bem pesadas as coisas, qualquer outro não suportaria metade de seus afazeres. Mas o mentor ousou ainda mais: disse-lhe que deixasse de cuidar dos porquinhos, uma vez que o fato contrariava sua postura diante dos animais.

Essa observação, dita com sagacidade para despertá-lo para as responsabilidades para com o Senhor em confronto com os compromissos carnis, foi acompanhada de sutil influência intuitiva em que, por meio de refulgente mensagem de amor, se concitava a necessidade de se seguirem as orientações cristãs do amor a Deus e ao semelhante.

Após a sessão, durante a leitura dos textos, os participantes da mesa discutiram longamente se era preferível buscar atender aos reclamos do amor divino de preferência ao do próximo, ou se este era o caminho mais seguro para aquele. O resultado da discussão, no coração de Eneias foi quase desastroso pois, no fundo da consciência, passou a perلustrar toda a vida e lhe vieram calafrios quando reparou que o que mais fazia era cuidar de si mesmo, especialmente de seu corpo. O fato de o mentor lhe haver mencionado os três porquinhos não lhe pareceu importante em si mas, inteligente e cuidadoso, buscou ver nas palavras do instrutor algo mais profundo. Realmente, era bem dotado das qualidades intelectuais tanto quanto conseguia brilhar na área esportiva. Mas reparou na expressão de Jesus que o amor ao próximo deveria ser igual àquele que se destinasse a si mesmo. Somou todos os minutos da semana e verificou que noventa por cento do tempo eram gastos consigo mesmo, oito por cento com a casa e os últimos dois por cento com os semelhantes. Incluía no tempo destinado a si mesmo tudo o que fazia no trabalho e todas as horas de sono.

Só, em casa, na próxima oportunidade em que proporcionou ocasião para a manifestação espiritual, escreveu longa crônica em que se comentava o valor do trabalho como função social e outra em que se designava o sono como a janela que se abria para a alma ir conviver no plano espiritual, momento em que poderia progredir pelo estudo ou pelo trabalho.

Evidentemente, os amigos auxiliavam-no, no sentido de que se esclarecesse que os noventa por cento da semana deveriam ser reduzidos de muito, no que respeitava à aplicação relativa a si mesmo.

Fez novo levantamento e considerou, ainda assim, que exagerava nos exercícios físicos e nas participações sociodesportivas. Deliberou reduzir esse aspecto das atividades, mas nova mensagem de muito esclarecimento e força provou-lhe que, devido à idade, se diminuísse as atividades, iria sofrer sérios revides orgânicos. Era preferível prosseguir como vinha fazendo até que, por meio de recomendações médicas adequadas, fosse transformando as energias em trabalho por outro modo que não onerasse o corpo. Julgou oportunas as observações e procurou o facultativo da família, que ponderou largamente a respeito da influência benéfica das atividades desportivas, instando para que as mantivesse todas intactas, aguardando que a idade avançasse mais. Após os quarenta anos, aí sim seria conveniente a transformação sugerida pelo plano espiritual.

Novamente diante da consciência, resolveu consultar as economias para ver se conseguiria empregar algum serviçal para desafogá-lo em relação aos trabalhos com a casa. Aí o conselho foi enérgico e pronto: não havia possibilidade alguma.

Queria ampliar o escore no campo do amor ao próximo, mas via-se totalmente enleado pelas múltiplas tarefas. Resolveu seguir o conselho inicial, chamou o irmão e pediu que levasse os leitões embora, pois precisava daquela horinha diária para outras atribuições. O irmão não gostou da perspectiva de sacrificar os animais tão cedo e lhe pediu para que ficasse ainda com eles, até que lograsse outro local para a engorda. No fundo, no fundo, o que este desejava era postergar o momento da devolução dos animais para mantê-los o mais possível sob os cuidados generosos de Eneias. No entanto, sentiu forte resistência à permanência deles com o irmão, precisando sacrificá-los de imediato. Aí Eneias se condeou dos animaizinhos e decidiu prolongar o tempo da entrega.

Imaginou, então, estratégia que, talvez, pudesse convencer o irmão a não abater as infelizes criaturas: deu-lhe de presente obra do irmão Ramatis em que se condena a humanidade ao sofrimento, enquanto persistir massacrando os irmãos inferiores para alimentação e aproveitamento industrial. O irmão, espírita e carnívoro, leu com sofreguidão a obra e viu nos argumentos aventados certa razão, embora tentasse refutá-los com citações dos livros de Kardec, especialmente em relação à passagem em que o espírito Erasto denuncia a existência dos animais para proveito do homem. Aí Eneias opôs os médiuns e não os espíritos ou os argumentos e disse que, enquanto o médium de Ramatis partilhava de suas ideias, bem poderia ter ocorrido que o mediador de Erasto pudesse ter incluído na mensagem referida pensamentos próprios. Ambos concordaram com essa possibilidade e os porcos foram deixados na pocilga sem serem ameaçados.

Mas os leitões tendem a transformar-se em cachaços e estes se tornam grandes e fortes, inconvenientes para pequeno fundo de quintal. Que fazer, então, com os animais? Soltá-los-iam na floresta. Que floresta? Com muito sacrifício, conseguiram transportá-los para a Mata Atlântica, à orla da Serra da Cantareira e, a custo, espantaram-nos para que se internassem no mato. Não se animaram, contudo, a sair dali. Tinham enfrentado dissabores mil com os cuidados para não se verem os bichos maltratados na condução; teriam como sobreviver naquela região desconhecida? A noite chegou e eles, indecisos, sem saber que destino dar aos animais, os quais resolveram deitar por ali mesmo. Pensa que pensa, intentaram fazê-los voltar aos engradados. Inútil investida. Os animais enfronharam-se na mata e desapareceram da vista. Determinaram-se a deixá-los pernoitar ali e deliberaram voltar na tarde seguinte, após o trabalho, para o resgate. O destino que dariam aos animais ficaria para ser cogitado depois.

No dia seguinte, nova preocupação: os animais não mais se encontravam lá. Várias pegadas no barro fresco do dia chuvoso demonstravam que, atrás das patas, havia indícios de pés humanos. Julgaram que crianças das redondezas tivessem acochado os animais e confrangeram-se-lhes os corações pelos possíveis danos, além da perigosa perspectiva de que poderiam as crianças se virem vítimas dos ataques dos poderosos dentes dos enormes cachaços. Foram atrás dos indícios e descobriram marcas de pneus onde terminavam as escaramuças presumíveis. Tinham os porcos sido capturados, evidentemente. Pretenderam seguir o roteiro do caminhão infrator da liberdade dos bichos mas não lograram êxito, pois se perdiam as marcas entre as inúmeras deixadas na estrada por diversos veículos.

Eneias tinha, finalmente, conseguido atender à solicitação do protetor, mas não de forma que o convencesse que tivesse sido a melhor solução. Na noite da psicografia, interrogou o mestre, que lhe informou que os animais tinham servido de alimento para diversas famílias de certa favela do bairro. Cumpriram assim o destino que os homens lhes haviam programado.

Intrigado com o desfecho do caso, Eneias não se satisfaz com as explicações, embora tivesse ficado aliviado por não ter sido acusado pelo amigo tanto quanto era pela consciência. Achava que havia procedido mal e rezava pelo perdão das almas dos animais. Sabia que não seria atendido, pois reconhecia que tais espíritos não manteriam qualquer vibração possível de contatar-se pelas suas emissões de solidariedade fraterna universal, mas, mesmo assim, meio supersticiosamente, elevava o pensamento às forças da natureza, para que lhe dessem condições de bem compreender a situação e luz para que os animais

pudessem evoluir em seu destino particular. Aí o seu conhecimento se confundia e era incapaz de ver além da dor e do sofrimento.

Todo esse transtorno desviou-lhe a atenção da preocupação primordial: o excessivo acúmulo de tarefas. Nesse meio tempo, faltou a algumas sessões de ginástica, deixou de frequentar regularmente o centro espírita, faltou algumas vezes no trabalho, deixou de lavar e limpar alguns utensílios de cozinha, a roupa perdeu alguns botões e a horta viu murcharem as folhas que deixaram de ser regadas. Mas esse titubeio foi curto. Em breves dias, Eneias retomou o ritmo de sua vida e pôde acrescentar de mais alguns tópicos a longa lista de atividades. Agora ia duas vezes por semana ao zoológico, para prestar serviços gratuitos no tratamento dos animais.

Hoje, se você perguntar a Eneias o que acha da lição de Jesus, certamente responderá que acrescentou mais um tópico ao dístico do Senhor:

— *Amai a Deus sobre todas as coisas, ao próximo com a vós mesmos e respeitai os animais como vossos irmãos inferiores.*

O AVARO CONSCIENTE

Salvador era o nome daquele indivíduo. Sentava-se à mesa dos médiuns e pretendia receber os espíritos mais variados para as suas comunicações. Realmente, de quando em quando, exprimia certas ideias com que absolutamente não partilhava, mas fazia-o por dever de ofício. O que deveras o atemorizava era a possibilidade de ser atingido por certa flechada em seu ponto fraco: a avareza. Por isso, não se derramava em palavras fáceis no intuito de bem compenetrar-se de que tudo o que dizia era fruto da responsabilidade dos interlocutores.

Na verdade, tal atitude preventiva tinha efeito contrário e, cada vez mais, ficava mais fácil provocá-lo a falar espontaneamente. Se não dava curso à voz do etéreo, nem por isso queria deixar de participar, o que o levava a longas perlongas a respeito de temas cediços e cansativamente repetidos, dentre os quais o mais frequente era o da necessidade da confraternização universal, momento em que invectivava contra as leis e os costumes humanos que mantinham distorções sociais, fazendo com que o grosso do povo vivesse na miséria. Responsabilizava o governo, os grandes proprietários, os gordos fazendeiros, os obesos comerciantes, enfim, voltava-se contra as grandes fortunas e não descia jamais aos aspectos morais do espírito da fraternidade e da necessidade de todos praticarem a caridade. Desconhecia a figura do óbolo da viúva e não se lembrava de que as moedas enferrujavam sob o solo.

Contudo, Salvador era consciente do mal que o afligia, do mesmo modo que o fumante, sem largar o cigarro, é capaz de reconhecer cientificamente todos os males da nicotina e do alcatrão, bem como o bêbado contumaz, quando sóbrio, pode discursar longamente a respeito das ruinosas consequências orgânicas e morais dos eflúvios alcoólicos. Sabia-se avarento mas sentia isso como contingência do destino ou vestimenta da personalidade. Dizia de si para consigo mesmo, economizando as palavras e as ideias: *“Se eu tiver de pagar, pagarei”*, mas não abria o bolso para fornecer níquel a ninguém.

Certo dia, ficou doente de internar. A família, que desconhecia o valor de suas posses, à vista de ter sempre prodigalizado bons conselhos e dado assistência moral indefectível para todos que a ele recorreram nos momentos de transe, colocou-o no melhor hospital da região, caríssimo nosocômio, por onde passavam só as pessoas mais gradas e poderosas da sociedade. Arcariam, de fato, com as despesas, principalmente

porque o filho mais velho era médico e mantinha estreito relacionamento com o pessoal administrativo da entidade.

Mas Salvador ignorava tais circunstâncias. Ao despertar para o luxo das acomodações, pois se encontrava em apartamento privativo com direito até a acompanhante, quase desfaleceu. Esquecido de que poderia deixar ali a própria vida, temeu pelo dinheiro acumulado em desconhecidas contas bancárias ou transformados em lingotes de ouro escondidos em cofres-fortes, cujo paradeiro só ele sabia.

Chamou o médico de plantão e exigiu dele extenso relatório a respeito de seu estado de saúde. Foi informado de que tinha sido operado às pressas, com sério distúrbio cardiovascular, tendo sido necessária demorada e problemática intervenção cirúrgica. Fazia quatro dias que havia saído da unidade de terapia intensiva, onde permanecera em coma por mais de dez dias. Os curativos nessa época eram de obrigação, de modo que o extenso corte no peito estava inteiramente camuflado.

— Onde está meu filho? — perguntou, inopinadamente.

— Saiu há uma hora para acompanhar alguns amigos que vieram para vê-lo. Segundo pude avaliar, eram pessoas do convívio religioso do senhor.

Salvador suspendeu ali a conversa e solicitou a presença da enfermeira, para ministrar-lhe algum analgésico para a dor de cabeça que se instalava. Não percebeu que, à vinda dos amigos, se tinha seguido o despertar do estado letárgico em que se encontrava e só se preocupava em ter de pagar a conta. A operação, os mais de quinze dias internado, a assistência médica especializada, os medicamentos, até as propinas que julgava serem indefectíveis, tudo o preocupava, especialmente certo temor intuitivo de que o anestesista teria tido muito trabalho e cobraria o valor correspondente.

Fraco, viu-se a ponto de desmaiar. A temperatura subiu, a pressão aumentou e o plantonista foi chamado para a emergência. Por pouco não esticava as pernas naquela ocasião. Mas estava escrito que os sustos perdurariam por alguns dias.

Em suave tarde de março, ao término do verão, desconhecendo que as contas iriam ser pagas pelo filho, deixou a carcassa no leito hospitalar. Tão suave foi o trespasse que não se acreditou morto. Antes, levantou-se lépido, invectivou os médicos como incompetentes e vestiu as roupas que estavam no armário. Reconheceu-se bem mais magro, mas estranhou que o tivessem mantido por tanto tempo deitado quando poderia locomover-se com tamanha facilidade. Chamou de novo os doutores de incompetentes e saiu do quarto e do hospital, repetindo a expressão: *“Incompetentes! Incompetentes! Incompetentes!...”* Achava que os sedativos é que o tinham chumbado ao leito.

Em sua alucinação, passou direto pela portaria e pretendeu deixar de pagar a conta, tendo em vista sentir-se tão bem. Eles que se atrevessem a correr-lhe atrás. Iria à justiça e exigiria indenização por perdas e danos. Ouvira dizer que, nos Estados Unidos, as pessoas ganhavam milhões de dólares por reclamações contra erros médicos. Faria o mesmo.

Dirigiu-se para os locais em que escondia o dinheiro e pôde, sensação estranha, verificar que tudo estava lá sem mesmo ter tido de abrir os cofres. Voltou para casa e encontrou-a vazia. Na cozinha estava a velha tia fazendo café, mas não quis perturbá-la com a surpresa da volta tão inesperada. Subiu as escadas, trocou de roupa e meteu-se no leito, pretendendo refazer as forças um tanto abaladas pela caminhada. Não percebera que o hospital distava de casa mais de quarenta quilômetros. Preparou o despertador para as

seis da tarde e fechou os olhos para dormir. Sua pretensão era comparecer à sessão de seu grupo, às oito.

Dormir não dormiu mas imaginou o que inventaria naquela noite para não passar o dissabor de ficar repetindo as velhas histórias. Imaginou-se recebendo o espírito de um perdulário e teceu longo discurso para a ocasião.

De repente, avaliou o horário e percebeu que havia deixado o momento oportuno para a chegada a tempo. Não se perturbou, no entanto, pois tinha excelente desculpa para atrasar-se; afinal de contas, deixara o leito hospitalar naquela tarde. Mesmo assim, apertou o passo e chegou ao centro dez minutos depois de iniciada a sessão. Sabia que não se admitiam retardatários mas, lembrando-se de ter passado despercebido pela atendente do hospital, acionou a porta e, silenciosamente, foi instalar-se em sua posição habitual.

Chegou a tempo de ouvir sentida prece do orientador da casa em que se fazia menção ao seu nome e à sua vida. Ficou emocionado com a lembrança e pediu a palavra para agradecer. Estranhamente, tudo o que dizia era repetido pelo amigo João, excelente médium psicofônico, cujas comunicações aceitavam desde espíritos infelizes, sofredores impenitentes, até entidades de luz; enfim, toda a gama da espiritualidade.

Ao pedir-lhe para que não repetisse mais o discurso, admirou-se de ser por ele interrogado. Que desplante, tratá-lo com tanta desconsideração; que se lembrasse das belas palavras de há pouco. Perguntaram-lhe como havia chegado até ali e respondeu que a pé, como sempre fizera. Quiseram saber também como viera do hospital. “A pé!”, foi a resposta pronta. Impertinência das impertinências, exigiam que dissesse o nome do hospital e onde ficava. Declarou-o a contragosto. Aí a dúvida surgida. Se o hospital ficava tão distante, como pudera, recentemente operado de tão grave afecção coronária, ter caminhado tanto?

Não respondeu na hora, pois hesitava em revelar que estivera junto à sua preciosa fortuna, o que acrescentava mais vinte quilômetros à distância percorrida. Ainda não atinara com a sua condição de espírito.

Pediu licença para retirar-se mas, nesse instante, adentraram a sala dois elegantes médicos trajados de branco, cuja luz parecia ofender a obscuridade reinante. Travou-se entre os três interessante debate a respeito da vida e da morte que teve por desfecho longo desfalecimento de nosso amigo. Socorrido pelos companheiros do plano espiritual, foi conduzido para entidade hospitalar no etéreo, onde se constatou a necessidade de nova intervenção cirúrgica, desta feita no perispírito, com vistas a estancar séria hemorragia fluídica.

Calemos as referências técnicas para não estragar a surpresa aos leitores que um dia se virem na situação do caro Salvador. Digamos, apenas, que, ao despertar da letargia, acionou a campainha e convocou a presença do médico de plantão. Para surpresa sua, compareceram os mesmos dois facultativos da véspera. Quis saber onde estava, quais os males de que padecia e, principalmente, quem iria pagar a conta.

— Deste ou daquele outro hospital?

— Penso que deste porque daquele saí sem que percebessem.

— Pois seu filho pagou todas as despesas, inclusive o caixão e a tumba.

Intenso alívio perpassou pelo coração do avaro. Certamente a sua fortuna estava a salvo.

— Seu filho soube das contas bancárias do senhor e muito se surpreendeu com as quantias lá depositadas. Pensa em erguer magnífico mausoléu em sua homenagem.

Salvador esfriou o ânimo. Ainda bem que restavam as barras de ouro e as letras do tesouro.

— E esta conta, quem irá pagar?

— Não se preocupe. Apesar de não ser muito, o que você guardou durante a vida será suficiente. Restará, talvez, o dinheiro da propina, mas este você encontrará guardado em determinados cofres, *cujo paradeiro só você conhece*. Mas tal cobrança é livre e não se efetuará agora. Por enquanto, recomendamos-lhe profundo repouso e a leitura dos ***Evangelhos***, especialmente da passagem do óbolo da viúva e da parábola das moedas enterradas.

Salvador era capaz de repetir de cor os dois trechos citados, mas guardou silêncio diante dos orientadores.

À noite, chorava baixinho e recitava comovido o Salmo XXIII: *“O Senhor é meu pastor: nada me faltará...”*

DE PENA EM PUNHO

Balduíno era médium de exímias qualidades. Apaniguado por vasta cultura adquirida em diversos cursos superiores, aposentou-se com bom salário e aprestou-se para receber os amigos da espiritualidade em sessões íntimas, que promoveria em dias alternados aos de sua presença no centro.

Emulado pela figura inolvidável e diáfana do grande apóstolo do bem de Uberaba, o emérito confrade e amigo Francisco Cândido Xavier, pensava ter o domínio do vernáculo suficientemente significativo para emprestar a mão para os espíritos elevados, os quais poderiam utilizar-se de seus recursos para produzirem as obras maravilhosas que serviriam para despertar, definitivamente, a humanidade para o seu destino. Almejava mais, pois pretendia elevar o espiritismo pela literatura, propondo-se à cópia de obras de transcendental valor artístico, de modo a possibilitar ao leitor, além do ensino acabado, o prazer perfeito da estesia total.

Sabia-se pretensioso, mas não tinha pressa. Experiente em tomar todo tipo de ditado, conhecia os caminhos da imantação, da magnetização, os percalços das faixas de ondas e das frequências dos fluxos energéticos, não ignorava os gravames das dificuldades surgidas pelas energizações imperfeitas, mas tinha todo o tempo do mundo, para que os espíritos trabalhassem sobre ele até o ajuste perfeito, que adviria a qualquer hora.

Sua expectativa frustrou-se de início, pois, em casa, com a família e poucos amigos, o mais que fazia era apanhar ditados de sofrendores, que, a custo, conseguiam dominar e encaminhar ao socorrismo fraterno dos guias e protetores. Nessa vida, levaram bem seis meses. Após esse tempo, Balduíno começou a impacientar-se e inquiriu seu guia, em caráter particular, a respeito das transformações que esperava se lhe operassem na personalidade para os ditados de caráter superior. Reconhecia os méritos do atendimento aos que necessitavam de ajuda, mas lembrava-se do povo a debater-se nas trevas da ignorância e desejava muito mais.

Em forma de inspiração, veio-lhe a resposta que desejava ouvir: que esperasse, tivesse fé, mantivesse a promessa da paciência, que os seus considerandos estavam sendo devidamente estudados pelos próceres da administração sideral. Resposta cabal e completa só deles dependia. Enquanto isso, pena na mão, prosseguisse com o labutar de amor.

Naquela noite, surpresa imensa! Veio-lhe à mente, de modo suave e preciso, notável poema a respeito do amor. Estendia-se o poeta-espírito por laudas e laudas de papel, em significativos e perfeitos versos alexandrinos. Falou de Jesus e de Deus, sonhou com a Virgem Maria tendo no regaço a figura do menino-deus, exprimiu a delicadeza de José ao receber, como pai, filho tão excelso, configurou a vida do Mestre, as lutas, os esforços, os sacrifícios, relatou, enfim, toda a paixão e encerrou com magnífica descrição do calvário, alçando o Senhor os olhos ao céu e de lá recebendo magnífico e esplendoroso facho de luz. Era o próprio evangelho, a vida, a paixão e a morte de Jesus, em versos deslumbrantes.

Balduíno muito satisfeito ficou, embora lhe desagradasse a assinatura simples que foi aposta à mensagem. Era só um *João*, não Apóstolo, não Evangelista, mas João, sem Batista ou outro epíteto de nomeada. Ao menos fosse Elias ou José, ou mesmo André ou Sebastião; mas "*João!*"... Em suma, o escrito estava soberbo mas repetia as noções conhecidas e divulgadas aos quatro cantos pelas vozes dos evangelistas.

Guardou o poema, aguardando novas manifestações. À tarde, sozinho, desconfiado de que poderiam estar ocorrendo interferências indébitas da parte de algum companheiro menos atento à preparação necessária para a importância da sessão, pôs-se de sobreaviso para apanhar qualquer ditado que lhe chegasse à mão.

De fato, ditas as preces de abertura, logo pôs-se a escrever desenfreado a respeito do espiritismo. A entidade comunicante fazia questão de elaborar significativa mensagem filosófica, partindo da definição de Deus, seus atributos, as provas e contraprovas de sua existência, a discussão da realidade, a apreciação dos fluidos energéticos e vitais, perpassou pelos espíritos, suas categorias e suas leis, visitou os infernos, subiu aos céus, descreveu as virtudes, malhou os vícios, enalteceu a natureza, profligou os homens que maltratavam as encarnações e a criação e terminou fazendo largo elogio a Deus, exaltando-lhe a misericórdia, a bondade, a justiça e o amor, tudo em prosa de altíssimo nível, que não desdiria a produção de qualquer teólogo ou sábio humanista. Mas assinou *João*. O mesmo simples nome de antes.

Balduíno leu e releu a obra, considerou-a acabada e fartíssima de conhecimentos, mas ponderou o que tudo que ali se encerrava se continha em *O Livro dos Espíritos*, de Kardec, julgando até que a obra conhecida estivesse vazada em molde mais simples e compreensível para a mentalidade do homem comum, pouco afeito aos tratados filosóficos.

A bem da verdade, o texto que apanhou era pequeno extrato condensado do saber espírita a respeito da natureza do homem, de seus atributos e de seus compromissos. Era obra de divulgação do espiritismo, mas não se poderia dizer definitiva. Tais comentários lhe vieram à cabeça, quando percebeu que, se não se dedicasse por várias semanas a tal trabalho, nunca poderia receber obra de mais vasta erudição.

Assim pensou e assim procedeu. Combinou com os guias a maneira melhor de se dispor para o trabalho e, a partir do dia seguinte, reservou a manhã toda e boa parte da tarde para a escrita mediúnica.

Durante seis longos anos escreveu sem parar. Começava às sete da manhã, interrompia para meia hora de almoço e prosseguia até às seis da tarde, ininterruptamente. À noite, não descurava dos compromissos e ia participar dos trabalhos do centro ou dos

encontros familiares. Se perguntado a respeito do que vinha realizando durante o dia, guardava silêncio ou dizia que era obra para o futuro. Não conhecia o paradeiro dos esforços que procedia, mas via que as folhas iam acumulando-se. Como havia sempre continuidade e os espíritos faziam questão de ligar e religar uns dias aos outros, acabou perdendo o sentido do todo. Sabia, contudo, que o escrito era da mais alta qualidade e que as entidades vinham bem do Alto para as transmissões, pois havia necessidade, muitas vezes, de enérgicas mensagens na mão para restabelecimento da circulação sanguínea, tão rápidos eram os impulsos eletromagnéticos enviados ao seu cérebro. A par de todo seu conhecimento, foi obrigado a manter extensa enciclopédia e diversos dicionários em várias línguas para consultas rápidas a respeito deste ou daquele vocábulo, em cuja grafia titubeasse, ou para confirmar a significação mais esquisita de determinados termos que supunha não se adequavam ao contexto. De resto, não houve uma única vez que seus avisos tivessem qualquer razão de ser, pois os conhecimentos de seus maiores eram perfeitos.

Ao cabo desses seis anos de sofrido trabalho, sem sábados, domingos ou feriados, escrevendo cerca de quarenta folhas de papel almaço por dia, em letra miúda e absolutamente legível, conseguiu calhamaço de impor respeito até ao editor mais fecundo. Alexandre Dumas, o pai, e Camilo Castelo Branco, juntos, não escreveram em toda a vida um terço de sua produção nesses anos de dedicação e desprendimento.

Como última mensagem, recebeu a incumbência da organização e da publicação.

Ora, apanhar os ditados havia sido possível porque as ideias se atropelavam no cérebro mas escorriam para o papel de modo lúcido e perfeito. Organizar os fascículos a partir da compreensão dos temas, a divisão em tópicos e subtópicos era coisa bem diferente. Avaliou o trabalho que teria e imaginou que devesse contratar algumas pessoas para ajudarem-no, pelo menos, na transcrição dos manuscritos. Pedir que os amigos participassem da tarefa, nem pensar, pois não tinham tempo e, de resto, poderiam ver algo que lhe passara despercebido, de modo que não desejou sujeitar-se à crítica antes mesmo de ser editado. Como se vê, Balduino considerava bem mais sua a obra que reflexo da sabedoria e conhecimento da espiritualidade.

Examinou as economias e considerou possível contratar três rapazes ou moças para o serviço. Reservou a sala da casa para escritório, comprou móveis adequados, raspou o fundo do cofre e instalou três máquinas de escrever elétricas de última geração. Não pôs objeção aos gastos porque imaginava que, terminada a tarefa, poderia vender o material e recuperar as despesas. Avaliou o aviltamento e a defasagem orçamentária, mas considerou que valia a pena o sacrifício para bem da humanidade.

Nesse trabalho de compilação e organização, despendeu dez dolorosos anos, em que as incompreensões domésticas começaram a surgir, à vista da presença importuna de pessoas estranhas a partilhar da vida íntima da família. Além disso, o dinheiro empregado fazia falta à educação universitária de dois dos cinco filhos e a esposa começava a exigir descanso da longa peregrinação conjugal absorvida por infundável obra. Sob o peso de tal responsabilidade, Balduino não arrefeceu. Considerava o seu ministério de amor e concluía que não poderia deixar pela metade o trabalho de sua vida. Comparou-se a Machado de Assis e viu na esposa a contrapartida da emérita Carolina. Achava que, se o grande Machado tivesse os percalços que enfrentava, não teria sequer fundado a Academia.

Aos trancos e barrancos, após aquela década, viu-se a braços com cerca de cinquenta mil folhas datilografadas. Desperdiçara o tempo fazendo o papel de *copy desk* e exigindo que cada folhinha não apresentasse um único erro sequer. Tanta exigência fez com que se revezassem na datilografia nada menos de duzentos jovens.

Enfim, restava catalogar os temas, estabelecer o roteiro da obra, dividi-la em tomos e pô-la à disposição dos editores. Não confiando no discernimento de ninguém, uma vez que conhecia profundamente cada pequenino texto, cada desenvolvimento de ideia, cada parágrafo e cada período, pôs-se a elaborar o trabalho de acabamento. Nesse acerta e desacerta, arruma e desarruma, encaixa e desencaixa, levou mais dois suados anos. Mas foi época tranquila, pois os proventos da aposentadoria iam integrais para as despesas da casa, de modo que pôde ver os filhos devidamente instalados em suas vidas profissionais. É verdade que lhe guardavam certa mágoa por não haver comparecido às formaturas, mas sabiam que o pai realizava obra que lhe imprimiria indelevelmente o nome nos anais da história da humanidade; modestamente, é verdade, concordava ele, mas indelevelmente.

Ao cabo desses dois anos, as cinquenta mil folhas datilografadas em espaço duplo couberam em cento e oitenta volumes, que dariam para serem contidos, ao serem impressos, em letra miúda, em cerca de cinquenta. Era verdadeiramente obra de fôlego, mas poderiam contar os editores que estava ali resumido todo o conhecimento do etéreo possível de ser transmitido aos encarnados.

Esse foi o real drama, a verdadeira tragédia de sua vida. Diante de tão imenso volume, nenhum editor se atreveu sequer a folhear a obra; quando muito se espantavam com o título: ***Para o Homem Ser Feliz após Eliminar os Vícios e Adquirir o Direito de Ir ao Céu***. Balduíno não gostava do título, mas lhe fora justificado em cinquenta alentadas laudas pelo expositor principal da matéria.

Entre parênteses, devemos dizer que, ao longo desse tempo de preparação da obra, prosseguiu frequentando regularmente o centro espírita e apanhando os ditados de todos os amigos da espiritualidade, que se admiravam muito de sua dedicação e desprendimento. Chegou mesmo, certa vez, a ouvir conselho que imputou como invejoso e de baixa extração moral, pois ousara o comunicante desconfiar de que estaria em mãos de embusteiros. Na sessão seguinte, levou pequena dissertação representativa da obra na qual se expunha, com toda a clareza, as quinhentas formas de reconhecimento dos espíritos jocosos e das entidades mentirosas, de modo que, naquela sessão, só ele falou, ou melhor, leu, sendo preciso encerrar o expediente com atraso, ficando várias folhas ainda por ler. O orientador deu-se por satisfeito e não mais se falou nisso.

Mas os editores recusaram-se a aceitar a editoração. Julgavam o trabalho muito extenso e as despesas elevadas. Não ousavam falar da dubiedade da aceitação do público, porque lhes parecia por demais evidente a impossibilidade da impressão e da divulgação.

Após cinco longos anos de tentativas frustradas, resolveu Balduíno arcar com as despesas. Inventariou todos os bens e pôs-se à cata do melhor orçamento nas diversas tipografias da cidade. A mais barateira calculou o valor em dez vezes mais que tudo que se pudesse obter da alienação do que possuía. Era impossível tal caminho. Recorreu a diversas fundações de benemerência mas, à vista do empreendimento, nenhuma se propôs a partilhar das despesas. Em suma, foi colocada definitiva pedra sobre o assunto pela esposa, que ameaçou com o divórcio e repartição das propriedades.

Nesse meio tempo, Balduíno fez amizade com esperto livreiro da capital, atilado comerciante, que sabia ver um sucesso de editoração até mesmo em obras rejeitadas por todos os parceiros. Nunca tivera qualquer fracasso editorial e, quando a obra não oferecia grandes perspectivas de aceitação popular, aconselhava o autor a certas alterações que faziam o trabalho brilhar nas prateleiras. Era emérito em sua arte.

Balduíno não hesitou e convidou-o a visitar o escritório, principalmente porque sabia que o novel amigo se filiara há pouco ao espiritismo e se interessava pelas publicações espíritas. Este estava a par da instituição da benemerência editorial em prol das obras assistenciais e buscava fonte mediúnica para iniciar sério trabalho nesse campo. Enfim, era oportunidade de ouro, tantas e tão ricas eram as mensagens.

Oduvaldo, o livreiro, compareceu ao encontro cheio de esperanças de achar ali a fonte de novo empreendimento, mas, à vista da espessura dos cento e oitenta volumes, arrefeceu. Sugeriu, porém, que Balduíno não se desesperasse e, se tivesse ânimo, que resumisse a obra; certamente, um bom extrato de cento e cinquenta páginas poderia iniciar a coleção. Só não foi expulso de lá porque havia no coração do amigo certa consideração espírita, além de constituir-se em último recurso e de ter sido o único a sugerir algo que representava alguma perspectiva de publicação.

Dentre os manuscritos antigos, enquanto Balduíno saía em busca do café, para se restabelecer da agitação que o dominara, topou Oduvaldo com palpitante poema a respeito do Cristo e pequeno opúsculo sobre o espiritismo. Estavam ambos datilografados e devidamente encadernados, pois antigos auxiliares se dedicaram a eles com extrema simpatia, tendo sido esse trabalho certo presente de aniversário que o patrão recebera dos subordinados. Oduvaldo, ao retorno do amigo, se propôs a editar aquelas pequenas obras, constituindo um conjunto a que daria o nome de *Luzes para a Humanidade*. Balduíno se recusou a admitir sequer a possibilidade de aceitar semelhante oferta e, retirando-lhe os opúsculos da mão, apontou-lhe os maciços volumes da obra maior, lançando a frase capital:

— Ou se publicam aqueles ou nenhuma outra mensagem será divulgada!

Oduvaldo viu a renitência, considerou a teimosia, sopesou os motivos, equilibrou-os na balança de seu julgamento com o peso dos cento e oitenta volumes e deliberou não ofender o amigo com qualquer outra proposta.

Assim que saiu, Balduíno foi fulminado por lancinante e mortal apoplexia. Morreu ali mesmo, caindo por sobre a obra inédita, segurando ainda os dois libretos.

Achado pela esposa, estranhou ela que portasse as curtas dissertações e concluiu que seria de sua última vontade que viessem a ser publicadas. Consultado a respeito, Oduvaldo calou a real derradeira manifestação do escrevente e patrocinou a editoração, com extraordinário sucesso, da pequena e esclarecedora obra.

Quanto aos cento e oitenta volumes, foram encaixotados e enviados para certa instituição de caridade, que os terminou vendendo a peso para que produzissem algum dinheiro para a sopa dos pobres. O comprador, espírita e amigo da instituição, sem conhecer o verdadeiro teor das mensagens, transformou tudo em papel higiênico e toda a obra terminou ali, já que os originais de há muito tinham sido incinerados para afastar os ratos do porão.

Balduíno, enquanto a obra existia, errou de ceca em meca para encontrar os autores para salvar o trabalho. Quando percebeu que tudo se havia perdido, pediu permissão ao orientador e se pôs à busca de médium disposto a receber extenso ditado de obra que certamente salvará a humanidade e que conseguiu reter de memória, por superior esforço de concentração.

Isto ocorreu há doze anos e ainda Balduíno não encontrou quem se aprestasse a receber tamanha revelação. Seria o nosso cansado escrevente quem se habilitaria? Ou o intemorato leitor? Para sossego dos amigos, devemos dizer que, por esforço de condensação, Balduíno já conseguiu reduzir os volumes a cento e vinte. Desconfia de que, enquanto não chegar a cento e cinquenta páginas, não encontrará quem o auxilie na divulgação da superior comunicação dos espíritos de luz.

O BLOQUEIO MENTAL

Renato era filho de pais espíritas. Chegou em época de idade avançada da mãe e recebeu o nome por ter o casal perdido outro rebento há tempos atrás, com cinco anos, vítima de atropelamento. Após mal feita laqueação das trompas, a mãe concebeu a nova criança, quando não mais lhe parecia ser possível procriar. Desejar, desejava muito substituir a suave criaturinha perdida. Lamentar, lamentou muito o ter consentido na operação obstrutora. Chorar, chorou muito a deliberação infeliz. Agradecer, agradeceu demais a dádiva do céu.

Cercou-se de imensos cuidados a tardia gestação, orientada pelo facultativo da família com desvelado carinho. Aos quarenta e oito anos de idade, a gravidez era de alto risco. Os cônjuges, entretanto, fiéis à crença espírita, cômnicos da benevolência do Pai em possibilitar ajuda etérea de máxima precisão, tendo obrado em favor do próximo muito mais que em proveito pessoal, principalmente quando quedaram sós à partida de seu querido Rogério, sabiam que o filho bem amado estava sendo devolvido ao antigo seio familiar.

Ensejaram-se várias consultas ao plano da espiritualidade, mas deixaram-nas passar, considerando inúteis quaisquer informações, que somente confirmariam o que já lhes constituía uma convicção. À noite, de regresso do árduo trabalho que empreendia, Rafael acariciava a esposa e fazia grandiosos projetos para recepcionar e educar o novo pimpolho.

O parto foi demorado e sofrido. A equipe médica desdobrou-se para evitar sufocamento sanguíneo, à vista das condições adversas em que se encontrava o feto, mas conseguiu, através de operação cesariana, retirar a criança com vida e saudável. Todos os órgãos estavam perfeitos e o choro encheu a sala de partos de reconfortante esperança.

Mas sério problema viria instalar-se em breves dias. A criança não reagia normalmente aos estímulos exteriores e, com três meses de idade, pôde detectar-se, de modo insofismável, que portava sério bloqueio mental.

Os pais ficaram desesperados, pois Renato fora o nome escolhido e agora verificavam que aquela criatura não poderia ser o mesmo esperto Rogério que lhes encheria cinco anos de alegrias.

Passou-lhes o desejo de chamá-lo de Rogério e até de Renato. Por muito tempo, era *a criança, o menino, ele, este outro*, com que chamavam um ao outro a atenção para o filho.

A bem da verdade, as luzes espíritas afrouxaram bastante diante da falência das expectativas, mas a comoção inicial cedeu, quando, em busca de auxílio especializado, foram visitar certa instituição hospitalar que cuidava só de casos de deficientes mentais. A organização era constituída em bases do socorrismo fraterno espírita, de modo que permitido lhes foi visitar todas as dependências. Ali ficaram impressionados com os mais graves distúrbios mentais que as criaturas humanas podem apresentar. Para cada criança ou jovem adolescente que lá se encontrava, viam-se vários atendentes e pessoal de apoio administrativo. Os gastos da instituição eram elevadíssimos e, não fora o voluntariado de inúmeros pais, seria impossível mantê-la em funcionamento.

Ao saberem que a expectativa de vida de muitos internos era de, no máximo, dezoito a vinte anos, aí realmente temeram pelo futuro do filho. A informação lhes fora fornecida pelo doutor encarregado da seção de frenologia, de modo que pretenderam confirmá-la com seu médico particular, o qual, sentia muito, mas cumpria o dever de dizer que era aquela a perspectiva de sobrevivência de Renato.

Rafael, único que ainda frequentava o círculo de amizades espíritas, já que a esposa não saía de perto do filho em seu necessário desvelo, uma vez que, se não lhe fornecesse adequada alimentação, era capaz de sufocar-se dados os percalços motores, pretendeu saber dos guias do centro o que deveria fazer para propiciar ao filho os cuidados apropriados de caráter moral e espiritual, para que viesse a progredir na vida. Queria, ainda, informações precisas a respeito das razões por que estavam os pais sendo castigados e o que teria feito aquele espírito para merecer tamanha desdita.

O guia não se fez de rogado e teceu amplas considerações a respeito do amor e da atenção que devem proporcionar os pais aos filhos, especialmente se estão em situação de inferioridade cármica. Aconselhou muita prudência espiritual quanto à imaginação a respeito das causas de semelhante problema e mais não disse que pudesse estabelecer qualquer indício que levasse à solução dos mistérios. Recomendou muita prece e elogiou o desvelo e a atenção da mãe, bem como a dedicação e a aceitação da provação pelo pai.

Rafael não ficou satisfeito com as respostas obtidas, mas calou a ansiedade no fundo do coração, para ver se conseguiria fazer jus ao merecimento de semelhante prova.

Os anos passaram e os trabalhos foram ampliando-se para o casal, à medida que o filho crescia. Frequentavam com o petiz a supra-referida casa de assistência e muito se surpreendiam cada vez que uma nova criança débil era abandonada pelos pais que, insensíveis à dor dos pequenos, viam nessas criaturas trambolhos que se lhes atavam aos pés.

Os especialistas desdobravam-se para salvar a vida àqueles que se apresentavam com deficiências físicas, mas pouco podiam acrescentar ao tônus intelectual dos que sobreviviam. O que melhor efeito produzia em seu ânimo era a carinhosa assistência dos atendentes, funcionários ou voluntários, que os estimulavam a reagir diante das circunstâncias especialmente criadas para sua possibilidade de educação.

Quando a debilidade era passível de ser contornada socialmente, reuniam-se grupos para pequenas tarefas, de modo que a convivência, rigorosamente controlada pelos instrutores, surtia algum efeito. Muitos casos, porém, deviam ser tratados isoladamente, sempre com a presença dos pais ou dos tutores que se apresentavam espontaneamente para tais tarefas.

O bloqueio mental de nosso Renatinho era dos mais graves. Embora fosse desejo dos pais vê-lo na companhia dos demais, impossível era fazê-lo compreender o mínimo direito de qualquer ser humano. Agressivo ao extremo, alheava-se da realidade por longos períodos, quando corria o risco, inclusive, de exaurir-se por inanição, uma vez que era incapaz de alimentar-se ou de manifestar o desejo de comer ou beber. Não era um vegetal humano porque respirava e se agitava. Quando as crises amainavam, punha-se a debater-se, momentos em que não poucas vezes chegou a ferir-se com seriedade. A todos os achaques, os pais respondiam com infinita paciência e profundo amor. Por certo, viam naquela criança a contrapartida do muito de afeição que o Rogério lhes havia propiciado.

Nesse labutar, esquecida de si mesma, auxiliada, embora, por toda a família, exausta e alquebrada, aos sessenta e oito anos de idade, D. Carlota viu seu filho dar adeus à vida, em lacrimosa tarde de inverno.

Quando se aprestava para reiniciar o contacto efetivo com o mundo, chegou a vez do marido.

Mal deixara o luto protocolar, súbito mal-estar cortou-lhe os fiapos de relacionamento com a carne e pôde ir reunir-se à família do outro lado.

Que bela surpresa a aguardava! Reconheceu de pronto o seu Rogerinho, o Renatinho e o Rafael, os três congoçados em plena felicidade. D. Carlota sorriu, estendeu-lhes os braços e abraçou-os em ternura inefável. Após a efusão do reencontro, saudável e feliz, quis conversar com o Rogério a respeito de seus feitos no plano espiritual. Este não titubeou em referir-se aos projetos socorristas que estabelecera para proteger o irmão dos males que frequentemente o assaltavam, ao mesmo tempo que insuflava na alma da mãe os suaves ensinamentos de Jesus a respeito do amor e da caridade.

D. Carlota interrogou, então, o marido a respeito do que havia conseguido obter sobre o Renato, não atinando que poderia dirigir-se diretamente a ele. Renato não se atreveu a interromper a mãe e aguardou, serenamente, a manifestação do pai, cuja reação primeira havia sido idêntica. Rafael, de pronto, percebeu o que se passava na mente da esposa e, sorrindo, amavelmente lhe solicitou que se endereçasse diretamente ao filho.

Alvorçada, D. Carlota hesitou em olhar nos olhos do filho, mas percebeu que ainda carregava consigo alguns preconceitos de caráter meramente material. Intentou ajoelhar-se para pedir perdão, mas encontrou dois fortes braços que a ampararam e suaves lábios que lhe imprimiram na testa longo e enternecido beijo de agradecimento e afeto. Duas grossas lágrimas vieram juntar-se às que lhe escorriam pela face e os dois seres se integraram em amplexo do mais acendrado amor. Nesse enlace, tudo se esclareceu de imediato e D. Carlota pôde compenetrar-se de todo o drama que envolvera aquele doloroso encarne.

Hoje o grupo moureja na Terra, ainda no plano espiritual, dando cabal assistência àquela mesma instituição hospitalar que os agasalhou um dia.

Se você, bom amigo, passar por perto de alguma dessas casas e não se sentir encorajado a oferecer-lhe o calor de seu afeto ou a força de seu trabalho, ao menos faça pequena oração, que, talvez, os seus fluidos possam ser empregados no serviço de socorrismo ali presente.

O BEM COMUM

Salustiano existia para fazer feliz aos outros. Tudo providenciava com esmero e profunda dedicação, de forma a atender aos mínimos desejos de quantos pudessem estar em contacto com ele. Era o perfeito *gentleman* elevado à enésima potência. Mantinha amplos relacionamentos, mercê dessa jamais desmentida disponibilidade mental, e de tal forma o fazia que não havia quem lhe desejasse qualquer mal.

Certa ocasião, tendo saído tarde da noite do centro espírita ao qual assistia na qualidade de médium e orientador, foi assaltado por marginal comum da cidade grande, que o induziu a dar-lhe todos os haveres. Deixou-o nu em pelo e às voltas com frio desesperador. Salustiano, contudo, crente de que tudo o que ocorre na vida tem a sua explicação cármica, abençoou o malfeitor, que se afastava, e orou por ele com todas as forças. Logrou chegar a casa sem transtornos e narrou esmiuçadamente o ocorrido à cara esposa, que muito assustada ficou com a violência sofrida pelo marido.

O tempo passou e, certa ocasião, em sessão regular de desobsessão, por intermédio de companheiro médium, teve Salustiano oportunidade de conversar com o atacante, nessa ocasião desvestido dos liames carnis e fero adversário de quanta virtude fosse que lhe ameaçassem pregar. Conversa vai, conversa vem, a afabilidade de Salustiano fez com que o agressor lhe narrasse alguns fatos significativos da vida. Caracterizava os ataques, invariavelmente, pela supressão total de todas as vestimentas das vítimas, pois temia qualquer revide traiçoeiro. Nunca ferira ninguém, mas fora despejado para o além por certo tiro de policial, em noite de perseguição.

Salustiano, advertido desde o início pelos orientadores, bem sabia que se tratava do meliante que o ofendera, mas calou a situação, pretendendo agir como se fora simples desconhecido. Não houve, porém, como evitar a lembrança ao assaltante, que, de pronto, percebeu ter sido conduzido à presença de uma de suas vítimas. Lembrava-se perfeitamente do caso, pois levava para casa todos os pertences que obtivera, tendo percebido que se tratava de alguém relacionado com o mundo dos espíritos, pois portava duas obras importantes: *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. Esse fato fizera-o meditar profundamente na ocasião a respeito de que, se fosse possível, iria visitar um

centro espírita depois de morto, para ver se confirmava as teses espíritas mais conhecidas da mediunidade e da reencarnação. Não demorou, contudo, para esquecer-se das ideias, tendo arremessado os livros para o fundo da casa, enquanto se desfazia dos pertences pessoais que poderiam incriminar.

Ei-los frente a frente, um tentando esconder do outro o reconhecimento.

— Quem você pensa que ofendeu, atacando as pessoas na rua e retirando-lhes os pertences?

— Aquele que nos criou à sua imagem e semelhança.

— Será que você pensa que pode continuar escapando à justiça divina, como sempre escapou à justiça dos homens?

— Eu não escapei dos homens, tanto que fui enviado para cá por um deles.

— E ser enviado para cá significa alguma punição para você?

— É claro, pois eu pretendia continuar vivendo!

— Sabendo que você poderá reencarnar, onde está a punição?

— Agora fiquei embasbacado...

— Sabe por quê? É porque você mentiu ao dizer que acreditava que os roubos ofendiam ao Senhor. Você não teve pena de nenhum chefe de família que ficou sem recursos para alimentar os filhos?

— Eu só pensava em mim e em meus prazeres. Até mesmo de minha família eu não cuidava. Eles que *se virassem*...

— Será que você acha que não vai ter mais que se relacionar com eles? Será que você pensa que nunca mais irá ter de encontrá-los para enfrentar a dura situação de pedir-lhes desculpas pelo que lhes fez, aos assaltados e aos familiares?

— Seria bom que fosse logo, para me livrar dessa responsabilidade.

— Você acha que só da boca para fora irá ser suficiente para convencê-los de que está arrependido e corrigido? Não terá consciência de que vá precisar trabalhar para estabelecer os vínculos rompidos?

— E se não me aceitarem?

— Você acha que será fácil a reconciliação, depois dos vexames que os fez passar, e mais os sacrifícios e os rancores naturais que fermentaram ódios e dores morais? Você não sente estremecimentos cuja origem desconhece e que lhe provocam profundo mal-estar?

— Sinto, muitas vezes.

— Pois são as más vibrações dos que desejaram e desejam o seu mal. Você os obrigou a sentir raiva e a *pecar* contra o evangelho. Você os provocou e agora irá ter de consertar os tecidos rompidos.

— Se estão agindo mal para comigo, então são também meus devedores.

— Não queira justificar o seu erro com o erro dos outros provocado por você mesmo. Veja se você não agiria do mesmo modo, se algo lhe ocorresse provocado por qualquer atitude impensada de seus irmãos.

— É lógico que iria me vingar. O guarda que me despachou sofreu forte assédio de minha parte e só escapou de mim porque tinha certos amigos poderosos. Até parece que a polícia mantém sucursal deste lado...

— Você não acha coerente que as pessoas tenham amigos e protetores? Quantos amigos você tem?

— Eu pensava ter muitos, que comigo repartiam o resultado dos furtos. Mas não vivíamos bem; apenas nos aturávamos. Até meu filho, quando cresceu, não me respeitou mais. Não sei como está agora, mas, aos doze anos de idade, era um tormento.

— Não queira desviar o assunto. Quantos amigos você acha que ainda tem?

— Minha esposa não quis mais saber de mim. Minha mãe, não encontrei quando aqui cheguei e meu pai vive no mundo, esquecido de todos, dementado e acabrunhado em asilo de loucos. Os que convivem aqui comigo não me toleram e só se aproximam de mim para me atormentarem. Eu acho que não tenho nenhum amigo.

— Você acha que os que o trouxeram aqui não são seus amigos?

— Eles podem até ser boas pessoas, mas fazem o seu serviço. Quando eu for embora, vão se esquecer de mim.

— Nunca ninguém orou por você, pedindo a Deus que o amparasse e lhe desse mais conforto e luz? Pense bem e não minta.

— Bem, meu caro, houve um assaltado que não reagiu mal; ao contrário, tentou dizer-me alguma coisa boa, mas eu esfreguei a ponta do revólver em seu nariz e fiz com que se calasse. Esse mesmo, quando eu estava indo embora, abençoou-me. Eu ouvi distintamente. Se você não me reconheceu, sou aquele que você quis afastar da vida de crimes.

— Sei quem você é e o que me fez passar. Mas estou acostumado a enfrentar os assédios dos que me desejam mal e rezo por todos. Estou satisfeito que me tenha reconhecido, pois sempre soube quem você era. Saiba que nunca lhe desejei qualquer mal. Antes, todas as noites, rezei pelo meu contraventor. Sabia que iria encontrá-lo um dia, só que não esperava que fosse desta maneira. Quero que saiba que vou pedir aos mentores da casa que o encaminhem para lugar seguro, longe das influências mais perversas, para fazê-lo acreditar que existem pessoas que velam pelo bem comum. Hoje você está passando por certo vexame diante de tantas pessoas aqui reunidas. Melhor seria se fosse às escondidas, no fundo de seu coração. De qualquer forma, quando lhe fiz a pergunta a respeito de quem você ofendia ao saquear as pessoas, queria que entendesse que era a você mesmo que me referia, à sua consciência, ao seu espírito. O mundo, meu caro, dá muitas voltas, voltas insuspeitas, voltas cármicas. Um dia ou outro, está de volta à mesma situação anterior e todos nós haveremos de provar a dura experiência de ter de pedir perdão. Não da boca para fora, mas com o coração na mão e a mente acabrunhada por profundo pesar do desgosto e do arrependimento. Se você, agora, não chegar a compreender o valor destas palavras, inspiradas por meus instrutores e fundamentadas no evangelho de Jesus, certamente admirará a época em que irá fazê-lo, após ter pago tudo que deve com muito suor, muita lágrima e muito sangue: suor do trabalho de restauração; lágrima por sentir-se culpado e por responsabilizar-se pelos malfeitos; sangue por ter de reencarnar diversas vezes para saldar todos os débitos. O melhor que você faz agora é aceitar os conselhos e partir com os guias que lhe serão indicados, os quais lhe demonstrarão que o afeto e o respeito dos semelhantes só se conquistam com muito amor e espírito de solidariedade. Vá, meu filho, e ore ao Senhor agradecendo a graça desta possibilidade de receber desde logo o perdão deste humilde servidor de Jesus. Deus o abençoe!

Salustiano disse as últimas palavras extenuado pelo longo esforço para conter as lágrimas que o sufocariam. Entendia a oportunidade que os protetores lhe haviam propiciado de encaminhar aquele distante contendor às sendas da virtude. Ele mesmo agradeceu muito todos esses favores, especialmente as luzes que lhe vieram para tão bem expressar os sentimentos de pureza que o socorrismo exige dos doutrinadores. Agradeceu mais, ou seja, a própria vida, a inteligência e a possibilidade de entendimento da lei. Enfim, prontificou-se a continuar sendo o servo fiel e vigilante do bem comum. Aprendeu, dizia, pelo amor, enquanto muitos haveriam de aprender pela dor. Transformara aquele instante de glória mediúnica em ganho solene de pontos para ascender à casa do Senhor e humildemente se recolheu ao seu lugar, assim que a sessão terminou.

Ao se acenderem as luzes, encontraram-no morto. Havia sucumbido à felicidade. Não havia mais nada que pudesse fazer por aqui. Subiu diretamente às esferas superiores e hoje assiste com denodado ardor aos sofrendores do banditismo, auxiliado pelo companheiro que um dia o espoliara dos haveres. Se lhe perguntassem agora o que faria diante de alguém que o ameaçasse de morte, certamente responderia:

— *Pediria ao Senhor que me desse forças para perdoá-lo e que pudesse um dia reencontrá-lo para encaminhá-lo à luz.*

O ANJO DECAÍDO

Sob título tão sugestivo, o irmão Otávio escreveu alentada mensagem que transmitiu, com muito amor, através de seu escrevente, para conhecimento da humanidade. Tão incertos são os caminhos do mundo, tal texto foi ter às mãos do confrade Valdomiro, pessoa equilibrada e surpreendentemente cônica de todas as obrigações carnis. Até então, só tivera na vida momentos de extrema felicidade e se sentia fortemente apaniguado por realizar tudo de modo fácil e valoroso.

Ao contatar o texto, sentiu frêmito interior a indicar-lhe que algo havia ali que bem de perto poderia interessá-lo. Em casa, abriu o libreto na página indicada e começou a leitura de modo atento e sagaz. No entanto, a cada passo, após a decifração de cada mínima palavra, suspendia a leitura e divagava imerso em sonhos e elucubrações inteiramente estranhas à sua personalidade, sempre tão objetiva e operosa.

Leu ali, finalmente, que os anjos decaídos, na realidade, eram criaturas humanas que haviam incidido em muitas falhas e que mereceram, como castigo cármico, o sofrimento mais atroz, na tentativa de levá-los a compreender que o amor é que deve construir a felicidade dos seres e não o ódio, a revolta, a rebeldia. A dor era sinônimo de oportunidade de superação das deficiências e a ascensão aos céus só se daria após a compreensão do valor das virtudes, dentre as quais resplandeciam a piedade para com os semelhantes, a caridade e a humildade.

Sentiu-se Valdomiro orgulhoso por ter resistido até então a todos os assédios da vaidade, do egoísmo e do descrédito da divina justiça. Agasalhou junto ao peito a elucidativa mensagem e prometeu prosseguir trabalhando honestamente, para fazer jus às promessas divinas.

Mal sabia que estava sendo sondado por forças malignas que bem poderiam fazer por merecer o epíteto de anjos decaídos. Mas a sua euforia fê-lo esquecer-se dos amigos da espiritualidade e sentiu-se forte em si mesmo para enfrentar o mundo.

Um dia, estando entediado por terem saído os familiares, cansado dos programas da televisão, aborrecido com as leituras constantes que fazia, relembrou os primeiros tempos de labutas no espiritismo e desejou reencarnar-se, se assim lhe fosse concedido, emérito escritor de obras morais para poder sintetizar a fé, a esperança e a caridade em um único volume de muito conhecimento e de muita luz. Esse devaneio fê-lo acrescentar

mais sonhos ao sonho e foi levando a fantasia de carne em carne até atingir o píncaro da mais magnífica luz. Compôs-se com Jesus e imaginou-se transvestido em redentor da humanidade. Sentiu na pele a frieza do aço adversário, viu rasgarem-se-lhe as carnes sob o açoite impiedoso, percebeu a escorrer-lhe o sangue pelo rosto sob o impacto doloroso da coroa de espinhos, ouviu os improperios mais pungentes e confrangeu o coração ao perceber que os cravos lhe penetravam os pulsos e os calcanhares. Ao sentir-se no ar, positivamente começaram a borbulhar-lhe por todo o corpo gotículas de suor. Espantou o efeito da figura que o sufocava e voltou à realidade de sua condição. Despertara-o o vazio que viu diante de si no campo espiritual. Se morresse ele, Valdomiro, mesmo tendo propiciado à humanidade enorme benemerência, iria capacitar-se a ascender à casa do Pai, como Jesus o fez?

Tal meditação levou-o a considerações mais terra-a-terra a respeito das realizações de Jesus. Como poderia, vestido com a mesma densidade corpórea, realizar feitos tão notáveis como andar por sobre o mar, efetuar curas, discursar para multidões e até mesmo expulsar demônios e ressuscitar cadáveres? Se quisesse ter a glória de tornar-se um dia salvador da humanidade, precisaria, desde já, iniciar a peregrinação do amor.

Não titubeou e, aproveitando-se da ausência da família, saiu em meio à chuva e dirigiu-se ao hospital da cidade, para obrar em harmonia com as forças do universo espiritual, objetivando levar aos companheiros, nos leitos de dor e sofrimento, a esperança da convalescença.

Conhecido dos médicos, enfermeiros e atendentes, em hora de visitas, penetrou sem causar estranheza e buscou entre os leitos da enfermaria aquele que sofrera a desdita de não ter recebido qualquer parente ou amigo. Estava ali o bom Jovelino, preto velho, desdentado e agonizante, apto a receber o influxo revitalizador da energização fluídica e magnética.

Sem prévio aviso, ordenou à inconsciente criatura que se erguesse do leito, pois estava curado. Não precisava de fé, pois a força curativa do médium iria propiciar-lhe o restabelecimento necessário.

O pobre velho despertou assustado e mal teve forças para divisar a figura que o estimulava a erguer-se. Era a gota d'água que lhe faltava para entornar o copo da vida. Morreu naquele mesmo instante, ao influxo da intempestiva manifestação de poder do nosso Valdomiro.

Tendo chamado a atenção para si pelo desajeitado gesto e pela tonitruância da voz, foi logo cercado pelos circunstantes para conhecimento do que ocorria. Chegado o médico, constatou-se o trespasses. Valdomiro perturbou-se no ímo da consciência, mas exteriormente nada demonstrou. Com largo gesto, afastou os presentes e, dirigindo-se ao cadáver, incitou-o a restabelecer a vida, conclamando-o:

— Levanta-te, Lázaro, e anda, para honra e glória do Senhor!

Não é preciso dizer que foi tido como louco e internado na ala de isolamento psiquiátrico do hospital, enquanto era convocada a polícia e advertidos os familiares.

Após longas tratativas, lograram os filhos conduzi-lo de volta para casa, livrando-o das garras ávidas dos policiais que desconfiavam que o preto velho havia sido assassinado. Não havendo motivo para o crime, acederam em liberar o prisioneiro, não sem antes indiciá-lo em homicídio culposo. Fixada a fiança, eis que Valdomiro pôde safar-se da cadeia.

Em casa, estupefação geral. No centro, incertezas e indecisões. No etéreo, constrangimento e impossibilidade de acesso à mente perturbada. Chamados os guias da entidade em desequilíbrio, contaram o que se passava no íntimo da doce figura do missionário. Era preciso cuidar para que não sucumbisse à vergonha e ao desânimo provocados pelo descrédito íntimo de seu valor.

Os amigos acorreram em seu socorro. Sempre fora ele a ajudar a todos. Estava agora na contingência de receber ajuda. No centro, providenciaram-se preces especiais em prol do restabelecimento. No etéreo, mobilizaram-se os protetores para organizarem-se planos de auxílio emergencial. No entanto, as forças do mal progrediam no arguto projeto de captar aquela alma para sua falange. Seria troféu valiosíssimo, dada a pureza que sempre demonstrara na vida.

Era o que podiam observar. O que não sabiam é que Valdomiro tivera tão só pequena recaída que o reconduziu à condição de criatura em débito com a Divindade há longo tempo. Se recebera carne de proveito, era a trégua de que necessitava para inteirar-se das verdades evangélicas. Agora que conseguira, pelo intelecto, o conhecimento necessário das virtudes, deveria refazer o caminho que o conduziria à aquisição delas, através do trabalho consciente do valor de cada uma. Seus méritos tinham sido muitos, tantos que obrigavam encarnados e desencarnados a buscarem-lhe conforto, no entanto, preciso seria recompor-se por esforço próprio e muita dedicação ao próximo.

Nesse meio tempo, Valdomiro desejou regressar ao centro para ouvir certa palestra que seria proferida por orador espiritista de larga nomeada. Os familiares hesitaram, com medo de novo vexame, agora no ambiente sagrado do templo, mas cederam, mediante o indefectível argumento de que lá haveria seguro resguardo espiritual.

No dia aprazado, Valdomiro estava extremamente agitado. Não conseguia mais dizer as preces que tão bem conhecia e que um dia foram esteio de seu equilíbrio. Por pouco não cedeu aos pérfidos conselheiros que o induziam a realizar cena de descontrole. Na última hora, lembrou-se da figura do anjo decaído e se inspirou no artigo de Otávio para restabelecer o princípio da primitiva pureza espiritual, tudo lá no fundo da consciência. Tal pensamento íntimo, desconjuntado, desarticulado, mas presente, permitiu pequena brecha por onde os guias conseguiram infiltrar um pouco de luz. Restabelecido do assédio obsessivo, foi conduzido à sala da palestra e pôde assentar-se entre os dois filhos mais vigorosos, os quais temiam por algum súbito ataque de nervos. Mas tudo teve transcurso bem tranquilo e pôde o irmão palestrante discorrer serenamente a respeito do valor da prece para restabelecimento da saúde perispiritual.

Em sua desorganização mental, Valdomiro não foi capaz de bem perceber o significado de cada palavra ouvida, mas calou-lhe fundo a oração de abertura dos trabalhos. Durante todo o expediente, esteve desatento, mas o inconsciente ia ajeitando as ideias, de modo que, ao término, foi capaz de acompanhar o pai-nosso perfeitamente, em voz sofrida mas audível. Os filhos deixaram escorrer algumas lágrimas em agradecimento aos sintomas do restabelecimento que se evidenciava e partiram de volta com ânimo novo.

Em casa, Valdomiro sofreu novo ataque dos inimigos do espaço, mas pôde garantir-se em sua fugidia lucidez, não aceitando as influências de que era vítima. E essa luta perdurou por longos anos, até que um dia, tendo de ir a julgamento, se sentou no banco dos réus a ouvir a acusação de homicídio. Em dado momento, inesperadamente, levantou-

se e pediu a palavra. Como se recusara a prestar qualquer informação ao advogado que o assistia, o qual o tinha na conta de dementado e nisso fundamentara a sua defesa, o juiz julgou por bem conceder-lhe a palavra, para avaliar melhor a extensão de sua incapacidade intelectual.

Valdomiro, então, em longo e inflamado discurso, desvendou passo a passo a sua vida, narrando com emoção todos os episódios que julgava significativos para enaltecer o seu encaminhamento à doutrina espírita. Sentia que poderia estar lavrando definitivamente a sentença de insanidade, pois tudo poderia parecer enovelá-lo nas malhas da mais pura fantasia, principalmente se o juiz fosse algum materialista ferrenho. Falou de espíritos, de carmas, de destinos e quejandas programações de vida. Revelou-se lúcido e claro na argumentação, mas fundamentava tudo em razões meramente conjecturais. Não dizia coisa com coisa, se analisado fosse do ponto de vista do relacionamento que deveria existir entre os homens. No entanto, buscou na espiritualidade a influência para a sua atitude e, surpresa das surpresas, revelou o ataque de megalomania espiritual que o levava a acreditar em que poderia curar o infeliz enfermo e até mesmo a ressuscitá-lo. Acrescentou os dados posteriores do assédio de que foi vítima pelo plano espiritual e declarou-se perfeitamente curado de todas as anomalias psicológicas. Ouviria a sentença com serenidade, pois expusera todas as reais razões do desatinado gesto.

O juiz bem ponderou a respeito da lucidez e da força argumentativa do indigitado autor do homicídio, mas não proferiu sentença definitiva. Ao contrário, determinou o recolhimento do réu à prisão e estabeleceu alto valor para a fiança, ao tempo que novas investigações deveriam ser realizadas para constatar-se se motivos havia para o crime. Incluiu no parecer que o réu deveria ser levado para novos exames clínicos, a fim de detectar-se se alguma vez, realmente, estivera insano. Novo julgamento, quando fossem encerrados os competentes inquéritos policiais.

O advogado interpôs recurso. Denegado.

Os médicos não atinaram com qualquer causa para possível diagnóstico de moléstia no aspecto mental. O réu conseguia raciocinar regularmente pelo comum padrão dos mortais e nenhum indício havia de que passara por qualquer fase de loucura. Abonava-lhes a conclusão o fato de não ter havido necessidade de internação, não tendo havido nenhum acompanhamento médico durante o período que mediou o *homicídio* e o julgamento.

O delegado fez minucioso exame de sua vida pregressa e nada encontrou que justificasse acusação de mérito. Supôs, então, que o fato de Valdomiro ter frequentado a casa espírita poderia ter-lhe sugerido, ao contrário do que afirmava o réu, a ideia de executar o enfermo por eutanásia, para aliviar ao doente o peso da enfermidade.

Para chegarem a tais resultados, os investigadores e os médicos levaram cerca de três anos, sem contar os percalços burocráticos das férias, transferências e aposentadorias que soem ocorrer em tais circunstâncias. Finalmente, novo juiz foi designado para o caso e este, para tomar conhecimento dos autos, levou cerca de dois anos.

Enquanto isso, Valdomiro curtia na prisão a desdita do isolamento. Não falando a linguagem dos demais, pôde estabelecer certa aura de periculosidade latente, uma vez que chegara precedido da fama de que era louco furioso e que deveria estar internado no hospital psiquiátrico do poder judiciário. Largado à própria sorte, conseguiu obter permissão para os seus sagrados livros, dentre os quais lhe interessava sobretudo aquele

em que se lia a famigerada mensagem do anjo decaído. Tal texto foi incorporando-se-lhe ao conhecimento da verdade bíblica, de modo que se tornou o te-déum a que recorria toda vez que assaltado por ideias que pudessem parecer-lhe sugestões de descompasso mental.

Nesse meio tempo, estudou o espiritismo de maneira profunda e pôde auxiliar o corpo médico do presídio na assistência aos enfermos. Embora marcado por ter provocado a morte a um doente, sua tenacidade, sua persistência, sua boa vontade e sua docilidade fizeram com que fosse aceito na categoria de atendente. Ali prodigalizou conselhos aos terminais e conseguiu o arrependimento de muitos diante da inexorabilidade da morte. Curou vários enfermos, ministrando-lhes a horas certas a medicação recomendada. Tão assinalados foram os serviços que os doentes desejavam ser tratados por ele. Desdobrava-se em cuidados e orava com fervor, para que os companheiros de celas se afeioassem à doutrina espírita. Conseguiu infiltrar alguns textos em diversos compartimentos e, aos poucos, foi criando fama de curandeiro. Ele mesmo nada sabia dessa condição perante a população carcerária e prosseguia impávido a auxiliar nos tratamentos.

Certa ocasião, foi-lhe dado cuidar de certo cadáver, para encaminhamento ao serviço funerário e espantou-se pela falha médica, pois, ao aproximar-se do corpo, reparou que respirava. Não desconfiou de que poderiam ter suas preces feito regredir a moléstia e recomposto o estado de vida, a fim de oferecer à criatura nova oportunidade de progresso.

Ao ser convocado para novo julgamento, eis que desejou manifestar-se perante o juiz para expor minuciosamente o projeto de prosseguir encarcerado para ajudar os detentos. Surpresa das surpresas, o juiz absolveu-o e mandou-o para casa, pois não encontrou nada que justificasse a prisão.

O advogado quis acionar o estado por erro judicial e prisão indevida. Ganharia alguns milhões por perdas e danos, principalmente morais. Valdomiro, contudo, resignou-se com os lucros espirituais, que considerava muito superiores, e retirou-se para a humilde posição de ser esquecido de todos. Não abriu casa de atendimento mediúnico, não promoveu curas nem ressuscitamentos, mas orou muito pelos que sabia estarem enfermos e necessitados de ajuda.

Transformou-se em anjo tutelar da família e hoje cuida de recuperar os vampiros que o desequilibraram e o tiraram do caminho ascensional. Sentia-se anjo decaído, mas sabia que, na realidade, o que conseguira fora restabelecer os vínculos com o Criador, de sorte a poder considerar-se servo fiel e cumpridor das obrigações. Ao defrontar-se com as cruzes que vai encontrando em sua peregrinação, ora o pai-nosso, recorda-se do sonho de grandeza espiritual e ri-se por dentro de alegria por lhe ter Jesus inspirado a crença de que poderia salvar a humanidade, o que resultou na salvação de si mesmo. Quão misteriosos são os caminhos do Senhor!

A BONDADE DE ANTÃO

Antão era jovem quando foi convocado para o serviço do Senhor. Desde cedo, deu-se à ponderação a respeito dos bens da vida e da morte e optou pelo sagrado dever de filiar-se a certa seita religiosa da preferência dos pais. Se pudesse escolher, iria ser eremita no deserto, pois sua tendência ao isolamento era forte, reflexo, provavelmente, do modo de ser meditativo e distante.

Entre os colegas da primeira idade, alguns extraviaram-se pelo mundo, mas dois, Pedro e Augusto, solidificaram plena amizade entre si, de modo que o terceto formou grupelho inseparável. Pedro dedicou-se às artes plásticas, tornando-se emérito pintor, filiado às tendências mais inovadoras: era vanguardista e, para tanto, precisava inteirar-se de todas as modalidades filosóficas, literárias e culturais do século. Augusto, ao contrário, reservado e cético, dedicou-se à medicina e foi clínico, na primeira juventude, em longínqua cidade do interior, onde conheceu Mariazinha, com quem se casou e teve cinco filhos. Ali, no entanto, não viu futuro para os pimpolhos e retornou à cidade grande, instalando-se sob os auspícios do abonado Pedro.

Nesse meio tempo, vamos encontrar Antão às voltas com as teses filosóficas e teológicas do seminário, pois não conseguia grandes progressos nos estudos, incapaz de oferecer as respostas certas às perguntas equivocadas dos mestres. Melhor dizendo, redigia segundo conceitos próprios a respeito dos temas de obrigação, de forma que não favorecia aos orientadores a oportunidade de sua promoção. Ao mesmo tempo, exercia deletéria influência no espírito dos mais jovens, pois ia crescendo em idade e não se decidia a abandonar os estudos. Seu isolamento de caráter, contudo, foi cedendo e passou a apreciar sobremodo as tertúlias elucidativas dos pontos que pareciam disparatados pela visão hierarquizada dos professores. Tal espírito de rebeldia, insuspeito a princípio, acabou caracterizando-se vigorosamente, quando a congregação percebeu que os *devassos*, como foram chamados, se organizavam em sociedade secreta para reverenciarem certos conceitos absolutamente inconsequentes, se arrolados entre os dogmas que deveriam absorver.

Feita a devassa dos *devassos*, culminou Antão sendo expulso da corporação religiosa, tendo seu nome sido exposto à execração pública, através de circular em que se prevenia todo o clero secular da periculosidade da atuação do ex-professo.

Agora, na rua, sem pai ou mãe que o agasalhasse, vergonha da família, Antão lembrou-se dos amigos e procurou-os, na esperança de bom acolhimento. Deveras, tanto Pedro quanto Augusto o receberam em festa. Pedro mais que Augusto, pois via em Antão alguém de mente aberta, que poderia catalogar entre os vanguardeiros de sua espécie. Mas Antão preparava-lhe surpresa bem desagradável: não só não aceitou a influenciação do amigo como repudiou o ingresso nas fileiras artísticas. Se não podia vestir a batina do presbitério, iria divulgar a sua visão da vida e do mundo através de igreja própria.

Antes, sondou o ambiente religioso da cidade, interessando-se sobremodo pelas misteriosas reuniões noturnas dos centros espíritas. Inteligente e culto, disfarçou sua condição e ofereceu-se ao trabalho, em casa bem modesta do subúrbio. Os mentores da entidade bem sabiam das virtudes e dos defeitos do novel filiado, mas calaram as informações aos instrutores encarnados. Queriam ver até que ponto a iniciativa do jovem iria conflitar contra as disposições metódicas dos tradicionais seguidores kardecistas.

Durante a entrevista, escondeu a condição de ex-seminarista, por medo de que pudesse demonstrar insensibilidade mística, que, pretensamente, imaginava ser necessária para conduzir-se junto à instituição. Após a declaração de que seu desejo era o de conhecer os fundamentos teóricos da instituição, foram-lhe recomendadas as leituras de praxe.

Antão simplesmente devorou *O Livro dos Espíritos* e *O que é o Espiritismo?*, mas esbarrou contra invencíveis resistências ao ler *O Livro dos Médiuns*. Pela inteligência, podia aceitar a tendência religiosa pelo respeito à Divindade como ser supremo e criador do universo; metodologicamente, até aplaudia a tendência científica impressa à doutrina; mas a parte prática precisaria ser evidenciada com rigor.

Admitido para participar do grupo de estudos, foi-lhe designado certo capítulo d'*O Livro dos Médiuns*, que deveria comentar aos colegas, segundo prisma teórico condizente com os fundamentos doutrinários retirados das exposições precisas, diretamente feitas pelos espíritos e coletadas por Kardec. De início, pensou em recusar-se ao desforço, mas enfrentou a responsabilidade, temeroso, todavia, de que pudesse suceder-lhe do mesmo modo que no internato: a expulsão por discordar de certos pontos da doutrina.

Na noite da *pregação*, preparou-se convenientemente e se apresentou prevenido para o debate, que aguardava enervado e triste. Lembrava-se do tempo da infância e via, nos homens, naturais adversários. Quanto daria agora para estar em sua ermida, orando e elevando, em preces, os agradecimentos pela sadia convivência com os bichinhos do deserto! Romanticamente, situava o eremitério dentro de pequenino oásis, no meio de extensos areais, onde os pássaros vinham repousar seu cansaço durante a peregrinação pelo mundo. Via-se acolhendo pequenos insetos, besouros, lagartixas, borboletas. Imaginava alguns animais de pequeno porte no quintal e macacos a se deliciarem nas bananeiras. Ia nesse sonho, quando a prece terminou e teria início sua exposição.

Limpou o suor da testa e iniciou os comentários pelo ponto que julgava essencial:

— Não têm os espíritos possibilidade de entrar em contacto direto com os mortais, pois sua textura existencial é absolutamente incompatível com a densidade corpórea.

Surpreendidos com a assertiva inicial, os instrutores mexeram-se nas cadeiras mas deixaram fluir a argumentação, que viam arrazoada e bem fundamentada. Lembrando-se das tertúlias com os companheiros, aprofundou o raciocínio, rejeitando, inicialmente, todos os tópicos religiosos que proibiam tal contacto. Fora infiel em sua igreja, por não admitir a bula que vedava o relacionamento entre os planos, pois não aceitava, desde aquela época, a existência de um inferno de eternas penas e sofrimentos. Achava que era absolutamente lógica e coerente a lei do livre-arbítrio e por ela defendia intransigentemente a liberdade de o homem conversar com quem quisesse, vivo ou morto, espírito, duende ou demônio, desde que o fizesse em bondade, com muito amor e no intuito de aprender e crescer na vida. Era um puro. Mas não aceitava a possibilidade do relacionamento com o plano espiritual.

Discorreu longamente a respeito das injunções cármicas da matéria e concluiu, agnosticamente, que tudo o que obtivera Kardec e os demais médiuns em seus falsos contatos com a espiritualidade não era mais que o produto de suas próprias reflexões, fantasias e considerações.

A única pessoa que conseguiu compreender as objeções de caráter filosófico que expendeu foi o diretor de cursos da entidade. Os demais não atinaram com a terminologia empregada, absolutamente hermética, inusitada para os pequenos operários do saber espírita e reveladora de organização mental de sólida fundamentação teórica. Além do vocabulário, espantaram-nos os arrevesados apetrechos silogísticos e a cerrada argumentação, tudo absolutamente dentro dos mais eficazes sistemas da lógica. O aluninho revelava-se um sábio, mas suas ideias conflitavam violentamente com os pobres médiuns presentes, que davam curso a humílimas manifestações nas sessões de desobsessão e doutrinação. Empolgou-os a figura do irmão com quem conviviam; entristeceu-os a postura de negação da verdade revelada.

O orientador dos trabalhos, à vista do adiantado da hora, não abriu os debates e recomendou ao novel orador que procurasse algum médico disponível, para discutir com ele o seu ponto de vista e avaliasse até onde poderia coincidir com visão absolutamente pragmática da matéria. Reconheceu que Antão admitia a espiritualidade, não fez confusão com o materialismo grosseiro dos que não aceitam a existência do Criador e pediu-lhe, delicadamente, que lhe considerasse a observação como de alguém interessado em apenas ajudar.

Estranhou a recomendação do instrutor. Nada de vergastar-lhe a posição, nada de tentar refutar-lhe a exposição, nada de contradizer com a palavra da autoridade: *“Vá conversar com um amigo médico”*, simplesmente. Por mais que revolteasse o pensamento, não atinou com a indicação e, por isso, reacendendo a curiosidade, imaginou-se conversando com o caro Dr. Augusto.

Na manhã seguinte, foi em busca do amigo. Era um sábado e estava de folga. Em casa, a amável Mariazinha informou-lhe que o marido se encontrava dando plantão no hospital. Deveria retornar a qualquer momento, pois passara a noite lá. Se quisesse esperar, poderia ocupar a sala de estar, onde ficaria à vontade, vendo televisão. Antão aceitou o cafezinho, desligou o aparelho e apanhou na estante obra consagrada ao estudo dos fetos. Repugnava-o de certa forma esse contacto estreito com os elementos vivos ainda disformes e absolutamente irreconhecíveis como seres humanos. O livro, fartamente

ilustrado, demonstrava as anomalias de formação dos embriões e o resultado desastroso para a futura criança. Havia fotografias de todo tipo, desde pequenos monstros sem cérebro até alguns com duas cabeças ou irmãos xifópagos ligados pelo crânio, impossíveis de separação. Para quem estava acostumado com o campo das ideias, lidar com a matéria bruta e deformada parecia dedicação além do apostolado mais diligente. Lembrou-se de seus animaizinhos e avaliou a fantasia em função da peregrinação do amigo médico, envolvido com a carne e absolutamente despreocupado do espírito. Viu a grandiosidade do serviço médico e da assistência aos enfermos e engrandeceu a missão do socorrista.

Quando este chegou, encontrou Antão às lágrimas, reconhecendo-se menor ainda do que se supunha. Ambos se abraçaram e Antão não precisou dizer palavra alguma a respeito do que o trouxera ali. Almoçou com a família, afagou os pequenos, elogiou os atributos dos maiores e voltou para casa com a cabeça eivada de ideias absolutamente desconhecidas com suas habituais explosões de silogismos. Estava derreado espiritualmente.

Abriu *O Livro dos Espíritos* e releu a parte a respeito da inserção na matéria do espírito imortal. Esbarrou com o perispírito, com os fluidos, com a energia, com a magnetização. Imaginou aqueles pequenos seres deformados absolutamente saudáveis, brincando na rua com os companheiros, e deu, finalmente, razão ao Criador em impedir que crescessem e se apresentassem aos demais. O pensamento foi mais longe e pôde vislumbrar que, se havia tanta degeneração genética na formação dos corpos físicos, por certo poderia haver também no que se refere ao corpo espiritual, o perispírito.

Sacudiu a cabeça e renegou a ideia que lhe ia sendo formada na mente. Era incrível que algum espírito pudesse crescer em monstruosidade. Conjeturou o desencarne do mais voraz assassino, do mais perverso criminoso. Foi além da realidade possível e criou monstrengo pavoroso de alguém que se alimentasse de carne humana, que vivesse na maior luxúria, que pertencesse à classe mais invejável, que portasse os mais misteriosos adereços e que se deixasse envolver pelas mais miseráveis criaturas do inferno. Criou na mente algo que seria único no mundo e perguntou de si para consigo mesmo, como é que tal abjeção sobreviveria no espaço etéreo da espiritualidade. Localizou o abismo mais profundo dos infernos e arremessou a criatura lá no meio das chamas, carregando consigo toda a maldade e ignomínia.

Naquela noite dormiu mal e acordou como se tivesse bebido na véspera todo o uísque do mundo. Doía-lhe a cabeça e turvava-lhe a vista de quando em quando. Telefonou para a casa do Dr. Augusto mas a empregada informou-lhe que não estava àquela hora. Fora com a família almoçar em casa de Pedro. Havia festa lá. Não fora convidado?

Agradeceu a informação e, vasculhando entre a correspondência, encontrou convite para *vernissage* do amigo. Expunha, em galeria avançada, os quadros produzidos no último ano. A data, entretanto, referia-se à semana anterior. Como fora esquecer?! Por certo, comemorava-se agora o sucesso e brindava-se com os amigos. Tanto se dedicara a estudar o ponto da exposição que relegara a correspondência a segundo plano. Deveras, o segundo convite também lá estava.

Indisposto, reconheceu-se em débito e dirigiu-se de táxi para a residência do amigo.

A festa era íntima. Além de Augusto e família, havia umas poucas pessoas mais. Antão foi recepcionado com alegria e com serena admoestação por ter perdido a abertura

da exposição. Não faria mal; após o almoço, todos iriam para lá. As crianças, para não atrapalhar, tinham por destino matinê especial no cinema do bairro.

Augusto medicou Antão, que se curou da noite mal dormida com simples analgésico.

A reunião transcorreu festiva, comentaram-se os acontecimentos da semana, a venda de toda a coleção, os projetos para novas realizações; expuseram-se conceitos artísticos de inefável versatilidade; os companheiros lembraram a infância e Antão externou o pesar de ter desafiado a casa espírita com sua arrogância metodológica e sua argumentação filosófica. Os demais perceberam por que estava insone mas calaram-se, para não esgazearem ainda mais o amigo. Desconversaram e concluíram que o melhor a fazer era visitar a galeria, antes que os proprietários retirassem as obras. Assim, todos teriam oportunidade de conhecer o aspecto atual da obra de Pedro.

Lá chegando, encontraram a galeria entregue às moscas. Poderiam avaliar as obras com muito cuidado. Pedro aceitava mal a crítica mas ouvia as ponderações dos amigos com muita atenção. Aliás, passava por profunda fase mística, como antes já tivera ensejo de retratar expressionistamente a realidade, quando, por influência de Augusto, tentou o caminho da carne e o mistério da dor. Agora, por ouvir Antão falar tanto de espíritos, de luz e de trevas, à vista da expulsão do seminário, vivia os dramas da morte e do mistério do sofrimento espiritual.

Fazia questão de mostrar aos amigos o trabalho mais recente em que unia as duas tendências: era uma visão dantesca do sofrimento corpóreo arremessado nas profundezas do bátrio. Esperava terrorificar.

De fato, a reação primeira de Antão foi de petrificação instantânea. O homem paralisou no ato. Diante da tela, extasiou-se. Aquela imagem era, tintim por tintim, detalhe a detalhe, cor a cor, tonalidade, traço, tema, assunto, filosofia e imaginação, a figura da noite anterior.

Diante da espiritualidade, não se sabia se o sofrimento maior se estampara na tela ou na consciência de nosso amigo. O da tela, no entanto, inalterável, lá ficou perenemente registrado. Talvez, mais tarde, o artista pudesse elaborar outros trabalhos em que se amenizasse a situação daquelas criaturas. O que estava internado no sentimento de Antão, entretanto, foi cedendo a vez ao êxtase, desta à maravilhosa impressão da verdade e daí para a alegria mais profunda da compreensão da existência. O contacto era possível entre os planos, já que lhe fora possível conceber algo que lá existia. Recordou-se das obras que leu a respeito da parapsicologia. Sabia que teses havia que possibilitavam ao encarnado a visão a distância. Mas rejeitou *in limine* tal postura. O que ocorrera a ele fora algo muito diferente. Era a assistência mais amiga e mais comprobatória de que estava sob as luzes da espiritualidade superior. Acreditava agora na mediunidade. Tinha a prova que lhe faltava.

Passemos em branco por alguns dias de preparação para nova exposição. Chegada a sexta-feira, dia de estudo, lá estava Antão preparado para nova palestra.

À hora da prece, lembrou-se de seu oásis e povoou-o de fetos e de crianças. Acrescentou alguns espíritos sofredores e outros tantos socorristas. Ia começar a assistência aos necessitados, quando foi chamado à realidade pela invocação do orientador. Teriam naquela noite a palavra em aberto para as discussões.

Antão esfriou. Será que o pessoal se preparara para verrumar-lhe a peroração do outro dia? Que trabalho lhes dera inútil desde que estava absolutamente convencido do contrário? Não se precipitou, contudo, e aguardou os acontecimentos. Surpreendentemente, os amigos concordaram todos em que deveriam propiciar ao orador oportunidade de frequentar as sessões de desobsessão, para que pudesse avaliar *in loco* o que se passava naqueles momentos em que, iniludivelmente para eles, havia manifestação espiritual. Comparou a atitude dos parceiros com a expulsão que sofrera através das autoridades religiosas e sorriu internamente, reconhecendo seus verdadeiros amigos. Declarou-se inocente do crime de malícia que poderia ter-lhe sido imputado, como antes fora, e narrou à minudência todos os passos de sua aventura mediúnica. Desfez-se em desculpas e demonstrou cabalmente tese em que contrariava todos os pontos da anterior exposição. Desacostumado com os desatavios da congregação, sapecou no auditório a mesma arenga filosófica da outra feita, agora feliz por aceder à amizade e às observações judiciosas do kardecismo.

Hoje, Antão percorre o país dando palestras. Seu nome continua na macabra lista pastoral, grifado várias vezes, mas ele palpita na esperança de poder, um dia, em alguma circunstância de caráter espiritual, debater com os prelados a respeito de suas teses de vida.

Eis a história do bom Antão.

O DIA DE ONTEM

Com satisfação, Lázaro se dispunha ao trabalho mediúnico, no entanto, não dava inteiro crédito ao labor do dia, preferindo sempre, no momento mesmo da transmissão, a mensagem captada no dia anterior. Dizia de si para consigo mesmo:

— Por que deverei de estar de acordo com estes dizeres, se os que captei ontem foram tão belos e esclarecedores?

E toda tarde repetia a mesma frase, a menosprezar o trabalho em realização. Posteriormente, antes de arquivar as folhas, que se contavam às milhares, lia o texto para escoimá-lo de possíveis falhas ortográficas, prestando muita atenção à parte doutrinal, para verificar se de acordo estava com os ditames do evangelho e com os roteiros espíritistas. Nesse momento, compenetrava-se do valor da obra e colocava-a entre as demais que sofreram inicialmente a mais contundente advertência e, posteriormente, a exaltação à glória.

Mas sua atitude contumaz feria os brios dos mensageiros, que tudo faziam para inocular-lhe a condição da boa vontade, mediante o reconhecimento dos méritos das transmissões.

Houve um dia em que Lázaro exorbitou:

— Se a mensagem que estou escrevendo não melhorar de padrão, largo a pena.

Não cumpriu a palavra porque foi coagido a prosseguir até o fim, embora sua vontade tivesse contaminado seriamente o instrutor.

No dia seguinte, ao escrever o título, estranhou a expressão francesa: *Déjà vu*, e admirou-se de tê-la escrito com todos os acentos, conquanto não passasse em francês do *Bonjour, monsieur!* e do *Comment ça va?* Ao escrever a mensagem, compenetrou-se de que o teor do texto diferia em muito da surpresa de cada dia. Os termos ajustavam-se uns aos outros às maravilhas. As frases eram claras e precisas. Os pensamentos verdadeiros e o conteúdo absolutamente impregnado da verdade evangélica. Extasiou-se diante da novidade e, naquela tarde, não reclamou do trabalho. Na prece de encerramento, agradeceu finalmente ter sido atendido após dez anos de trabalhos forçados e rogou que, para o futuro, lhe fosse dado ensejo de receber semelhantes ditados de tanta luz e ensinamento.

Fez questão de assinalar com uma cruz o alto da folha para determinar o padrão que aceitava como ideal.

Na tarde seguinte, recebeu nova mensagem que incorporou à anterior, deslumbrado por estar tendo assistência desvelada. Pensou:

— Se os textos continuarem em tão alto nível, providenciarei para que sejam publicados.

De fato, durante os futuros dez anos de trabalho, toda tarde fazia questão de assinalar no alto da primeira folha a notação cabalística. Supunha, supersticiosamente, que era por influência magnética do emblema que os espíritos se deixavam conduzir em sua peregrinação intelectual e sentimental pelas regiões do conhecimento. Chegou ao ponto de, previamente, consignar a marca, de modo a induzir os mensageiros a atenderem-lhe à solicitação.

Certa tarde, contudo, por melhor tivesse assinalado a folha com a indefectível cruz — enfeitada e transformada por arabescos e adornos, que levava mais de meia hora a desenhar, havendo até a intenção de mandar confeccionar carimbo próprio ou de imprimir especialmente o símbolo em papel particular —, certa tarde, os dizeres voltaram a não se coadunar com seu pensamento, naquele instante do apanhado mediúnico. Sofreu muito, mas conduziu a pena até o final do texto, descontente e desconsolado. Nesse dia, registrou-se clara nota em que se determinava que era chegada a hora da organização das obras para possível publicação. O roteiro estendia-se por várias laudas, minucioso e preciso, aproximando as datas e relacionando-as para efeito de encaixe, segundo os temas e assuntos. Como havia mais de cinco mil folhas escritas, haveria necessidade de profunda revisão, para o que o liberavam da responsabilidade da psicografia por longos dois anos, ao cabo dos quais deveria apresentar-se de novo para as tarefas costumeiras. O guia despediu-se e fez questão de assinar como de hábito, para configurar a origem da orientação.

Lázaro ficou acabrunhado com a novidade. Primeiro, não lhe tinham atendido ao pedido de mensagem de nível superior: segundo, passaram-lhe trabalho de largo fôlego; terceiro, haviam-no dispensado por tempo que julgava incomensurável. Durante o período que intermediou aquele momento de reflexão até a habitual hora em que se punha à disposição do plano espiritual, outra coisa não fez senão lamentar-se profundamente. Raivoso, apagou a marca que fizera com tanta disposição e arremessou o texto sem releitura para o fundo do armário onde guardava os demais.

Voltou a prontificar-se para o ditado, prudentemente deixando em branco o alto da folha. Após as preces de costume, a única frase que conseguiu escrever foi:

— *Não perca tempo!*

Nessa vida consumiu dois meses, até que resolveu atender à orientação. Procurou no fundo do armário a última mensagem, deixou lá o texto inicial, separando as notas para organização das obras. Estranhamente, os textos sem marca organizavam-se de um lado e os com marca, de outro. Achou natural que assim fosse, pois o teor dos últimos era imensamente superior. Dedicou o primeiro ano a estes, desconfiando de que os demais iriam ter de ficar definitivamente esquecidos. Ao cabo desse tempo, defrontou-se com cinco alentados volumes a que, pelo sentido das mensagens, atribuiu cinco títulos bem sugestivos. Considerou a obra acabada e buscou editor idôneo para a publicação.

Diante da imensa quantidade de material, o amigo informou que deveria fazer passar tudo pela crítica do corpo de consultores, os quais deveriam opinar a respeito do valor das obras, para o que deveria aguardar pacientemente, pois todo o processo era moroso, havendo cada componente do grupo de ler e comentar, para depois se discutirem todos os textos. Passar-se-ia não menos que um ano para a apreciação de todo o conjunto. Se fosse uma obra só, poder-se-iam tirar cópias e o procedimento seria mais rápido.

Lázaro preferiu aguardar o tempo que fosse, pois julgava muito importante que tudo viesse a público: essa fase do trabalho havia sido realmente superior. Voltou confiante para casa e, na tarde daquele dia, apresentou-se para os ditados.

De novo, a única expressão que conseguiu foi a célebre frase:

— *Não perca tempo!*

Lázaro, decepcionado, não se animou a encarar de pronto o serviço. Havia cansado de trabalhar durante aquele sofrido ano e não se incentivava a recomeçar tudo com as mensagens que julgava inferiores. Deixou passar três longos meses na ociosidade, até que teve a primeira notícia da editora. O amigo chamava-o em caráter de urgência, pois tinha excelentes novas.

À vista do mérito dos textos, dar-se-ia condição de publicação a todo o material, desde que lhe fornecesse os trabalhos anteriores que deveriam constituir os fundamentos doutrinários e espirituais para o conjunto. Sem os textos primeiros, a obra não apresentava a devida sequência.

Desbundou o nosso Lázaro. Como, então, haviam os editores percebido que havia outras mensagens anteriores?! Não acreditava em que tudo conduzia para o trabalho renegado. Omitiu a omissão, disfarçou, pigarreou e prometeu, para breve, a entrega do material.

Em casa, correu ao armário para apanhar os textos: surpresa das surpresas, todos estavam rigorosamente marcados com as cruzes. Comparou, desesperado, as datas e percebeu que, na ânsia de manter os originais intactos, havia incinerado todas as folhas sem marcas. Nada se encontrava ali a não ser o texto que depositara bem lá no fundo. Na confusão que se lhe estabeleceu no cérebro, não atinara que dez anos de produção mediúcnica haviam rolado ribanceira abaixo com as esperanças da publicação.

Humildemente, pôs-se a lamentar e a pedir desculpas aos amigos da espiritualidade. Brincando com o lápis na mão, de repente, pôs-se a escrever como sempre fizera. Ao cabo de meia hora, lá estava à sua frente bela mensagem de incentivo ao trabalho. Não se desesperasse, que a turma havia guardado os originais no plano da espiritualidade e nos próximos anos todas as mensagens poderiam ser retransmitidas; bastasse haver solidariedade e boa vontade do escrevente. Em nota ao pé da página, pedia-se para que lesse a mensagem esquecida.

Sôfrego, apanhou as folhas amarelecidas e, surpresa, havia ali solene admoestação em forma de conto a certo médium que reclamava do teor de seus textos. A marca apagada estava agora bem clara e, à medida que ia lendo, ia ficando cada vez mais nítida e firme.

Nem é preciso dizer que Lázaro se desmanchou diante de si mesmo. Largou o hábito de se lamuriar diante dos textos que ia apanhando e exigiu de si para consigo mesmo levar em consideração todas as mensagens, mesmo as que, aparentemente,

tratassem de tema cediço e inumeráveis vezes batido. Foi assim que se consagrou definitivamente ao mediunato, ampliando o tempo destinado aos amigos mensageiros, terminando em três intensos anos o que havia levado dez.

Hoje, se lhe perguntássemos que título daria a cada nova mensagem, ele nos diria:

— *Déjà vu.*

A SEXTA-FEIRA SANTA

Romão era médium de efeitos físicos. Toda sexta-feira da Paixão, subia ao alto do morro próximo, rodeado por imensa multidão de curiosos, e ali personificava Jesus. Sem que se lhe pudesse suspeitar de engodo ou malícia, deitava-se ao solo, estendia os braços lateralmente, como se destinado fosse a receber os impactos dos cravos a pregarem-no a imaginária cruz e orava compungido para receber a divina graça dos estigmas. Realmente, após o terceiro ou quarto pai-nosso, eis que das mãos e do dorso dos pés fluía sangue, como se atingido fora pelas certas marteladas de invisíveis algozes. Romão punha-se de pé e, em pose de Jesus Redentor, exibia a todos o produto de sua fé.

O padre da pequena cidade tentava capitalizar para a paróquia o milagre, mas Romão opunha séria resistência, pois, embora não conhecesse a codificação kardeciana, não via no fato qualquer intervenção realmente divina. Considerava o sacrifício sintomático de predisposição para o efeito e categorizava o fenômeno como meramente sobrenatural. Alguma misteriosa força da natureza ou algum poder especial de alguma entidade é que, para ele, provocava o fato, tanto que, no sábado, as feridas se cicatrizavam e, no domingo, nenhum vestígio se podia perceber. Por outro lado, Deus, para Romão, não iria descer de sua grandeza para preocupar-se com acontecimento tão material.

Estava certo nas conclusões, mas nada além disso intentava compreender, até que se instalou na cidade, em casa de família, pequeno núcleo espiritista. Recém-transferido para a localidade, veio certo diretor de escola, homem probo e temente a Deus, que considerava a vida muito importante para desperdiçá-la no trânsito da cidade grande.

Ao ali chegar, Maurício instalou-se em modesta casa da periferia, investigando logo os recursos da comunidade relativamente aos feitos espirituais. Além da igreja matriz no centro da cidade e de pequena capela à saída da estrada, contavam-se aos dedos os que não professavam a fé católica, quase sempre adventícios que ali aportaram para trabalho eventual e que foram deixando-se ficar pela calma do lugarejo. Não eram tão fervorosos assim que não pudessem conviver pacificamente com os devotos de São Sebastião, o padroeiro do lugar. Romão era atração à parte.

Assim que Maurício verificou que teria de deslocar-se para cidade próxima para cumprir os deveres de bom espírita, não se conformou com o fato e, justamente, percebeu

que ali poderia estar em germe a fundação de mais uma casa de assistência espiritual e material.

Chamou os parentes que o haviam induzido a transferir-se para o local e combinaram que, ao invés de deslocar-se ele para outra cidade, viriam os irmãos e cunhadas para realizar trabalhos medianímicos e de doutrinação em sua casa.

Preparou salão do fundo destinado a agasalhar a colheita, agora desocupado, gastou um pouco de dinheiro com a calafetação e higiene e o pôs em condições para a finalidade.

Tudo isso viria a ser motivo do diz-que-diz da cidade. As comadres espalharam a novidade e, em breve, no fundo do quintal do Maurício, dava-se o sabá mais alucinante, na fértil e ignorante imaginação do populacho.

Esclarecido, contudo, Maurício deixava passar os comentários. Antes, para prevenir acidentes, procurou todas as pessoas gradas do município — prefeito, médico, corpo administrativo da municipalidade, edis da câmara, comerciantes preeminentes —, fazendo questão de apresentar-se como funcionário público, educador e espírita. Quanto ao pároco, destinou atenção especial, providenciando matrícula para várias crianças de sua particular assistência, de modo a facilitar o ingresso em sua amizade. É bem verdade que as vagas existiam e que nada mais fez Maurício que dar crédito escolar ao manipulador das consciências da localidade.

O tempo passou sem incidentes, até que determinada ocorrência despertou a atenção do diretor. Certa criança, absolutamente agressiva, não perdia vaza para sapear algum encontrão mais rude nos companheiros. Da chamada de atenção passou à advertência, desta a séria admoestação, até que, mediante dois olhos roxos e lágrimas abundantes, não teve outro recurso senão proceder à convocação dos pais, mediante a competente suspensão do peralta.

Romão compareceu com a esposa para conversar com a já notória figura do espiritista. Queria ela dizer que era pura feitiçaria o que o professor realizava em casa, mas Romão era mais prudente em assuntos extravagantes

Recebidos com as cautelas de praxe, Romão pôde expor o desgosto por ter o filho sido mandado de volta para casa por ter-se defendido, tão somente. A esposa disse algumas palavras para reforço da reclamação do marido, mui especialmente porque a suspensão acrescentava mais algumas horas em sua responsabilidade de extrema vigilância do pirralho.

Maurício, expedito em casos que tais, quis avaliar até que ponto a manifestação do pai poderia ser verdadeira e inquiriu dele a defesa do filho, desconfiando que o petiz pudesse ter lá as suas razões.

— Pois, então, senhor diretor. O Manuel não deveria defender-se? Que faria o seu filho se alguém o chamasse de filho do feiticeiro?

Hesitou mas disse a *maldita* palavra, que lhe escapou no calor da emoção. Mordeu o beijo e prosseguiu:

— Pois os colegas ficam a toda hora a chamá-lo de filho do crucificado, filho do Cristo. Perguntam onde o pai aprendeu a mágica e se em casa eu não faço os meus milagres. A criança tem o coração ferido e o sangue quente. Tanto falam que acaba reagindo. Eu acho que, se ele foi suspenso, deveriam os outros também sofrer punição.

Maurício reconsiderou sua posição e prometeu apurar melhor o caso, pois ignorava por completo os motivos das agressões. Via agora que era mero revide, especialmente porque lhe tocara fundo aquele *filho do feiticeiro*. Engoliu a referência e insinuou a pergunta certa para deslindar o mistério dos xingamentos.

Romão era a atração das sextas-feiras santas; não perderia a oportunidade para embasbacar o *desafeto* e milagreiro de fundo de quintal. Achatava-o com a descrição do fenômeno.

Dito e feito. Narrou à minúcia todos os fatos, acrescentando mais alguns, pois desconfiava que logo lhe brotaria sangue da cabeça, à vista da coroa de espinhos.

Maurício percebeu logo a importância que se dava o Romão e a extensão de seus conhecimentos espíritas. Ia convidá-lo para o grupo que organizara, mas preferiu, prudentemente, consultar os demais. Despediu-se do pai, demonstrando afabilidade e prometendo estar na primeira fila para presenciar a cena que ocorreria em breve, dada a proximidade da semana santa.

Passemos em branco pelas atividades relativas ao convencimento dos integrantes da mesa mediúnica e sobre os acontecimentos da semana santa. Na verdade, tudo decorreu segundo os *conformes*, de sorte que, na primeira sexta-feira após a Páscoa, lá estava Romão, às escondidas, adentrando o quintal do diretor. Não tão às escondidas que não fosse observado por toda a vizinhança despertada para o dia apazado para as reuniões no fundo do quintal. Por todos os lugares, os olhares se arregalaram com a presença do santo particular da cidade na casa do professor. O dia seguinte seria farto de notícias.

Romão não se manteve muito tranquilo durante os estudos, pois sentia-se ali peixe fora da água, mas resignou-se a ficar até o fim, já que tudo se fazia em nome de Deus. Maravilhou-o, sobremodo, a maneira como o doutrinador conversava com os sofreadores, alguns com linguagem bronca, outros com dizeres que mal compreendia, pois utilizavam-se de estranha terminologia da cidade grande.

Ao término da reunião, fizeram prece contrita para que o instrutor espiritual desse sua contribuição, mas o médium psicofônico enunciou longa palestra a respeito do bem e do mal, de forma a imitar perfeitamente o dialeto caipira falado na região. Maurício estava a admirar a transformação da linguagem do irmão, cujas habilidades no trato desse tipo de jargão desconhecia completamente, mas não conteve brado de admiração, quando, de modo inesperado, a entidade declarou-se avô da personagem ali presente. Não só declarou nome e sobrenome, como se fez reconhecer por passagens várias do conhecimento do neto e absolutamente desconhecidas dos demais.

Instintivamente, Romão benzeu-se três vezes, pediu a bênção ao avô e, timidamente, perguntou o que queria. Prestara bastante atenção nas palavras a respeito do bem e do mal e, de pronto, percebeu que alguma notícia grave deveria receber. De fato, o avô pediu ao neto que parasse de subir ao morro e que se dedicasse mais às tarefas da leitura e do aprendizado do espiritismo. Que voltasse mais vezes àquela casa para receber outras instruções. Abençoou o neto, os presentes, recomendou-se à família e retirou-se.

Romão escondeu algumas lágrimas e recebeu congratulações de todos. Fora deveras grande privilégio merecer, de cara, tanta consideração do plano espiritual. Sem jeito, agradeceu a todos e saiu, sem ver a hora de contar tudo à esposa.

Foi o desastre mais completo de sua vida. Em primeiro lugar, desconfiou a mulher de que tudo fora arranjado pelos feiticeiros para acabar com os milagres que vinham de Deus, pois fora assim que o padre falara no púlpito e ela bem que ouvira diversas vezes. Por outro lado, não era difícil de imitar o sotaque caipira e dar as informações que poderiam ser colhidas em qualquer parte da cidade. Ela bem que ouvira dizer que o diretor, em todo lugar a que ia, perguntava a respeito das faculdades do marido. Não estivera ele na primeira fila na semana passada?

Romão se desarvorou. No íntimo, gostava de sua projeção social e não queria perder essa ocasião de parecer especial diante de todos. Nem o pároco conseguia semelhante efeito espiritual. Além disso, o fato de ter de ler e estudar não era bem com ele.

Na manhã seguinte, por força da mulher, teve de ir confessar ao padre tudo aquilo que ocorrera. A mulher ficou do lado de fora, aguardando a penitência. Três padres-nossos e três ave-marias. Ficou decepcionada e, em casa, tentou tirar do marido o que o padre lhe havia dito, mas Romão calou tudo. Fora confessar-se a pedido dela; calava-se a rogo do padre.

Não satisfeita com a situação, algo ocorreu ainda que mais a incentivou a desentender-se com o marido. O filho voltou para casa com o nariz sangrando. Havia-se batido na rua com a molecada, que dizia que o pai tinha virado feiticeiro. A boa mulher, destaque na vila por ter o marido como a atração turística do local, via-se agora na voz do povo do modo mais maligno: de santo, passava, sem transição, a demônio.

Desta vez, foi ela mesma tirar satisfação com os vizinhos e, para resumir, precisou intervenção policial para apaziguar os ânimos. Não fossem todos pessoas de bem e alguns teriam de pernoitar na cadeia. Aliás, era o que deveria ter ocorrido, não fosse a boa vontade da força policial, pois não havia juiz ou delegado de plantão na localidade.

Romão, inseguro quanto às providências a adotar, fechou-se em casa com a mulher e a filharada e lá se propôs passar o fim de semana, a meditar que solução daria para o caso.

Tarde da noite, bateram-lhe à porta. Ao atender, surpreso, verificou que era procurado pelo pároco e pelo diretor da escola de uma só vez. Expulsaria um ou outro que viesse sozinho. Os dois juntos fizeram-no calar-se. Que desejariam àquela hora?

— Meu caro Romão, — era o padre falando, — viemos a esta hora para que ninguém nos visse. Esta cidade tem mil olhos e cinco mil línguas. Viemos para pedir-lhe que nos desculpe. O meu amigo Maurício me procurou para contar o que ocorreu na outra noite. Hoje, na missa, precisei fazer longo sermão sobre a dignidade humana e o respeito que todos os filhos de Deus merecem. Sei que seu avô se manifestou e lhe pediu para voltar às sessões espíritas.

Os olhos do amigo só não eram o que mais se abria naquela fisionomia porque o queixo lhe caíra, dando-lhe a expressão mais parva de admiração que qualquer ser naquelas paragens já pôde exprimir.

— Sabemos que você pode não acreditar em nada do que ocorreu; pois eu acredito piamente. Quando lhe pedi para confirmar o milagre das sextas-feiras santas e você não quis atribuir a Deus o fenômeno, para mim foi um alerta. Procurei as obras espíritas, que me foram proibidas no seminário, e li a parte a respeito da mediunidade de efeitos físicos.

Eu acho que você deve desenvolver essa faculdade nas sessões, pois está sob forte amparo espiritual, mas não deve fazer isso aqui. O professor Maurício concordou comigo e vai parar de realizar as sessões em casa. A partir da próxima semana, deverá reunir-se no centro que frequentava na capital e poderá levá-lo junto. Basta que você concorde. Quanto a mim, vou preparar o povo convenientemente para bem receber o professor e ir aceitando o espiritismo como consequência natural das leis de Deus. Fique tranquilo. Está em suas mãos atender o nosso pedido.

Na sexta-feira santa do ano seguinte, lá estava Romão bem no alto do morro, estendido de braços abertos, aguardando que o sangue escorresse das mãos e dos pés. Na primeira fila, duas personagens novas: um jovem sacerdote nordestino, que veio substituir o velho pároco, e uma senhora bem vestida, professora Cristina, aposentada e antiga moradora da localidade, que respondia interinamente pelo cargo de diretor da escola.

Naquela sexta-feira, o sangue não fluiu; nem nunca mais...

ÀS 14:22H

Quando o médium terminou o trabalho do dia, eram precisamente 14h e 22m. Sabia disso por ter olhado o relógio exatamente após ter colocado o último ponto ao término da derradeira frase. Efetuou, em seguida, as orações de praxe, naquele dia de forma ainda mais compungida que a habitual, rogando ao Senhor que as palavras se fizessem acompanhar dos respectivos sentimentos por elas expressos e que o cérebro não contivesse qualquer outra ideia que não estivesse na oração. Em suma, queria que sua manifestação de vontade religiosa exprimisse idealmente exatamente aquilo que ele era. Pediu mais ao Senhor: que a prece fosse proveitosa e revelasse inteiramente sua personalidade, mesmo que algo de ruim pudesse ser constatado. Nesse caso, rogava a Deus que lhe enviasse os ensinamentos para melhorar e as forças necessárias para aplicar-se a esse aperfeiçoamento.

Os espíritos amigos ouviram-lhe os queixumes, pois sabiam das dificuldades que enfrentava no momento, principalmente por estar sendo assaltado por sérias ideias de afastamento do convívio familiar. A esposa faltara aos deveres conjugais e ele amargava a desonra social como algo absolutamente cármico. No entanto, faleciam-lhe as forças, e a resistência moral que opunha estava sendo sustentada tenuamente por algumas nuances espíritas que o retinham junto ao lar e à mesa do trabalho espiritual.

Capistrano estava a ponto de interromper de vez o ritmo da vida. Não o fizera ainda por cálculo, certo egoísmo e por vínculo sentimental que o prendia à esposa e demais parentes afins. Filhos não tiveram nesses cinco anos de matrimônio. Aliás, os exames médicos indicavam que sua impotência era de fundo psíquico e ele não conseguia ejacular. Os testículos tinham ficado atrofiados e todo o procedimento reprodutor estava comprometido. Além do desconforto psicológico, acresciam-lhe dores insuportáveis, de que o infortunado era constantemente acometido.

Mas Capistrano resistira o quanto pôde. Enquanto a mulher não fizera escândalo, manteve-se fiel ao compromisso moral e procurou ajuda terapêutica adequada. Não tendo obtido melhoras, pôs-se a serviço do espiritismo, onde encontrou muito alívio moral. As dores se intensificaram, mas o espírito também se fortificara na prece e no labor socorrista.

Naquela tarde, suspendeu o trabalho após ter registrado bela mensagem de amor, benquerença e compreensão, onde o que mais se recomendava era paciência e confiança no futuro, que estaria, sempre, nas mãos de Deus.

Capistrano afastou a cadeira, consultou novamente o relógio: 14h e 23m. Parecera-lhe que a prece tivesse levado uma hora. Fizera-a em um minuto. O tempo tomava outra dimensão quando medido pelos pensamentos. Tudo parecia transcorrer com a máxima rapidez, menos a vida, que se arrastava e não se definia.

Diante da porta fechada da sala, estacou por alguns momentos. Viera-lhe, de chofre, à memória o doloroso instante da descoberta. O melhor amigo saía pelas portas do fundo, justamente no instante em que retornava das lides mediúnicas. A esposa aproveitava-se dos tranSES e do apanhado dos ditados para as aventuras extraconjugais. Davam-lhe aqueles momentos inteira liberdade. Capistrano até então de nada suspeitara mas intuía que algo não andava bem, pois as reclamações e desaforos de antes se haviam transformado em enigmática solicitude e em plácido aconchego. Em vão tentara conduzir a esposa ao centro. De início, imaginara que sua cura ensejaria condições para argumentar a favor. O insucesso do tratamento espiritual, contudo, fez com que até ele desistisse de lutar. De resto, para a esposa, ele simplesmente fugira do catolicismo, crença que ela acolhera e que a satisfazia plenamente. Ali, diante da porta, Capistrano desconfiou de que os pecados da esposa estavam sendo perdoados com muita tranquilidade, de sorte que poderia repeti-los com justa desculpa e pequeníssima responsabilidade. O arrependimento não entrara na cogitação de ninguém.

Voltou-se para trás. O relógio marcava 14h e 24m. Deus do Céu, como o tempo não passa!

Capistrano abriu a porta e, surpresa das surpresas, estava a esposa arremessada ao chão, no meio de sangrenta poça vermelha. Desvairou-se o infeliz. Abraçou a amada criatura e pôs-se a chamá-la à vida, crente de que estava tão só ferida ou machucada. Não reparara na extensa ferida que lhe abria o baixo ventre.

Esquecido de todas as conveniências, saiu à rua à procura de socorro.

Quando a polícia chegou, encontrou a cena do crime bem transtornada. Vizinhos tinham estado a bisbilhotar o interior da casa. Parentes tinham prendido Capistrano no banheiro e clamavam em altos brados contra o assassino. Tudo, deveras, indicava para crime passional. E, no entanto, sua prece tinha sido a mais serena e profunda possível.

Largado diante de si mesmo, chorava convulso e lamentava não ter sido advertido pelos amigos da espiritualidade para aquilo que ocorria em seu lar.

— Às 14 e 22, precisamente, ocorreu o crime, — disse o delegado ao juiz, durante o depoimento preliminar.

— Como pode ter tamanha certeza? — inquiriu o magistrado.

— Ao bater com o braço no solo, espatifou-se o vidro do relógio e os ponteiros suspenderam as atividades justamente naquele instante.

— Que diz o legista?

— O crime ocorreu entre as duas e as três horas da tarde. É fato comprovado que...

— Não nos interessam os registros técnicos. Faça a descrição por escrito e assine-a, por favor. Que se apresente o réu.

Capistrano entrou na sala totalmente arrasado. Tinham-no inculpado por força das circunstâncias. Não sabia como defender-se. O advogado não tinha como explicar o fato de estar em casa, na sala contígua, sem que nenhum ruído o tivesse advertido do que se passava. Pelo menos tivesse ouvido qualquer desavença. Aliás, ninguém servira à defesa como testemunha, pois tudo fora combinado entre a mulher e o amante de modo inteiramente sigiloso. Houve um vizinho que confirmou ter visto o rapaz entrando várias vezes na casa do indigitado, mas sempre em sua companhia, nunca sozinho. Não se compreendia, pois, como pudesse o marido aceitar aquela presença e depois ter perpetrado o crime. As coisas estavam confusas.

Mesmo que houvesse razões para desconfiar a respeito da infidelidade conjugal, os motivos apontavam o marido como ofendido e, portanto, como provável agressor. Não haveria motivo que justificasse o amante. De resto, ouvido a respeito nas audiências preliminares junto às autoridades policiais, comprovou alibi perfeito, pois estivera com amigos durante toda a tarde no bar da esquina. Ouvidos estes, todos confirmaram, pois fato excepcional ocorrera naquela tarde: havia pago a bebida para todos. Por razões desconhecidas, estava extremamente alegre e prometera novidades para breve. Consultado pela autoridade a respeito do fato, revelou que havia recebido uma bolada de herança e que iria aprumar-se na vida, como verdadeiramente se comprovou. O amante estava limpo.

Tudo isso passou pela cabeça de Capistrano no curto lapso de tempo em que o juiz ajeitava os óculos e apanhava o dossiê relativo aos seus depoimentos. Repetiu alguns trechos que foram imediatamente confirmados pelo acusado e declarou-se impossibilitado de evitar levar o réu a júri popular, uma vez que era único indiciado e principal suspeito. Determinou a detenção, mas fixou a fiança com brandura, de modo que Capistrano pôde permanecer em liberdade até o momento do julgamento.

Nesse meio tempo, os acontecimentos precipitaram-se. Por força do dinheiro que havia recebido, o amante deixou o lugar em que residia e foi habitar mansão em bairro nobre da capital. Era agora dono de lucrativa indústria, que lhe chegou às mãos pela excentricidade de um tio. Desde muito a propriedade lhe estava destinada, mas o anacoreta se compenetrara de que os anos de vida dificultosa dariam ao sobrinho vivência que o habilitaria melhor a gerir os destinos da firma. Sustentou-lhe os estudos incógnito, com a cumplicidade do irmão e, ao debandar para o outro plano, verificou-se que cumprira a promessa.

Esta nova personagem vai exercer em nossa história fundamental papel. No plano espiritual, acompanhou durante os primeiros dias a vida do sobrinho. Verificou a sua ligação com a mulher do amigo e desconfiou que esse relacionamento iria ser prejudicial para o bom andamento da indústria, que, com tanto sacrifício, montara e fizera prosperar. Não achou justo para si que alguém pudesse vir a usufruir os benefícios de seu trabalho, sem outro esforço a não ser um pouco de benquerença e muito de necessidade física. Arranjou as coisas para que o sobrinho obtivesse lúcido argumento de defesa e estimulou certo ladrão a adentrar a casa, cuja porta se mantinha aberta para a furtiva entrada do amante. Surpreendido pela mulher, o ladrão não lhe deu tempo de defesa e a atacou pela forma descrita. Saiu pelos fundos, quando percebeu que sua ação poderia ser descoberta

por alguém que ouvira arrastar a cadeira no outro compartimento. Desconhecido no bairro, percebeu de imediato que alguém mais poderia ser responsabilizado pelo ato. Retirou-se sem levar nada e sem deixar pistas. Praticara crime perfeito.

Pois bem, Elvira, a esposa, era a testemunha de defesa ideal. Ninguém suspeitara da presença daquela terceira pessoa, nem o marido, que concentrara a atenção no amante. A impossibilidade de confronto não ofereceu os recursos necessários para a elucidação da dúvida, por meio de acareação, e Capistrano se desfez em lágrimas por se ver na condição de único suspeito. Por aquela época, recrudesceram-lhe as dores e precisou ser internado para tratamento intensivo.

No leito, sob efeito de fortes sedativos, rememorou passo a passo a vida. Tinha, agora, todo o tempo do mundo, principalmente porque, sabemos, sua capacidade intelectual era extremamente ágil. Chegado ao momento do crime, apanhou na carteira a última mensagem recebida e releu-a para averiguar se ali se continha indício que revelasse o que se passava no cômodo ao lado. Deveras, pareceu-lhe ver nas entrelinhas a conduta ideal para quem estivesse, como ele, sendo acoimado de crime que não cometera. Encheu-se de paciência e invocou espiritualmente a esposa para vir-lhe trazer conforto e esperança.

Ela não veio, mas os guias não o desampararam. Sabiam que era devedor de extensa lista de itens os mais diversos, entre os quais, contudo, não se incluía dívida alguma de sangue. Aliás, neste aspecto, era até credor, mas isto não vinha ao caso. Os irmãos que cuidavam dele, sopesando os méritos e os débitos, julgaram que era chegada a hora de desfazer a trama urdida contra a esposa e que repercutira, involuntariamente, em sua inocente pessoa.

Anacleto e Camargo, cientes de tudo o que ocorrera com o protegido, procuraram o antigo empresário para com ele tratarem dos negócios de Capistrano, que, por ação e culpa sua, estavam degradingando. O velho senhor muito lamentava o infortúnio causado, mas não estava, de modo algum, interessado em ressarcir o coitado de seus prejuízos. Que procurassem a esposa infiel, que dera motivos para o empreendimento. Aliás, era fácil de encontrá-la, pois vivia à cata de quem lhe cortara a vida tão rente, o que lhe estava causando transtornos sérios.

A dupla de protetores não via como Elvira pudesse auxiliar, uma vez que imaginavam que o velho poderia voltar a influenciar no ânimo do assassino, fazendo-o com que se acusasse e livrasse o assistido da condenação iminente. Em todo caso, foram atrás da jovem e a encontraram absolutamente desolada, crendo-se eterna devedora do marido. Ela, sim, faria qualquer coisa para aliviar-lhe as penas. Pois bem, que o procurasse e intuitivamente lhe ministrasse os afagos espirituais capazes de confortá-lo naquele transe.

Ao se achegar ao marido, com a ajuda dos protetores, pôde Elvira ter longa palestra íntima com o infeliz, durante a qual lhe pediu humildemente perdão por todo o mal que lhe fizera, especialmente por não lhe ter dado a atenção material que a saúde exigia. Discorreu longamente a respeito de sua frustração de caráter religioso, pois o que encontrara no reingresso ao éter não combinava em nada com o que lhe prometera sua fé religiosa. Ao contrário, confirmava o que lhe dissera ele quando dos intentos de convertê-la ao espiritismo. Que lhe dissesse o que poderia fazer para auxiliá-lo.

Em seu deslumbramento interior, Capistrano imaginou que a esposa poderia, se devesse fora ela com quem estivera mantendo aquele maravilhoso diálogo — pois desconfiava de que poderia estar sendo iludido, já que bem pouco havia passado desde o desenlace e não houvera tempo suficiente para tão rápido restabelecimento, conforme sua formação espírita lhe afirmava —, que a esposa poderia manifestar-se mediunicamente, levantando a hipótese não aventada pelo judiciário em relação a latrocínio.

Os guias muito se admiraram da solução proposta mas desconfiaram de que não haveria esperança de que pudesse dar certo, a menos que o real criminoso confessasse a autoria do ato. De qualquer modo, iriam empreender a tentativa. Sabiam da dificuldade de encontrar mediador idôneo e respeitado, mas não desfaleceriam em seu ministério socorrista.

Foi longa a peregrinação até que encontraram ajuda em modesta casa de evangelização. Sem que o médium sequer suspeitasse de quem se tratava, apontou os nomes de todas as personagens e indicou à polícia os meios de apanhar o verdadeiro criminoso, único cuja identidade se mantivera em sigilo. Que as autoridades procedessem às devidas investigações.

Dito e feito. Os responsáveis pelo centro, à vista das indicações a respeito do réu e de sua frequência a declarada casa coirmã, não demoraram para localizar a pessoa certa. Convencido o advogado a incluir nos autos a peça absolutória, deu-se início às investigações que culminaram com a prisão do procurado bandido. Foi de imensa alegria para os policiais a captura do criminoso, que, por força da coerção policial, descreveu inúmeros assaltos e latrocínios, incluindo aquele de que fora vítima o sofrido casal.

Mediante a apresentação do verdadeiro culpado, Capistrano foi liberado e pôde voltar às lides habituais, agora sem a esposa amada mas com o coração absolutamente sossegado, tendo em vista a profunda assistência espiritual de que fora alvo. Veio-lhe até à lembrança, certa tarde em que encerrava os trabalhos mediúnicos, aquela prece que um dia o fizera solicitar ao Senhor forças para que as palavras pudessem revelar-lhe exatamente os sentimentos e os pensamentos, como se pudesse externar tudo o que realmente era. Naquele instante, olhou para o relógio: 14h e 22m, e duas lágrimas sentidas rolaram-lhe pela face.

OS IRMÃOS DO MÉDIUM

Valfrido era médium desenvolvido. Conseguia ver, ouvir e atender mecanicamente os espíritos, de sorte que se destacava entre seus pares do centro. Em casa, contudo, os quatro irmãos sequer suspeitavam daqueles atributos e o tratavam como a qualquer outra pessoa.

Valfrido achava tudo muito bom, até que, certa feita, foi discutido o assunto *religião* entre eles. Querendo captar os familiares para a crença espírita, precipitou argumentos e revelou-se intempestivamente como mediador dos planos. O desvelamento ocorreu de modo subitâneo, apanhando de surpresa os desavisados irmãos, que não comentaram de imediato a condição do médium, mas reservaram-se o direito de prestar-lhe auxílio oportuno.

Dos quatro, Antônio era o mais velho e mais compenetrado da necessidade de levar ao irmão a notícia de Deus. Adepto fervoroso do cristianismo protestante, não admitia a hipótese de que alguém da família pudesse ter-se desviado tanto da linha de conduta evangélica predisposta pelo pai para toda a família. Pensava ele:

— O velho — Deus o tenha! — não deveria ficar um pouco só satisfeito com tal defecção. Tenho de levar de volta a ovelha ao redil. Essa será a minha missão.

Bolou plano de aproximação e, tendo convidado o Valfrido para cerimônia de culto na igreja, aproveitou o ensejo para dar relevo às palavras da pregação do irmão orador. Tendo o tema sido previamente combinado, discorreu o bom pastor a respeito da proibição de os vivos se comunicarem com os mortos. Buscou no Velho Testamento as passagens abonatórias, esclareceu que o Cristo prometeu voltar para o Juízo Final e prognosticou as chamas dos infernos para todos os que desrespeitassem as leis de Deus e seus sublimes mandamentos.

Valfrido, vendo a sofreguidão do irmão e a insistência do ministro em se voltar para sua direção, consultou intimamente os guias e adquiriu a certeza do complô para sua *salvação*. Não se fez de rogado, contudo, e ouviu pacificamente a todas as recomendações.

Em casa, procurou o Antônio e fez ver a ele que em nada interferiria no que respeitasse à crença do irmão. Punha-se a seu dispor para as explicações cabíveis, mas não arredaria pé de sua crença. Fosse, agora, ao centro, da mesma forma que o acompanhara ao templo, e lá poderia observar que não eram demônios que vinham falar em nome de Deus.

Antônio arrepiou-se todo e negou provimento ao convite do irmão. Abjurava a fé espírita e, se o irmão persistisse nela, teria de afastar-se dele, para que não houvesse contaminação. Exercia direitos de pai, na ausência do velho senhor desencarnado há vários anos e lúdimo representante da congregação evangélica no bairro. De resto, o pai fora pessoa preeminente na religião, pois exercera, por largo tempo, as missões de ministro auxiliar, tendo conduzido à fé protestante inúmeras pessoas que sua insistência e sagacidade verbal conseguiram convencer nas pregações dominicais. Ia de porta em porta com as revistinhas e com as palavras de muito amor e advertência. Sua integridade, sua postura moral, sua projeção no seio da comunidade, sua constante ajuda aos pobres e sua assistência aos infelizes fizeram dele pessoa benquista de todos. Antônio, portanto, temia também pela memória do pai.

Valfrido, por seu turno, lembrava que o pai fora, isto sim, bom espírita, pois jamais falara mal de ninguém, jamais intentara demover quem quer que fosse para a sua crença, desde que notasse sincera convicção. Aliás, fora acompanhando-o nas visitas domiciliares que percebeu o largo espectro de bondade e a grande clarividência do pai.

Episódio assinalado nesse aspecto se deu no dia em que, ao ser recebido em residência espírita, o pai saiu de lá sobraçando *O Livro dos Espíritos*, o qual deixou largo tempo à sua cabeceira, sem coragem para abrir. No dia de sua morte, escândalo dos escândalos, lá estava o livro aberto em belíssima mensagem. Antônio, sem saber o que fazia, com medo até de tocar na obra, pediu a Valfrido que se desfizesse daquilo.

Foi a partir daí que tomou contacto com a doutrina, pois leu todas as mensagens dos espíritos e ponderações de Kardec, com o máximo de zelo. Ao seu lado, vinham postar-se diversas entidades que via e ouvia e com quem mantinha edificantes diálogos. Por essa ocasião, não chegara aos dezessete anos e se poderia considerar médium desenvolvido. Durante uma dessas manifestações, foi-lhe pedido que comparecesse ao centro e que, se fosse o caso, mantivesse o fato incógnito, para não ferir susceptibilidades. A revelação extemporânea precipitara os acontecimentos.

Ciente de que Antônio voltaria à carga, resolveu Valfrido preparar-se convenientemente, lendo todos os argumentos apresentados por Kardec para enfrentar os opositores, quer nas diversas obras, quer na monumental Revista Espírita. Ao tempo desta narrativa, não havia qualquer tradução portuguesa, de modo que preciso lhe foi desdobrar-se para entender o texto na língua de origem. Surpreendeu-se, contudo, com a facilidade da compreensão. Ao perflustrar os diversos artigos, acabou por esquecer-se completamente do objetivo inicial e passou a abeberar-se da história do espiritismo vertida para aquelas páginas inolvidáveis.

Ao ser surpreendido pelo irmão mais novo com a obra na mão, não teve outro recurso senão mostrar-lhe o de que se tratava. Este sentiu curiosidade pelos desenhos de várias casas em Júpiter e ficou tão impressionado que se interessou por conhecer a doutrina. O rapazinho beirava os treze anos e já se compenetrava de que a razão deveria reger o procedimento humano.

Valfrido considerou a idade do irmão e, para não deixá-lo às voltas com considerações demasiado filosóficas, entregou-lhe para leitura *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Otávio era o melhor aluno da turma e nunca se atrapalhara com a interpretação bíblica. Se até aquela data fora capaz de aceitar a visão problemática do céu

e do inferno, era bem possível acompanhar Kardec em seus comentários de muito amor e elucidação a respeito da palavra do Senhor.

Ao cabo de três semanas, eis o pequeno às voltas com *O Livro dos Espíritos*, naquela velha brochura do pai. Quando tinha dúvidas, à sorrelfa, buscava as explicações do irmão e com ele entretecia comentários muito ajuizados e ponderados.

Certa ocasião, contudo, Alfredo, íntimo no relacionamento com o mais velho, surpreendeu a confabulação dos dois e entregou-os à *justiça* do *venerável* irmão. O dia foi de imensa tristeza para Otávio, que se viu terminantemente proibido de conversar em particular com Valfrido. Aliás, este só não foi excluído de casa por intervenção da irmã, última das personagens que habitava aquele modesto sobradinho nos arrabaldes da grande cidade. Virgília achou a propositura de Antônio desarrazoada e ameaçou ir com o irmão, desamparando os demais. Que se lembrassem dos pais, sempre amigos dos filhos, estremecidos e compreensivos. Antônio que cuidasse do mau gênio, pois a religião estava para unir as pessoas, não para que houvesse cizânia e discórdia. Citou o Velho Testamento e disse que a casa de Israel precisava continuar sob os olhares do Pai. Feliz coincidência, Israel era como se chamava o pai, de modo que as palavras tocaram fundo a emoção do mais velho, que se penitenciou diante de todos, mas exigiu que dentro daquela casa só se lesse a *Bíblia* e só se comentassem os *Evangelhos* à luz do protestantismo. Fazia calar-se Valfrido e esfriava o entusiasmo ao caçula.

Por aquela época, os trabalhos no centro intensificaram-se. A comunidade espírita preparava-se para receber um dos próceres do movimento, de modo que tudo se engalanava com ares de festa. A pessoa era verdadeiramente importante e muita alegria estava depositando no coração de todos. Valfrido foi escolhido o orador da recepção, de modo que suas palavras viriam em primeiro lugar. Para desempenhar o papel com extrema responsabilidade, julgou oportuno encontrar lugar isolado onde pudesse ensaiar o discurso. Busca que busca, encontrou saída brilhante. O templo em que o irmão exercia influência ponderável ficava durante o dia com as portas fechadas. O recinto do centro estava constantemente ocupado para os preparativos do grande encontro, de sorte que foi uma bênção o fato de poder ficar à vontade naquele lugar deserto.

Sem que o Antônio percebesse, apanhou a chave que ficava à disposição dos crentes em sua casa e lá foi, com as anotações, ocupar a tribuna do pastor. Não reparou estar sendo seguido e entrou pela porta dos fundos, deixando-a entreaberta para avaliar o movimento de fora. Contudo, ao postar-se no púlpito, perdeu de vista a porta, por onde entrou pequena sombra que se foi esconder em desvão da escada que levava ao coro. Já se sabe quem estava lá: o juvenzinho Otávio, ávido por matar a curiosidade a respeito do que poderia fazer ali aquele espírita convicto.

Valfrido pigarreou e percebeu que o recinto aceitaria tom oratório, pois a acústica era boa e a reverberação da voz emprestava à solenidade da fala a respeitabilidade do sagrado. Arrepiou-se todo quando viu os guias postados nas primeiras fileiras, tendo-se surpreendido com a verdadeira multidão espiritual que abarrotava todo o anfiteatro. Desacostumados com aquela compenetração, os curiosos ouvintes queriam novas a respeito da vida e da existência. Valfrido sentiu-se em casa.

Mal começou a falar, notou superior presença no meio do auditório. Lá estava o pai, o velho Israel, a ouvir-lhe atentamente a peroração. Era o primeiro contacto que estabelecia com o venerando senhor e as lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas faces. A seriedade do ambiente, contudo, despertou-o para as responsabilidades e deu curso à oratória com grandiloquência e profundo amor. A voz embargada dava o tônus da emotividade conveniente para a ocasião e ele omitiu as referências à personalidade do homenageado, preferindo estender-se de modo especial a respeito das virtudes e da conquista da suprema felicidade por meio do amor ao próximo e da caridade. Terminou com o lema espírita e foi aplaudido de pé pela multidão.

Para Otávio, o único a aplaudir era ele mesmo, que se perturbara enormemente com a vibração emprestada pelo irmão à sublime oração. Ao repetir a célebre frase de que ***fora da caridade não há salvação***, o menino saltou ao pescoço do irmão a agradecer-lhe profusamente as sábias orientações. Não sabia que o amplexo abrangia a figura do pai, enlevado pela sublimidade da disposição moral dos filhos.

Aquela tarde passou despercebida para os demais membros da irmandade. Crente de que estava deveras amparado pelo plano superior, Valfrido julgou inútil repetir o feito e deu por encerrados os preparativos.

De fato, na noite grandiosa da casa de benemerência espiritual, pôde constatar que o auditório estava repleto para a efeméride. Discursou para encarnados e desencarnados e revelou-se aos olhos do arguto ministro da espiritualidade ali recebido, como promissor divulgador do espiritismo.

Ao final da alegre e proveitosa sessão, após os costumeiros cumprimentos, o irmão homenageado fez questão de anotar o endereço do novo amigo e orador. Não se arrependia de ter tão profundamente manifestado sua habilidade oratória. Seria aproveitado em larga escala. Aguardasse.

De fato, um mês após, eis Valfrido em salão de grandes proporções, escalado como um dos oradores da noite. Previamente foi conhecer o local e assustou-se com a responsabilidade. Preparou-se, todavia, o melhor que pôde e, com o irmãozinho designado como porteiro e vigia, foi treinar de novo no templo evangélico.

Essa vida perdurou por mais de dois anos e a multidão que lhe acorria às conferências enchia todos os auditórios, principalmente no plano dos desencarnados. Valfrido consagrou-se como um dos primazes do espiritismo e só não atingiu o pessoal de casa porque proibido lhe fora trazer os temas espíritas à discussão.

Antônio, Alfredo e Virgília, com extensos trabalhos na comunidade, deixavam o pequeno Otávio mais ou menos à solta, de modo que Valfrido podia passear com ele à vontade, administrando-lhe os ensinamentos mais convenientes para a idade do irmão. A família estava, portanto, apaziguada, até que...

Já famoso no âmbito do espiritismo, Valfrido foi convidado a escrever os discursos para publicação. Não querendo, contudo, oferecer obra que cheirasse a *ranço de sacristia*, como dizia a brincar, julgou de bom alvitre testar todas as peças de modo bem prático, diante de público atento. Para isso, nada mais conveniente do que o templo evangélico, cuja chave continuava à disposição. Combinou com o Otávio e lá foi treinar a oratória.

No quinto dia, estranhamente, o auditório estava absolutamente vazio. Nem o pai compareceu naquele dia, o mais frequente dos ouvintes. Os guias e instrutores também não estavam presentes por mais fervorosas fossem as preces com que os evocava. Estava ao desamparo da espiritualidade. Respirou fundo, sem saber o que fazer, e resolveu retirar-se sem discursar, para meditar a respeito. Otávio estranhou a atitude do irmão mas não lhe pediu explicações, dado o ar de profundo abatimento e da mais séria compunção que o afligia.

Em casa, ao encontrar-se só, Valfrido quis saber dos orientadores espirituais o que sucedia. Nenhuma resposta. No centro, participou de todas as atividades, viu os orientadores da casa mas não teve oportunidade de receber deles qualquer informação. O trabalho havia sido absolutamente normal, o que lhe indicava que algo estaria errado no local que frequentava às ocultas, a ponto de afastar de si até os mais íntimos. Não mais se desesperou mas pôs-se curioso para a resolução definitiva do mistério.

Na tarde seguinte, à hora habitual, chamou o irmão e lá foram ambos de novo para o ensaio. De volta a casa, atirou-se sofregamente à leitura de suas obras. Evidentemente, algo estava impedindo-o de repetir o que por inúmeras vezes conseguira. Estaria o mal nele? Teria afastado o pessoal com o teor das mensagens? Poderia alguma força desconhecida obrar para impedir que a multidão, que tantas vezes o aplaudira, voltasse a ouvir-lhe a palavra de amor e orientação? Tê-lo-iam os instrutores abandonado, tendo em vista ter crescido em orgulho, vaidade e egoísmo? Poderia estar ocorrendo que os irmãos estivessem a espreitá-lo, de modo a surpreendê-lo no ato, acusando-o de impiedade, à vista da doutrina que professava? Quem estaria por trás de tão insólita perturbação de rumo?

Leu, ou melhor, percorreu vorazmente todos os autores que mantinha hermeticamente fechados em grande mala debaixo da cama. Ao seu lado, dormia o menor, de sorte que tinha certa liberdade de manipulação das sagradas obras. Na escrivania, os mais velhos não tocavam, com medo de contaminação. Aliás, o seu relacionamento estava há muito abalado e os irmãos já se recusavam a conversar com o orador, especialmente quando descobriram que sua preeminência estava estabelecida.

Valfrido imaginou que aí pudesse estar o princípio de tudo e, naquela noite, puxou conversa. Surpreendentemente, recebeu todas as respostas e até lhe foi indagado quando é que conseguiria ter o livro publicado. Surpresa das surpresas! Levou bastante a sério o interesse dos irmãos mas calou-se para não precipitar fatos que, um dia, seriam de conhecimento de toda a humanidade.

Na tarde seguinte, ao ir apanhar a chave da igreja, não mais estava no lugar. Otávio também desconhecia a razão de lá não estar e se prontificou a ir ao templo, a fim de verificar o que ocorria àquela hora. Estavam todas as portas fechadas. Arrumou desculpa para bater, mas ninguém o atendeu. Voltou com a notícia ao irmão, que mais curioso ficou sobre o que poderia estar ocorrendo. Primeiro o auditório deserto. Agora as portas trancadas. Decididamente, queriam afastá-lo daquele local.

À noite, estando trancado no quarto a preparar o último discurso da série, Virgília veio chamá-lo, pois a família precisava conversar.

Soube, então, diante do ar alegre dos irmãos, que todos haviam sido excluídos da irmandade por abuso de confiança. Estranhas vozes e tremores vibratórios poderiam

sentir-se durante as tardes na casa de orações. Passantes testemunhavam que, estando o templo deserto, podiam ouvir alguém pregando em altas vozes. Correu entre os fiéis a notícia de que algum demônio estaria ocupando a sagrada tribuna. Em nenhum momento suspeitaram de que poderia ser alguém de carne e osso, de modo que foram lá realizados exorcismos para afastar os espíritos do mal.

Valfrido ignorava tudo, mas tinha sido prevenido pelos amigos da espiritualidade pelo fato de encontrar o recinto vazio. Naquelas tardes, vinha postar-se o pastor no fundo da igreja, com tremores de frio e o suor a escorrer-lhe pelas faces. Metia-se debaixo do pano que cobria o piano e lá ficava aguardando as vozes do além. Convidara outros fiéis, mas nenhum havia reunido coragem suficiente para enfrentar o demo, até que, no último dia, corajosamente, ao ouvir os passos costumeiros, resolveu tirar a cabeça fora da cobertura e deu com a presença ali da figura do Valfrido, famoso na coletividade como representante das forças ocultas. Não teve coragem de enfrentar a figura, na indecisão de que se tratava do próprio ou de algum fantasma transvestido. Enfiou-se de novo sob a cobertura e aguardou que algo sucedesse. Diante do silêncio que se fez, saiu a custo do esconderijo, com a ideia perfeita de que estava na hora de tomar dos irmãos a chave que lhes fora confiada. Com a chave, a comunidade resolveu solicitar de todos que se afastassem do santuário até que convertessem o irmão, de forma clara e insofismável.

Enquanto os dois irmãos mais velhos deliberavam a respeito do que fazer, Virgília chorava num canto da cozinha, desesperada com a tempestade que se aproximava. Era a hora em que Valfrido, no quarto, solicitava dos guias intervenção e ajuda especiais. Pois naquele instante de pressão e angústia, Israel fez-se presente para os filhos reunidos. Através de fala direta, utilizando-se dos recursos magnéticos do filho em oração, exortou a família que se unisse em torno do espiritismo. Fez longa explanação a respeito da doutrina e saiu prometendo voltar na noite seguinte. Deixava demarcada a presença com linda rosa branca colhida em jardim de amor.

Tal presença se repetiu por três vezes, de modo que todas as dúvidas e interrogações íntimas dos filhos puderam ser respondidas e explicadas à exaustão. O poder espiritual se exercia completamente.

Na quarta noite, Valfrido foi convidado a participar. Recebeu os informes acima referidos e inteirou-se da vontade do pai. Sentiu a ascendência que o velho mantinha sobre os filhos e agradeceu intimamente a todos os guias as providências que jamais teria condições de imaginar. Leu para os irmãos o que seria seu penúltimo discurso e com eles, absolutamente emocionado, realizou a primeira sessão mediúnica de que participava conscientemente em casa. Após as belíssimas manifestações dos guias, que muito se regozijavam com os efeitos de suas elucubrações, recebeu a incumbência de narrar todos os acontecimentos em forma de palestra a ser consignada como página final da primeira obra.

Hoje, a família dedica-se com afinco ao estudo e ao trabalho, tendo Otávio manifestado dotes maravilhosos para o mediunato.

Eis que, de repente...

A HORA DA CONVERSÃO

Anastácio era fiel seguidor do evangelho do Cristo. Persistia em sua crença inabalável, ouvia a palavra do pastor na igreja, orava com fervor, pedindo a graça de ver os filhos fortes e saudáveis, a esposa alegre e disposta, os parentes prósperos, a cidade feliz. Para si, nunca pedia nada, não porque se esquecesse mas porque lhe bastava ver as súplicas atendidas.

A vida seguiu nesse diapasão durante os últimos trinta anos. Já idoso, resolveu adotar uma criança, pois os filhos não lhe davam netos e a lembrança dos oito pimpolhos que lhe alegraram a vida enchia-o de saudades. Com a anuência da esposa e de todos os descendentes, ajudou pobre mãe solteira que não tinha meios para criar o rebento, fruto de seus amores juvenis.

Anastácio era homem prático e clarividente, portanto, sabia que, chegada a hora, deveria partir, deixando o pequenino com a educação incompleta. De qualquer forma, combinou com o juiz que, desde logo, incluiria cláusula no contrato de adoção através da qual delegava à família que concordasse em prosseguir a educação do jovem amplos recursos, para que se desse sequência à assistência devida.

O que Anastácio não sabia é que sua longevidade e da esposa estava determinada para mantê-los por mais trinta anos, de modo que a previdência não iria concretizar-se.

Passados os primeiros dez anos, o jovem Augusto sentia-se, na presença do velho, como diante de avô. Fazia e desfazia do atarantado e apalermado senhor, que tudo lhe proporcionava do bom e do melhor. A escola era a mais cara. As roupas, as mais modernas. O carro com chofer, o mais luxuoso e assim por diante. Augusto cresceu num paraíso, mas sua contextura moral não lhe propiciava condições de bendizer a família de empréstimo. Sabia-se adotado desde cedo e revoltava-se pelo fato de o pai adotivo não ter dado condições à mãe para criá-lo como deveria, uma vez que tudo lhe era possível no campo da matéria. Ignorava que fora por determinação da progenitora que fora entregue às mãos do venerando senhor. Desejava ela prosseguir em vida de total liberdade, o que não ocorreria na casa do protetor do filho. Às escondidas, de resto, abocanhava o que podia dos velhos, sem ligar a mínima para o filho, que sabia estar sendo bem tratado, melhor que qualquer educação que ela mesma pudesse oferecer.

Augusto cresceu estouvado e tonto. Pouco apaniguado pela natureza quanto à inteligência, não se desenvolveu na escola, encerrando as atividades na mísera terceira série do curso primário. Assistido pelos melhores psicólogos, pôde revelar o quanto necessitava de ajuda no terreno da aprendizagem. No entanto, para os malfeitos era exímio. Não foram poucos os serviçais que desistiram do emprego por influência sua, por conservarem-se íntegros e não aceitarem subornos para as aventuras do pequeno. Nessa vida turbulenta, manteve-se até os dezesseis anos, quando desencarnou, vítima de poderosa dose de cocaína.

Os pais do infeliz sucumbiram à dor da perda e se sentiram com a consciência pesada por terem logrado livrar-se dos distúrbios e da vida alucinada que a prosecta idade não conseguia acompanhar. Desfizeram-se em lágrimas no enterro, tendo, inclusive, localizado a mãe para, em nome de Deus, rogarem-lhe que os perdoasse, por não terem sido suficientemente enérgicos na formação moral do filho. Esta, já passada em anos e acomodada na vida, não deu a mesma importância que os velhos ao fato e estranhou muito até que se sentissem tão culpados. Intentou tirar-lhes algum dinheiro, o que facilmente conseguiu, e desapareceu de vez de sua vida.

Na igreja, como de hábito, Anastácio, após o enterro, elevou o pensamento aos céus e pediu clemência pelos sentimentos tão descontraídos de que estava possuído. Em casa, conversou longamente com a esposa a respeito de crianças e acharam conveniente, antes que lhes desse a febre de novamente se aventurarem, procurar ajuda especializada para aconselhamento. Naquele meio tempo, tinham-lhes nascido três netos, de modo que a febre estaria muito diminuída, mesmo porque, aos setenta e sete anos de idade, a euforia para com os petizes estava bem atenuada.

A primeira pessoa ouvida foi o próprio pastor, que, sabendo dos problemas causados por Augusto, lhes recomendou que se interessassem pela creche da instituição, dedicando algumas horas por dia à assistência voluntária aos menores.

A ideia foi bem recebida, mas julgaram melhor procurar um advogado para conhecer-lhe a opinião a respeito dos trâmites legais para que, se fosse possível, pudessem adotar alguém com a idade do finado. Este percebeu o intuito de sossegar a consciência, mas, amigo da família, preferiu dissuadi-los da intenção, primeiro, porque seria muito difícil de encontrar alguém com hábitos saudáveis para colocá-lo dentro do lar; segundo, porque o juizado faria sérias restrições em relação à idade.

Entristeceram-se com esta opinião, mas sentiram-se mais reconfortados. Adotariam a tese da visita à creche, embora corressem o risco de se engraçarem por algum pequeno abandonado.

Na primeira visita à instituição, o médico encarregado da assistência aos pequenos fez com que preenchessem extensa ficha de informações, para conhecer o perfil sócio-psicológico do casal. Ao deparar-se com suas atuais condições morais e psíquicas, opôs obstáculo intransponível para que pudessem exercer de imediato qualquer atividade de assistência. Precisariam, antes, espairar o espírito, suplantar a dor da perda e curar-se da frustração ocasionada pelo fracasso da adoção. Recomendou-lhes longa viagem de repouso, principalmente a lugares bem tranquilos, onde pudessem confraternizar-se com pessoas da mesma idade e experiência. Conversassem muito, se divertissem e, principalmente, meditassem a respeito da vida e do que lhes havia ocorrido. Não se

precipitassem em novos relacionamentos afetivos, que poderiam vir a ser altamente perniciosos para o restabelecimento de sua melhor condição mental e emocional.

Sem que os velhos soubessem, o médico entrou em contacto com o pastor e ambos resolveram convocar reunião com a família para expor minuciosamente aos filhos o que se passava, de sorte que se pudesse propiciar ao casal de velhos assistência adequada e apoio revigorador. De fato, os filhos acorreram ao chamado dos amigos, todos desde há muito fiéis e assíduos aos cultos da seita. Elucidados os principais pontos de preocupação, admitiram os filhos que a sobrecarga advinda da morte do jovem havia abalado as estruturas espirituais dos pais, de modo que concordavam em dar continuidade ao plano de afastar os velhos dos locais em que tudo fazia com que se lembrassem daquele que tantos transtornos lhes havia causado.

Reunidos em festiva comemoração, por ocasião do aniversário de casamento dos pais, notou-se que os semblantes de ambos demonstravam espessa nuvem de tristeza, no pai bem mais carregada que na mãe. As providências deveriam ser tomadas rápido e, naquela tarde, foram compradas passagens para longa viagem de recreio. O filho mais novo, apesar de diversos compromissos comerciais, prontificou-se a acompanhar os pais até a estância onde passariam os primeiros meses, para avaliar dos recursos e do conforto que lhes poderiam ser oferecidos.

E assim se fez. Chegadas a belo hotel, no meio de imensa mata, acordaram os três que era aquele o local ideal para se refazerem dos distúrbios morais por que haviam passado. O filho, tranquilo por perceber que a clientela era formada por inúmeros casais de mesma idade, voltou para casa, deixando as devidas recomendações ao gerente para que diariamente o mantivesse informado das condições dos pais.

Assim, assistidos pela esplêndida equipe médica do local e vigiados a distância pelo corpo de segurança do hotel, podiam os velhos considerar-se perfeitamente em paz para os efeitos desejados.

Naquele aconchego requintado, em que os gastos não se mediam, puderam desfrutar de pacata e repousante estadia. Ao entardecer, hora do esparecimento, reuniam-se os hóspedes no imenso salão para jogos e demais atividades congregantes. Puderam, assim, travar relações de amizade com diversas pessoas, tendo ficado sabendo dos dramas que cada um trazia consigo. Crentes de que seu sofrimento fosse de grande envergadura, aos poucos foram percebendo que as pessoas ali portavam tragédias bem maiores. Parecia até que aquele era ponto de encontro dos infelizes do mundo. Devagar, foram abrindo-se para os demais e puderam narrar os acontecimentos que os haviam envolvido durante os últimos dezesseis anos.

Pode parecer que a narrativa venha estendendo-se monótona, como é monótona a vida das pessoas idosas. No entanto, a pura verdade é que precisávamos reunir as pessoas em torno do sofrimento, para que cada personagem pudesse avaliar e demonstrar o resultado de suas observações aos demais, em torno dos problemas que a vida proporciona a cada um.

Desligamo-nos agora da contextura dramática e enviamos o caro leitor à ideia que lhe insuflamos na mente ao definirmos o título (*A Hora da Conversão*). Poderia você, caro amigo, imaginar como se daria a conversão dos velhos, principalmente de Anastácio, ao

espiritismo? Seria crível se, por influência de algum novel amigo, fossem até certa casa espírita, onde receberiam mensagem do filho desaparecido, de modo a se configurar a necessidade da nova crença? Teriam espiritistas convictos possibilidade argumentativa capaz de influenciar os velhos intelectos e sentimentos a se sentirem mais confortados dentro da doutrina de Kardec? Poderia imaginar a faculdade de eles mesmos irem arrazoando a respeito da vida, de forma a concluir que a justiça de Deus deveria ser melhor compreendida?

Pois bem, algo muito poderoso fez com que ali se sentissem tão bem que nunca mais desejaram sair de lá. Para diminuir os gastos, adquiriram modesta vivenda no local, conseguiram o concurso de diversos empregados e passaram o final dos dias em alegre convivência com os hóspedes que entravam e saíam, mas que sempre retornavam para as frutuosas amizades que se estabeleceram. O casal passou a ser uma espécie de anfitrião moral e sua assistência espiritual aos que para lá se dirigiam, na necessidade de refúgio para restabelecimento físico e mental, era de suma importância para o tratamento.

Amigos dos médicos que por lá passaram naqueles anos de suave caminhar na vida, tinham palavras de conforto para todos. Nunca leram *O Livro dos Espíritos*, nunca foram a sessão alguma de doutrinação e desobsessão, nunca viram ninguém receber ou incorporar mediunicamente os espíritos, nunca atentaram para a verdade da real vida após a morte, mas elevaram o evangelho de Jesus às últimas consequências, doando integralmente de si para os outros.

Converteram-se, sim, em cristãos autênticos e, hoje, decorridos vinte anos do traspasse, ainda seus nomes são lembrados no hotel, como o doce casal que sabia erigir no amor as bases da vida. Existem lá duas salas contíguas com as placas dos nomes dos velhinhos, homenagem póstuma comovida que toda a comunidade fez questão de prestar, Anastácio e Amélia, um ao lado do outro, como ainda hoje no etéreo, a facultar aos filhos e netos assistência espiritual contínua. Empenham-se agora em fazer com que Augusto volte à Terra como neto daquela que lhe dera a luz, mas muito terão de fazer para superar-lhe as resistências. Quem sabe consigam, principalmente porque têm a oferecer a sua nunca negada assistência.

A ORIENTAÇÃO SEGUIDA

Nicanor era bom auxiliar dos trabalhos do grupo. Sabia, como ninguém, cumprir ordens e estava sempre pronto para a obediência.

— Precisamos de alguém para ajudar a descarregar...

Lá estava ele, como um bólido, executando a tarefa com o máximo prazer. Pau para toda obra, especializara-se em atender, em ser mandado, em cumprir.

Mas o tempo passa e Nicanor foi envelhecendo. Este é o destino das criaturas. As cãs indicavam aos demais que os anos tinham deixado sua marca e as rugas assinalavam sofrimentos insuspeitos. Temerosos de perturbá-lo, os mais jovens já não mandavam ou pediam, rogavam-lhe a ajuda para pequenos serviços. Era hora, portanto, de solicitar e Nicanor não se fazia de rogado:

— Posso ir apanhar a estante? Posso ir comprar as mercadorias?

E lá ia ele, satisfeito pela confiança nele depositada.

Transcorreram mais alguns anos e a pele encarquilhada e a fraqueza muscular estavam por demais aparentes para que alguém suspeitasse de que ali estivesse o mais emérito colaborador. Se ousasse solicitar a possibilidade de pequena ajuda que fosse, lá vinha a observação:

— Carlos já providenciou. Ricardo já foi buscar.

E Nicanor via-se desprestigiado pelos colegas. Entretanto, os velhos companheiros, sabedores de sua diligência e presteza, sem afadigarem-no, pediam-lhe favores possíveis: preces de abertura, de encerramento, condução de visitantes, algumas entrevistas e pouco mais que lhe fosse possível desempenhar com sucesso e sem constrangimentos. Na mesa da desobsessão, antes tão ativo, também os amigos da espiritualidade começaram a evitar enviar-lhe sofredores agressivos até o ponto em que só lhe cabiam pequenas exortações morais e alguns escritos espontâneos e de muito saber, mas resumidos e condensados.

Nicanor dava impressão de fragilidade mas seu caráter era vigoroso, sua mente, poderosa e seu coração, doce e suave. Aprendera a obedecer, obedecia e continuaria sempre a ser fiel a esse princípio. Em certa ocasião, no início da peregrinação pelos campos do espiritismo, fora-lhe determinado organizar o centro na ausência de um dos diretores.

Atendeu com proficiência, pois lhe havia sido solicitado, mas, ao retorno do amigo, recolheu-se à sua humílima posição e de lá não mais saiu.

Aos oitenta e sete anos de idade, curvado e trêmulo, atacado por sério artrismo que o prendia ao leito durante a maior parte do tempo, ainda assim, toda noite em que havia sessão com espíritos, lá ia ele, na companhia do neto, que lhe empurrava a cadeira de rodas, atender ao chamado das forças da espiritualidade. Se lhe tivessem pedido para ficar em casa, atenderia, mas não compreenderia as razões de tal solicitação. Os amigos sabiam disso e nem sequer sugeriam qualquer ideia a respeito, mesmo porque era saudável ver a veneranda figura discorrer a respeito do bem, do amor e das virtudes.

Aos noventa e sete anos, completamente cego e surdo, largado no leito derradeiro, manifestava desejos de atender a alguma solicitação que lhe fosse possível ser dirigida. Contudo, as condições impediam-lhe outro recurso comunicativo que não fosse o tátil, de modo que a voz se fazia ouvir, mas ele não conseguia receber qualquer informação reconfortadora. No entanto, acreditava-se toda noite ser conduzido ao centro, de modo que era mais de dó vê-lo conversar com amigos invisíveis e doutrinar espíritos sofredores que absolutamente era impossível divisar.

Por essa ocasião, apareceu no centro certo médium vidente de grande capacidade. O homem descrevia à minúcia tudo o que ocorria no plano do etéreo durante as sessões, de modo que logo surgiu a ideia de conduzi-lo à residência do irmão Nicanor, para que se pudesse avaliar até que ponto aquelas demonstrações de insanidade poderiam estar a revelar precisos contactos com amigos da espiritualidade. Afinal de contas, o que estranhava era o fato de Nicanor estar a dialogar com entidades que não lhe respondiam audivelmente, mas que era bem possível estarem presentes, dado o encadeamento lógico do pensamento do doutrinador. No que se referia a conceitos, então, melhor se evidenciava sua clarividência, pois tudo decorria segundo os princípios da doutrina, sem falha ou omissão. Desde há muito estava impedido de escrever, pois as mãos deformaram-se com a doença, mas a insistência em conversar provocava a curiosidade de todos.

Em noite de palestras, reuniu-se o grupo de médiuns, o novel amigo entre eles, e foram todos à casa do velho para propiciar-lhe favorável energização espiritual e para consagrarem-se ao estudo daquilo que lhes parecia evidente demonstração de força moral.

Agripino postou-se no fundo da sala e, enquanto todos faziam as preces e procediam à imantação do ambiente, pôde observar intensivo bulício no plano espiritual. Eram entidades que iam e vinham, enfermeiros, médicos, operadores de ondas eletromagnéticas, estranhas criaturas portando aparelhagens desconhecidas para o recém-admitido nas lides do socorrismo. Em determinado momento em que se dava início aos trabalhos, tendo olhado para o velho deitado na cama, viu-o transformar-se por completo. As feições adquiriram brilho novo, a tez se desenrugou, vigor físico aflorava por debaixo das mirradas cobertas e o jovem despertou para a vida com inteira consciência, ofuscado pela luz reinante e em lágrimas por reconhecer a plêiade de seres que lhe eram especialíssimos. Quando Agripino ia interrogar um dos presentes, foi despertado do estado sonambúlico por exclamações de dor e de admiração. Os circunstantes haviam percebido que Nicanor deixara o mundo dos vivos e se desprendera definitivamente.

Muitos lamentaram profundamente não terem tido a confirmação dos fatos que almejavam investigar. Uns poucos derramaram algumas lágrimas e todos efetuaram

sentida prece de despedida. Achavam-se apaniguados pela espiritualidade por terem estado presentes no momento do trespasse. Sentiam-se como membros da equipe de desenlace e orgulhavam-se intimamente por terem contribuído com as vibrações para o feito. Afinal de contas, o amigo que se despedia era tão idoso que todos concordavam tacitamente que era bem hora de partir.

O local não era conveniente para se interrogar Agripino a respeito do que vira, de modo que a turma se despediu da família e todos voltaram para o centro, para dar continuidade ao programa da noite, que estipulava para aquele momento debate a respeito das observações do vidente. Por certo, se todos tivessem tido a oportunidade de sentir o que de fato ocorrera, iriam ter *frissons* emotivos de mais largo espectro. Do jeito que procediam, mais espicaçada lhes estava a curiosidade do que a real necessidade íntima de progredir. Transformavam aquele momento de sublimidade existencial em mero ponto de estudo.

Agripino, entretanto, não tendo certeza de que estaria autorizado a relatar o que viu, prudentemente, narrou, de modo sucinto e claro, que a sala estava cheia de entidades e que Nicanor lhe parecera ter-se desligado da densidade corpórea com facilidade. Não quis estender-se mais para não incorrer em falta diante do plano espiritual, mesmo porque a grandiosidade daquele momento não estava sendo compreendida pelos parceiros. Resguardou-se para não mentir e, alegando que deveria acordar cedo, retirou-se.

Em casa, tentou entrar em contacto com o guia e foi imediatamente atendido. Solicitou certos esclarecimentos e pediu permissão para relatar aos companheiros tudo o que havia visto. O amigo ponderou que a descrição da aparelhagem utilizada no campo da espiritualidade poderia causar celeuma e desprestígio para seus atributos e pediu-lhe se resguardasse como sabiamente já o fizera. Se quisesse, poderia referir-se ao desprendimento maravilhoso do amigo Nicanor, o que possibilitaria aos demais a análise de sua vida, em função das prendas de virtude que adquirira. Ficasse tranquilo que, em breves dias, o amigo poderia manifestar-se no centro, de modo claro e insofismável, a confirmar todas as informações. Ficasse na paz de Deus!

Nicanor, por seu turno, aprestava-se para o trabalho. Desacostumado por causa da longa permanência na Terra, aos poucos foi reavendo os hábitos da volitação e da transubstanciação, ao tempo que o poder de comunicação pensamento a pensamento se intensificava. Recuperou os dons morais que possuía, verificou que adquirira outros por acréscimo de misericórdia, à vista da nunca negada virtude da obediência, e assumiu o cargo que lhe estava reservado de dirigente supremo de vasta instituição educacional no plano etéreo, mercê da vacância que se verificou pelo afastamento do titular guindado a tarefas mais importantes. Nicanor preparara-se para comandar, passando por todas as fases do atendimento e da subserviência mais digna.

Assim que se viu de posse de todos os seus recursos energéticos, providenciou aparecimento no centro, dirigindo todo o pessoal de modo organizado e lesto, de forma a produzir manifestação de efeito moral contundente. Estudou os planos da organização no campo material e verificou que poderia contar com Agripino para tarefas de fôlego e responsabilidade. Quanto aos demais, serviriam para dar sustentação e apoio.

Ao comunicar aos encarnados de viva voz, por meio de eficiente médium psicofônico, quais os projetos da instituição para com aquele grupo de abnegados servidores, deixou-os todos boquiabertos: não havia dúvida quanto à identidade do espírito comunicante, mas que diferença de postura diante dos demais! O homem vinha determinado e exprimia as ordens com categórica segurança, distribuindo as tarefas e funções com o máximo de precisão. Agripino, que tudo observava com atenção, reconheceu o jovem senhor ali presente e, em prece íntima, agradeceu-lhe a confiança nele depositada, imaginando-se a cumprir todas as determinações. Quanto aos demais, após o encerramento da sessão, viram-se na contingência de elaborar novo plano de ação para a entidade assistencial, para dar curso ao programa estabelecido. Nada tinham visto, mas a descrição do vidente se fez inquestionavelmente verdadeira.

A partir de então, o centro decidiu-se por atender aos pedidos especialíssimos do amigo, que por tantas décadas convivera com eles e hoje tem já publicadas várias obras de orientação e amor.

Nicanor, de quando em quando, vem em pessoa trazer o testemunho de seu afeto por todos, exortando ao trabalho, estimulando e agradecendo.

Certa feita, dignou-se comentar os pensamentos dos irmãos espiritistas e estendeu-se longamente a respeito da necessidade de se estreitarem mais os vínculos entre os planos, para não se dar que o trabalho adquira mão única. É sempre possível conçoçarem-se todos em torno do ideal comum do socorrismo, de forma que proceder possam em amor e espírito de solidariedade. Que não esperassem os encarnados encontrar as mesmas facilidades daquele grupo, mas que criassem condições próprias de desenvolvimento, elegendo o trabalho em favor do próximo, como a meta primeira, e o amor a Deus, como a finalidade última da existência. Ficassem todos com Deus e, em nome de Jesus, se despediu em lágrimas pelo muito amor que por todos manifestava.

Agripino quase não pôde perceber o que se passou ao final da fala, pois as lágrimas impediam-no de visualizar a cena, contudo, pôde apanhar no ar algumas pétalas translúcidas e coloridas que embelezavam o ambiente.

O PECADO CAPITAL

Serapião não se conformava com ter pecado contra o Senhor. De volta de recente encarnação, já desperto para a realidade da consciência, tendo perpassado pelo Umbral mais tenebroso e merecido certo apoio socorrista, foi levado àquele hospital em que meditava a respeito da existência, dando ênfase especial ao *pecado* que o havia arremessado ao báratro.

Para bem elucidar o leitor, precisaríamos largamente preocupar-nos com a história moral de Serapião, mas isto ensejaria romance meramente carnal, em que os relacionamentos se deram no exclusivo interesse das verdades materiais. Para circunscrever o tema ao fulcro da questão, devemos dizer que a nossa personagem se deu a diversos vícios e praticou diferentes crimes. Entretanto, após cumprir as penas que lhe foram impostas pela instituição judicial dos homens, foi agasalhado pela fraternidade de certo grupo especializado no encaminhamento de ex-detentos, tendo tido a sorte de □□□□□□□□ir todos os débitos para com a sociedade. Como não havia fustigado a paciência além dos aspectos do patrimônio, não lhe foi difícil solicitar as devidas desculpas, tendo trabalhado intensamente para repor ceitel a ceitel tudo o que havia subtraído às pessoas. *Pé de chinelo*, algumas galinhas e radinhos de pilha ficaram no passivo, que se viu saldado pela pena maior de ter de suportar a convivência de criminosos de mais larga malignidade. No depósito, não restaria ao Serapião nada além do que reconhecer-se errado do ponto de vista doutrinal espírita e segundo a exposição evangélica do Cristo, para arrepender-se, oportunidade que lhe foi dada nas profundezas das cavernas.

Algo, no entanto, lhe ficou na consciência que não o fazia sossegar. O sentimento de culpa acabrunhava-o e, no plano espiritual, sufocava-o a ponto de impedi-lo de livremente se propor ao trabalho. Assistido pelos médicos do posto em que se internara, omitiu essa impressão vadia com o intuito de melhor caracterizá-la nas próximas entrevistas. Entrementes, pretendia recompor-se espiritualmente, para o que se pôs a ler, em desespero, quantas obras lhe caíssem às mãos.

Tinha o intelecto desenvolvido e o internamento na carne objetivara justamente fazê-lo menos orgulhoso desse recurso precioso para quem tem bom desenvolvimento moral, mas pernicioso para quantos almejam fazer dele o ponto de apoio para sobrepor-se aos companheiros. Sendo assim, não lhe foi difícil perflustrar as páginas dos autores mais

sérios e complexos, assimilando-lhes as teorias e as exposições, muitas vezes minuciosas e cansativas.

Ao cabo de bons seis meses de intensas leituras, a primeira luz se fez no fundo da consciência: *pecara* contra o Senhor porque não suspeitara de que, mais dia, menos dia, iria ter de defrontar-se consigo mesmo, e considerara esse encontro como da mais absoluta tranquilidade. Habitado a pagar todos os crimes, supusera que os débitos devem ser encarados com a mais fria razão. A inconsistência diante daquele *pecado* capital era a ponta do *iceberg*, a indicar que muito deveria aprender que não estava escrito nos livros.

Por esse tempo, já confesso diante dos instrutores, que nada lhe adiantavam a respeito do drama íntimo, mesmo porque ele temia perguntar-lhes, arrumou vaga em equipe socorrista que dava assistência aos desesperados em vias de suicídio. Aprendiz, diligenciou tenazmente para compreender os fenômenos psíquicos que envolvem a loucura final e pôde, em breve tempo, ascender na escala do grupo, vindo a ocupar posição de preeminência.

Cabe assinalar que, dentre os seus feitos como auxiliar, registraram-se dois casos emergenciais em que se viu só diante dos infelizes, tendo logrado êxito nas tentativas de assistência e socorro, impedindo que viessem a proceder ao desate das ligações corpóreas. Tais ocorrências só puderam ser conseguidas pelo muito de amor que colocou em todas as providências, especialmente na verdadeira aflição que sentiu por ver os irmãos na iminência do desastre. O que mais o espantou nas duas ocasiões foi o fato de, ao lado de estar absolutamente envolvido com os estremecimentos morais de ambos, sofrendo-lhes a dor com profunda intensidade, conseguir manter desperta a mente e equilibrado o perispírito, de modo a prestar cabal e completa ajuda, como se habituado estivesse a esse mister. As lágrimas lhe escorreram, o coração confrangera-se, mas a lucidez da mente imperturbada deu-lhe à ação, característica superior de quem age em conformidade com os padrões éticos e profissionais mais rigorosos.

Ao atingir o ápice possível dentro do grupo, ainda as lágrimas lhe escorriam ao atender os infelizes, mas a emoção renovada não tinha o dom da novidade nem a força da premência. Aperfeiçoara os aspectos técnicos a tal ponto que a segurança da assistência chegava a confortar até os auxiliares mais diretos. Apesar de tudo, quando perdia algum paciente, voltava aos livros, reestudava todos os casos semelhantes, programava célebres discussões com os parceiros e não descansava até caracterizar plenamente que, se não obtiveram êxito, nenhum outro grupo obteria.

Era perfeccionista com relação ao trabalho; não poderia deixar de ser também à vista de si mesmo.

Todo esse desejo de sublimar os problemas alheios, na verdade, não era mais que o reflexo da tentativa de resolver definitivamente o seu, e isso não lhe passava, em absoluto, despercebido. Temia, inclusive, que, após ter encontrado a solução para seu *pecado* capital, perderia o *élan* em relação ao serviço que vinha fazendo, pois tudo parecia indicar para ulterior necessidade de resgate daquela dolorosa culpa escondida.

Por essa época, outro ponto importante ficou-lhe inteiramente claro. Se sofria a desdita de ter menoscabado a importância dos sentimentos na averiguação das causas do desajuste moral, também deixara de considerar que a misericórdia divina lhe daria a devida trégua para a aquisição de resistências psíquicas adequadas para soffrear os impactos da

revelação, ao mesmo tempo que serviriam de couraça segura com que se protegeria dos próprios ataques que desfecharia contra sua pessoa. Valiosíssimas tinham sido, portanto, as informações que acumulara no cuidado com os eventuais suicidas.

Achou que estava progredindo e criou coragem para chegar-se ao instrutor particular para confiar-lhe o drama de sua existência.

Raimundo recebeu-o com agrado e declarou, desde logo, que o aguardava há algum tempo, não tendo tomado a iniciativa de procurá-lo por depender de seu livre-arbítrio a consulta. De qualquer forma, estava pronto para ouvi-lo, embora deixasse claramente demonstrado que bem estava ciente de tudo.

O fato foi notado por Serapião, que se alegrou por verificar que, da mesma forma que proporcionava assistência aos encarnados, havia quem por ele se preocupasse. Isso lhe deu segurança e, sem titubeios, iniciou a descrição da percepção de que algo havia feito que ofendera o Senhor, embora o fato não se lhe revelasse inteira e claramente à consciência. Desde há muito vivia com esse fardo, embora não desse a demonstrar a ninguém, porque fazia questão de impedir que se manifestasse para não prejudicar os trabalhos sob sua responsabilidade. Pedia ao mentor que lhe indicasse o caminho da cura.

Raimundo não se fez de rogado e longamente discorreu a respeito da felicidade de possuírem os indivíduos uma consciência. Ressaltou especificamente, no caso do protegido, o papel de impulsionadora para o trabalho que exercera e finalizou dizendo que nada conhecia ou sabia que pudesse causar transtorno àquele nível. Deixasse a natureza agir que a sabedoria de Deus evidenciaria, de uma hora para outra, a necessidade de imprimir corretivos aos aspectos menos desenvolvidos de sua moral. Somasse às que possuía outras virtudes em falta e voltasse a procurar o instrutor, após cinco anos.

Para quem esperava resposta imediata, a postura do orientador não poderia agradar. Durante os dois primeiros anos, preocupou-se demasiadamente em analisar os porquês que teriam levado o amigo a dilatar tanto o prazo para a volta. Finalmente, concluiu que o tempo nada era diante da eternidade e, se dois anos se passaram, tão cheios de serviços e realizações, teria a capacidade de esperar mais dez, vinte, uma centena, com absoluta confiança de que a recomendação fora valiosa.

Nesse meio tempo, foi guindado a cargo de mais larga responsabilidade, pois lhe foi outorgada a função de administrar o hospital psiquiátrico encarregado do socorro e restabelecimento dos infelizes suicidas pinçados no Umbral, portanto, em condições de assistência e restabelecimento.

Tendo necessidade de mais estudos, dedicava-se integralmente às tarefas, tendo pouco tempo para avaliar até que ponto a pressão cármica se exercia sobre a consciência, a impedir-lhe que se dedicasse de modo absoluto ao conhecimento, prevenção, tratamento e cura das defecções psíquicas. Buscava a compreensão de todos os fenômenos mentais de caráter teratológico, supondo, de modo intuitivo, que, ao se deparar com algum caso análogo ao seu, despertaria para a verdade.

Os três anos se passaram sem que se apercebesse, de modo que, quando se apresentou ao velho amigo, seis meses haviam transcorrido além do prazo.

Raimundo não estranhou o retardamento, tendo feito questão de ressaltar que isso se devia à necessidade de adaptação à ideia de que a realidade a ser enfrentada poderia ferir o andamento dos trabalhos na instituição que Serapião administrava. Era

compreensível a preocupação com preparar possível substituto. Após esse introito, fez considerações a respeito da natureza da capacitação adquirida pelo protegido e recomendou-lhe que lá permanecesse por mais dez anos, no mínimo, a fim de assegurar-se de que o tempo, realmente, pouco significava, conforme lera no relatório apresentado pelo discípulo. Não conseguira decifrar o mistério da angústia consciencial, mas via para breve a possibilidade de resolução do enigma. Acrescentasse mais paciência à tenacidade, mais comedimento à seriedade, mais proficiência ao devotamento e buscase fortificar-se intelectualmente, uma vez que era evidente o seu brilho e acuidade. As bibliotecas de psicologia humana dos encarnados não poderiam ter segredos para ele. A par disso, que fosse investigar na Terra o destino de todos os parentes e amigos, para assistência direta durante os momentos de folga. Sabia Raimundo que o que estava pedindo ao afilhado era tremenda sobrecarga às tão extensas atribuições, contudo, se, realmente, estava tão interessado em desfazer a impressão de *pecado*, que atendesse intimorato.

Desta feita, Serapião não se admirou das observações do mentor nem titubeou em considerar que bem poderia estar certo. Pelo menos, as crises de consciência tinham diminuído e isso lhe comprovava que o remédio ministrado principiava a surtir efeito.

Após muito meditar, resolveu atender a todos os compromissos de modo organizado e absolutamente previsível. Categorizou as tarefas por ordem de prioridade, organizou rigoroso horário de atendimento, dispôs o pessoal na instituição de assistência de forma a substituí-lo com eficácia nas incursões pelas leituras e no acompanhamento aos encarnados e pôs-se a campo para a realização das obrigações.

Inicialmente, as obras revelaram-se-lhe imensamente simples e acessíveis. Surpreendeu-se com a possibilidade de ilustração da teoria por meio dos inúmeros casos atendidos. Entrou em contacto com os autores das diversas dissertações e propôs-lhes acrescentar roteiro demonstrativo da aplicação da teoria à prática, de modo que, ao cabo de algum tempo, juntara à agenda mais aquela necessidade de trabalho. Solicitou a ajuda de alguns companheiros e iniciou a descrição de caso a caso, ilustrando, de modo valiosíssimo, as obras compulsadas. Dada a facilidade de impressão e divulgação, em breve, as diversas instituições no campo etéreo estavam recebendo a sua contribuição, o que lhes facilitava enormemente o reconhecimento dos problemas dos pupilos e assistidos.

Serapião tornara-se, realmente, pesquisador sério e aplicava a sua natureza superior de modo absolutamente conveniente. Se se dedicasse à pesquisa pura de modo ordenado, encontraria meios para discutir a teoria, de forma a ampliar os conhecimentos na área da realidade da mente humana encarnada. Sem cobiçar alcançar esse alto objetivo, mas confiante em que a experiência e capacidade poderiam conduzi-lo para esse setor, dedicou-se a fundo em concluir as leituras e as ilustrações, de molde a esgotar completamente todas as fontes. De fato, após vinte e cinco anos de reflexões, estava Serapião prontinho para enfrentar o novo desafio.

Entrementes, nas poucas horas que lhe sobravam semanalmente, acompanhou os filhos e demais familiares na jornada pela carne, de modo a se tornar protetor dos mais ativos e diligentes. Mercê de sua condição superior na instituição que dirigia, à vista das inúmeras amizades que ia conseguindo por sua determinação na consecução das tarefas e na perseguição incansável dos objetivos, sem jamais ter medido qualquer sacrifício de caráter íntimo, mas administrando o tempo do pessoal com magnanimidade e

benevolência, sem nunca ter pressionado jamais alguém a desempenho coercitivo para além do lógico e do razoável, estabeleceu cordato relacionamento com diversos companheiros que o assistiam desveladamente na função de acompanhamento do pessoal na carne. Assim, se, por acaso, algo parecia indicar necessidade de ajuda ou de simples atendimento, as providências eram tomadas por delegação e depois referidas ao amigo e superior; se algo de incomum e urgente merecia a presença do responsável maior pela assistência, Serapião era imediatamente alertado, de forma que a organização lhe facilitou sobremodo prestar total ajuda aos companheiros encarnados.

Certo dia, ao recolher-se em prece, lembrou-se da necessidade de reencontrar o orientador e amigo para a terceira entrevista. Despertou para tão grande atraso, mas, cumprindo o protocolo, apresentou-se para receber as devidas informações, resultado de trabalho de pesquisa e de amor nunca negados.

Raimundo estava muito feliz por ter o assistido desenvolvido tão grandemente, para além das expectativas, todos os tópicos da anterior recomendação. Elogiou a diligência, o esforço, o trabalho, a conquista de todas as virtudes preconizadas e declarou, finalmente, que era hora de Serapião conhecer o que lhe causara tanto transtorno moral. Que voltasse à sua presença, assim que descobrisse em suas posteriores investigações, pois tinha amplas condições de ajuizar sozinho a respeito da consciência. Disse mais. Disse que, às vésperas de descobertas importantes no campo a que se dedicava, a ponto de poder ampliar os conhecimentos no setor, certamente incluiria, entre as teses que iria desenvolver, uma que se solidificaria sobre a sua própria consciência. Quanto ao ressarcimento das dívidas para com o Senhor, ficasse tranquilo que o Pai providenciaria.

A seguir, ambos saíram abraçados do gabinete do instrutor, tendo-se dirigido ao templo mais próximo para agradecimento conjunto da felicidade de partilharem de tanta bem-aventurança e assistência. Ali, contritos, elevaram os pensamentos ao Senhor, enquanto lágrimas lhes brotavam saudáveis e intensas, a demonstrarem a compenetração que adquiriram da necessidade de obrar pelo próximo em amor, pelo amor que deviam ao Pai.

Faz cinquenta anos que Serapião se dedica a escrever obras preciosíssimas a respeito da consciência humana culpada e do tratamento preventivo que se deve dar ao encarnado para restabelecimento das premissas cármicas, a fim de evitar o suicídio. Trata também da cura dos ferimentos e da possibilidade de restabelecimento dos enfermos no plano espiritual. Ultimamente, tem-se dedicado à organização de grupos socorristas para atendimento dos que se encontram perdidos no Umbral, a fim de se amenizarem os efeitos deletérios ao perispírito desde a primeira hora. Tão cedo não conseguirá arriscar palpite a respeito do término da atividade.

Tendo sido procurado por Raimundo para a discussão a respeito de certa defecção psíquica de um dos assistidos do mentor, durante a conversa saiu o assunto de sua pressão consciencial. Sorridente, Serapião pediu ao irmão que lesse as últimas dez obras que, por certo, ali se encontravam descritos todos os sintomas, as causas, as consequências e o tratamento para a afecção que o abalara. Mas dizer qual fora, não saberia. Que o mestre se dignasse apontá-la.

O ETERNO REGRESSO

Aristides, quando encarnava, desejava retornar logo ao campo da espiritualidade. Não passava dos dez anos de vida adulta, ou seja, ao completar trinta ou trinta e cinco anos, dava um jeito de projetar-se de volta, a maior parte das vezes por sua própria conta e risco.

Aqui chegando, ia sofrer a desdita de permanecer no catre infecto e imundo do báratro e lá permanecia por certo tempo, até que, precipite, se arrependia do que havia produzido de errado no plano carnal e lá vinha solicitar o regresso ao mundo dos mortais.

Aristides era um eterno descontente. Nada estava bem. Um dia, finalmente, um bom amigo dos infelizes, ao procurá-lo para avaliar-lhe as condições perispirituais para retorno à Terra, aconselhou-o a não perder a última oportunidade que lhe seria dada dentro do milênio. O nosso herói preocupou-se de fato pois, ao dizer-lhe aquilo, o espírito socorrista lhe ensejou regalia única: o desfilar diante dos olhos das últimas vinte e duas encarnações desastradas.

Eis que Aristides regressa à carne após séria deliberação a respeito de sua permanência junto aos mortais. Não queria perder essa última oportunidade e arriscava-se em vida inteiramente imprevisível: era oficial da marinha mercante, mas tinha como missão fundar e manter extensa família. A profissão fora sugestão do guia, porque o tédio da postura como chefe de família poderia fazê-lo cansar, exaurindo-lhe a possibilidade de enfrentar os desassossegos de quem se sente pressionado pelas circunstâncias. Como marujo, espareceria a mente, de modo a não propiciar-lhe a possibilidade da falta de novidade. Aristides, conscientemente, só aspirava a singrar os mares, conhecer outras paragens, enfrentar novas aventuras e escapar às garras da manemolência que a nostalgia do outro plano poderia imprimir-lhe ao desejo.

Após vinte e dois anos de navegação, quando era extensa a sua prole — doze filhos, sendo que o mais velho mal atingira a idade de dezoito anos —, seu navio naufragou às costas de pequena ilha desconhecida, tendo logrado apenas ele chegar vivo à praia, na companhia de inúmeros cadáveres que para lá foram arremessados. Seu primeiro cuidado foi verificar se haveria qualquer indígena ou colono para ajudarem-no com o sepultamento.

Não encontrando ninguém, dispôs os corpos em cova rasa e assinalou o local com cruz. O esforço de atender a esse primeiro serviço deixou-o exaurido, mas Aristides se entusiasmou com a possibilidade de repetir o Robinson Crusoe, de Defoe. Não se comoveu com o trespasse de tantas pessoas, embora se tenha lembrado de orar-lhes pelas almas. Educado na religião católica, a única pessoa que o comoveu ao enterrar foi o jovem capelão que dava assistência a todos naquela viagem de longo curso.

Mas Aristides se empolgou com o novo trabalho e iniciou a vida ali sob o lema de que um dia chegaria ao término de seu destino.

Vinte longos anos se passaram do momento do desastre àquele da salvação. Durante esse tempo, tantas foram as tribulações do coitado que não teve sossego um único instante. Se, ao menos, lesse algo, poderíamos acreditar que pudesse voltar a ter os achaques costumeiros. No entanto, o isolamento obrigou-o a preocupar-se tanto com a sobrevivência que qualquer tendência espiritual inata acabou por ficar inteiramente obscurecida. Salvou-o o trabalho.

Conquanto se mantivesse só no plano físico, foi intensa a assistência no plano espiritual. Lembrava-se dos filhos, da dedicada esposa e agradecia-lhes a atenção de terem tal provação ao admitirem por pai e companheiro alguém que, sabidamente, poderia desertar do serviço. Tudo isto, contudo, se passava nas longas horas do mais pesado sono, pois, em vigília, Aristides só conseguia divisar na consciência a imperativa vontade de resistir. A dura vida no mar fizera dele, finalmente, um lutador, de modo que, quando foi resgatado por perdido navio que se desviara, inadvertido, da rota, se encontrava absolutamente em paz com o plano espiritual.

Eis Aristides de volta ao lar. Velho e alquebrado, portava consigo a debilidade daqueles que se esforçam fisicamente além da capacidade. Em condições normais, sua sobrevida não se daria para além de dois ou três anos junto à civilização, mas Aristides podia contar com assistência especial, já que era intuito dos instrutores fazerem-no, definitivamente, cumprir longa existência de resgate de tantas caminhadas indiferentes. Assim, pôde perceber o que ocorria com os amigos e irmãos, enquanto ligava e desligava os liames carnis: cresciam em experiência, acumulando recursos para o progresso que a todos aguarda.

Ao regressar ao seio da família, encontrou os filhos mais velhos estabelecidos na vida, com vários netos surpresos por terem diante de si vetusta e insuspeita figura de avô. O filho mais novo, que deixara com a idade de um ano, era aluno de certa faculdade de engenharia náutica e alguém que nada lhe dizia. A semelhança física era ponderável, mas intelectualmente, um desconhecido com aspirações de realização em campo similar, o que os aproximou para a realização final da vida de nosso herói.

Quanto à esposa, precisou refazer-se do susto do encontro, velha e acabada, irreconhecível, pois a aparência durante o transcurso da ausência havia recebido os impactos do sofrimento. Pretendentes tivera, como Penélope, mas a todos rejeitara, preferindo amargar a solidão afetiva com a esperança do retorno do marido, apesar de que tivesse a companhia marítima assegurado que o navio desaparecera, após dramático S.O.S. As buscas localizaram destroços e as investigações não apuraram qualquer sobrevivente. A deserção de Aristides fora camuflada pelo plano espiritual para o efeito combinado.

E, assim, podemos dizer que o velho marinheiro atracou em porto seguro para as últimas aventuras. Com o transcorrer do tempo, foi tendo oportunidade de conhecer um a um os filhos e respectivas famílias. Servia-lhe a fiel esposa de cicerone, para essa volta ao derredor das personalidades. É bem verdade que a inteligência e a intuição, de início, estavam absolutamente embotadas para a percepção das reais condições das criaturas, mas o longo afastamento das pessoas teve o condão de torná-lo ansioso pelo reencontro, de modo que punha reparo em aspectos novos no contacto com os indivíduos, que deixaria passar despercebidos se com eles tivesse convivido todo o tempo.

Açodava-se, agora, pois acreditava terem-lhe resumido a convivência a uns poucos anos. Não sabia que iria viver mais trinta longos anos a observar a sociedade de ângulo absolutamente novo: por meio do prisma espírita.

A história dessa conversão não tem nada de miraculoso. Na incerteza da morte dos parceiros, várias mulheres se uniram para consultar os espíritos a respeito do desaparecimento do navio. Impedidos de trazerem notícias precisas, os guias não deram informações que não fossem no campo da possibilidade de futuro reencontro. Algumas se enganaram com as palavras e se deixaram embalar pela falaciosa perspectiva de que iriam ter os maridos de volta tão logo fosse encontrado o navio. Outras, porém, admitiram a hipótese de que o reencontro só seria possível no plano espiritual. Houve quem buscasse socorro em casas mal administradas e, por isso, receberam falsas orientações. A esposa de Aristides, contudo, crente fervorosa de São Jorge, o santo destituído, manteve o culto aceso e jamais deixou de rogar pela sobrevivência do marido, embora todos os indícios fossem de que havia perecido com a tripulação. A alegria provocada pelo milagre da volta precisava ser agradecida sabiamente e nada mais justo do que levar o antigo católico à igreja e depois ao centro que prognosticara o reencontro e incentivara a fé em Deus.

Aberto para o conhecimento das novidades, a doutrina espírita entrou no roteiro da reaprendizagem da vida. O velho homem foi adquirindo confiança nos processos espirituais e, em vigília, conseguia manter-se desperto para todo tipo de influência, não fora apaniguado pelo longo período em que se vira afastado das más investidas, anacoreta forçado, onde não haveria glória alguma em sua perdição.

Regressou encarquilhado para o plano espiritual e, pela primeira vez, não foi, desde logo, arremessado às trevas. Precedido da esposa e de vários filhos, recebeu assistência condigna e pôde estabelecer plano de recuperação e de estudos que o levaria a cursos em diversas instituições educacionais. Hoje, sente-se feliz com a condição de irmão em fase de recondução à carne, tendo permanecido tranquilo e reconhecido durante mais de quarenta anos no plano espiritual. Quem sabe, algum dia, nós cruzemos com ele os caminhos...

AO ARREPIO DA DOCTRINA

Sebastião gostava de pairar a distância dos conceitos básicos da doutrina. Se lhe diziam que a alma, ao desprender-se do corpo, ia para o Umbral ou retomava seu caminho de luz, achava que haveria terceira possibilidade mais lógica e não aceitava a palavra dos companheiros, dos guias e dos teóricos da codificação. Se lhe diziam que Emmanuel havia consagrado o princípio de causa e efeito em suas obras, dizia que isso era só pequenino aspecto de questão mais abrangente, desconcertava o interlocutor com terminologia vasta e absolutamente técnica e concluía que muito do que se escreveu em nome do augusto irmão se devia a animismo elevado às últimas conseqüências.

Mas, um dia, haveria Sebastião de se ver encalacrado diante de cerrada discussão em torno do restabelecimento da prova por meio da reencarnação. Tópico proibido para ele, reencarne só admitia em condições especialíssimas, como no caso de Jesus, que, para volver à Terra, havia tomado de figura humana e argamassado corpo especial de fluidos desconhecidos, capazes de suportar a amplitude energética de ser extraordinariamente desenvolvido. Ia enveredar pelos conhecidos caminhos tecnicistas mas foi baldo o desforço. Os oponentes eram adversários de peso e bem se haviam preparado para a argumentação.

Após exposição de inúmeros pormenores esclarecedores e comprobatórios de casos verídicos, os interlocutores aplicaram-lhe, de chofre, solene golpe do qual não mais se restabeleceria na vida:

— Você acredita que esta seja sua primeira encarnação? Então, explique-nos por que você não é perfeito como Deus o criou.

Para isso, Sebastião ainda teve resposta:

— É porque vim de outro campo vibratório para o encarne na Terra.

— Que tipo de organização corpórea você utilizava lá?

Aí saiu pela tangente:

— Se eu fora perfeito e me lembrasse do que me aconteceu antes, não viria peregrinar por este mundo mais denso...

— Significa que você admite ter podido já estar envolto em algum espesso manto adequado à sobrevivência sob as condições ambientais de outro planeta?!

Não haveria possibilidade de discordar. Sebastião consentiu com a cabeça.

— Sendo assim, precisou desvesti-lo, ao deixar a antiga moradia?

— Perfeitamente.

— Podemos afirmar que ali podia ter havido morte, desencarne, separação do princípio espiritual, que se apartou do elemento material?

— Certamente.

— Você admite que está de novo encarnado?

Sebastião sorriu amarelo, pois reconheceu a força argumentativa dos companheiros.

— Se você encarnou de novo, não é o mesmo que reencarnar? E se você admite a possibilidade de ter reencarnado em planetas em condições diferentes, não é lógico que deva aceitar que os espíritos tenham o direito de reencarnações no mesmo planeta? Se você não aceitar o nosso roteiro de pensamentos, os nossos silogismos e as nossas conclusões, seremos obrigados a reconhecer que você não discute pela elucidação da verdade mas pela imposição de seu ponto de vista. Logo...

Por vários dias, Sebastião não conseguiu cerrar os olhos sem que se deparasse mentalmente com dois ou três diabretes a fustigá-lo com pontiagudos tridentes. À fúria dos ataques, opunha débil resistência, até que, preso pelos cornos que lhe cresciam, era conduzido para o fundo dos infernos. Ia ser arremessado em caldeira de óleo fervente mas acordava a tempo de se safar ao suplício. Esse o seu tormento.

Cansado de sofrer toda noite, pôs-se a meditar profundamente a respeito do que poderia significar aquela dramática representação cerebral. Reconhecia que se tratava de criação imagética da situação em que se viu conduzido à aceitação dos argumentos dos opositores do outro dia, mas não atinava com a razão de tamanha insistência. De início, supôs que poderia ter sido a vergonha de ter de admitir certa derrota vexatória no campo do conhecimento; como, porém, se sabia imperfeito, não via razão em não aceitar o fato inconscientemente.

Pensou que o sonho poderia ser-lhe sugerido por entidades espirituais e cogitou da possibilidade de serem espíritos amigos a forçarem-no a que refletisse a respeito de sua situação moral diante de tão grave disposição mental, a ponto de sofrer tão profundamente por se ver em inferioridade intelectual diante dos parceiros. Se, ao menos, fossem pessoas desconhecidas. Viu que aí poderia residir algo verdadeiro, embora julgasse o remédio excessivo para tão pequena moléstia.

Ao cabo da primeira semana de horrores noturnos, não havendo perspectiva de alívio, resolveu inocentar os bons amigos, pois via na repetição do fato extremada maldade. Sendo assim, nada mais lógico que atribuir os sonhos a entidades malignas, interessadas em fazê-lo sofrer por alguma razão desconhecida. Entretanto, como nunca admitira a hipótese da influência de caráter negativo, num de seus arrepios à doutrina, ficou a considerar a causa como advinda de energizações de possíveis desencarnados em vias de abandonar o planeta para se destinarem a reinos naturais de caráter mais grosseiro. Sua capacidade de assimilação vibratória é que possibilitava o contacto. Lutou por fortificar-se durante angustioso mês em que as preces mais pungentes nenhum efeito pareciam apresentar. Rogou de pé, de joelhos, deitado no leito, rojado no chão; dirigiu-se diariamente aos centros que frequentava; participou de quanta sessão de desobsessão e doutrinação lhe foi possível; enfim, os diabinhos não foram embora nem com rogos diretamente feitos ao Pai.

Cansado de lutar sozinho, procurou os amigos do debate, expôs-lhes minuciosamente tudo o que lhe vinha ocorrendo e pediu-lhes, humilde, que o desculpassem por imaginá-los (não sabia através de que mecanismos) por trás da aflição noturna.

Os amigos ficaram admiradíssimos pelo que lhe estava acontecendo, mesmo porque haviam, inclusive, esquecido o incidente, embora se lembrassem que houvera discussão, tendo ficado a impressão de que o máximo que ocorrera fora a exposição de pontos de vista contrários. A argumentação, a temática e as circunstâncias do evento estavam dispersas na atmosfera mental, como o pó que se dissolve ao primeiro vendaval.

Sebastião dera ao fato importância superior. Os demais encaravam tudo como a luta de cada dia, mesmo porque seu interesse maior se resumia em auxiliar as pessoas. Se tivessem suspeitado de conseqüências tão funestas, nem teriam provocado a discussão.

Voltou bem tranquilo para casa, certo de que, pela primeira vez durante semanas, os diabinhos iriam deixá-lo descansar em paz. Nem bem adormeceu, contudo, ei-los de volta, mais ferozes que nunca. Sobressaltado, Sebastião acordou justo no momento em que iria ser arremessado ao tacho. O corpo tremia-lhe todo diante do susto renovado. Pôs-se a lastimar-se da sorte e grossas lágrimas de desespero começaram a rolar-lhe pelo rosto. Lembrou-se das obras básicas da doutrina e predisps-se a relê-las cuidadosamente, a fim de avaliar a quais temas opunha resistência, pois concluía que era exatamente aí que estava o ponto: fosse a consciência a despertá-lo, fossem os bons amigos da espiritualidade, fossem espíritos zombeteiros ou inimigos, tudo demonstrava ser tão só o efeito de causa mais íntima e essa, certamente, situar-se-ia nos domínios da vontade, do caráter e na manifestação do livre-arbítrio. Poderia ser que se tivera desviado demais do espírito da doutrina, mas por excesso de cuidados e por exagero de inteligência. Abriria os livros e aceitaria pacificamente cada ponto que lhe pudesse parecer falho, impreciso, incompleto, fantasioso ou imaginado. O que lhe parecia o mais importante era não mais ficar sujeito aos sobressaltos de toda noite. É bem verdade que conseguia dormir as suas horas corridas, mas passavam totalmente em branco para seu espírito, de modo que o corpo mantinha todas as funções em absoluta ordem. A mente é que ficava a ponto de explodir.

Na manhã seguinte, arrumou a estante e verificou que possuía todas as obras de Kardec. Tinha a coleção completa das obras de André Luís, muitas de Emmanuel, completando o acervo todo tipo de dissertação desde as obras de Flammarion, Léon Denis, Crookes, até as modernas psicografias do apóstolo Francisco Cândido Xavier, em que recém-desencarnados enviam consolo aos familiares e amigos. Revisaria tudo que lhe fosse possível. Começaria pelo opúsculo primeiro: ***O que é o Espiritismo?***

Já na primeira noite, sentiu melhoras. O sonho fora o mesmo, mas, ao acordar sobressaltado, verificou que a aflição diminuía. Viu-se no caminho certo e serenou.

Ao terminar ***O Livro dos Espíritos***, era abandonado à porta do inferno e ali quedava só, até despertar pela manhã. Havia sofrimento ainda, mas não desespero. Com ***O Livro dos Médiuns***, começaram a rarear os demônios que vinham acicatá-lo. Ao término da leitura, chegaram mesmo a assediá-lo, esquecendo-se de ferrá-lo com os tridentes. De obra em obra, o sonho foi diminuindo em intensidade até que, ao ler ***O Evangelho Segundo o***

Espiritismo, que deixara para o fim por crer que seu problema era mais técnico, filosófico e científico que moral, conseguiu dormir toda uma noite sem sonhos.

Começou, então, nova fase de sofrimentos. Se durante o sono não era mais atacado por representantes do bátrio, preocupava-o, agora, o fato de não mais estar a sonhar. Tanto rogara para deixar de atormentar-se à noite que o efeito fora, sob certo aspecto, inteiramente desastroso. Após diversas semanas em branco, foi-lhe tomando conta da mente verdadeira alucinação. Precisava, urgentemente, ter alguma vida noturna, ou sufocaria de vez. Começou a temer o leito e passou a dormir onde se encontrasse, no receio de despertar em branco na manhã seguinte. Não houve desconforto físico que se representasse imageticamente no cérebro totalmente exaurido de fantasmas.

Alucinava-se quando recorreu à ajuda direta do orientador espiritual das sessões de doutrinação. Em meio à comunicação de certo mentor da casa, interrompeu-o e, em lágrimas, expôs-lhe a situação. A resposta obtida era de muito amor e consideração, mas não se estendeu para além da enigmática recomendação:

— Se você não consegue sonhar à noite é porque está obstando seus sonhos de vida. Veja que a solução para o bem interno está no relacionamento com a realidade externa. Procure em seus irmãos o socorro que você deverá dar a eles.

A frase fez sucesso na reunião que se seguiu ao encerramento dos trabalhos. Os que desconheciam os problemas íntimos intentaram fornecer-lhe indicações bibliográficas importantes: lesse isto, procurasse aquilo. Não havia, contudo, obra que Sebastião já não tivesse lido e anotado. Os que conheciam a angústia do irmão sorriram condoídos e admitiram que o remédio, como dissera a entidade iluminada, poderia ser a atitude que vinha tomando com relação a todos os amigos e companheiros, pois, desde há algum tempo, recusava-se a debater com eles os temas da doutrina, limitando-se a ouvir calado, no máximo, abonando algum ponto de vista com exemplificação colhida nesta ou naquela passagem.

Resolveram, de comum acordo, que iriam fustigá-lo intensamente nas próximas reuniões, obrigando-o a expor seus pontos de vista, mesmo que da discussão não se aproveitasse mais que a leitura inicial.

Assim se fez. Toda noite, antes de qualquer trabalho, reservou-se horário para discussões. Apenas para favorecer a participação do amigo, começaram todos a contrariá-lo frontalmente. Se dissesse que os espíritos demoram para reencarnar, opunham-se, dizendo que o reencarne era imediato; se dissesse que o médium poderia deixar-se obsidiar por entidades a quem desse guarida, ofereciam em resposta a possibilidade de os guias impedirem tal situação.

Durante bons quarenta e cinco dias, ainda Sebastião passava as noites *in albis*. Certa ocasião, ao se iniciarem os debates, o nosso herói abriu várias obras em pontos determinados para comprovar que as assertivas do grupo tinham sido absolutamente equivocadas, pois os pontos da doutrina estavam expressos com clareza. Encontrara os argumentos em Kardec, em Rochester, em Hermínio Miranda e nas mensagens da **Escolinha de Evangelização**. Trazia a prova provada através de manuscritos dos próprios companheiros durante as sessões de psicografia. Pesquisara as gravações mas inutilmente, contudo, o que trouxera parecia-lhe concludente.

Nesse ponto, atreveram-se a manifestar-se, dizendo que a discussão não girara em torno do aspecto citado. Que acontecera a ele? Estaria sonhando?...

Deveras, sem que tivesse percebido, desde algum tempo, Sebastião debatia com os colegas durante o sono vários pontos da doutrina e com tal ênfase que unira a realidade ao devaneio, de modo que tudo lhe parecia girar em torno de único eixo vital.

Consultado o mentor da casa, este disse:

— Não demorará muito para o caro irmão passar por outro suplício. Saberá caracterizar o momento exato da ação regenerativa concernente à causa da aflição, entretanto, se quiser superar definitivamente esse modo de operar a realidade consciencial de sua vida, deve buscar na alma o amor que lhe imprimiu o Pai ao criá-la. Desperte-a para o mundo, volte-a para o próximo, arremesse-a para Deus e tudo lhe será dado por acréscimo de misericórdia.

Hoje, Sebastião ouve pacificamente as exposições dos amigos, expõe dúvidas, estabelece roteiros de estudo, participa de todos os trabalhos do grupo, mas, de vez em quando, tem uma ou outra crise que o joga para áreas novas de atuação no trabalho de assistência aos irmãos necessitados. Aos poucos, no entanto, está aprendendo a agir por livre iniciativa, segundo os ditames mais rigorosos da doutrina.

NA PRAIA

À beira-mar, vivia pobre pescador, atarefado em abastecer o lar de comida para proporcionar sobrevivência à extensa prole. Era benzedor e descreia da medicina dos homens, acreditando que os espíritos têm poderes muito maiores. Sua crença elevada e forte fazia com que os irmãos do Alto viessem ajudá-lo com as vibrações, mas, como nem sempre os males eram psíquicos, fazia-lhe falta certo vermífugo ou outro remédio que evitasse as infecções. Certa feita, tentou tratar de perna quebrada com o osso exposto. Não reduziu a fratura como deveria, não se utilizou de fórmulas alopáticas adequadas, nem sequer isolou o campo ferido para resguardá-lo aos ataques das bactérias. Em pouco tempo, manifestou-se a gangrena e o pobre amigo pereceu.

Outras criaturas já haviam tomado o caminho para o nosso lado por indução sua, mas, no caso do Firmino, houve complicações. O pobre homem era pai de enorme família e os filhos pequenos dependiam exclusivamente dele para comer. Sem o pai, viram-se abandonados na vida à comiseração pública. Época de vacas magras, mal conseguindo os pescadores o sustento das próprias famílias, como fazer para assegurar à do Firmino a sobrevivência?! Dividir, dividiam, mas não chegava para todos de modo suficiente.

Ariovaldo, o benzedor, compreendeu desde logo sua responsabilidade e, mais que ninguém, empenhou-se em apoiar o lar do falecido. Mas seu desvelo, mesmo somado com todos os outros, foi insuficiente e, em breve, a mãe, com os filhos, precisou ir em busca de socorro na cidade grande. O mais velho tinha treze anos e poderia ajudar com algum trabalho. Os outros serviriam para esmolar. E a pobre D. Silvana chorava a morte do marido, homem decidido e leal, que, mais que os outros, se orgulhava da saúde e da disposição da família e, acima de todos, buscava no mar o sagrado alimento para o crescimento saudável da prole.

No etéreo, Firmino passou a acusar Ariovaldo da responsabilidade da morte. Desarticulou a ignorância dele o sustentáculo da família, de modo que a figura de pedintes o molestava seriamente. Durante o tempo em que os rebentos permaneceram na aldeia, atacou ferozmente o ex-amigo, vibrando intensamente contra ele. No entanto, a firmeza de sua fé e a proteção rigorosa que possuía impediam os ataques de surtir efeito. De qualquer forma, o que se pretendia fosse ventania para arrastar o nosso herói mar adentro, não mais

significava que branda viração, a trazer-lhe certa melancolia e sensação de culpa mais ponderável.

Assim que a família apartou-se do lugarejo, Firmino acompanhou-a, de modo que deu sossego ao obsidiado.

Transcorreram três lustros até que ambos se defrontaram no etéreo. Ariovaldo era aguardado por uma dúzia de bons companheiros, agradecidos pelas preces e desvanecidos pelas preocupações. Entre tais pessoas se encontrava o antigo desafeto, na companhia de três outras entidades que Ariovaldo reconheceu logo como filhos do amigo de aventuras no mar. Os quatro, no entanto, não tinham ido para festejar o retorno do médium curador, mas para exprobar-lhe os feitos inconsequentes, cuja repercussão ainda se fazia sentir no seio da família. Anacleto, Rubinho e Josemar ali estavam para testemunhar a triste sina que lhe acometeu a família. Vítimas da cidade grande, abandonados à própria sorte, em pouco tempo adquiriram doenças contagiosas e, ao desamparo da sociedade, desencarnaram muito cedo. A esposa permanecia com outros dois, estando o mais velho às voltas com o crime e desaparecido, sem poder auxiliar os demais. Tudo desandara a partir do fatídico dia do acidente.

Ariovaldo ouviu todas as acusações absolutamente consternado, mas, impedido de sucumbir aos seus tremores pela vibração dos companheiros, suportou aflito a descrição de toda a tragédia que lhe era imputada. Caracterizou-se profundamente a dor da consciência que carregara nos últimos tempos e ele propôs-se, ali mesmo, a seguir com os demais para auxiliar o povo na crosta. Mais uma vez recebeu o apoio dos espíritos amigos mas foi impedido de prosseguir com o plano, incompetente que era para deliberar naquelas condições. Foi aconselhado a refazer-se primeiro da atormentada passagem, ao tempo que recebeu a promessa de que alguém iria, em seu lugar, como verdadeiro clone, para as tarefas do socorrismo imediato.

Foi assim que Firmino e os filhos começaram a fustigar a pacienciosa criatura, na crença de estarem a ofender o pescador.

Durante vinte e cinco anos, o falso Ariovaldo acompanhou o pai afoito e o marido ofendido. Na realidade, o grupo revezava-se para o efeito, de forma que não sobrecarregava especificamente a nenhum.

Mediante as providências energéticas tomadas, pôde D. Silvana sustentar-se nos primeiros tempos à custa de muitos sacrifícios até que os filhos mais novos conseguiram ajustar-se em pequenos empregos. A luta foi árdua, a assistência contínua, mas, como nenhum dos três objetivava ferir os princípios do encarne, foi possível acomodá-los na vida, mercê de suas próprias energias. Assim, à época do desencarne de D. Silvana, os filhos mais novos estavam bem encaminhados. Não eram ricos nem propendiam para isso, mas modestamente, como Deus dava, iam tocando os seus barcos a favor da correnteza.

Sobrou para assistir o filho mais velho, transviado pelos caminhos do mundo. Este se tornou verdadeiro problema. Desesperava Firmino e a cada nova investida das forças do mal, à vista de mais um crime cometido, lá ia azucrinar a paciência ao *Ariovaldo*.

Durante vinte e cinco anos, o acompanhamento fora diuturno, até que, com a chegada de D. Silvana, resolveram os amigos do antigo benzedor pôr fim ao descabro das responsabilizações. Atraíram o casal sofredor, mais os três filhos, para sua instituição, trouxeram também o pobre Ariovaldo, o original, que por esse tempo todo precisara

crescer em conhecimentos para desfazer as sérias confusões orgânicas que promovera, ao mesmo tempo que assistiu de perto à sua própria gente, e executaram meticoloso plano de evidência de caracteres em relação ao próprio desempenho na carne.

Diante de imenso painel branco, foram todos comodamente instalados e ali foi projetada significativa película em que se narravam imaginárias situações no campo da matéria.

Iniciava-se o enredo do ponto em que Firmino se acidentava. Em lugar de sofrer a fatídica fratura, a personagem tinha, simplesmente, esmagado a perna, de modo que impedido se via de trabalhar, embora não se visse obrigado a abandonar as responsabilidades da assistência direta à família. Começam aí as peripécias em função das ações e reações, a partir das atitudes de cada personagem.

Crendo-se patriarca investido da atribuição de prover a família do necessário, Firmino começa longa vida de desvario, pois não mais conseguia extrair do mar o sustento da família. Premido pelas necessidades, vai aceitando as ofertas dos companheiros, à medida que se propõe a participar de pequenos trabalhos de conserto de redes, de fabricação de jangadas, de feitura de pano para as velas e assim por diante. Mas a família precisava de mais, de modo que recorre à ajuda do mais velho. Este, ao se ver arrimo de tantos, abandona o lugar e desaparece em direção à cidade grande. Os três seguintes, forçados a cometer o mar muito cedo, deixam lá as vidas. D. Silvana, sem condições de enfrentar tanta desgraça, endoidece e permanece vinte e cinco anos nesse estado até que vem a falecer. Só os dois mais novos se ajustam, tendo em vista a possibilidade de ganho suficiente do pai para a família reduzida.

Desse modo, demonstraram os orientadores que a participação de benzedor nos acontecimentos trágicos da vida do Firmino fora a de mera figura decorativa na cena. As atribuições adviriam de qualquer modo, como se viu.

Firmino, em seu rude modo de pensar, aceitou a encenação como a mais pura expressão da verdade e dirigiu-se, na companhia dos filhos, até o local em que se encontrava Arioaldo e lhe pediu as mais pungentes desculpas. Fora injusto e aprendera com ele a lição da paciência, da comiseração, da nunca desmentida solidariedade. Pedisse o que quisesse que estava disposto a servi-lo.

O antigo curador muito admirado ficou com tudo aquilo, pois não suspeitara da manobra dos parceiros para o efeito da ilusão. Auxiliado por um deles, vislumbrou a realidade dos fatos e, em nome de todos, agradeceu o oferecimento, dizendo que o que mais urgente tinham para fazer era acompanhar as peripécias do filho mais velho. Ficasse o pai tranquilo que a ajuda iria prosseguir da mesma forma.

Assim se conta a sofisticada história do auxílio que se iniciou em ignorada praia abandonada da civilização e que terminou em determinado catre de desumana prisão na cidade grande, onde desencarnou a última figura em débito desta narrativa.

Mais tarde, se tivermos oportunidade, iremos referir-nos às causas que ensejaram tantos desacertos e estripulias conceituais de valor. Por enquanto, contente-se o leitor em saber que todos se aprestam para volver à carne, com o objetivo de adquirirem maior progresso. Espera-se que Arioaldo instale na aldeia pequena farmácia, onde fará funcionar posto de atendimento médico ocasional, sempre que por lá se aventurar certo médico da

região. Mas são só planos, de modo que os espíritos estão atentos para a produção de outros clones e de outras películas para configuração de realidades possíveis. É sempre bom prevenir, para não ter de remediar...

JACÓ, O PROFETA

Padrão de procedimento, Jacó foi guindado a chefe máximo de comunidade espírita de sua cidade.

Malgrado o nome bíblico, era brasileiro de quatro costados e recebera o apelido do pai, que tinha a intuição de que, por influência do nome, o filho ganharia muito dinheiro. Não foi bem assim que ocorreu; no entanto, Jacó ficou estigmatizado pela tendência profética do progenitor, tanto que, desde os cinco anos, intentava adivinhar o que se escondia por detrás do espesso véu do futuro.

De cara, definiu com precisão o resultado de certa partida futebolística, contrariando as expectativas gerais, de sorte que tal sucesso lhe guindou certa respeitabilidade divinatória. Palpiteiro profissional desde cedo, era consultado para as mais diversas coisas. Acertou resultados de corridas de cavalos. Prognosticou corretamente o vencedor de determinada eleição, aproximando-se surpreendentemente dos números finais de cada candidato. Soube de antemão o resultado de várias loterias, inclusive a que se submete a rigoroso processo aleatório. Enfim, Jacó profetizava com muita propriedade.

Certa feita, contudo, errou redondamente quanto à previsão de certas posições de papéis na bolsa de valores, perdendo, ele e os amigos, considerável quantia. Inconformado com o insucesso, pensou ter desmerecido da boa fortuna a consideração que sempre obtivera e passou a buscar entre os fatos da vida aquele que poderia ter determinado o fracasso. Por essa época, sentia certo temor respeitoso por causa de seus dons e não interrogava a sorte para não perdê-la. Era a sua superstição.

Quando se lembrou que deixara de dar certo óbolo na esquina, reconheceu que poderia estar ali a mola que desencadeara o processo de reversão de seu poder de profecia.

Antes, portanto, de intentar qualquer nova previsão, procurou o mendigo desprezado e pôs-lhe na mão considerável soma em dinheiro, recomendando-lhe expressamente que orasse pelo benfeitor. Ele mesmo pouco rezava, nem por si, nem por ninguém, mas achou que, se somasse à quantia o poder dos fluidos espirituais, bem poderia ocorrer de tudo voltar ao normal.

Assim que se viu livre da obrigação cármica, conforme ele mesmo dizia, sem qualquer convicção de caráter espiritualista, proclamou para os amigos quais seriam os

vencedores das partidas ao final de semana que constavam na lista dos treze jogos da loteria. Acertou doze resultados e fez de um amigo a pessoa mais feliz do mundo, pois, para garantia, havia fechado vários cartões de aposta com um resultado triplo, de modo que com um deles logrou arrebatá-lo o prêmio máximo. Os que lhe desprezaram os palpites morderam os lábios de despeito e voltaram a confiar na profética personagem.

Por esse tempo, Jacó conheceu meiga criatura que lhe cativou o coração a ponto de fazê-lo bambejar as pernas à sua presença. Rute, por coincidência bíblica, que nada tinha em relação à crença e ao povo israelita, inspirou-lhe versos maviolosos e obrigou-o a promessas de amor que jamais se suporia capaz de realizar. Levou-a ao altar em solenidade religiosa em que não faltaram as brincadeiras e jogos de adivinhação, pois os colegas e amigos, ao desejar os tradicionais votos de felicidade, impostavam a voz e, tomando ares sibilinos, prognosticavam vida futura longa e plena de filhos.

Jacó, ele mesmo aturdido com a condição de fiel e submisso servo de tão meiga criatura, divisou no futuro a eterna felicidade, ao lado daquele anjo de candura. Vislumbrou nas palavras ranços de lugares-comuns, mas aplinou tudo pela felicidade maior, que cotejou aos célebres amantes da história da humanidade. Disse quem nem Otelo amara Desdêmona mais vorazmente, nem Romeu quisera Julieta com maior ternura. O mais foram beijos e abraços até se sufocarem os ardores da paixão.

Por essa época, soube-se que Rute engravidara e todos se julgaram no direito de conhecer previamente o sexo da criança. Dividiram-se as opiniões, de modo que fatalmente muitos poderiam dizer que acertaram. Jacó calou seu vaticínio mas, no íntimo, desejava um belo casal, que possibilitaria operação para impedimento de novas gestações.

No hospital, o médico, ao cumprimentar o esperançoso pai, comunicou-lhe o nascimento de duas belas criaturas, uma de cada sexo, de modo que efetuada foi a sutura das trompas, conforme o previamente acordado.

Houve frustração geral, pois todos os que se manifestaram para este ou aquele sexo se viram compelidos a afirmar que não haviam acertado o prognóstico. Contudo, a felicidade do casal superava qualquer muxoxo de desapontamento. As crianças eram lindas e, na pia batismal, receberam os nomes de Ana e Isaque, para se manter a tradição dos nomes bíblicos.

A vida corria nesse diapasão de felicidade e Jacó fazia de tudo para atender os reclamos e necessidades de todos. Sendo seu emprego modesto e não tendo capacidade para intentar mais alto, utilizava o magnetismo divinatório para acertar nas apostas e demais jogos em que se envolvia. Não podemos dizer que errasse sempre; aliás, o número de acertos era bem superior às falhas, mas o que ocorria era que mais despendia que recebia, já que acertava quando o prêmio era menor e errava quando arriscava somas maiores. De jogo em jogo, de risco em risco, de palpite em palpite, sua condição econômica foi aviltando-se, chegando ao ponto de ficar devendo para todos os fornecedores. Alguns lhe perdoavam a dívida, à vista de sugestões bem sucedidas nos jogos, a maioria, entretanto, partia para a agressividade verbal, de sorte que, em breve, Jacó era o devedor mais malvisto no bairro.

Sua primeira reação foi certa tentativa de fuga do lugar em que morava, mesmo porque o locador o vinha perseguindo com extensa conta de atrasados. Combinou com a mulher e partiram tarde da noite, inesperadamente. Não contava, contudo, com os demais

fornecedores atentos, de modo que, não demorou, foi descoberto e perseguido. Por essa época, a esposa arrumou emprego, tendo os filhos crescido o suficiente para permanecerem em casa, de sorte que, no novo local, pelo menos a conta da farmácia e da mercearia estavam garantidas.

Jacó, durante dois bons anos, absteve-se de contribuir para os fundos de benemerência das instituições oficiais, que captam o dinheiro dos trouxas que sonham com a fortuna sem o competente trabalho, o que lhe deu a garantia de ir saldando os débitos com os ganhos exclusivos do suor do rosto.

Readquiriu a confiança dos vizinhos e tornou-se sóbrio pai de família. Ao cabo dos dois anos, resolveu voltar a arriscar a sorte, mas foi impedido pela mulher. A criatura tão débil e suave, no sofrimento da luta pela sobrevivência, ganhara contextura de bravo guerreiro, de modo a impor-se moralmente ao marido. Não voltaria a passar as mesmas necessidades, mesmo porque não mais aceitava o risco como meio de garantir futura segurança. Intentasse deixar o salário nos bolsos dos bicheiros e ver-se-ia sozinho, pois iria deixá-lo definitivamente. Enxugaram-se mutuamente as lágrimas, selaram com longo beijo a antiga paixão e, daí por diante, a febre do jogo foi esquecida completamente.

Passou Jacó, então, a fazer previsões em outros campos: voltou ao futebol, investiu em outras formas desportivas, esqueceu-se dos cavalos mas levantou a possibilidade de ganhar dinheiro com a leitura das cartas e das mãos. Jogaria, se preciso, os búzios. Acabou *em cana*, acusado de charlatanismo ao recomendar certas ervas e remédios, iludido por falsos pressentimentos.

Rute descontrolou-se e buscou refúgio na casa dos pais, levando consigo as crianças. Jacó, réu primário, foi solto, mas sua ficha lá ficou guardada nos computadores da instituição policial, a lhe pesar sobremodo na consciência.

A liberdade em relação à família, ao contrário do que se pudesse esperar de tão apaixonado cultor do relacionamento matrimonial, aliviou-o da sobrecarga da responsabilidade, de modo que, afora alguns pifões regulamentares e algumas lágrimas sentidas, o mais que conseguiu foi total desafogo psicológico. Sentiu-se livre como os pássaros, enalteceu a natureza e compôs hino à viuvez sem morte, como terminava a longa ode dedicada à solidão. O poeta reaparecia e, com ele, a vontade imensa de participar das antigas rodas de amigos, onde sua palavra era sempre ouvida e interesseiramente louvada.

O período de êxtase foi curto e o término doloroso. Não mais se encontraram aqueles amigos de antanho. Alguns ainda se reuniam mas tratavam de temas absolutamente estranhos, mesmo porque seus fracassos na vida só os predispunham para o sofrimento e a alienação, que afogavam em copos de cerveja e em taças de cachaça.

Procurou novos parceiros no modesto emprego que conseguiu junto ao antigo ganhador da bolada na loteria, o qual mais se condeou da situação do infeliz do que realmente desejou tê-lo por perto. Parecia que a má sorte atual de sua existência punha nos outros pavores de contaminação. Em todo caso, parceira de escritório, Judite — outra feliz coincidência escritural — o pôs a par das noções espíritas a respeito da sorte, do acaso, das previsões e o nosso Nostradamus se viu às voltas com espíritos, médiuns e doutrinas que lhe eram totalmente desconhecidas.

Curioso pelo interesse da companheira de serviço, esquecido dos antigos amores, feliz por ter sido convidado a acompanhar a moça na romagem assistencial noturna, Jacó

apostou na sorte, apoiado em sua estrutura intuitiva, e lá foi, cachorrinho lépido a abanar o rabo, atrás da nova musa de seus sonhos.

Judite, no entanto, não estava disposta a partilhar afetivamente da vida do amigo. Espírita estudiosa, viu nele mais alguém a quem oferecer a tábua da salvação no naufrágio da vida. Reconheceu desde logo que Jacó estava desarvorado e sem destino, sem firmeza religiosa e sem ponto de apoio moral, sentiu-lhe o pulso da vontade e, verificando-o fraco e enfermiço, vaticinou para ele a necessidade de perلustrar os caminhos de Jesus. Sabendo-o católico não praticante, dispôs-se até a acompanhá-lo de volta à igreja, para que retornasse às preces de agradecimento dos sofrimentos, para superar aqueles instantes de incertezas e indecisões.

Neste ponto, Jacó não permitiu a defecção da crença da amiga e, imaginado-se desprendido e compreensivo, disse-lhe que tanto sacrifício não valeria a pena. Iria adotar, definitivamente, a crença espírita como norma de vida. Por certo, pensava que iria cativar a amiga com a promessa, no entanto, fez somente com que se acendesse a vela da desconfiança a iluminar o quarto da razão. Judite, assim que viu o companheiro de trabalho devidamente instalado e comprometido com as tarefas do centro, desligou-se do infeliz com adesculpa de ter de participar de trabalhos mais adiantados. Encontrar-se-iam e conversariam no serviço.

Ali, pediu ao patrão para ser transferida para outra seção, sem que Jacó ficasse sabendo, e rompeu o último laço que os unia.

A história de Jacó no espiritismo foi breve. Perdidas as esperanças de conquistar o coração de Judite, estando os primeiros cabelos brancos a despontar-lhe, lembrou-se da esposa e lá foi ele, humilde, pedir-lhe perdão, por todos os malfeitos.

A separação havia sido dolorosa demais para a amiga, mesmo porque os pais se cansavam das crianças. Desconfiada de que Jacó poderia ter tido recaídas, fez várias sondagens a respeito da vida do ex-companheiro e pôde avaliar que suas incursões no campo dos vaticínios tinham diminuído enormemente. Quando soube que frequentava o centro espírita, impôs-lhe, rigorosa, como condição para o reatamento dos laços matrimoniais, que se confessasse ao padre e promettesse solenemente, diante do altar, que abandonaria o culto esotérico.

Era o que Jacó mais desejava, pois as responsabilidades morais a que tinha de sujeitar-se diante dos obreiros da seara espírita não se amoldavam ao seu modo de encarar os fatos da vida. Lera algumas obras, participara de vários trabalhos, mas nada se lhe arraigara profundamente ao espírito. Talvez, mais tarde...

PASSO A PASSO

Caminhando seguro pela estrada da vida, Vivaldo poderia dizer-se apaniguado pelo Alto. No entanto, tudo quanto fazia, por melhor que fosse, despertava em alguém alguma áspera repreensão por ter sido deixado inobservado algum aspecto que, ao ver do reclamante, era de fundamental importância. Se os casos que repetidamente lhe aconteciam não lhe perturbassem a maneira de ser, a nossa tarefa de narradores terminaria por aqui, no entanto, a mínima palavra de advertência, de reparo, de desagrado, colocava-o em polvorosa mental, aumentando cada vez mais o sofrimento íntimo. Exteriorizar não exteriorizava, mas parece que, por algum meio, transmitia aos circunstantes o estremecimento consciencial, de sorte a proporcionar-lhes oportunidades de azucrinar-lhe ainda mais a paciência. Vivaldo, porém, era seguro de si e prosseguia dedicando-se a fundo para melhorar o desempenho em tudo o que fazia.

Certa vez, ao amealhar pequena economia para adquirir bem de caráter pessoal, uma gravata, pelo que consta nos arquivos, Vivaldo se viu a ponto de explodir, porque ninguém foi capaz de aplaudir a aquisição. Em casa, no escritório, com os amigos do centro, todos lhe ridicularizaram a peça, fazendo-o crer em que talvez fosse melhor andar sem o inútil enfeite. Dessa vez, no entanto, firmou opinião e não se deixou magoar. Iria usar o escarnekido adorno, doesse a quem doesse.

Essa transformação íntima tivera causa em recente leitura de obra kardecista, segundo a qual o homem é responsável pelo seu progresso e não deve deixar-se envolver pela injusta apreciação de ninguém, nem no que respeita à razão, caso em que Vivaldo se considerava imune, nem no que respeita aos sentimentos, que eram o ponto fraco do coitado.

Não se comportou com rispidez nem respondeu mais aos ataques e observações de quem desejasse diminuir o seu atrevimento. Dignava-se a concordar educada e socialmente, mas prosseguia incólume, passo a passo, a caminhada.

Nesse estado de ânimo, foi visitado em casa por certa entidade espiritual que desejou manifestar-se por meio de psicografia. Fora de seus habituais padrões, julgou oportuno apanhar o inusitado ditado, prevenindo-se convenientemente quanto ao fato de ter de tratar dos aspectos malévolos que, certamente, acreditava, iriam imiscuir-se em tal manifestação. Para surpresa sua, a entidade chegou mansa e coordenada. Estendeu-se largamente a respeito do direito à vida privada, colocando no devido lugar a necessidade

de participação social. Parecia que convivera longamente com sua personalidade e que conhecia o ponto de fraqueza que acabava de ser superado. Deu os parabéns ao mediador e prometeu voltar dentro de dois dias, à mesma hora. Que se preparasse para trabalho de largo fôlego.

Vivaldo analisou detidamente o escrito e avaliou-o como da melhor espécie que já tivera oportunidade não só de escrever como ainda de ler. Hesitou longamente, contrariando os seus hábitos, em mostrar a mensagem aos amigos espíritas, pois estavam impressos ali vários importantes itens de sua personalidade.

— Afinal, pensou, quem sou eu para acreditar-me tão superior que venha a cair de pedestal diante dos amigos?! Já estou acostumado com as críticas descabidas, já deliberei não dar ouvidos às palavras loucas, por que terei receio de expor-me moral e intelectualmente?! É preciso que tudo o que esteja fazendo seja do conhecimento da comunidade espírita, para que, se for o caso, se dê a divulgação dos trabalhos para honra e glória do mediunismo e para esclarecimento de certos pontos da doutrina que sempre ficam na obscuridade das mentes.

Assim, antes do momento apazado para o segundo encontro, levou o ditado para dar conhecimento dele a toda a turma do centro. Como era de esperar-se, os elogios foram escassos mas as críticas avultaram, principalmente relativas ao fato de estar a trabalhar insulado, possibilitando que entidades malignas pudessem assenhorear-se-lhe da mente, induzindo-o ao erro e à deserção da doutrina. Tomasse cuidado! Ler o texto, leram, mas, não tendo o que criticar, disseram que estava bom, conquanto fosse bem melhor se levasse a entidade a manifestar-se na hora do encontro semanal no centro.

Vivaldo ficou acabrunhado mas, lembrando-se de que se determinara a não dar confiança para as palavras da crítica ferina dos parceiros, embora tenha duplicado os cuidados, ofereceu-se ao trabalho na data marcada. Novamente, a mensagem fazia referência à sua pessoa, ao comportamento dos amigos e indicavam-se, além disso, as medidas mais plausíveis para se evitarem as fraudes e os engodos.

De posse da nova mensagem, eis Vivaldo diante dos colegas, a rogar-lhes as considerações. Desta feita, não mais deram atenção ao teor do texto e investiram contra Vivaldo, que não os havia atendido. Se não quisesse ser enganado, que não se apresentasse. Que os deixasse em paz com as tarefas no centro.

A rispidez das expressões não perturbaram o seguro mediador dos planos, que, de novo, se ofereceu ao trabalho em casa. Nesse meio tempo, lembrou-se de abandonar os trabalhos que realizava junto aos assistidos pelo grupo de socorristas e manifestou a vontade de inaugurar casa própria, sob os auspícios da entidade ou entidades — não estava certo — que vieram para assisti-lo.

Pôs-se diante da folha de papel, pela terceira vez, e o texto versou a respeito dos amigos, suas atitudes, a reação do médium, suas ideias, terminando por longa exposição de motivos a respeito da necessidade de prosseguir auxiliando as obras assistenciais da instituição e, principalmente, do cuidado que deveria ter ao revelar o trabalho de psicografia aos amigos, uma vez que não estavam dando valor ao conteúdo da obra, mas à maneira pela qual estava sendo transmitida. Terminavam aconselhando-o a tomar o ditado no centro, durante a próxima sessão.

Assim se disse e assim se fez. Vivaldo, na noite da reunião, expôs aos amigos a explanação do mentor particular e lhes fez questão de enfatizar a recomendação a respeito de se colocar à disposição no ambiente do próprio centro.

Desta vez a reação foi positiva pois, espicaçada a curiosidade, todos queriam ver como é que o espírito se saíria sob o teto guardado pelas entidades guardiãs do agrupamento assistencial.

Na hora dos trabalhos mediúnicos, Vivaldo escreveu longo texto de orientação, em que o mentor fez questão de ressaltar a sábia determinação dos parceiros ao estimularem-no para o apanhado do ditado naquele ambiente santo. Falou da receptividade que tivera, esclarecendo que as comunicações com os protetores da casa vinham de certa época, nunca havendo qualquer oposição ou resistência à presença desse orientador particular para a realização de trabalhos de psicografia. Aludiu-se à curiosidade dos dirigentes e companheiros e preveniu-se quanto à possibilidade de se levantarem suspeitas quanto a animismo. Terminava exortando a todos que seguissem o evangelho do Cristo, prometendo-se continuar o trabalho em tal dia e hora, diferentes do horário do centro. Desse modo, a tarefa prosseguiria em casa, mas não mais isoladamente, uma vez que o protetor recomendava que mais alguém da mesa poderia estar presente, porque trabalho não haveria de faltar.

Ao ler a longa dissertação em que se tomavam excessivos cuidados com as admoestações dos parceiros, estes, por zelo, resolveram não dar inteiro crédito às palavras registradas à sua frente e, sem a presença de Vivaldo, decidiram reunir-se em outro horário para a devida consulta aos dirigentes espirituais da casa.

Assim, na noite seguinte, eis que o grupo se põe em trabalho de mediunidade, em local diferente, para não chamar a atenção dos demais que ignoravam o que se passava e poderiam revelar o encontro, inadvertidamente, a Vivaldo. Se houvesse recomendação dos instrutores, iriam até a casa do amigo para a realização da psicografia.

Surpresa das surpresas, os guias compareceram e recomendaram explicitamente que se desse apoio ao companheiro e que o auxiliassem na manutenção do tônus energético, pois os trabalhos em perspectiva eram sérios e demandariam vários anos para concluírem-se.

De início, os componentes do grupo se mostraram desconfiados de embuste espiritual. Analisaram bem as palavras dos guias e foram obrigados a reconhecer que, pela coincidência das expressões e pelo vigor do discurso, só poderiam ser os seus amigos que tinham comparecido. Arrependidos por terem tomado aquela decisão, por sugestão de um dos do grupo, oraram sentidamente, desculpando-se pela atitude irreverente em relação à obra que se prenunciava.

No dia da psicografia, sete parceiros compareceram à casa de Vivaldo e ali foram tomados oito longos ditados, cansativos e complexos. Durante quatro horas seguidas, os lápis precisaram ser apontados várias vezes. Desacostumados com tarefa tão grandiosa, ao se encerrarem as atividades, todos estavam extenuados mas maravilhados com a facilidade de imantação e com o rigor das manifestações. Nunca haviam sentido nada semelhante.

Devido ao adiantado da hora, deixaram para o dia seguinte a leitura e comentário dos textos, uma vez que os afazeres particulares os chamavam para dar assistência a outros

setores das atividades. No entanto, deveriam voltar no dia seguinte, às mesmas horas, por recomendação expressa recebida por todos.

De fato, na noite seguinte, lá estavam todos a postos para ver se tudo decorreria como na véspera. Após quatro horas de alucinada escrituração, depuseram os lápis e partiram, crentes de que tudo em suas vidas começava a girar em torno da mediunidade psicográfica. Estavam achando-se dominados pelos espíritos mas, como cada qual conhecia o teor maravilhoso dos textos que lhe eram passados, confiaram em que a importância da tarefa recompensaria qualquer sacrifício.

Nessa vida ficaram durante dez noites, não interrompidas nem nos dias em que o trabalho se realizava na sala de reuniões do centro.

Após esse período, receberam a incumbência de procederem à conjugação dos textos e que publicassem a obra resultante. Para deslumbramento geral, tudo se encaixava em maravilhosa narrativa de fatos que envolviam certa família espírita durante alguns anos da vida, quando o labor espiritual fora prejudicado por ambições e perversidades de entidade que se imiscuiu no seio familiar, com o intuito de desbaratar toda a estrutura moral de sustentação. Com a ajuda das forças do etéreo, cada caráter era analisado e posto a prova, de modo que, para cada vício, se opunha a virtude correspondente e os meios de superação de cada aspecto específico. Era obra de ficção mas fortemente impregnada de aspectos possíveis de terem ocorrido com pessoas comuns em situações corriqueiras da vida. Toda filosofia da doutrina espírita ali se expunha com clareza e elevação. Era obra de mérito.

Vivaldo muito se reconfortou ao conhecer no trabalho o dedo de espíritos superiores. Aliás, a alegria fez vibrar o coração de cada um dos colegas e a publicação do trabalho foi comemorada com lauto almoço de confraternização. Divulgado o espesso romance, alcançou extraordinário sucesso de público, havendo necessidade de diversas reimpressões logo no primeiro ano. Os médiuns ficaram famosos e eram convidados para palestras, onde o assunto principal era a maneira pela qual haviam conseguido a psicografia. Embora aplaudidos e largamente enaltecidos, não se esqueciam dos habituais compromissos evangélicos, de sorte que, aos poucos, a vida foi voltando ao ritmo anterior. Após a euforia inicial do povo espírita, a novidade perdeu o brilho e aí se lembraram de se oferecer de novo às entidades ou entidade — não sabiam bem — que lhes haviam transmitido a sublime mensagem anterior.

Vivaldo, em casa, toda tarde se punha à disposição dos orientadores, mas a única resposta que obtinha era a batida frase: *“A estrada só se percorre passo a passo...”*; ou *“O caminho só se deixa vencer pedacinho a pedacinho. Resigne-se a esperar. Enquanto isso, continue trabalhando.”*

Sempre que voltava a encontrar os amigos, levava consigo as folhas manuscritas. Desse modo, o tempo foi esvaindo-se para cada um deles e, aos poucos, foram retirando-se para a pátria espiritual, sem terem tido de novo a ventura de nova glória. É verdade que trechos esparsos e narrativas cada um, escondido em casa, foi apanhando. Mas nunca sob o influxo poderoso daquelas inolvidáveis noitadas. A cada partida, os familiares reuniam os manuscritos e enviavam ao centro, de modo que o volume foi aumentando consideravelmente. Ao partir o último amigo, Vivaldo viu-se diante de calhamaço impressionante. Chamou o filho, moço expedito e inteligente, e rogou-lhe que examinasse

os papéis para ver se alguma utilidade poderiam oferecer. Sua intuição lhe prenunciava algo de muito bom escondido ali.

Copiadas em moderna máquina computadorizada, as mensagens dos amigos foram sendo dispostas por antiguidade, de sorte que, de repente, ao ser transcrito o último lance de papel e tendo sido mesclados os entrecchos, se revelou que o conjunto formava dez esplêndidos romances de caráter moral, rigorosamente dispostos por temas específicos do procedimento humano, à luz das bases filosóficas da doutrina espírita, verdadeira comédia humana à moda de Balzac.

Vivaldo não sobreviveu à publicação das obras. No entanto, fizeram sucesso estrondoso, muito além do que a anterior, especialmente porque se fizeram acompanhar desse halo de mistério do trabalho secreto de cada mediador.

No plano espiritual, os amigos se viram reunidos em torno de extensa mesa disposta diante de imenso auditório vazio. Confraternizavam-se na espiritualidade do mesmo modo que o fizeram na carne e interrogavam-se se não iriam conhecer os autores dos escritos. Diante deles, sobre a mesa, papel e lápis para escrita foram depositados por mãos invisíveis. Escrevessem, foi a ordem mansa que sentiram no coração. Passo a passo...

O ALMEIRÃO

Cozinheiro de mão cheia, Adalberto gostava de mesclar entre os acepipes algo bem amargo com que introduzia à mesa o interesse do bate-papo a respeito do sofrimento e da dor. Assim, entre uma lasanha e uma torta, por exemplo, vinha com travessa de almeirão mal cozido que, embora bem temperado, provocava certo arrepio às pessoas. Interessante é ressaltar que os amigos, acostumados à chicória irreverente, se sentiam à vontade para degustar a iguaria, certos de que há males que vêm para bem. Os novos, entretanto, sentiam-se espicaçados pelo estranho paladar que se imiscuía, muitas vezes, entre saborosos e apimentados produtos da cozinha calabresa e os suaves caldos e cremes das regiões do norte da França.

Quando não era almeirão, era a caudalosa e insossa sopa sem tempero, proveniente de rala mistura de duas ou três batatinhas com algum pimentão ou couve, para impingir ao conviva a forçada provação.

Os velhos amigos divertiam-se com as facécias de Adalberto, mas os recém-chegados à alegre tertúlia embaraçavam-se diante de tão parca substância. Esse era o prato favorito do anfitrião, que tecia longos comentários a respeito da fragilidade da pessoa humana diante dos pecados, especialmente da gula.

É de notar que Adalberto não servia carnes nem peixes, admitindo, de quando em vez, a presença de algum queijo malcheiroso, *camembert* ou *roquefort*, para imprimir à refeição a náusea e o insólito. Corria a conversação em torno dos imprevistos desagradáveis da vida e a necessidade, muitas vezes, de o indivíduo ver-se apto a balançar na corda bamba, com habilidade para não despencar no abismo da luxúria.

E assim eram as refeições por ele programadas: sempre com aquele entreato de dramaticidade, adrede preparado para o efeito.

Na vida, Adalberto era pessoa bem postada, tanto que poderia repetir as refeições tantas quantas fossem as oportunidades, sem qualquer arrefecimento das posses. Dono de extraordinário bom senso, costumava partilhar de tudo que lhe sobejava sem soberba ou egoísmo. Fazia-o por formação de caráter e porque acreditava que era essa a contribuição que daria aos semelhantes.

Viveu com esse pensamento até os sessenta e cinco anos de idade, quando foi atacado de mordaz paralisia cerebral que o afastou completamente do convívio dos companheiros. Foi parar em modesto hospital de arrabalde, não porque não pudesse arcar

com as despesas vultosas de algum nosocômio de luxo, mas para ter oportunidade de contatar algum aspecto rude da vida.

Esclareça-se que a paralisia foi parcial e que de algum modo conseguia fazer-se entender pelas pessoas. Entretanto, precisava de cuidados médicos especiais, lesadas várias partes do cérebro, irremediavelmente.

Ali permaneceria por longos quinze anos, a comer as modestas refeições, onde tudo lhe parecia o mero entreato dos bons tempos de cozinha. Por recomendação médica, nenhum prato especial lhe poderia ser servido, a não ser papas e purês, cremes e líquidos. Tanto gostava de comer e de servir, viu-se preso à condição de escravo de ser servido e de mal se alimentar, com pratos totalmente sem gosto.

Os amigos da época de ouro evitavam ir visitá-lo no horário das refeições. No começo, levavam-lhe algumas guloseimas escondidas, mas os efeitos deletérios no organismo alertaram os médicos para o fato, de modo que proibição e vigilância reais foram desde logo estabelecidas. Adalberto isolava-se completamente do que considerava *a sua contribuição*. De certa forma, reconhecia a sabedoria divina, retirando-lhe exatamente aquilo de que melhor se servira na existência, para propiciar-lhe o seu momento de almeirão.

E ele pôde aproveitar-se bem desses longos anos entrevados. Começou contratando os serviços de enfermeiro particular que, entrosado com os demais do hospital, lhe propiciava especiais cuidados com o corpo debilitado, massageando as partes dormentes e exercitando o que apresentava vida.

Contratou jovem universitário para dar seqüência a plano de assistência intelectual e moral para quem se manifestasse sob risco de descontrole. Para isso, estabeleceu contacto com diversas entidades assistenciais que lhe possibilitaram acesso livre aos arquivos. Manteve, assim, intensa correspondência com inúmeras pessoas, trabalho que lhe absorvia os pensamentos vinte e quatro horas por dia.

Dentre os seus feitos, contam-se várias dezenas de sustações de suicídios e de milhares de conversões ao espiritismo, sem que ele próprio jamais tivesse lido de modo completo qualquer obra da codificação. Tendo descoberto que as obras equivaliam ao seu pensamento, não se deu ao trabalho de abrir qualquer delas para leitura de enfiada. Quando queria auxiliar alguém, mandava o amigo a seu serviço ler a missiva recebida e ditava terno e solícito texto de consolação e amor, incluindo citação das obras em apreço, que, abertas ao acaso, eram transcritas para abono de suas palavras. Dentre os trechos copiados, um único não correspondeu exatamente à necessidade do missivista. Neste exemplar atípico, falava-se da morte e da necessidade da aceitação do fato. Na realidade, quando a carta chegou ao destino, achou a família do destinatário enlutada, de modo que a resposta, que se endereçara a um, encontrou o coração dos demais, que foram sábios o suficiente para perceberem que estava ali a inspiração de entidades que conheciam os fatos antes mesmo da ocorrência. Só nessa família foram conquistados quinze novos adeptos à doutrina.

A partir de determinada época, passou a ser visitado toda noite por espíritos sofredores que vinham reclamar dele a competente ajuda intelectual e moral, de modo que Adalberto viu aberta outra movimentada frente de trabalho. Certo de que os guias não lhe faltariam, embora não mantivesse contacto direto com eles, passou a conversar com os

amigos que o visitavam durante o sono, sem ter nunca sofrido qualquer perturbação. Eram casos os mais estranhos, eram os criminosos mais violentos, eram os assaltantes mais impiedosos, eram as mulheres e homens mais viciados, que se achavam em fase final de sofrimento, mas dependentes ainda de muito trabalho de regeneração para se verem livres da sobrecarga de consciência. Em Adalberto-espírito, encontravam a palavra amiga e precisa, temperada ao gosto e ao sabor da necessidade, entremeada de suaves reprovações mas recheada de esplêndidos conceitos evangélicos, a estimular o desejo de reconquista do ideal da vida eterna.

Ali seus feitos eram tão ou mais meritórios que junto aos encarnados. Em pouco tempo, foi formando extensa equipe de colaboradores que o auxiliavam na sustentação e na prece dos que vinham chegando. O homem cumpria sua função de molde a satisfazer plenamente os mentores, a tal ponto que recebeu alvará para acompanhar as equipes socorristas ao fundo das trevas, para assistência de caráter emergencial.

Havia, contudo, sério problema de que não se dava conta: durante o sono, falava em voz bem alta e clara, reproduzindo fisicamente o que em espírito transmitia aos assistidos. De início, as enfermeiras de plantão suspeitaram de delírio e tudo providenciaram para dar-lhe paz ao repouso. Ministraram-lhe sedativos e calmantes sob receita médica, mas de nada adiantou a medicação. Toda noite, voltava Adalberto a falar e a falar, mansa, tranquila, mas energicamente. Como, pela manhã, acordasse bem disposto, os médicos deixaram de atribuir ao fato maior importância, ficando o amigo à vontade.

Acontece, porém, que recém-chegada enfermeira, espírita por convicção, segura dos conhecimentos, passou a pôr reparo nas palestras do assonorentado senhor. Ao ouvir frequentemente os termos *Deus*, *Jesus* e *amor*, resolveu gravar as entrevistas, pois parecia-lhe que Adalberto conversava reservadamente com entidades espirituais.

Assim determinada, introduziu sorrateiramente no quarto os aparelhos de registro radiofônico e, noite após noite, enquanto fazia a ronda pelos diversos quartos, ia gravando as conversas. As primeiras fitas continham recomendações de caráter bem particular, com nomes de pessoas completos e indicações de lugares bem precisas. Achou tudo muito estranho mas não titubeou em ver ali algo do plano espiritual. Levou as gravações ao centro que frequentava, despertando a curiosidade de todos os dirigentes, que se dispuseram a investigar a veracidade das informações, a um tempo que, inteligente e prudentemente, decidiram que não se daria a conhecimento público antes de ouvidos os instrutores da casa e de apresentadas as fitas ao encarcerado da dor.

De fato, tudo que se continha maravilhava os investigadores pela precisão das minúcias e pela propriedade das revelações. As famílias ficavam curiosas mas o segredo do Adalberto foi mantido intacto por mais de doze anos, quando veio a público a primeira obra impressa, contendo todas as mensagens investigadas.

Como dissemos, as primeiras gravações indicavam pessoas e lugares com precisão. Aos poucos, porém, foram intercalando-se preces e recomendações de caráter bem geral, incentivos aos ouvintes, discursos prolongados a respeito da virtude e do procedimento mais adequado para se obter da vida o máximo de resultados. Verdadeiras obras de moralidade e de amor. Se não houvesse sido escrita a história do espiritismo, alguém poderia codificar através dessas mensagens, com seguro roteiro, todos os aspectos da doutrina.

Consultado a respeito da publicação, Adalberto anuiu com satisfação, exigindo tão só que a primeira obra viesse a lume após a sua morte. Não desejava ser importunado durante os últimos anos de vida. Desse modo, ao partir, em ensolarada tarde de verão, pediu para que o sol lhe batesse diretamente sobre o rosto, de modo que, ao passar para o plano da eternidade, não se viu ofuscado pela luminosidade dos amigos que o aguardavam. Havia cumprido o seu desiderato de amor.

Após as efusivas congratulações, regadas por lágrimas de muita alegria e felicidade, fez-se momento de profundo silêncio, pois adentrava o recinto espírito de resplendor fulgurante: era o orientador supremo das famílias ali reunidas. Dirigindo-se ao recém-reempessoado dos atributos espirituais, perguntou-lhe entre amável e zombeteiro:

— O prezado irmão considera ainda necessário amargar o paladar com o almeirão da vida?

— Certamente, — respondeu o inquirido. — Se não fora o sofrimento dos últimos três lustros, não poderia hoje saborear tão doce sobremesa.

— Então, bom amigo, — refletiu a excelsa entidade, — saiba que sobre a mesa está preparada para você saladinha de agrião com cebola, que poderá ser temperada com abnegação, uma pitada de temperança, um bom punhado de paciência e demais ingredientes cuja dosagem você se tornou perito em formular. Fique na paz do Senhor e bom proveito!

Disse e retirou-se dentro do mais absoluto silêncio.

Os amigos mais imperfeitos acharam absurdo que a festa tivesse recebido criatura tão deslumbrante, com aviso tão inoportuno. Quando iam externar os sentimentos, Adalberto atalhou-os e, com mavioso acento, grave e doutrinal, prognosticou:

— O prato do dissabor está servido. Vamos prosseguir com o banquete. Certamente, o último acepipe recompensará os sacrifícios do paladar. O mestre aqui compareceu como áspero entreato que nos abre o apetite para o festim da vida. Saibamos apreciar a dor como o instrumento pelo qual chegaremos ao Pai. Oremos todos juntos em agradecimento à divina sabedoria.

Adalberto está aprestando-se para retornar à carne. Programou para si a ingente tarefa de livreiro e editor espírita, para dar seguimento à vida de sacrifícios. Queira Deus realize os objetivos sem fazer salada de letras nem sopa de cogumelos venenosos, para o que se preparam as entidades que visam a tornar-se em pedras de tropeço.

Oremos nós pelo bom sucesso dos empreendimentos. Saiba ele degustar a salada, aceitando as condições adversas que lhe foram propostas. Quem sabe, um dia, reconhecido e amigo, venha a perceber que esta notícia a ele se refira e dê provimento ao nosso pedido de publicação. Certamente isto lhe saberá a almeirão amargo, mas até lá o seu paladar estará afeiçoado a semelhante gosto.

O ILUMINADO DO SENHOR

Carlitos era amigo de todos. Julgava-se apaniguado por ter de tudo um pouco e, por isso, era imensamente feliz. Sempre que manifestava qualquer desejo, como que por encanto, vinha-lhe às mãos o objeto almejado. Era incrível! Mas a sua gana em possuir era bem pequena, de modo que, quase sempre, o que lhe chegava eram benesses de extrema felicidade.

Certo dia, indo na via pública, cabisbaixo, Carlitos deu tremendo encontrão em certa senhora desconhecida. Aquele contacto corpóreo revelou-lhe algo que adormecera há muito tempo na sensibilidade: o amor físico. Tivera momentos de prazer na primeira juventude, mas confundira os elementos da real convivência que deve manter os humanos em harmonia, de modo que não estabeleceu nenhum lar para dar continuidade à programação genésica da vida. Envolto por inúmeras tarefas profissionais e afogueado por compromissos no centro espírita sob sua responsabilidade, adormecera para as sensações da epiderme e olvidara completamente a necessidade de obter herdeiros para prosseguimento da aventura da vida.

Pois aquele encontrão, mais que físico, representou para ele a necessidade de reatar os vínculos com a corrente cármica de seu sangue e raça.

Euricleia era a moça com quem trombara de modo tão abrupto. Senhora jovem, viúva de um e desquitada de dois, se assim podemos dizer, levava consigo três crianças, cada qual filha de um matrimônio. Aos vinte e nove anos de idade, passara na vida por tudo quanto ansiava instintivamente Carlitos.

Nem era preciso dizer que o encontro fora minuciosamente planejado pela jovem, que aspirava, desde algum tempo, conquistar alguém que fosse para sempre. Se Carlitos não se lembrava dela, evidentemente ela conhecia a fundo sua conta bancária, seus hábitos morigerados, sua *performance* no âmbito do espiritual e, principalmente, sua inexperiência com o mundo feminino. Foi-lhe fácil, portanto, assediar o nosso ingênuo amigo, não precisando, inclusive, utilizar-se de certas sutilezas a que estaria habilitada se preciso fosse. O encontrão físico era, na verdade, terrível encontrão moral.

Carlitos, posto a par de todo o drama de infelicidade e abandono, curou as lágrimas da senhora, propondo-se a ampará-la e aos filhos, se se dignasse aceitá-lo por marido.

Abocanhado de uma vez, eis o nosso herói precariamente instalado na vida, mas, com a responsabilidade de sempre, foi demonstrando que, realmente, lhe seria possível conseguir o que desejasse. Mas não desejava nada além do necessário. Se os sapatos do mais velho estavam precisando de meia sola, conseguia algum pequeno lucro extraordinário que cobria a despesa, mas se a cara consorte precisava de outro vestido, por mais que trabalhasse, nada fora do comum conseguia, pois desejar não desejava, apenas achava que, se pudesse, compraria.

Nessa vida de pequenas felicidades e de grandes triunfos morais, vamos surpreendê-lo pelo longo dos dez anos seguintes, quando, por peripécias do destino, enviuvou. A tragédia abateu-o deveras, pois amava a esposa, apesar de todos os defeitos que os anos foram apontando. De qualquer forma, a perseverança em auxiliá-la no que podia, inclusive levando-a a frequentar a casa espírita de que era responsável — onde se sentia muito bem por considerar-se alvo das atenções gerais, uma vez que seu homem ali era muito importante —, fez com que se conformasse ao gênero de vida que lhe era possível propiciar. Aliás, capítulo especial nas decepções da rapariga foi descobrir que o nosso Carlos de Oliveira Sousa tinha homônimo bem melhor provido de dinheiro no banco em que a moça trabalhava e onde fora levada a iludir-se. A descoberta não se deu a tempo e essa foi a parte do encontrão que a derrubou por um bom tempo.

Vamos, pois, achar Carlitos de novo sem companhia feminina, infeliz e indeciso, mas com a carga de três jovens adolescentes para educar. Desacostumado com o tratamento mais adequado nessas circunstâncias, desejou, inicialmente, ver se conseguia devolver aos verdadeiros pais o encargo e a responsabilidade da educação dos dois mais jovens, contudo, estes mesmos se opuseram por considerarem-se estreitamente ligados por aqueles anos de saudável convivência, mui especialmente após terem ficado sob a tutela firme e amiga do pai adventício. Não se preocupasse com a vida, que Deus saberia prover, para dar-lhe condições de enfrentar o destino.

Animado com as palavras de apoio e incentivo das crianças (na verdade o mais velho mal assinalava a casa das dezoito primaveras), Carlitos resolveu prosseguir em sua labuta honrosa e feliz.

Cuidadoso, reunia os filhos toda noite livre para extensos bate-papos a propósito de tudo. Quase autodidata, pois pouca escola frequentara, podia, contudo, discorrer com segurança a respeito de todo assunto moral de interesse, uma vez que, nas águas da doutrina, nadava como peixe.

Com o transcorrer do tempo, os jovens foram crescendo em afinidades com o velho senhor e passaram a considerá-lo verdadeiro pai. Em dez anos de convívio marital com Euricleia, esta não lhe dera nenhum filho, de modo que via naqueles seres com quem se relacionava seus verdadeiros rebentos. Eram uma família feliz, que foi ampliando-se com os casamentos sucessivos e com a vinda de diversos *netos*. O avô tudo fazia pelos pequerruchos, de modo que sua vida se desenvolveu até o fim como se deveras fora um iluminado do Senhor.

Em suave tarde de outono, embarcou para o outro lado, pranteado por todos, pois nunca fizera qualquer inimigo ou mesmo adversário. Em seu enterro concorrido, viam-se todos quantos ainda podiam ali comparecer por suas forças, havendo até quem se fizesse empurrar em cadeira de rodas. No plano espiritual, então, a festa era imensurável, tendo

comparecido enorme cortejo de ex-integrantes da casa, inumeráveis assistidos de todas as épocas, só não dando o ar da graça a esposa querida. Pensou ele: *“Que surpresa agradável estará reservando para mim a minha Euricleia?”*, e pôs-se a confraternizar com os demais, em seu regresso verdadeiramente triunfal.

Após um mês de rápido processo de readaptação, fato raríssimo que iria constar nos anais do socorrismo espiritual, Carlitos pôs-se a campo para investigar o destino da amada. Imaginou, de início, ficando muito longe da verdade, que estaria em serviço de socorro do ex-marido, morto em condições misteriosas durante certo passeio de barco pela costa.

Após ligeiras pesquisas junto aos amigos, percebeu que teria muito que diligenciar para conhecer o paradeiro daquele ser a quem dedicara os melhores anos da vida. Na verdade, encontrava, nas respostas evasivas dos companheiros, certos indícios de que o trabalho iria ser penoso e cansativo. Não faria mal, todos estavam a seu lado e só faltava mesmo a mulher que lhe dera a felicidade de ser pai de três maravilhosas criaturas.

A busca foi organizada com muitos cuidados pela equipe socorrista da corporação espiritual de que fazia parte Carlitos na qualidade de instrutor. Conhecia bem as tarefas atribuídas a esses abnegados da consolação, pois fora um deles nos intervalos das últimas quinze encarnações. Estranho lhe parecia não ter reconhecimento de quem fora Euricleia em nenhum dos encarnes precedentes, nem memória dela possuir de tempo algum em que ficara na erraticidade. Era puro mistério.

Ao cabo das primeiras diligências, foi capaz de encontrar certo senhor que se disse pai de sua amiga e que se propôs a auxiliar na busca da filha, desde que, em troca, recebesse por recompensa a alegria de poder reencarnar na família.

Dada a propositura inusitada, Carlitos levou o caso a conselho do grupo, que, tendo perquirido a respeito da identidade do espírito, concluiu que se tratava de antigo desafeto da desaparecida, que, na verdade, desejava encontrá-la para dar curso a certas perversidades em revide do que considerava débitos a serem resgatados.

Diante da falência da possibilidade de ajuda, resolveram os amigos principiar o trabalho pela luta de regeneração desse senhor. Foram precisos dez longos e penosos anos para se conseguir dele adesão aos conceitos do amor a Deus e ao próximo, restando terminar a tarefa pela lição maior do equilíbrio universal pela justiça do Criador.

Nesse meio tempo, foi localizado o antigo companheiro de Euricleia, pessoa turbulenta, mas leal e sincera, que estava também em busca da mulher com quem precisava ajustar certas contas. Embora cheio das razões mais ponderáveis da defesa, uma vez que fora atraído e assassinado pela esposa e pelo amante na malfadada viagem de recreio preparada por ambos para o crime, estava a pique de reconhecer que qualquer gesto em detrimento da personalidade da jovem mulher reverteria, inevitavelmente, contra sua pessoa, fazendo com que se onerasse ainda mais o seu saldo devedor. Estava, pois, a ponto de desistir da procura, malgrado as intensas emissões de vibrações negativas com que pretendia atingir a mulher, estivesse onde estivesse.

Conduzido para o hospital da instituição, cumpriria ali extenso programa de regeneração. Entretanto, suas informações foram valiosíssimas para se aquilatar a profundidade dos males e a negritude do caráter da entidade procurada.

Euricleia transformava-se, lentamente, na mente de Carlitos, em verdadeira medusa. O que mais o transtornava era a falta de notícias. Se ela vibrasse em favor dele, certamente os aparelhos de que o grupo estava dotado registrariam as ondas energéticas e traçariam automaticamente as coordenadas que apontariam o lugar do bátraco em que se situava. Às escuras, a procura poderia estender-se por milênios infrutífera.

Instado pelos companheiros, resolveu Carlitos atendê-los e regressar à crosta para elaboração de novo plano de busca. A sós, em seu compartimento de repouso e meditação, não se cansava de orar fervorosamente ao Senhor, pedindo luzes para dar prosseguimento à tarefa mais imediata. Largos anos tinham sido consumidos em vão, ao tempo em que, na Terra, as crianças cresciam e seus filhos, provavelmente, estivessem necessitados de ajuda e amparo. Lembrou-se de que a esposa talvez pudesse ser atraída pelo amor aos filhos, de molde que considerou a possibilidade de atingir a esse duplo objetivo de seu atual estágio existencial. Agradeceu a inspiração, comunicou aos seus a resolução, no que foi aplaudido e secundado, e desceu à face da Terra para dar assistência aos amigos de outros tempos, com ele grupo de uma vintena de espíritos irmãos.

Na rápida perquirição que fez, pôde avaliar de imediato que tudo decorria muito bem nas diversas famílias constituídas. Os filhos estavam aposentados mas, diligentes, trabalhavam para o progresso de todos, dando ainda eficaz ajuda às casas espíritas a que se ligavam. Os dezenove netos estavam todos bem, havendo ainda alguns bisnetos a se engraçarem em formosura. Tudo estava absolutamente sob controle, mas da mulher querida, nenhuma notícia. Buscou junto aos guias de cada qual para ver se poderiam dar algum informe precioso, mas nenhum soube de aproximação da criatura junto a qualquer elemento da família.

Buscou-se álbum no etéreo para ver se conseguira encarne redentor, mas nada estava registrado a respeito. Cada neto ou bisneto tinha sua ficha particular anotada como sendo este ou aquele antigo membro da corporação familiar. Um ou outro estranho apresentava farta documentação da procedência, de modo que todos foram afastados da lista dos possíveis. Consultado o registro geral, constava que Euricleia havia pertencido a antigo grupo de africanos que haviam sido trazidos, no século dezoito, para o Brasil, para servirem como escravos. As anotações a respeito de sua moralidade e de seu ponto evolutivo ficavam vedadas à consulta pública, servindo tão só de roteiro para possível retorno à carne e sob cuidadosa vigilância dos espíritos responsáveis pela privacidade de cada ser em sua área de atuação. Entretanto, certa pista foi oferecida, mediante a desolação do pobre Carlitos: que buscasse no setor dos homicidas múltiplos e dos terríveis criminosos das trevas. Estivesse, contudo, prevenido para surpresa muito desagradável.

Esperançoso pelo resgate da companheira, acreditando em que tudo que desejava sempre conseguia, estranhava que ser tão poderosamente perverso pudesse ter conseguido descendência tão maravilhosa. Estranhava ainda ter sido o eleito para a afeição e para o ministério de amor que há tantos anos empreendia.

De fato, ao se chegar às imediações da região indicada, onde os lancinantes gritos estentóricos de lamentação e dor impunham aos recém-chegados a mais piedosa comiseração e onde o pensamento dos puros só faz orar em compungitivos rogos de perdão à misericórdia divina, foi registrado pelos aparelhos tênue vibração em pedido de socorro. Alvorçados com a aproximação do ser há tanto tempo procurado, foram-lhe ao

encontro com o coração na mão e a alma em prantos, pois sabiam que iriam encontrar certo molambo esfarrapado de gente.

Euricleia jazia largada no fundo de poço na mais tenebrosa condição. Envolvida por milhares de pequeninos seres disformes, contorcia-se em dores atrozes, no tormento de consciência profundamente abalada pelo remorso mais contundente. Não percebeu a presença do grupo nem reconheceu ninguém ao redor, mas sentiu que algo lhe produziu algum alívio por instantes.

Naquele buraco ignóbil, onde permaneciam os mais pérfidos exemplares dos criminosos mais violentos, ficaram durante quarenta e oito horas os amigos, na tentativa de soltar a companheira dos laços que a jungiam por todos os lados a antigos desafetos, que tudo faziam para não se desprenderem da vítima. Após esse período e com a ajuda de diversas equipes socorristas para lá trasladadas para o auxílio conveniente da sustentação energética da pureza das intenções, seres dotados de larga experiência nas descidas a pontos ainda mais distantes do bátrio, foi possível o resgate daquele miserando ser das garras que o manietavam.

A travessia até a crosta foi difícil e penosa. Carlitos muitas vezes titubeou diante da disformidade em que se encontrava a querida amiga. No entanto, sob o amparo constante dos mais íntimos, foi-lhe possível suportar a marcha ascendente, à medida que lhe reacendia a esperança de vir a estabelecer convivência com a criatura a quem tanto se afeiçoara.

Durante esse trajeto, as ligações perispirituais foram estabelecendo-se entre os dois, de modo que Euricleia, por indução telepática, foi narrando ao antigo companheiro, agora protetor e amigo, as facécias e estratagemas que empregou para enredá-lo, demonstrando claramente que a convivência carnal de meros dez anos tinham significado o esplendor de sua existência. Na época não considerava assim, esquecida das tribulações das outras eras, mas, no fundo do catre em que agonizou durante os últimos trinta anos, pôde perceber o quanto de felicidade lhe tivera sido o encontro real e feliz com Carlitos, única razão de ter permanecido lúcida o suficiente para poder analisar todos os atos de sua existência e único argumento válido para alçar de vez o extenuado grito de socorro que, finalmente, acabou por ser ouvido e atendido.

Naquelas circunstâncias, Euricleia não sabia que estava sendo transportada para tratamento, menos ainda que as íntimas vibrações estavam sendo captadas e traduzidas pela única criatura no Universo que lhe tinha algum afeto. Se fora protegida por espírito guardião nas passagens pela Terra, nada fizera para conquistar-lhe qualquer sentimento de simpatia, de forma que os inimigos puderam tomá-la para a desforra longamente aguardada. Era chegado o momento da redenção.

Em terra firme, convulsionado por estafante luta interna, Carlitos caiu de joelhos e orou com sofreguidão, agradecendo ao Pai a desdita da aflição dos últimos tempos. Se sempre fora bom e nunca abusara da proteção que merecera, faltava-lhe compreender, em profundidade, o que era servir ao Pai, servindo-lhe às criaturas. E se já fizera tudo com carinhosa dedicação, entendia, finalmente, o que era obrar por amor ao próximo para servir a Deus. Imaginava que seu crescimento se dera de modo definitivo, mas intuía que lhe faltava realmente executar o passo final: agir por amor ao Pai, para sua honra e glória eternas. Modestamente, reconheceu-se pequenino diante do Senhor e agradeceu-lhe os

dons da compreensão e da existência. Em absoluto transe de fé imensurável na justiça e na misericórdia divinas, prometeu, em nome da verdade, que tudo faria para transformar aquele ser que lhe fora indicado para soerguer em espírito de luz. Sentia-se, ele mesmo, naquele supremo instante de transbordamento de amor, um iluminado do Senhor.

CÉU ENEVOADO

“Dentro de poucos dias”, pensava o pescador taciturno, “o sol voltará a brilhar e poderei tranquilo jogar de novo a rede para a pesca proveitosa.”

Nem é preciso dizer que tal pescador ficou ali durante largas horas a aguardar o céu abrir-se, inutilmente. Durante esse tempo, os amigos, mais expeditos, consertaram as redes, que deterioravam, secaram e resguardaram os barcos, cultivaram a terra, revolveram os guardados à busca de algo que pudesse oferecer lucro na venda para a compra de mantimentos.

Dorismundo, não! Sentado à rocha mais elevada, contemplava o horizonte, vendo o mar crescendo turbulento e ameaçador. E quanto mais contemplava a revolta da natureza indômita, mais o coração se confrangia e mais se sentia pequeno diante da vida e do destino. Enfraquecido pela longa inatividade e pela parca alimentação, que conseguia de uns mariscos arremessados à praia, uma tardezinha em que as vagas açoitavam impiedosas o rochedo, deixou-se descair mansamente, sendo tragado pelo oceano inexorável.

Dois dias depois, a maré devolveu à praia o corpo corroído, ao mesmo tempo em que os raios do sol principiavam a refulgir promissores de calma e bonança.

Por aquela época, Pedro era criança de colo, não tendo sofrido diretamente a perda do pai. Contudo, a falta de alimentação fez o leite materno esvair-se aos poucos até a mais completa extinção. Foram anos difíceis, de dura provação, até que o filho mais velho adquirisse condições de lançar rede própria.

O pequeno Pedro, *desmilinguido* e apático, se via joguete nas mãos das crianças do vilarejo. Deixava correr soltas as lágrimas mal apontava na esquina algum petiz agressivo. E esse choro convulso era o estimulante mais eficaz para provocar o alvoroço moral na criatura desfeiteada pela antecipação do medo.

— Você chorou só por me ver, engraçadinho? Pois toma para aprender a chorar de verdade!

E lá vinham cascudos pesados a provocarem lágrimas sinceras. O medo, acentuando-se, fixou-lhe o pavor no inconsciente e a nossa criatura infeliz se preparava muito mal para os embates da vida.

Taludinho em idade mas exânime de forças, o pessoal da casa o alcunhou de *Chorão* e lá vinham outros severos pescoções e a indefectível recomendação:

— Esse menino precisa aprender a se defender.

Nesse diapasão, curtiu toda a infância e boa parte da adolescência, quando, um belo dia, descobriu a desforra como arma para soerguimento moral diante do *ego* ferido. Surpreendeu o filho pequeno do vizinho só, no fundo do quintal. Pulou a cerca de arame e deu no moleque com varinha de cana-brava até molestar a pele a ponto de sangrar. O tumulto chamou a atenção da mãe do agressor, que correu a socorrer o petiz. Era tarde, porém. O mal estava feito. Era necessário esconder o fato. Como? Os pais do pequeno iriam voltar logo e desconfiariam de que o autor só poderia ter sido alguém da vizinhança. O pequeno talvez não fosse capaz de apontar o culpado, tão juvenzinho era, mas os indícios levariam a alguém que permanecia desocupado o dia todo.

Imaginou a rude senhora que seria melhor afastar o filho do local e assumir a responsabilidade pela represália. Com sorte, evitaria tragédia maior. Correu com o filho à casa do irmão e fez com que lá ficasse até que a tempestade passasse.

Ao chegarem de volta ao lar, os pais do pequeno agredido, imediatamente, puseram a boca no mundo. Apavorada com a reação dos vizinhos, a mulher trancou-se em casa. Foi a pior decisão que poderia ter tomado. Arrombada a porta, deu-se furioso entrevero, principalmente porque, ao primeiro safanão, a infeliz revelou logo quem praticara a surra. Foi um deus-nos-acuda que perdurou por semanas, precisando intervenção policial e tudo o mais. Em suma, para não delongarmos o desfecho, preciso foi encaminhar Pedro para longe daquela região, pois fora jurado de morte pelo pai ofendido, principalmente porque acreditava que o filho iria perder uma vista. Não perdeu mas foi o quanto bastou para que se justificassem alguns goles a mais de aguardente, ainda porque a viúva não tinha quem a pudesse defender adequadamente.

Longe de casa, Pedro cresceria ao deus-dará. Entregue a determinado orfanato, cujas atividades eram tão só fachada para o recebimento de polpudas subvenções estatais, o mais que o infeliz aprenderia ali seria roubar e pedir.

Quinze anos depois, vamos achá-lo forte e robusto, bem instalado, dono de vários imóveis e rodeado de filharada crescida e alegre. Que imensa transformação! Como se poderia esperar que alguém com tal retrospecto de vida pudesse dar salto tão poderoso para a frente?! Ainda mais surpreendente é que tudo foi conseguido com trabalho honesto, sem ajuda da sorte nos ganhos imprevisíveis das roletas e das loterias. Por acúmulo, a assiduidade ao centro espírita do bairro comprovava formação exemplar de caráter e a dedicação ao trabalho de assistência fraterna tornava-o invejado por quantos, na ânsia de contribuir para o crescimento da casa, não conseguiam colocar nas tarefas o mesmo empenho amoroso. Que misteriosa reviravolta tinha sido aquela?

Retornemos à velha casa em que o juvenzinho viu crescer o buço e onde se pilhou a dar curso às primeiras manifestações do erotismo.

Ali confraternizou-se pela vez primeira com jovem dois anos mais velha. A inexperiência em lidar com as pessoas, o medo profundamente arraigado no caráter e a necessidade de se ver agasalhado por alguém que lhe manifestasse algum conforto afetivo,

fizeram com que o par se vinculasse estreitamente. As primeiras juras do mais cândido amor foram trocadas e um passou a viver para o outro, incondicionalmente.

Jurema era moçoila ignorante e desgraciosa. Pelos padrões do lugar, poder-se-ia considerar excessivamente feia, de modo que não despertava interesse a mais ninguém. Acresce que perdeu cedo os dentes, sendo, além do mais, coxa e zarolha. Para Pedro, era deusa de bondade e doçura; para os demais, pequena bruxa repugnante. Sendo assim, a união se deu natural, sem que o ambiente viciado se visse conturbado por essa aproximação.

Desde o começo, Pedro foi sentindo-se, de certo modo, o protetor de Jurema em relação aos demais companheiros. Como havia muita meninada miúda, castigava impiedoso os que se atreviam a mexer com a adorada, de sorte que, quanto aos menores, foi adquirindo confiança em seus punhos. Como a merenda da casa era escassa, dentro de pouco tempo deliberou ingressar em alguma mercearia na qualidade de servente, de modo que poderia, além do dinheiro, usufruir descontos na compra da alimentação. Esse primeiro traço de sagacidade revelou-lhe o caminho que seguiria daí para frente. Crente de que dois trabalhariam melhor do que um, levou Jurema consigo e ambos começaram a ajudar o merceeiro nas tarefas do dia a dia.

Exigência que se impunham era o reconhecimento do fato de que, se algo fizessem desonesto, teriam sérios problemas para encontrar outro comerciante disposto a lhes oferecer emprego. Conquistaram, desse modo, a confiança do patrão, que via no casazinho disposição exemplar para o trabalho. A mocinha foi guindada à condição de balconista e, no momento supremo de sua carreira, admitida à caixa, nas eventuais saídas do dono. De início, ficavam ali apenas os trocados, mas, aos poucos, eram deixadas quantias cada vez mais consideráveis, até que tudo passou a ser regido com o máximo de dignidade pela dupla.

Pedro tudo fazia junto ao comércio do patrão. De mero empacotador e sofrível carregador, aos poucos lhe foram sendo atribuídos encargos de maior responsabilidade, como o de recebimento e conferência das partidas de produtos, até que chegou ao ápice do controle do estoque, compra e manutenção.

Quatro bons anos foram gastos nesse crescimento junto ao mercadinho. Nesse meio tempo, nasceu-lhes o primeiro filho. Por falta de registros e demais certidões comprobatórias da filiação dos pais, o pequerrucho foi batizado pelo padre da freguesia, ganhando na pia batismal o nome de Dorismundo, lembrança única que o filho guardara do pai, homenagem que prestava absolutamente inconsciente do que fazia. Era para dar um nome? Dorismundo parecia destinado a grandes feitos.

Por essa época, certos fatos começaram a perturbar o sossego do jovem casal. Como viviam num quarto no fundo do armazém, ficavam isolados do resto do mundo durante toda a noite, protegidos pela pesada estrutura do imóvel. Mas, ainda assim, certos ruídos se ouviam na minúscula janela de vidro por onde entrava o pouco de ar que evitava que sufocassem na estreiteza do domicílio. Esses ruídos foram encorpando, de modo que se puseram de sobreaviso, pois poderia acontecer de estar alguém querendo assustá-los. Temiam pelas misérrimas economias que guardavam sob o assoalho, em caixinha camuflada, fruto do abnegado trabalho.

Feitas as primeiras investigações, nada se descobria, nem animal nem homem, que pudesse estar a provocar o desassossego. No entanto, o barulho aumentava e a insistência recrudescia.

A medo, contaram ao dono do estabelecimento o que se passava. *Seu* Manuel era homem crente de Deus mas temeroso do diabo e pôs-se de orelha em pé. Nada disse à esposa, pois sabia que esta, mulata afeita às mandingas dos terreiros, iria querer fazer algum *trabalho* para afastar os maus espíritos.

Mas o estardalhaço chegou a tal ponto que, do alto do sobrado, no quarto dos fundos, onde dormia o casal, se podia ouvir perfeitamente o alarido. Foi assim que Ivonete tomou contacto com a entidade que promovia o distúrbio. Não fez *trabalho* algum mas, na hora do batuque, incorporou o espírito de preto velho, que contou ao povo presente que era preciso desenvolver a mediunidade da gente que morava nos fundos da casa nova da comunidade.

Lúcida, ao saber da recomendação do guia, pôs-se a pensar se seria o caso de levar o jovem casal ao terreiro que frequentava. Pediu ajuda aos pais-de-santo, que, prudentemente, ponderaram que o casalzinho era muito jovem para largarem o bebê e se aventurarem, sem qualquer preparo, ao meio dos espíritos que lá compareciam para as manifestações. Era preciso achar lugar mais calmo para o desenvolvimento. Indicaram certo centro espírita kardecista que estava instalando-se no bairro e recomendaram que se ouvisse de novo o conselho do Pai José, o protetor de Ivonete. Consultado a respeito, elogiou as atitudes de todos mas censurou o fato de que as crianças estavam sendo afastadas dos trabalhos daquela comunidade. Era preciso trazer mais juvenzinhas para a iniciação. De qualquer modo, era bom levar o casal para o local escolhido, por razões que ele sabia.

Ignorantes dos fatos espirituais, Pedro e Jurema, atoleimados pelos efeitos drásticos do batuque estrondoso que os impedia à noite de dormir, insones ainda pela inquietude do pequerrucho, não hesitaram em comparecer ao centro espírita. Ali, os diretores eram ainda iniciantes nas tarefas mediúnicas mas se viram apaniguados pela sorte por logo estarem diante de caso de efeitos físicos nitidamente caracterizados. Outro motivo de alegria foi o fato de os umbandistas terem reconhecido sua presença, tanto no que respeitava à consideração dos vivos como, principalmente, no que dizia respeito às entidades espirituais. Sentiram-se seguros e confiantes.

Não demorou para que o obsessor se declarasse. Na realidade, era o espírito do pai de Pedro, que desejava encaminhá-lo com segurança pelos caminhos do mundo. À vista de sua luta para sobreviver e dos cuidados que demonstrava para com a família, constituíra-se em protetor daquele lar, como uma das tarefas iniciais do resgate penoso que teria pela frente.

Colocado a par dos acontecimentos pela esposa, Manuel ainda mais se animou a ajudar o casal a se estabelecer definitivamente como seres humanos. Desejando abrir outro estabelecimento comercial em bairro desprovido de boa mercearia, confiou a instalação e exploração do ponto ao jovem amigo. Afeito ao trabalho penoso do grande armazém, a pequena loja pareceu ao nosso trabalhador algo bem fácil de conduzir. Sem desleixar do trabalho, passou a estudar os pontos da doutrina. A narrativa de seu crescimento espiritual demandaria várias páginas recheadas de sacrifícios, de suores e de lágrimas, pois, de início,

havia de se superar o analfabetismo e a incultura. Com a ajuda, contudo, da carinhosa esposa, que tivera o privilégio de frequentar três séries escolares, pôde suplantar com galhardia as primeiras fases de estudo. Durante seis longos anos se viu às voltas com contas e catálogos ao lado de teorias esquisitas de espíritos que voltam do mundo das trevas, para trazerem suas experiências ao conhecimento dos vivos. Mas tanto as contas foram resolvidas, quanto os catálogos decifrados, como a doutrina foi sendo assimilada e incorporada ao conhecimento do jovem senhor.

Manuel e Ivonete continuaram os fiéis patrões e amigos. Dorismundo ganhou duas irmãzinhas e o antigo empregado obteve recursos suficientes para abrir o próprio negócio. Como anjo protetor, o português assinava como compromissário-fiador e os créditos se abriam para o amigo poder empreender os negócios. Foi assim que Pedro e Jurema, após quinze anos de dura labuta, puderam considerar-se felizes possuidores de várias propriedades, ao tempo em que a família florira e se desenvolvera absolutamente feliz. Ambos médiuns desenvolvidos, ajudaram o pequeno centro a instalar-se e prosperar em serviços à comunidade.

E assim se conta a história do filho do pescador, para quem o céu jamais pareceu enevado, desde que lhe brilhou no horizonte da vida o amor da esposa idolatrada.

A SAGA DE SAMUEL

HISTÓRIA EM ALGUNS CAPÍTULOS DE UMA FAMÍLIA BRASILEIRA

I — LUCRO INDEVIDO

Samuel era comerciante de calçados. Tudo fazia para que a clientela voltasse a adquirir em sua loja e, por isso, até descontos descabidos era capaz de oferecer para atrair e fixar a confiança dos fregueses.

Como tudo na vida, também Samuel encontrou o seu fim na Terra e transmigrou com todo o lucro para o etéreo. Levava também certas perdas e danos, mas, na contabilidade do destino, parecia-lhe estar em vantagem.

Tal não foi, contudo, o entendimento dos maiores. Bem sopesados os haveres na balança do bem e do mal, os pratos se desequilibraram, elevando para o alto o volume dos lucros. Havia mais perdas e danos. Samuel, que muito bem sabia fazer as contas na Terra, estranhou o resultado da pesagem e buscou saber o que realmente havia feito com que a encarnação acrescentasse débitos ao passivo e não haveres ao ativo.

Recapitulou, passo a passo, a vida e verificou que, no aspecto familiar, estava muito bem em sua avaliação. Era o que fazia com que os lucros descessem o prato da balança um pouco. Como filho, fora exemplar. Como marido e pai, dos melhores.

Com os amigos, a conversa, todavia, era outra. Quanto à ajuda espiritual, tudo bem. Lá estavam algumas bonificações sob a forma de sacrifícios feitos e de tempo despendido. Mas no setor material, afora alguns fiados mais prolongados, o mais que se via era o perfeito sopesar da possibilidade das aquisições, com o valor afetivo a eles emprestado. Em outras palavras, não tinha senão amigos dentre os que poderiam comprar em seu

estabelecimento; e pagar à vista. Bem pesadas as coisas, a balança, nesse aspecto, poderia equilibrar-se.

Examinou a consciência relativamente aos fornecedores. Nada de um lado; nada do outro. Se não deixara de pagar, também não apoiara de modo expressivo quem precisasse safar-se de alguma situação de bancarrota. Não lhe fora proporcionada nenhuma ocasião de ajuda, nem ele procurara encontrar nada do gênero.

Restava a clientela. Aí as coisas se complicavam deveras. Tendo sob seu poderio econômico a faculdade de propiciar preços módicos, diminuindo o lucro, mas favorecendo a aquisição de calçados a maior número de criaturas, não arredou, contudo, um passo do critério inicialmente estabelecido dos trinta e cinco por cento de lucro líquido. Ao chegarem as partidas de mercadorias, categorizava-as segundo rigorosa repartição pela qualidade e anotava os preços de modo extremamente rigoroso. Acrescentava o tanto relativo ao percentual a ser dado ao vendedor. Punha de acréscimo reserva de quinze por cento que poderia descontar para contentar aos mais insistentes e para agradar aos que pela vez primeira se aproximavam do estabelecimento e estava feito o preço final.

A bem da verdade, aquela última faixa que ficava a seu critério repassar para o comprador surgiu da ideia generosa de que tudo que se conseguisse angariar seria destinado para obras de benemerência, como já fazia o velho pai, que lhe recomendara seguir o sistema como reserva de beatitude. De início, nos primeiros dois anos, Samuel, religiosamente, separou o lucro adventício e destinou-o às obras de caridade da sinagoga. Isso ocorreu enquanto o pai vivia. Após a morte do velho, porém, ao refazer as contas para estabelecimento das margens de lucros, Samuel atentou melhor para os preços da concorrência e verificou que praticava valores abaixo aos do mercado. Não alterou, contudo, a fórmula do cálculo, mas resolveu que a vantagem extraordinária seria destinada para a educação dos filhos em nível superior.

De fato, durante os anos seguintes, a conta só era tocada para essa finalidade, até que as previsões com os gastos passaram a indicar que o dinheiro guardado daria para a educação inclusive dos netos.

Tendo tido necessidade de internação hospitalar, não mexeu nas economias oficiais da família e apelou para o pecúlio especial. Esse primeiro real desvio da finalidade abriu brecha para outros tipos de gastos excepcionais: presentes aos filhos, festas de aniversários, formaturas e até certas contas que não poderiam figurar na escrituração contábil da dona da casa.

Nesta altura do relato, Samuel tossiu desesperadamente, simulando ataque de algum vírus fluídico extremamente incômodo. Pacientemente, os protetores esperaram o desafogo e prosseguiram serenos na contabilização dos débitos.

A lista não se prolongou muito além, mas faltava tópico de especial relevância: o momento em que chamou a descendência para as instruções a respeito de como efetuar o comércio que lhes passava como herança. A explicação fora minuciosa e, quando chegou ao ponto importante do lucro extra, omitiu a recomendação do pai e instituiu como roteiro para esse dinheiro a aplicação que ele mesmo realizara, insistindo para que não se tocasse nesse fundo particular, a não ser para necessidades de caráter emergencial.

Para que o leitor fique serenado, devemos dizer que os filhos eliminaram esse ganho exagerado e malicioso e preferiram praticar o comércio sob bases mais realistas,

consultando melhor os interesses do povo. Nem por isso, porém, a atitude deixou de se constituir em sério peso a arrastar para baixo o prato das perdas e danos.

Inteiramente cômico das razões da contabilidade não ter sido considerada aproveitável para novo exercício na carne nas mesmas condições, uma vez que desfigurara o projeto explicitado pelo pai e que constava de sua programação de vida, Samuel foi designado para servir de orientador particular de um dos netos, que demonstrava pendores artísticos muito pronunciados. Deveria conduzi-lo pela vida, atentando especificamente para o fato de que o ganho maior a ser conseguido por aquela alma em débito era compor extensa família, dando a todos os filhos condições de enfrentar a vida de modo corajoso e proveitoso.

Samuel foi visitar o *berçário* em que se preparavam os encarnes e, lendo as fichas de cada pessoa, pôde constatar, a contragosto, que estavam inscritos ali vários espíritos impenitentes e rebeldes, viciados de outras encarnações, almas difíceis de conduzir na esfera corpórea. Sopesou sua capacidade de atuação e concluiu que, se chegasse a bom termo na tarefa de proteção, por certo conseguiria saldar a dívida para com os maiores.

Animou-se com o trabalho, mas considerou a tarefa excessivamente sobrecarregada. Antes, todavia, de tomar qualquer deliberação a respeito do roteiro a ser seguido para dar cumprimento às atribuições, resolveu consultar seu guia sobre a possibilidade de receber amparo quando do aparecimento das dificuldades maiores. Como resposta, obteve extensa declaração a respeito da misericórdia divina especialmente voltada para quem manifesta boa vontade e interesse em acertar.

Começou, assim, a aventura de Samuel para resgatar os débitos.

Seguiu para a Terra em companhia de outros espíritos com encargos similares e foi em busca do neto, ainda infante, aluno de primeiras letras, mas habilíssimo no desenho, na pintura e na música. Estabelecido o espectro da personalidade, notou-se séria tendência à feminilidade do caráter, primeiro imenso empecilho para a formação de família nos moldes tradicionais. Se o querido Davi, que chegara a carregar no colo, fosse incapaz de contrair matrimônio por injunções temperamentais, como resolver o problema da responsabilidade em relação àqueles que se preparavam para constituir-se em sua família?

Eis que Samuel teve uma ideia. Iria...

II — A HISTÓRIA DE DAVI

Por aquela época, o pequeno Davi não se aterrorizava com nada. Sofria a desdita, sim, de ter muitas inspirações mas tinha de se submeter à educação mais tradicionalista, a par da possibilidade de se dedicar às artes que mais de perto lhe diziam ao coração.

Desde criança, na comunidade religiosa e na escola segregacionista, convivia com Sara, menina de maviosos dotes e de moralidade superior, de modo que, a par da legítima afeição, florescia o fascínio da mais pura admiração. Sara era para Davi a musa inspiradora, a deusa no altar, a santa imaculada, a sílfide etérea que pairava no ideal, transsubstanciada em visão angelical.

Para Sara, Davi não passava de bom companheiro de folguedos, sempre pronto a abandonar a amizade masculina para ficar longas horas conversando sobre namoricos, mexericos, pontos de crochê e de tricô, trabalhos domésticos e, principalmente, a respeito da produção poética a que tinham acesso por sua frequência à biblioteca da escola. Era de ver-se a fraterna amizade que perdurava incólume desde a idade das primeiras letras até aquele ponto de maturação a que os judeus consagram as festas da puberdade.

Passado o *Bar Mitzvah*, sofreu a primeira impulsão séria da comunidade na direção da afirmação da virilidade. Levado pelos companheiros mais velhos a participar de certa festa íntima, em que lhe haviam preparado o festim da primeira *promenade* passional, defrontou-se com a rudeza dos trejeitos carnis necessários para a concretização do evento erótico, repugnando-lhe o ato sexual de modo incoercível. Escrevia-se ali a primeira página de seu relato amoroso e de sua sublimação temperamental.

Para a comunidade informada do insucesso, foi motivo do riso mais feroz e das cutiladas mais penetrantes. De qualquer modo, sua vida se viu, de repente, de pernas para o ar, principalmente porque a família, que, sub-repticiamente, patrocinara o encontro, principiou a vê-lo como ser diferenciado.

Descontente com o sucedido, o pai conduziu o pimpolho às malhas da psicoterapia oficial e largou-o sob os cuidados de matreiro patriarca religioso, que viu ali rico filão de onde extrair valiosas pepitas.

Durante longos quatro anos, o mísero Davi se encontrou afastado de sua idealizada inspiradora, medida oportuna para que se evitassem os mal-entendidos da feminilidade contagiosa. Foram os piores anos de sua curta vida.

Um belo dia, foi surpreendido às carícias com o protetor psicológico, de modo que o mundo principiou a desabar em escombros por sobre sua triste figura. A produção pictórica do período, acadêmica no que refletia o incentivo do mestre, mas profundamente marcada pelos tons mais lúgubres nos quadros de livre iniciativa, contariam a história de sua vida para o observador menos percuciente, se a obra pessoal não se escondesse no fundo do porão, onde a luz não penetrava, nem a alegria, nem a confiança, nem a fé. Davi se ensimesmava.

Para cúmulo de sua condição de inferioridade emocional perante a sociedade familiar, foi coagido a presenciar as bodas da idolatrada amiga, que contraía matrimônio, segundo antigo costume racial, com jovem senhor vinte e oito anos mais velho, calvo e rico, que lhe prometia próspera viuvez.

Inferiorizado diante de todos, não sentia força para reagir, tendo em vista a sensibilidade garantir-lhe que o mal estava no domínio completo das circunstâncias. Julgava o mundo pelo prisma das ilusões e colocava a vida nas mãos do destino. Quando o

pai o obrigou a perلustrar carreira acadêmica, escolheu a Advocacia, mas teve de fazer inscrição na Faculdade de Medicina.

“Lidando com a matéria”, pensava o progenitor, “esquecerá as baboseiras do espírito.”

Por aquele tempo, as lojas davam polpidos lucros, tendo o pai e os tios diversificado as aplicações no comércio, de modo que inúmeros estabelecimentos lhes proporcionavam vida extraordinariamente confortável. Os irmãos e primos estavam adaptando-se maravilhosamente às condições familiares, de sorte que, a par de comerciantes espertos, se encaminharam para o estudo da legislação, da administração e da indústria correlatas. O domínio da família na área ganhava foros de império comercial. O nome Lentz e Brummer se tornou respeitabilíssimo, inclusive entre os mais apaniguados membros da comunidade judaica.

Davi intentou quatro vezes o ingresso na faculdade designada pelo pai, até que, aos vinte e três anos de idade, se reconheceu seu total despreparo para a vigilância corpórea das doenças.

Adulto e experimentado na arte de se furtar à espreita da família, conduziu as intenções para ramo comercial que, segundo os seus, se bem administrado, poderia vir a ser lucrativo: tornar-se-ia comerciante de obras de arte com galeria própria. O capital inicial seria imenso, mas o pai viu na iniciativa do filho o recurso único para restabelecimento dos vínculos rompidos com a tradição familiar. Entretanto, para o empréstimo efetuar-se de modo completo, necessário foi estabelecer contrato de subvenção permanente, desde que o filho cumprisse algumas cláusulas, dentre as quais lhe avultava aos olhos a condição, *sine qua non*, de ter de contrair núpcias com jovem de sua esfera religiosa.

Davi engoliu em seco a prerrogativa do fiador e assinou, crente de que algo poderia fazer no sentido de burlar o incômodo artigo. No entanto, escolhido o ponto, estabelecidos os parâmetros do negócio, indicado o roteiro de trabalho, feito o balanço das despesas, antes de o dinheiro vir-lhe à conta corrente, lá estava a exigência a clamar sonora para ser cumprida.

Davi, que não perdera contacto com a amiga de infância, consultando-a sempre que algo não lhe corria bem na vida, teve a inspiração de interrogá-la a respeito das juveninhas casadoiras, para que lhe apontasse quem melhor lhe poderia servir, sem exigências nem demandas no campo da sexualidade.

Sara muito estranhou que lhe fizesse semelhante pedido, especialmente por acreditá-lo poeta e livre das coerções no campo material, contudo, pesquisou na comunidade e encontrou pessoa que lhe pareceu ideal.

Ester era filha de abastada família. Não se destacara em nada na vida. Constava que nunca tivera namorado algum, que não se distraía nas festas juvenis, que vivia para os livros e as tarefas domésticas, que engordara desproporcionadamente, mercê da pouca atividade física, e que não brilhara na escola, tendo feito o possível para diplomar-se modestamente no ciclo ginásial. Se Davi queria alguém que o não molestasse, eis Ester moldada para a circunstância. Além de tudo, o dote era esplêndido e a criatura, filha única.

Afastados os pretendentes, mais ávidos pela fortuna do que pelos parques encantos da mocinha, o campo ficou livre para a figura esbelta e pálida do caro artista. Bem apessoado e excelente no trato, habilidade que adquirira junto ao mundo feminino,

mediante elevada percepção dos valores espirituais em voga no âmbito da intelectualidade, não lhe foi difícil fazer-se atraente para a juvenzinha, que não atinava como viera a constituir-se em sonho de vida para tanta sabedoria e projeção social.

Feito o trato nupcial, eis que a sinagoga se enche para o matrimônio. Calcado com delicadeza, o copo se espatifou e as promessas se selaram diante do rabino, paramentado para a cerimônia com especial brilho nas vestes, nas palavras e nos pensamentos. Afinal, a fortuna que tinha ao alcance das mãos era considerável.

A noite de núpcias revelou condição especial de aproximação dos nubentes.

Despertada para o amor admirativo ao jovem que se apresentava para a vida, Ester passou por sério regime alimentar, menos pelos cuidados dietéticos do *spa* em que se internara, mais pelo interesse em causar no esposo o *frisson* dos apaixonados. Assim, a gorda senhora se transformou em graciosa menina, de sorte que a festa nupcial íntima lhe prometia ser a concretização da felicidade.

Estranhou Davi a transformação e atemorizou-se durante o noivado. Contudo, o retrospecto da noiva permitiu-lhe ir até o fim.

Durante a viagem para a almejada lua de mel, incomodou-se com a proximidade física da esposa, mas o fato não o desagradou; ao contrário, parecia ferver-lhe o sangue com quentura inusitada.

Não podemos dizer que a *performance* do casal tenha a merecer encômios, mas, para quem estreava, estava muito bom.

No plano espiritual, Samuel esfregava as mãos de contente. Seu projeto começava a surtir efeito...

III — ISAAC REAPARECE

Nove meses após atormentada gestação, surge formosa criatura, cujo nome, depois de longa discussão, deveria ser Isaac, nome de personagem desconhecida nossa, mas de doce lembrança para Ester: o sagrado apelido do falecido avô.

Na verdade, Samuel desejava que o nome não fosse esse e instigou o neto a procurar outro, mas a vontade da mãe teve prevalência no duro matriarcado judeu, de sorte que não houve jeito: era mais um Isaac na família.

A criança, porém, longe de representar a pura lembrança do carinhoso afeto que a neta sentia pelo avô, passou a significar momentos de provação e dor, desde a mais tenra infância. Nem com o nascimento, quinze meses mais tarde, da irmãzinha Isabel, nem com o advento prematuro do terceiro, Josias, nem com a terrível e devastadora chegada do

quarto, Marcos, a mãe pôde compreender a razão de Isaac crescer em desajuste completo com o tónus familiar.

Ao nascimento do último filho, por solicitação especial do pai, o médico amarrou as trompas para que a mãe pudesse sobreviver às diversas gestações. A última criança lhe havia consumido todas as energias e, por pouco, não sucumbiu a infeliz criatura a tanta aleivosia.

Mas se Marcos, Josias e Isabel representaram preocupação e desconforto, Isaac parecia valer por todos eles e mais. De início, o casal pensou que se tratasse de má formação genética e que o pequeno fosse débil mental. Cedo, porém, viram que sua estirpe lhe estava indelevelmente registrada em todos os atos. A atrevida criatura não se contentava em atormentar os pais com choros convulsos, mas imaginava quanto artifício pudesse para promover os distúrbios mais sérios. O que menos fazia de ruim era apedrejar os vizinhos do alto prédio onde morava. Por várias vezes, a polícia precisou intervir, levando os litigiosos para a delegacia. O pai não podia deixar a porta do ateliê aberta, pois o pequeno lá ia espalhar as tintas por sobre as telas prontas, inutilizando os trabalhos. Aparelhagens eletrônicas não se mantinham intactas, dado que o feroz instrumento do diabo destruía tudo a pancadas e pontapés. Não houve psiquiatra que apontasse o caminho da cura. É certo que havia momento de doce sossego, principalmente quando o pai se punha a recitar os versos e salmos das sagradas escrituras, momento em que suave nostalgia parecia invadir a alma ao demônio. No entanto, pilhasse a biblioteca aberta, lá vinham para baixo todos os livros.

Samuel, espírito, conhecia o retrospecto da criatura e não via meio de estancar os feitos do rude instinto.

Davi, desacostumado com a vida no lar, afastava-se por longos períodos, na ânsia de reaver os aspectos perdidos da liberdade. Não consagrava à esposa mais do que alguns momentos de volúpia, o que lhe facultara a constituição da família. No entanto, a cada recaída sensorial reagia muito mal e desaparecia do convívio familiar por longo tempo. Sua sensibilidade artística não admitia a possibilidade de haver envoltórios carnis e só aceitava o puro êxtase emocional como reflexo verdadeiro da existência. Não fora a boa Sara, compreensiva e amiga, teria descambado inteiramente para o mais sublime hedonismo intelectual. Em longas tertúlias, a eterna candidata à viuvez, pois o velho marido demonstrava força e vigor insuspeitos, colocava o herói em reequilíbrio psicossomático, pronto para reinvestir na obra de sua vida.

No que respeita aos negócios, contudo, o que poderia parecer insustentável do ponto de vista psicológico, transformava-se pictoricamente em telas magníficas de cores e luzes, onde o expressionismo vivenciava a dor e o sofrimento íntimos com rara perfeição. O artista crescia em fama e em dinheiro, o que lhe possibilitou saldar, em pouco tempo, todas as dívidas, vindo a tornar-se, inclusive, o amparo a vários familiares sob risco de falências. Seu ramo de negócios prosperava ainda mais quando tudo indicava para crises econômicas catastróficas. Os que possuíam fortunas resguardavam o capital sob forma de obras artísticas e as de Davi cresciam na avaliação do mercado.

Isaac, ao atingir os oito anos de idade, revelou-se na escola o capeta que sempre fora em casa. Impedido de prosseguir na companhia dos colegas pelos impulsos extremados de violência, chegando ao ponto de ferir os amiguinhos à base de alfinetadas e

tesouradas, foi-lhe dada a oportunidade de aprender por meio de assistência direta de diversos preceptores pagos a peso de ouro.

Aos doze anos, contudo, sua personalidade deu tremenda reviravolta. Ao se deparar só no mundo, pois nenhum afeto o atingia, resolveu que o melhor era ceder à tolerância e, argumentando fortemente e prometendo ser fiel aos juramentos de bom procedimento, logrou matricular-se em escola particular, através dos competentes exames de qualificação e preparo, os quais não lhe foram em nada obstáculos para atingir o objetivo.

Na escola, chefiava grupelho de alunos que não desejavam seguir os roteiros estabelecidos pelos professores. Os colegas, por preguiça e incompetência; ele, por puro espírito de revolta. No entanto, sua preparação permitia-lhe obter bons resultados nas provas, de sorte que todos os colegas se viam ameaçados seriamente de reprovação e ele não. Tudo que faziam repercutia na disciplina geral da escola, mas sua ação era sutil e jamais se percebia quem eram os verdadeiros causadores dos distúrbios. A turbulência da criançada era absolutamente controlada por Isaac, que os mantinha presos a si através de reuniões secretas em sua residência, nos momentos que sabia não haver ninguém para atrapalhar.

Após o primeiro ano de atividades subversivas, o grupo foi obrigado a desfazer-se à vista dos péssimos resultados dos componentes. Tardamente, a orientadora educacional descobriu a rede de intrigas e os autores das malandragens, especialmente porque as crianças, pressionadas pelos pais, se viram forçadas a denunciar a liderança de Isaac.

Vergastado pelas palavras pesadas do diretor da entidade, Isaac desejou vingar-se do douto professor e, antes que fosse expulso, conseguiu quase arruinar-lhe a carreira, fazendo-o cair em armadilha com determinada aluna mais velha, que descobriu apaixonada pela figura paternal do diretor. Instaurado o competente inquérito, avaliada a responsabilidade do estafermo, foi este encaminhado para casa com a descompostura maior da exclusão definitiva.

Davi chamou o filho a duras falas. Fez-lhe ver a quebra das promessas, a falta à palavra empenhada e a necessidade de tê-lo agora mais que nunca sob a tutela de instituição rigorosa. Mas Davi esbarrou em sério problema: os internatos eram raros e professos; na qualidade de filho de família judia, a única saída era buscar alguma instituição de caráter militar. Estas, contudo, exigiam procedimento pregresso imaculado, o que impedia o pequeno marginal de ser aceito. Finalmente, acordaram pais e filho que o melhor para o peralta seria prosseguir sob a tutela de certo tio que se transferira para Israel, onde, sob o rigor de um *kibutz*, talvez o expatriado tomasse juízo.

Ao contrário do que seria de supor, a perspectiva agradou sobremodo ao petiz, que se pôs na expectativa da viagem com extremado interesse, tanto que os dois meses de aprestamentos passou dedicado à tarefa de aprender a língua hebraica, para o que manifestou dom especialíssimo.

Em três meses de dura luta ao lado do tio, tempo em que foi inscrito em escola primária na nova pátria, Isaac progrediu intensamente, a ponto de merecer transferir-se para turma mais adiantada. Ao cabo de cinco anos, durante os quais se recusara a viajar para o Brasil, viu os pais apenas três vezes e, assim mesmo, de passagem, pois não se permitia afastar-se das atividades no campo e nos estudos por razões meramente sentimentais. Não saíra ao pai nem à mãe. Era filho da natureza.

Por essa época, ensajou-lhe a guerrilha inimiga a possibilidade de entrar em contacto com as armas e tão brilhantes foram os seus feitos militares que recebeu a incumbência de aperfeiçoamento nas artes bélicas para tornar-se oficial. O fato de não ser originário do local contornou-se com facilidade e Isaac encontrou o seu destino.

Toda a pujante e incoercível agressividade de caráter se concentrou na iniciativa da guerra, de modo que, em breve, se viu guindado a posto de comando junto à infantaria. Líder por natureza, comandou diversos assaltos a posições inimigas, vindo a merecer, postumamente, a principal medalha israelense. Seu nome hoje é respeitado pelo exemplo de patriotismo e defesa dos interesses raciais na região.

Ester, agraciada com a comenda, mandou enfeixá-la em preciosa moldura com que adornou a parede principal da sala. O filho, finalmente, lhe deu algum orgulho, embora não pudesse dizer com que contribuíra para o despojamento diante do dever. Ao olhar para a medalha, chegava a vislumbrar ali a presença do avô, mas não reconhecia no filho a serenidade que o velho sempre demonstrara.

Samuel, nesse meio tempo, foi chamado para prestar contas a respeito de suas atitudes referentemente ao encaminhamento daquele jovem, que, tão cedo, retornava ao etéreo.

IV — A ENTIDADE AUSENTE

Dentre os que precisavam volver ao plano da matéria, conforme acordo selado entre Davi, Ester e os espíritos que lhes integrariam a família, estava um derradeiro que, à vista da amarração da trompa da mãe, não poderia vir à Terra de modo absolutamente regulamentar. O pai se demonstrara potente, apesar dos graves percalços, mas Ester se via totalmente impedida. Como cumprir a promessa sem ofensa a quem quer que seja?

Eis o grave problema que se punha a Samuel pelo tempo em que Isaac estava a treinar os grupos de infantaria.

A primeira providência que lhe pareceu inadiável foi reunir-se durante o sono com o casal e solicitar parecer a respeito de determinada ideia que lhe surgira. Surpreendentemente, ambos anuíram em aceitar a vinda do pequeno João, desde que se pudesse obter o alvará das demais entidades que se veriam envolvidas no *affaire*.

Tudo combinado, pôde Samuel dar curso ao projeto.

Em ensolarada tarde de verão, chega ao ateliê de Davi certa carta do jovem tenente israelense, em que narra as peripécias dos combates. Desarvorado com a crueza da

narrativa, em que o filho põe a nu a tendência ao sangue e ao extermínio, Davi corre à casa de Sara para ouvir da amiga o consolo da voz benfazeja.

Lá chegando, encontra-a a banhar-se na piscina da residência, local sossegado e discreto, onde os fâmulos só penetravam a chamado, dado o hábito de a anfitriã tomar sol desnuda. Desse encontro, único e decisivo, é que se ensejou a João tomar corpo terreno.

O velho marido bem queria um filho e tomou a si a paternidade, de modo que tudo se camuflou adequadamente para o efeito cármico. Só Davi e Sara conheceram a origem da personagem que se introduzia em nossa história, embora, em espírito, todo o grupo soubesse a procedência do pequenino ser que se formava.

Ao cabo de sete meses de difícil gestação, veio ao mundo João, assaltando as forças energéticas da idosa mãe e pondo em polvorosa a equipe médica da maternidade.

Esse chegar tumultuado parecia prometer distúrbios de maior extensão. No entanto, João acomodou-se no novo lar, sob o emalo amoroso do pai adotivo, que via no pequeno a realização afinal dos íntimos anseios de vida. Intuiu que aquele ser era o predestinado por Deus para dar-lhe as últimas satisfações.

Dois anos depois, todavia, João ficou órfão, sob a única responsabilidade de Sara. Davi era frequente durante a vida do marido da amiga. Tornou-se praticamente da casa, após a morte, de modo que, abertamente, protegia o filho, que muito se assemelhava a ele nos traços corretos e nos trejeitos psicológicos. Se, com o *pai*, João se deu bem, com Davi irmanou as aspirações e os gestos. Era outro artista com potencial imenso.

Sara cedo compreendeu a ascendência do verdadeiro pai e temeu pela segurança moral do filho, entretanto, as tentativas de afastar os dois resultaram inócuas.

Samuel, no plano espiritual, desdobrava-se para dar conta de todas as solicitações de amparo. Isabel crescera absolutamente ausente do mundo. De esplendorosa beleza, não via na humanidade senão súditos a se constituírem em tapetes sobre que desejava eternamente desfilar. Josias e Marcos davam-se extraordinariamente bem e, por isso, apresentavam para Samuel risco de incalculável monta na soma das perfídias que imaginavam. A azáfama do protetor era imensa e as lucubrações que tinha de realizar para impedir a submersão da família nos vícios ocupavam-lhe todo o tempo.

Certa ocasião, tantos eram os perigos a rondar os pupilos que convocou reunião extraordinária de todos para poder colocar certa ordem. Nada conseguiu porque os instrutores não permitiram a união da família no plano espiritual, e Samuel viu-se em palpos de aranha para impedir que a dupla fosse tragada pelo vício da cocaína. Na última hora, o máximo que alcançou foi alertar a força policial para impedir o consumo do narcótico, provocando sério abalo no instável equilíbrio familiar.

Os jovens frequentavam o terceiro ano universitário, de modo que a repercussão na faculdade foi decisiva para obrigá-los a se retirar do meio dos jovens mais honestos, caindo sob a influência direta daqueles que, experimentados nos vícios, não titubeavam no emprego dos recursos mais vis para captar compradores para a mercadoria.

Mas Samuel continuava atento e imaginou plano de contra-ataque rigoroso que sustasse de vez a atração que a droga estava exercendo sobre os bisnetos. Chamou Davi à espiritualidade e manteve com ele longa conversa noturna. Ao acordar, Davi veio com a ideia clara do que fazer: iria separar os irmãos, para facilitar o ataque às deficiências. Certo

da tendência do mais novo à gerência dos negócios, propôs-lhe a direção da galeria, em troca da mais rigorosa responsabilidade. Davi dedicar-se-ia com exclusividade à criação artística, ao mesmo tempo que poderia cuidar da educação do juvenzinho produto do arroubo extraconjugal.

Josias, só na faculdade, procurou consolo feminino, não lhe sendo difícil encontrar vários ombros em que se apoiar.

Reequilibradas as coisas, chegou do longínquo Oriente o fatídico comunicado oficial sobre o trespasse de Isaac. Longe de se verem unidos os irmãos pela tragédia familiar, tudo pareceu levá-los à separação.

Por essa época, Sara investia firme na educação do querido João, para quem almejava a carreira advocatícia, sem, contudo, forçar a tendência artística a se desfazer. Ao contrário, incentivava e intensificava as aulas, na expectativa de que o adolescente viesse a desistir dessas atividades, dada a inconstância que se nota nos indivíduos por essa idade. Mas João era firme em seu desiderato, de forma que o plano da mãe terminou não se realizando. Por outro lado, o fato só estimulou Davi a estabelecer roteiros bem precisos para o desenvolvimento do interesse artístico do filho.

João, assim, pôde dar vazão às tendências atávicas mais profundas, liberto para a vida dissoluta e protegido pela preeminência social e econômica do benfeitor. Estava pronto para a falência moral mais completa.

V — ISAAC NO ETÉREO

O violento Isaac chegou de volta da Terra envolto em brumas. Lá estava Samuel a esperar por ele após ter ouvido as preleções dos superiores. Intentara explicar-lhes que Isaac, na realidade, não era a figura do avô querido de Ester, mas o espírito daninho de oficial alemão de mesmo nome, que perseguira os judeus durante a Segunda Grande Guerra. Precisava levá-lo à honra e à glória junto ao povo que afrontara um dia, para provocar-lhe desassossego sadio, a fim de fazê-lo meditar a respeito da vida na face da Terra e da existência no etéreo. Se dera continuidade à realização é porque fora possível, e tal possibilidade só ocorrera sob a influência positiva dos planos mais elevados.

Os espíritos guardiães, contudo, não aceitaram a exposição de motivos de Samuel e determinaram que deveria acompanhar Isaac em seu despertar e em preparação para novo encarne. Aguardasse pacientemente que, por longos anos ainda, permaneceria obumbrado pelo ódio, de modo que poderia ir planejando retorno à carne da infeliz criatura de maneira

mais consentânea com as necessidades. Não se ativesse a tão só livrar-se do fardo, mas que procurasse dar cunho realmente altruísta à atividade.

Samuel considerou injustas as observações, tanto trabalho tivera para o efeito, mas calou-se para não complicar ainda mais a situação. Recordava-se da sapataria e do dinheiro que subtraía à ajuda dos necessitados e amargava intensamente a estultícia.

“Da próxima vez”, prometia de si para consigo, “irei ser bem mais prudente...”

Ao receber o espírito do tutelado, lamentou-lhe profundamente a total falta de percepção do ambiente, não havendo meio para detê-lo junto a si. Isaac comandava fictício exército, dando ordens para atacar, para matar, de modo que, em pouco tempo, realmente, congregou enorme massa de comandados, que partiram com ele para a conquista não se sabe de que invisíveis inimigos.

Samuel buscou a pedra fria da lápide para sentar-se e, com o rosto apoiado nas mãos espalmadas, chorou lágrimas de muita dor e arrependimento. Começava a compreender que a missão a si atribuída iria exigir esforço sobre-humano. Deixou-se descair sobre os joelhos e, pela primeira vez, fez brotar do coração sentida prece, em que solicitava a ajuda de seus maiores e o perdão de Deus para suas faltas.

A partir daquele instante, nunca mais se sentiria sozinho para cumprimento das tarefas. A vibração fluídica ao derredor, qual brando vento a farfalhar as árvores, parecia sussurrar-lhe aos ouvidos que tivesse fé na divina misericórdia. Tal foi o efeito dessa sensação de amparo que, ao levantar, com os olhos convulsionados pelo pranto, sentiu novo ânimo e, corajosamente, pôs-se em marcha para as terras brasileiras.

VI — SAMUEL SE ENTENDE COM MARCOS

Desde que assumiu a gerência dos negócios paternos, Marcos começou a se desviar gradativamente das responsabilidades familiares. Casado desde os vinte e nove anos, aos trinta e dois percorria os prostíbulos como juvenzinho à cata das sensações primeiras da libido.

Samuel via o desregramento em que o protegido se metia e, por mais que tentasse fazer o afilhado voltar ao caminho de casa, o máximo que conseguia eram alguns momentos de reflexão. Pensou em fazê-lo quedar por uns tempos em leito hospitalar, vítima de alguma infecção venérea, mas não lhe estava no projeto maior da vida qualquer deslize no setor da saúde naquela década. Parecia que o Alto lhe manietava as mãos.

Procedendo com extrema cautela, Samuel sondou o coração à jovem esposa mas verificou que cenas de ciúme só desencadeariam separação dolorosa, à vista da apaixonada

dedicação ao marido. Perdoar, no entanto, não estava nos planos da libertária mocinha, que bebia das águas do amor livre e da responsabilidade consciencial. De resto, não acreditava em que o marido pudesse traí-la, leal que era, ela mesma, ao trato moral que haviam feito. Se houvesse intenção de se buscar amor em outra parte, antes do feito, que o cônjuge fosse informado. Selado o acordo com muitas juras e promessas, não lhe era crível que algo pudesse fazer o marido fugir ao compromisso. Assim, a notícia das fugas ao teto conjugal seria catastrófica para o relacionamento.

Samuel imaginou estratagemas que viria a surtir efeito: tendo avaliado as amizades que o *nouveau riche* cultivava, verificou que certo distinto senhor, freguês da galeria, estava condenado irremediavelmente por mui séria anomalia provocada por abuso de caráter sexual. Os tratamentos não surtiriam efeito à vista de complicações coronárias, o que estava impresso no livro biológico de seu organismo. Tal criatura, muito séria no trato dos negócios, adquiriu a prestação certa obra caríssima, disputada, aliás, por vários frequentadores da casa. Por injunções de caráter bancário, pôde Samuel efetuar provisório desvio de três prestações consecutivas e, pelo interfone auricular, conseguiu fazer com que a verdadeira condição de saúde do devedor chegasse ao conhecimento do *marchand* de obras artísticas.

Marcos, à vista do débito restante e diante das falhas das entradas das quantias correspondentes, deslocou-se pessoalmente para a cobrança. Desculpa tinha das melhores, pois iria visitar o enfermo. Era o que almejava o arguto Samuel.

Diante da lastimável condição física do doente, Marcos sentiu forte estremecimento na espinha. Estando a sós com o amigo, pediu informações a respeito de como obtivera tal moléstia. Ao ver citada uma das casas que frequentava, apavorou-se. Amava a vida tão profundamente que a só ideia de ter de partir logo lhe esfriou os entusiasmos eróticos. Ficou tão impressionado com a situação em que se encontrava o velho senhor que, imediatamente, procedeu a todos os exames clínicos que experiente médico consultado aconselhou. Nada foi encontrado de positivo mas, ainda assim, chamou a cara esposa e, com a desculpa de que precisaria preparar-se para futura gravidez, obrigou-a a realizar o mesmo espectro de exames, para assegurar-se de que tudo corria sob a mais rigorosa higidez. De fato, o casal passara incólume pelos desatinos do filho mais novo do prezado Davi.

Por falar no pai, por essa ocasião, tendo percebido o estranho procedimento do filho em relação às atividades da organização que dirigia, uma vez que desleixara, à vista das angústias da incerteza dos resultados ainda não revelados, aproximou-se dele para restabelecer o projeto original da galeria, que estava afastada das exposições de incentivo aos artistas novos. Preparava o terreno para a apresentação ao público do *afilhado* querido, o ente mais caro ao coração.

À vista da aflição por que passava, Marcos não notou o extremado interesse com que o pai procedia em relação a investimentos que, sabia-o bem, poderiam não significar retorno algum e até mesmo certo prejuízo.

A doença, no entanto, não se revelou, a condição mental se restabeleceu e, ao voltar plenamente a atenção aos negócios, finalmente a curiosidade de Marcos a respeito das atitudes insólitas do pai ficou aguçada. Não tendo feito objeções à época mais apropriada, reservou os comentários para momento oportuno, quando tivesse argumentos

sérios a apresentar. Por isso, foi em busca do novel expositor, que bem conhecia como filho de amiga muito querida da família, mas de cujo trabalho estava totalmente alheio.

Muito se admirou ao ver o traço firme, as cores harmoniosas, os temas modernos e a crítica social bem formulada. Sentiu nas linhas, nas tonalidades e nos matizes, principalmente no jogo de luzes, a mão firme do pai, mas atribuiu o fato à insistência do velho em tomar o rapazelho como discípulo e pela facilidade e traquejo com que imprimia rapidamente ritmo próprio a qualquer tela que tivesse oportunidade de borrar. Imaginou a crítica mais perspicaz a escorraçar o pequeno por falta de originalidade e foi com tal argumento que se apresentou ao progenitor para esfriar-lhe o entusiasmo em relação à exposição em vias de preparar-se. Temia pelo bom nome da família.

Ester estava presente à reunião íntima em que se trataria do negócio, de modo que a mãe poderia oferecer a segurança de seu aviso e de sua ponderação como suporte para convencimento do pai para aguardar que o jovem artista amadurecesse.

Surpreendentemente, sem saber por que razões desconhecidas, Ester conjugou aos esforços do marido o mais veemente empenho, de sorte que o pobre Marcos saiu do encontro totalmente aturdido. O jovem João teria a galeria e a mostra garantidas.

De início, Marcos só via na criança genial, protegido apaniguado por inteligência e talento. A reação dos pais, contudo, fê-lo advertir para o traço semelhante, não das telas, que confundira com plágio ou com ajuda indevida, mas dos rostos. Observando atentamente o rapazelho, verificou estarem ali impressas na fisionomia as características inconfundíveis de sua família. Desconfiou de que se tratava de um irmão e, juntando os fatos, a evidência pareceu-lhe flagrante. Adquiriu certeza, finalmente, quando, ao pesquisar junto ao corpo médico que atendia a família de Sara, encontrou cópia de resultado de exame do espectro espermático do marido, que denunciava impossibilidade de procriação. Estranhamente, observou que a data do laudo médico coincidia com a da morte do paciente. Que desconfiança havia surgido na mente de quem, para se determinar o procedimento clínico? Eis o mistério que se formou para a mente esperta do atilado comerciante.

Dono do segredo, a primeira atitude seria chamar o pai às falas, para derrotá-lo de vez na questão da *vernissage*. Contudo, não queria conturbá-lo a ponto de ver prejudicada sua condição de gerente do estabelecimento, com direito a herança. Agiria prudentemente.

Mas Samuel estava atento para o desenvolvimento das investigações. Prevendo o próximo funesto lance nesse tabuleiro complexo da vida e temendo ver irremediavelmente perdido o trabalho de aproximação do filho ao pai, ao mesmo tempo em que afastava o inteligente rapaz da rota do vício, temeroso de receber outro *não* peremptório à intenção de reunir de novo as entidades durante o sono, correu a consultar os superiores, para ouvir deles a anuência à sua pretensão ou o conselho que lhe possibilitasse cuidar proficientemente da situação.

Permissão para encontro das personagens encarnadas não obteve, mas foi instruído a que se aproximasse do bisneto durante a vigília, para sugerir-lhe que fizesse prévia da mostra, levando alguns críticos e conhecedores de arte a visitarem com primazia as obras que seriam expostas. Certamente, a distinção do convite particular e a oportunidade de avaliação antecipada do evento lhe poderiam estabelecer padrão de comportamento diante do drama maior: a eventualidade de fracasso financeiro e de *débauche* moral.

Acalentada a intuição como ideia própria, Marcos viu na saída encontrada a tábua de salvação. Deixaria o tema familiar para decidir depois. Consultados os críticos, ouvidos os amigos mais chegados e estabelecido o contacto com os compradores mais fiéis, Marcos foi obrigado a reconhecer que o irmão iria decalcar a sua na carreira do pai, inequivocamente. O fato de se reservarem todos os quadros da exposição previamente e a crítica ter sido absolutamente favorável, fê-lo adiar definitivamente a intenção de bloquear o desejo do pai de realizar aquela ou outras mostras de artistas novos. Marcos poderia até entender de negócios, obtendo preços incríveis para obras medíocres, mas de arte, verdadeiramente, Davi era o mestre.

Entretanto, restava resolver o problema familiar. Se o pai prosseguisse dando atenção cada vez mais pronunciada ao pequeno artista, iria desestabilizar de vez o lar que precariamente ainda exigia dele certas determinações, principalmente em função da mãe e da irmã. Assim pensava sem muita convicção, tendo em vista Isabel ter passado dos trinta e cinco anos e a mãe estar acomodada nos cento e trinta quilos. Algo, no entanto, lhe pesava na consciência como que resquício de honestidade ou de amor-próprio, ou certa vontade oculta de desforra por algo que o pai parecia ter-lhe feito com a descoberta daquele irmão comorço. Era preciso que obtivesse, de qualquer modo, certa ascensão sobre o pai, para fazer valer a sua presença. Por último, lembrou-se de que, com João, deixava de ser o caçula e essa foi a pequenina gota d'água que o fez decidir-se pela afronta.

O que menos Samuel desejava nesta altura dos acontecimentos era ver a família surpreendida por qualquer escândalo que pudesse maculá-la social e moralmente. Consultados os maiores, finalmente obteve deles permissão para o ansiado encontro com o afilhado no plano espiritual.

Samuel avaliou todos os pontos da delicada questão e se decidiu por abrir o jogo totalmente. Certamente, o bisneto agia sob impulsos conscienciais de caráter desconhecido para a atual condição de encarnado. Era preciso despertá-lo para as verdadeiras razões de seus atos, mesmo que fugidamente, no âmbito da espiritualidade, com pouca chance de repercussões na análise da vida que, como encarnado, Marcos seria levado a realizar, tendo em vista as impressões que lhe sobriariam no inconsciente. Se Deus estivesse com ele, quem poderia estar contra? Samuel, antes, portanto, de estabelecer o contacto, resolveu orar com muita fé, solicitando ajuda dos guias e protetores, para que sua missão pudesse significar algo para a evolução daquelas almas que estavam sob sua responsabilidade.

Na noite do encontro, foi preciso que Samuel procedesse à implantação de suave dor de estômago no afilhado, para impedi-lo de consumir bebida alcoólica, cujos eflúvios perturbariam extraordinariamente a fixação dos conceitos na intimidade da consciência. A leve doença teria outro objetivo, qual seja o de tornar a mente do assistido mais impressionável e, portanto, mais favorável ao acesso das ideias que iria implantar.

Com muito tato, Samuel abordou o espírito de Marcos no etéreo, apresentando-se como seu anjo protetor. Para o efeito, obteve de diversos amigos certa luminosidade áurica, de modo que Marcos se sentiu seguro da importância da figura que com ele contactava.

Em longa exposição, Samuel foi revelando todos os passos dados pelo protegido, demonstrando muita afabilidade e respeito, para adquirir a confiança necessária aos seus

propósitos. Quando foi preciso ser duro e enérgico, foi, na medida da compreensão daquele espírito que, no etéreo, demonstrava nuanças de cores que iam do vermelho esmaecido e opaco ao marrom tendente ao negro. Revelou a boa fortuna de ter encarnado naquela família e alguns atos pregressos que lhe eram possíveis recordar por influxo energético especial propiciado por invisíveis entidades. Finalmente, deu-lhe a conhecer o fato de terem sido adversários políticos, pai e filho, em anterior encarnação, durante a qual Davi espoliou Marcos de todos os haveres, obtendo como troco severa perseguição no plano espiritual. Que Marcos pudesse recordar-se de que o presente encarne visava à união de ambos, de forma a se verem apagados da memória os antigos débitos. Avaliasse a atitude de proteção de Davi e levasse na devida conta todas as dores de cabeça que tivera por causa das estripulias do filho na primeira juventude. Por último, recomendou-lhe que se dirigisse ao templo para ouvir as pregações dos rabinos, com o que há muito estava em falta.

Ao acordar na manhã seguinte, Marcos lembrava-se de ter sonhado com sinagogas, mesquitas e catedrais. Parecia-lhe que padres, rabinos, pastores e oficiantes lhe verberavam o procedimento que mantivera algum tempo atrás. Assustou-se pela possibilidade de ter falado durante o sono e determinou-se a oferecer preces de agradecimento pela melhora física na primeira oportunidade.

De fato, no sábado seguinte, inusitadamente, o pai veio buscá-lo para certas cerimônias na sinagoga, que havia esquecido totalmente de assinalar. Era o *Bar Mitzvah* de João.

Durante todo o evento, mais social que religioso, Marcos ficou observando a ternura do olhar do pai em relação ao jovenzinho que se destacava entre os demais pela beleza e delicadeza dos traços. Lembrou-se do sonho e das aventuras extraconjugais e ali, diante do altar, do candelabro e da Torá, e perante Deus, prometeu, no fundo da alma, que sepultaria a pérfida intenção de acusar o pai. Vinha-lhe ao encontro a primeira criatura fruto dos amores domésticos.

Samuel, na primeira linha de cadeiras, orava e chorava lágrimas da mais pura emoção.

VII — A CHEGADA DE RUTE

Ananias havia previsto, no plano espiritual, que Samuel iria fracassar em todos os misteres em que se envolveria de início. Por isso, pleiteou junto aos maiores que destinassem alguém para secundá-lo nas tarefas de bem orientar o pobre instrutor.

É preciso dizer-se que Ananias era o mentor e guia de Samuel, a quem cabia a responsabilidade de amparar na caminhada redentora.

Sendo de bom aviso, a solicitação foi atendida, para o que se enviou a Rute, espírito de muito amor e perfeição, que desejava reingressar na esteira do bem a ser praticado junto à esfera terrestre. Queria aumentar seu índice de benemerências, para o que iria em busca de mais alguns bônus no âmbito da boa vontade e da caridade.

Inteirada das ocorrências no seio da família de Davi, providenciou desde logo que Isabel pudesse lograr algumas vitórias sobre o mal, uma vez que Samuel pouca atenção dera à jovem senhora ou velha senhorita, conforme o prisma sob que fosse apreciada. Após minucioso estudo de seu retrospecto cármico, concluiu que deveria intentar a sorte na maternidade, mesmo que à custa de penosos sacrifícios.

Mas Rute não poderia atuar sozinha, senão com o concurso de Samuel, responsável direto pelos eventos em favor do crescimento moral de todos. Sendo assim, identificou-se perante o mentor familiar e determinou-lhe que envidasse esforços no sentido de concretizar os objetivos colimados.

Samuel não via com bons olhos a interferência dessa assessora inesperada e intentou argumentar contrariamente à propositura, defendendo a tese de que Isabel se daria melhor na criação e educação de alguma entidade chegada aos seus cuidados por meio da ajuda de outras mulheres mais aptas para a maternidade.

Diante, contudo, da exposição da folha de compromissos da encarnada, onde constava, de modo expresso, que deveria dar guarida em seu seio materno a três criaturas endividadas, cedeu e partiu para a organização de plano específico.

Em suas lucubrações, Samuel não via possibilidade de casamento, pelo menos dentro dos acanhados padrões da raça. Se pudesse influenciar, iria conduzir à esfera da convivência de Isabel algum senhor desapegado de qualquer religião oficial, o que poderia até constituir-se para ele em meio de aproximação do Criador. Mas as pesquisas apontavam, irremediavelmente, para jovem de apenas vinte e cinco anos, dez menos que a pupila. Seria este relacionamento absolutamente difícil e conturbado. Nessas excogitações, deixou transcorrer um ano inteiro, de modo que o tempo de que dispunha para três partos estava imensamente reduzido.

Pôs-se, então, a campo para ver se havia possibilidade de trigêmeos. Como Isabel, desde há muito, regulava a menstruação através de pílulas anticoncepcionais, não só para não engravidar mas, principalmente, para tornar previsíveis os fluxos, viu no fato Samuel a possibilidade de interferir nos aspectos fisiológicos envolvidos e realizar o seu objetivo. Mas Isabel precisava aceder à gestação e à maternidade e esse parecia ser obstáculo difícil de contornar.

Samuel, neste ponto, convidou Rute para observação *in loco* da problemática da consecução do plano. Esta, entretanto, incitou-o a que mantivesse acesa a chama da esperança e que conservasse a fé e a confiança em que Deus é pai misericordioso, mesmo quando os indícios contrariam as expectativas. Que Samuel se limitasse a obter do jovem destinado à paternidade a aquiescência formal para o evento. Que essa declaração fosse explícita e rigorosamente fiel às expectativas consignadas em sua folha de serviços no orbe, durante o presente encarne.

Na saída do clube onde ia *malhar* diariamente, Isabel trocava olhares com jovem gerente de firma de representações que trabalhava no lado oposto da rua. Tais insistentes olhares estimularam a aproximação dos dois.

A revelação do caráter de Carlos nos conduziria para rumos insertos na conceituação psicológica das características da alma dos encarnados. Digamos que tivera infância desvalida e que lhe faltaram os carinhos maternos, apesar de a mãe estar ali bem viva e atuante na família, que conduzia com mão de ferro. Por isso, gostava de mulheres mais velhas, para buscar em seus regaços o conforto dos seios maternos que lhe foram negados. E Isabel tinha-os fartos e belos.

Após breves contactos formais, a experiente moça viu na expressão admirativa do rapaz a capacitação do amor e, examinando a própria vida e o esforço que fazia para se manter esbelta e bonita, considerou que, nessa idade, o casamento com jovem de tanto futuro poderia representar o seguro previdencial para um restante de vida absolutamente tranquilo. Fez os cálculos das idades, desconsiderou a diferença como significativa e se viu, aos setenta anos, ao lado da figura atlética de um senhor de sessenta.

Isso prometeu de si para consigo mesma. No entanto, ao sondar as possibilidades do enlace matrimonial, esbarrou com séria oposição da terrível matrona que vigiava indócil as investidas amorosas do filho, sempre disposto a se aproximar de mulheres mais velhas.

Quando se encontraram, conheceram-se e a mãe farejou logo que a moça viera com a intenção de ficar. Chamou o filho à parte e disse-lhe, ex-abrupto, que se desfizesse do relacionamento.

Carlos, diante da intransigência materna, correu para Isabel, para o conforto e a compreensão da pessoa querida. Esta o recebeu com extremo carinho e, espírito prático, expôs à minúcia seu planejamento de vida, de modo sincero e leal.

— Se você me der filhos, — disse-lhe o jovem —, serão o fruto do nosso amor.

Assim se encomendaram três frutos de uma só vez, sem que o casal se apercebesse do fato. Dinheiro não seria obstáculo, pois Isabel era dona de várias propriedades e sua renda seria bem elevada, principalmente pela expectativa da participação na herança dos pais.

Escondeu o quanto pôde a gravidez, junto à família, até que, por viva voz, declarou à mãe e ao pai que iria constituir família, mudando-se para confortável apartamento que fizera desocupar pelos inquilinos e que mobiliara secretamente.

Assim, de um dia para outro, ei-la instalada ao lado do jovem, que, por razões sentimentais evidentes, decidiu firmar socialmente o compromisso, enlevado pelo amor que lhe abria as portas à felicidade.

Em bela tarde primaveril, a noiva, em discreto vestido de organdi de seda, trazendo casto ramallete de rosas também brancas, mal disfarçando as emoções daquela circunstância insólita, com o ventre demonstrando de maneira inequívoca a presença dos que ingressavam na vida, recebeu do parceiro inebriado pela paixão a aliança que selava, definitivamente, o seu relacionamento diante do juiz de paz.

Orgulhosamente, a mãe de Carlos não compareceu à cerimônia civil, mas lá se encontravam os pais, os irmãos e demais familiares de Isabel, como testemunhas mui felizes daquela união. Mais tarde, a sinagoga abriria a porta lateral para íntima cerimônia

religiosa, de modo que, para Isabel, Carlos quebrou a taça, na esperança de sorver dos olhos da esposa e da existência o cálido licor da vida.

Seis meses depois, após tumultuada gestação, aportavam as três criaturas prognosticadas pelo Alto para fazerem parte das preocupações de Samuel, o qual, chamado por Ananias, ao lado de Rute, ouviu dele as mais efusivas congratulações pelo bem sucedido planejamento. Incompreensivelmente, Rute recebeu também vários encômios, tendo acrescentado ao ativo diversos bônus. Samuel estranhou mas calou-se na expectativa de que os pensamentos fossem lidos e alguma explicação dada. Mas Ananias limitou-se a dizer:

— Não se preocupe, bom amigo. Se os netos de Davi lhe derem muito trabalho, Rute irá auxiliá-lo, de modo eficaz, a resolver os problemas supervenientes. Por ora, dedique-se a Josias, que está à beira de sério deslize. Vá com Deus e ore muito para que se lhe faça a luz da compreensão dos mistérios que encobrem os feitos do Pai. Vá com Deus!

Samuel desconhecia que Josias corria qualquer risco. Viu-o sorridente e amável para com todos na festa que se seguiu ao casamento. Encontrou-o amigo de todos por ocasião da *délivrance* dos trigêmeos, distribuindo sorrisos e charutos a quantos foram levar as congratulações à mãe e felicitações ao pai. Registrou-lhe inclusive a intenção de ser o porta-voz da boa nova junto à sogra da irmã, para intentar, através da notícia dos netos, fazê-la compreender que a vida tivera curso natural e que era necessário amparar afetivamente o casal e dar-lhe recursos emocionais condizentes com a tarefa imensa de criar três pequeninos ao mesmo tempo.

Registrou a intenção, verificou a boa vontade mas notou que o ímpeto feneceu assim que percebeu que um dos irmãos do jovem pai lhe trazia curto lembrete da mãe, oferecendo-lhe evasivamente seus cuidados, se viesse a deles precisar. Friamente, mandava dizer ao filho que o amava e que o guardava no coração, e tanto gelo acabou por esfriar-lhe o ânimo.

Josias, portanto, hesitava nas atitudes de amor e caridade. Conhecia o bem e sabia o caminho para atingi-lo, mas não se dispunha a pôr-se em ação. Que lhe acontecera para transformar-se em ser de tanta pusilanimidade, quando, dos quatro irmãos, era o que mais equilíbrio demonstrara desde os tempos da faculdade, quando se enamorara pela colega com quem viera a casar-se e de quem tivera três belos filhos? Que ocorrera no âmbito da consciência desse pai extremado e carinhoso marido, para levá-lo a titubeios e indecisões que, em outra época, não demonstraria?

Eis os problemas que se punham à consideração de Samuel, que não hesitou em ir a campo para as investigações.

“Se cada efeito tem sua causa”, pensava ele, “não será difícil de descobrir o que fez Josias desviar-se do habitual padrão. Vamos percorrer-lhe a vida, consultando inicialmente os registros cármicos à disposição.”

E lá partiu o instrutor, esquecido já dos problemas relativos à sua ciumeira e disposto a desdobrar-se para reencaminhar o discípulo à senda do bem, na realização maior de seus objetivos de vida.

VIII — O CASO JOSIAS

Samuel precisava agir rápido para não permitir ao espírito volúvel do protegido buscar refúgio em amores clandestinos. Era esse o problema que via assoberbar o querido amigo, dentre todos o que de mais perto lhe aflagava o coração. Conhecia-lhe a esperteza na tribuna de acusação e sabia que sua palavra junto ao poder judiciário pesava com força de lei.

Josias, por seu turno, hábil com o verbo, não conseguia dominar o coração. Não aceitando para si o cerceamento da liberdade que propugnava para os criminosos, pois se via calceta a mourejar diuturnamente sobre frias lápides que iriam enfeitar sepulturas, acabou por conceber a inutilidade de sua vida. Queria ser autêntico diante de si mesmo; não contraditório e fugaz. Sua argumentação estava pesando fortemente contra todos os seus objetivos de realização na carne. Fora defensor dos oprimidos e estaria bem, mas, na qualidade de acusador, seu dedo acabou por apontar definitivamente na direção da consciência. Precisava resolver o impasse ou desistiria de tudo.

Em casa, a esposa, submissa e dócil, passou a desconfiar das estranhas e inusitadas atitudes do marido, que se fechava no gabinete de trabalho para *estudar seus casos* e que, na realidade, via dali sair tropeçando e dando murros no ar, altas horas da madrugada. Sabia do espírito de justiça que presidia todos os atos do consorte e temia por sua segurança psicológica, a ponto de recorrer às irmãs para orientação e encaminhamento das providências.

Ernestina não era judia. Fora ela quem conquistara o coração ao estudante e lhe dera três maravilhosas criaturas como filhos de seu amor. As crianças eram verdadeiros bons-bocados e cresciam em formosura e sabedoria de modo irrepreensível. Josias não podia pedir nada mais. Transferira-se ela para o judaísmo militante e se considerava uma igual, apesar do sangue português e católico que lhe corria pelas veias. Unia Jesus a Moisés com precisão espiritista, extraindo de sua concepção moral a mais séria lição para bem viver. Moisés lhe falava dos deveres e obrigações; Jesus lhe lembrava o perdão e o amor; e o espiritismo, que curtia no silêncio das leituras, lhe acendia a fé e a confiança no futuro de luz junto ao Pai. A par desse sincretismo vivo da religiosidade mais candente, exercia rigoroso domínio da matéria, de modo que seu raciocinar sobre o mundo era positivo e leal.

Se Josias fora apaniguado pelo destino com tão adoráveis rebentos, não poderia jamais queixar-se da faceirice e dedicada harmonia conjugal que lhe eram proporcionadas pela esposa. Talvez pudesse estranhar o extraordinário senso prático da mulher, que tudo via com agudeza de espírito, não deixando passar facécia, sem a observação concernente

ao defeito incluso, para o efeito da comicidade. Mas para promotor público tal perspicácia só poderia vir em ajuda nos momentos mais importantes da decisão da melhor e mais correta atitude a tomar diante dos criminosos sob sua acusação e responsabilidade. Enfim, Ernestina poderia ser a alavanca para soerguer aquele rochedo prestes a despencar.

No momento mesmo da exposição das ocorrências domésticas às irmãs, Samuel estava presente para insuflar-lhes nas mentes a ideia da recomendação de consulta a profissional da área da psiquiatria médica. Nem precisava trabalhar nesse sentido, pois duas das três senhoras consultadas, profissionalmente, dedicavam-se a diferentes áreas do tratamento da saúde mental.

Assim, Ernestina viu-se na situação de ter de levar o marido a decidir-se por tratamento psicológico adequado. Gato escaudado por ter notícia do escândalo familiar que envolvera o pai, Josias recebeu mal o aconselhamento da esposa, que, por mais veemência aplicasse no elaborado discurso, não conseguiu suplantar o sólido arrazoado improvisado pelo marido. No entanto, a semente estava plantada e a inteligência do advogado passaria a trabalhar nas razões e argumentos da parte contrária, nem que fosse para simples refutação. Não contava, porém, o jovem senhor com a insuflação na mente de claras intuições por intermédio do protetor familiar.

Nesse aspecto, foi de ponderável ajuda a convicção espírita de Ernestina, que, sabendo da existência, no plano espiritual, dos guias e dos protetores, solicitou, em ardentes orações, que se destacasse alguém para auxiliar o marido a debelar o mal que o vinha fazendo sofrer. Pedia também pelo afastamento de possíveis obsessores, pois julgava que alguma influência perniciosa havia, para propiciar desequilíbrio tão pronunciado em caráter sempre afável e solícito nos limites do companheirismo e da paternidade. Imaginava que a misericórdia divina não demoraria a se pronunciar e, por isso, não se desesperou com a resposta absolutamente peremptória do marido.

De fato, as intuições da jovem senhora estavam corretíssimas. Quando Samuel se aproximou para o efeito da ligação perispirítica para a insuflação por via mediúnico-intuitiva da necessidade de Josias providenciar tratamento adequado, encontrou os canais de comunicação obstruídos por entidade malévola, que se comprazia em inspirar ao jurista as ideias desencontradas que estavam a fustigá-lo. Ao aproximar-se para provocar a separação, percebeu que a entidade obsessora estava comodamente instalada por obra e graça de dócil permissão do obsidiado. Pareciam velhos amigos. Aliás, no momento de sua chegada, durante tertúlia alucinatória, a entidade dominadora, surpreendida, ao invés de se afastar e de se ocultar, como viera desde sempre fazendo, à vista do estado de perturbação da vítima, resolveu enfrentar o adventício, que conseguiu rechaçar com simples gesto de repulsão.

Samuel estremeceu diante do poderio magnético da entidade e de pronto recorreu à ajuda dos maiores, Rute à frente, para o trabalho de dominação e doutrinação. Evidentemente, não afeito a esses eventos socorristas, Samuel desconhecia os procedimentos preparatórios para afastamento e educação, se possível, da entidade obsessora. Mas o povo que se lhe fez visível chegou preparado para penoso trabalho de esclarecimento.

Dado o retrospecto de Josias oferecer sagrados pontos de apoio no campo da moralidade, foi possível ao grupo despertá-lo para a realidade ambiente, fazendo-o

interessar-se por caso que acabava de lhe chegar às mãos. Por meio de poderoso influxo vibratório, conseguiram que, no seu desvario, derrubasse o processo, tendo-se destacado página em que fotos anexadas ao laudo pericial denunciavam a violência com que o criminoso havia abatido a vítima. Tanto poder de destruição fez com que a imaginação o levasse à condição, sucessivamente, de vítima e de algoz.

Ao mesmo tempo que se estabelecia o relacionamento da mente e do coração de Josias para a notícia do processo, fato que o desligava da influência prejudicial do etéreo, foi incrementado o plano de abordagem da entidade intrometida.

Seria de interesse reproduzir agora o diálogo que se estabeleceu, entretanto, para economia da longa história, devemos simplesmente afirmar que foi possível curvar a cerviz ao imponente agressor, mediante demonstração inequívoca de que todas as suas intenções eram conhecidas, bem como da demonstração de poderio dos defensores, que se fizeram conhecer por meio de controladas e bem administradas rajadas de ondas magnéticas, capazes de fazer estremecer o íntimo do pobre obsessivo.

O caso que envolvia ambas as criaturas ocorrera em encarne precedente, quando os litigantes se defrontaram no exercício profissional da magistratura. Constava que Josias determinara a avaliação de diversos julgamentos do desafeto, acabando por envolvê-lo em maliciosas situações de suborno e de enfraquecimento de penas. O final dos acontecimentos era impreciso, mas percebia-se que o agressor não ficara nada satisfeito com os atos de vingança que intentara em vida e jurara desforra posterior.

Eis que seu plano se vê frustrado.

De repente, irrompem no ambiente magotes de espíritos sofredores à cata do infeliz juiz. Foi impossível ao grupo de auxiliares de Rute conter a fúria do assalto, evidentemente programado por antigos desafetos da entidade apanhada com as guardas abaixadas. A luta que se desenrolou deixou Samuel estupefato.

Tudo, subitamente, terminou, sem que se tivesse percebido qualquer intervenção de entidades de nível superior. Na realidade, a turbamulta desapareceu em busca de refúgio, dada certa visão aterradora que lhe foi impressa na mente, sem que Samuel tivesse tido conhecimento do fato.

Da refrega, restou um juiz corrupto caído, sem forças para soerguer-se. O grupo que manipulava a área de atenção de Josias pôde afastar-se de sua atividade, dedicando-se ao amparo da infeliz criatura vitimada pelos sofredores. Desse modo, pôde-se encaminhá-lo para instituição hospitalar situada nas proximidades, ficando Samuel encarregado de acompanhar os desdobramentos do caso Josias.

Crente de que a tarefa estaria facilitada pelo afastamento da perniciosa entidade, Samuel pôs-se a comandar a infiltração fluídica necessária para captar a atenção do socorrido, a fim de propiciar-lhe eficaz mentalização de recursos para superação do estado de morbidez psicológica.

Diante do processo, Josias pôde avaliar as consequências dos atos de desamor e de loucura. Cotejou fase a fase do desenvolvimento do relato policial, fruto de acurada investigação, com o seu envolvimento com as ideias de subserviência e inutilidade vivencial. Nos escritos sob suas vistas, a vítima era marido turbulento, que mantivera a esposa reclusa em casa por mais de vinte anos, ao cabo dos quais foi abatido com machadadas na base do crânio, enquanto dormia. Pensou em todo o sofrimento da vítima

na culminância da dor pelo dilaceramento dos tecidos ósseos e cartilagosos. Ponderou depois as razões que levaram a infeliz criminosa a tomar a extremada decisão de apagar a vida ao marido. Examinou as cópias de inúmeros boletins de ocorrência em que a esposa o acusava de vexames e agressões. Juntou os fatos e concluiu pela absolvição da ré. Não poderia fazê-lo efetivamente, mas, no íntimo, via no ato a suprema conjugação do desespero e do sofrimento, que, por antecipação, cominara a pena moral que fora imposta à assassina. Não era criminosa; era uma pessoa que se despojara de tudo para livrar-se dos horrores da vida que vivia. Lembrou-se do irmão a combater nos campos do Oriente em favor de seu povo. Lembrou-se do nazismo. Voltou a memória para a história do povo de Israel. Viu o sofrimento da raça fortemente inculcado em sua psique e compreendeu a vingança como natural no ser oprimido. Resolveu lutar.

Samuel, quase desfalecendo pelo esforço da sustentação magnética para que a linha de pensamentos do pupilo se voltasse para a sábia decisão de procurar aconselhamento especializado, deixava correr lágrimas de muita comiseração pelas falsas interpretações que percebia formarem, no perispírito do amigo, nódoas negras e perigosas. No entanto, deixou-o extravasar o seu desajustamento, pois sabia que, dando tempo ao tempo, Josias iria voltar a perلustrar o caminho do bem e do amor. Não sabia se conseguiria chegar ao ponto do perdão, mas não hesitava em imaginar que, para atingir esse nível de perfeição, poderia contar com Ernestina e os doces filhos do casal.

Sem que tivesse percebido, foram naquele dia consignados em sua ficha alguns bônus pelo mérito do desempenho. Ficasse tranquilo, bom amigo, anotava lá no Alto o excelente Ananias, os seus progressos também estavam sendo assistidos.

IX — OS VOLTEIOS DE JOÃO

Por ocasião do ingresso do caçula na Faculdade de Comunicações Sociais, onde iria frequentar as aulas no setor de Teatro e Dramaturgia, Davi teve a infelicidade de ver partirem para o além as duas mulheres a quem, verdadeiramente, se afeioara na vida. Ester foi a primeira, vitimada por infarto do miocárdio. Mal súbito, partiu repentinamente, saindo da vida do companheiro da mesma forma pela qual havia entrado. Sara seguiu-la-ia após dois meses, quando Davi se aprestava para oficializar seu relacionamento, mesmo que fosse tão só para justificar a figura do filho diante da sociedade, pois não fazia nada para conter os ímpetos de proteção ao querido fruto do clandestino e puro amor pela entidade que o trouxera enfeitado pela vida afora.

João, ao impacto da perda da mãe, ainda mais se aconchegou ao pai, que, desde há muito, se revelara a ele na intimidade das confabulações.

Samuel havia procedido para que o pai assumisse o filho, principalmente porque sabia que era compromisso anterior ao encarne. Davi o fizera por puro amor. Sara havia imposto que a verdade do desvario de um único desejo fosse evidenciada, para que o filho não viesse a conturbar a visão moral do mundo a partir do desregramento dos pais. De resto, o procedimento de ambos era translúcido, de modo que jamais alguém poderia levantar sequer a hipótese de que o marido de Ester lhe estivesse sendo infiel.

Por outro lado, não interessava a ninguém mais o que o artista de tanta nomeada pudesse estar fazendo da vida afetiva. Mas Davi era cuidadoso ao extremo, não tendo jamais se dedicado à pintura de modelos vivos, sem que pessoas de sua intimidade se postassem de forma a comprovar que o relacionamento que mantinha em tais circunstâncias era puramente profissional. Desde que fora há tempos acusado de conduta irregular, nunca mais se deixou envolver por algo que manifestasse qualquer desvio de sua parte.

Houve época em que mexericos tentaram induzir a voz do povo a declarar o afilhado como algo além de pupilo mui querido, mas a aceitação da criatura da parte de Ester e a união fraternal que se estabeleceu com os filhos do casal fizeram com que se calasse a boca ao povo.

João tinha assim garantida, por ocasião do trespasse materno, a plena proteção do pai.

Durante os anos universitários, a sua vida de artista passou por significativas alterações. Necessitando conviver com mentalidades diferentes da sua, percebeu que sua visão do mundo se encontrava distorcida pelas ambições poéticas do pai, instrutor e amigo, mas dominador pela pior forma: a da persuasão afetiva. Dentro dos cursos do educandário, desenvolveu conceito filosófico da existência alienado da cultura judaica, da qual, na verdade, não tinha perfeito conhecimento.

Educara-se em colégios onde aprendera o hebraico e as bases doutrinárias da fé israelita, mas, em casa, além das tradicionais comemorações cíclicas, não obteve maior orientação, estando a mãe preocupada em dar vazão aos instintos filosóficos na configuração da vida sublimada dos apetites materiais. Era Sara o real anjo divino que Davi sempre respeitara. Passou pela vida como entidade etérea e deixou indelevelmente registrada no filho a marca da independência e da liberdade.

Davi exercera sobre o caráter do jovem vigilância estética e moral apoiada na pronunciada veia artística do rapazelho, a qual estimulou desde cedo pela fama de frequentes e bem sucedidas mostras, de modo que o trabalho se fizera o companheiro mais assíduo do pequeno herói até aquela incursão pelo *campus* acadêmico.

Ao influxo, portanto, das realidades psicológicas à disposição no mundo mais amplo da universidade, pôde João ir despertando a atenção para o aparato filosófico materialista que embasa ideologicamente a realização artística moderna. Notou o prisma da visão paradigmática dos teatrólogos que aspiram a que o mundo aja segundo o seus conceitos e rejeitou, *in limine*, a influência direta dos vanguardistas. Se tivesse de engajar-se em qualquer linha de pensamento oficializada e cristalizada pelas obras consagradas do

público, manteria o pulso firme na condução de sua própria parelha de ginetes, na corrida pela ideiação de sua obra.

Mas não se contentou com a só manutenção do ponto de vista que se refletia nos quadros mais recentes. Rejeitou sua visão da vida como fruto da realidade social em que se inseria e, sob o embalo de pensamento próprio, exigiu do pai que lhe abrisse os cofres em que se encerrava a riqueza de que era tutor, para afastar-se da trilha estabelecida pelos pais.

Desejava ir ao Velho Mundo para respirar os ares da vida sob diferente clima cultural. A luta social que deixava transparecer nos quadros parecia-lhe significar visão de pura horizontalidade. Se era rico e feliz, se possuía todos os recursos, não desejava deixar-se contaminar mais pela miséria que os quadros reproduziam. O país pareceu-lhe um cancro imenso, em que, ferida aberta à contemplação do mundo, se locupletavam uns poucos vermes a sugar as energias e a explorar o trabalho do povo sofrido. Essa hipocrisia João não desejou mais vivenciar e, por isso, iria realizar vida de profunda coerência em outras plagas. A história do irmão herói da guerra na Palestina lhe aparecia como a rota declarada para encaminhamento de sua nave. Partiria sem retorno.

Davi, sensível à exposição do filho, conquanto temeroso pela sorte do adolescente (João mal havia completado vinte e um anos), resolveu dar-lhe a oportunidade solicitada. Fez ainda mais: propôs-se a acompanhar o jovem a seu destino, providenciando-lhe instalação condigna na cidade em que lhe aprouvesse fixar-se.

João não gostou dessa iniciativa do pai mas considerou que só poderia lucrar com a experiência do velho no trato social, acedendo-lhe ao desejo, cômico que estava de que o pai não poderia afastar-se por muito tempo dos negócios que o prendiam no solo pátrio. Supôs que os temas de suas obras pudessem reter o velho artista junto à sua gente, de modo que não se preocupou com o fato de ter de sofrer-lhe a companhia por algum tempo. Ao se pilhar sozinho, veria o que poderia fazer para justificar a pretensão à independência.

De fato, três meses durou a convivência do pai com o filho na mansão que o velho adquiriu para a instalação do *fedelho*, como carinhosamente o chamava.

A casa era ampla e confortável e tinha acomodações suficientes para abrigar várias famílias, mas que serviram para acolher as telas, a biblioteca, a discoteca e demais petrechos que o rapaz fez questão de montar para poder viver da maneira que melhor lhe aprouvesse. Inteligente e honesto quanto aos propósitos, enfronhou-se na moderna representação gráfica *holística* e desencadeou no grupo universitário que, de imediato, se uniu a ele largo interesse pela realização artística mais avançada nas técnicas da computação gráfica. Os amigos interessavam-se pela aplicação comercial e industrial da moderna eletrônica. João via no desenvolvimento tecnológico o desenvolvimento filosófico mais significativo da humanidade. Os colegas viam o homem crescendo em habilidades para oferecer aos povos meios de sobrevivência e de domínio da matéria. João via na ciência a sustentação da arte e do pensamento e o ponto de apoio para o homem compenetrar-se de seu devir.

Na França, permaneceria por doze anos, na companhia de parceiros de vida que lhe davam a felicidade da compreensão da realidade e da existência. Puro de coração, de hábitos morais imaculados, reproduzia em masculino o que mãe personificara como

mulher. Mas Sara era reservada e irrequieta somente no que se projetasse de fora para dentro do intelecto. João era todo movimento, análise e crítica, no que concernia à própria realização artística. A mãe introjetara o conhecimento da vida. João exprimia com sublimada inspiração os conceitos mais abstratos de sua visão filosófica da existência. A mãe buscara o conhecimento de si mesma no interior da consciência. João envidava todos os esforços para tornar a consciência o objeto mesmo de sua obra, que refletiria a consciência universal. A genialidade do jovem era flagrante.

Mas o destino parecia levá-lo para tortuosas sendas. Se a renda era grande, dada a sábia aplicação do capital pela administração segura do pai, se o resultado da venda de sua produção era imensamente satisfatório, por outro lado, os empreendimentos do talentoso artista começaram a engrandecer-se, dada a curiosidade no campo do desvelamento das teorias eletrônicas mais modernas. Amparou certo instituto que se criou por iniciativa sua e pôs-se a adquirir o que de mais moderno a indústria mundial da eletrônica era capaz de produzir. Desejou mais: imaginou reator de ficção do átomo em condições absolutamente seguras, o que lhe possibilitaria inquirir da matéria a sua essência. Sua visão era absolutamente filosófica, mas foram a sua exposição e disponibilidade financeira que convenceram os meios empresariais de que deveriam aceitar-lhe a encomenda de computador de última geração, capaz de realização dos cálculos para o projeto maior que tinha em mente.

Ao solicitar permissão para a instalação no instituto de pesquisas de tão complexa aparelhagem, despertou a atenção das entidades governamentais, que, imediatamente, se apossaram dos projetos e acampam a ideia, ocupando militarmente a área que destinara à concretização de seus planos.

De repente, João se viu às voltas com problemas de caráter internacional dos mais sérios. A organização foi desfeita, os companheiros foram perseguidos judicialmente e ele precisou expatriar-se sorrateiramente, com outra identidade, antes que se visse preso, incomunicável.

Foi parar em Israel, incógnito, de onde pretendia irradiar cultura filosófica para o resto do mundo. Mas, à vista da funesta perseguição oficial, não poderia jamais revelar o paradeiro, de modo que se fechavam as portas para a sua arte pictórica característica.

Davi foi ao encontro do filho. Por essa época, entretanto, suas forças estavam extremamente depauperadas e a vista não lhe permitia mais o uso das tintas. Estava irremediavelmente aposentado, mesmo porque sua arte não mais interessava aos compradores, tendo Marcos vendido a galeria, que se viu transformada em moderno *shopping center* reservado a artigos de alto luxo. Davi deixou a administração dos bens para o neto mais velho e passou a viver de recordações, em elaborada paisagem em que desfilavam inúmeras figuras, a mais excelsa e central a amável e terna Sara, que trazia pela mão a companheira de tantos anos, a sempre apaixonada Ester. Essa visão que se cristalizava na mente do velho homem era a que iria encontrar em breve, ao regressar ao plano da espiritualidade.

Durante a última visita, Davi levou para o filho, a pedido da nora Ernestina, mensagem especial do irmão Isaac, na qual se declarava infeliz e arrependido da vida pregressa. Não revelava a condição anterior de alemão e nazista, mas se referia à guerra como o campo da humanidade em que o ódio grassa e as vinganças vicejam. Era

mensagem candente de espírito sofredor não inteiramente cômico da condição de inferioridade, mas texto de profunda revelação espiritual, de indução à compreensão da divina justiça, em face das vicissitudes cármicas do homem. Para bom observador, estava ali o indício claro da evidência de que a razão filosófica da existência só poderia advir da investigação do plano da espiritualidade. Para João foi o acicate a espicaçar-lhe a curiosidade pela revelação espírita.

Morto o velho Davi, João fez questão de enterrá-lo no solo sagrado da pátria que a família, na figura de Isaac, ajudou a conquistar. Ainda não atinara com a verdade das assertivas contidas na mensagem que recebera.

Buscou averiguar o que poderia obter em terras orientais, julgando por demais arriscado encetar correspondência com a família, o que revelaria à polícia internacional o seu paradeiro. Como obteve muito pouca informação, tendo sido sua permanência em Israel comprometida pela vinda do velho pai, resolveu abandonar tudo pela terceira vez e retornar ao país natal, para dar curso à sua nova maneira de contatar a realidade.

Aqui chegando, pôs-se de sobreaviso para possíveis encontros com as insidiosas forças internacionais, não se aproximando da família senão por via de pessoas de confiança. Instalou-se no Nordeste e pôs-se a estudar o espiritismo kardecista nas obras que a biblioteca de certo centro espírita lhe colocava à disposição.

O caminho de sua doutrinação foi curto do ponto de vista da receptividade das teses espíritas, porque tudo o mais que fizera no campo da ciência e da filosofia estivera voltado para o endereçamento de sua personalidade para a perquirição da verdade revelada. Leu e compreendeu Kardec em seu apostolado científico. Deixou-se embalar pela leitura evangélica orientada por Emmanuel. Investigou as zonas do etéreo descritas por André Luís, cotejando quadro a quadro com suas realizações derradeiras no campo da computação gráfica, relação que percebeu inspirada pelas forças espirituais. Caminhou pela mão de Camilo pelas fendas da psique culpada, examinando as trevas purgatórias da consciência. Saiu em companhia de Léon Denis, de Flammarion, de Erny, de Crookes, para a compreensão do ideário humano em função das revelações divinas. Contornou os problemas da raça e do credo, conjugando os objetivos do homem em um único e valoroso esforço de sublimação de sua condição de inferioridade diante das forças universais. Compreendeu a religião dos espíritos e o anseio pela eterna bem-aventurança, como patrimônio inalienável da determinação humana em sua busca universal de Deus. E humilhou-se diante da fragilidade do pensamento à vista da grandiosidade da criação. Tornou-se apagado e diligente membro de certo centro espírita esquecido em vilarejo do sertão baiano, lutando contra a ignorância e a indigência do povo, com as armas do amor e da virtude.

Deixou o campo terreno em glória e foi recebido com lágrimas pelo protetor Samuel, que se desdobrara por acompanhar os sucessos da vida da fulgurante mentalidade encarnada para, entre outras coisas, dar-lhe a oportunidade do trabalho redentor. Ao seu lado, a figura brilhante da companheira Rute e, acima, a presença esplendorosa do mentor Ananias. Lá estavam também Isaac, Davi, Ester, Sara, Marcos, Isabel, Josias, Ernestina e outras personagens cuja lembrança parecia ao maravilhado João ainda apagada. Outros companheiros formavam a extensa sociedade concentrada em preces para o desenlace vitorioso.

A vida, contudo, guardava novas peripécias para dar seguimento ao seu curso.

Hoje, a história da família poderia prosseguir em qualquer ponto da Terra. Quem sabe não estaria você, caro leitor, convivendo com alguma de nossas personagens em luta de reajustamento e progresso? Veja bem os seus companheiros, analise-lhes o procedimento, consiga caracterizar-lhes o modo de ser e saiba reconhecer neles a força destrutiva de Isaac, a ternura de Sara, a paixão de...